

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: LINGUÍSTICA APLICADA
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL**

**VITALIDADE LINGUÍSTICA DO *PLAUTDIETSCH* EM CONTATO COM
VARIEDADES *STANDARD* FALADAS EM COMUNIDADES MENONITAS NO BRASIL**

ELVINE SIEMENS DÜCK

ORIENTADOR: PROF. DR. CLÉO VILSON ALTENHOFEN

**PORTO ALEGRE
2011**

*Dedico este estudo
à minha mãe Emmi e ao meu pai Erwin,
que me ensinaram a falar o Plautdietsch.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, pude contar com a ajuda e apoio de diversas pessoas e instituições. Em especial, registro aqui a minha gratidão:

Ao Professor Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pela sabedoria e tranquilidade na condução da orientação do presente estudo;

Ao Professor Dr. Harald Thun, pelas relevantes considerações feitas na prova da qualificação e pela honra de poder usufruir da sua coorientação durante a estadia de dois meses, em 2010, na Universidade de Kiel;

Ao CNPq, pela auxílio financeiro durante o curso;

Ao DAAD, por ter financiado a minha viagem à Alemanha, possibilitando-me - junto à Universidade de Kiel - fazer uma revisão bibliográfica do trabalho e, assim, mergulhar a fundo na minha pesquisa;

Aos meus informantes, pela pronta disponibilidade e colaboração, sem os quais este estudo não teria sido possível;

Às famílias hospitaleiras, que me acolheram tão carinhosamente durante os períodos de permanência nas diversas comunidades para a realização da pesquisa de campo;

À professora Cristiane Buhr Voth, pela revisão gramatical nos originais desta tese;

Ao Prof. Dr. Arthur W. Dück, pela tradução do resumo deste estudo para o inglês;

Aos familiares e amigos próximos, pela paciência e apoio, fundamentais nesta caminhada;

Ao meu marido Hugo, pela compreensão por tantos momentos de ausência e pela ajuda imprescindível na construção dos gráficos desta tese;

À minha filha Marta - atualmente com 3 anos - que, por tantas vezes, perguntou: “*Mami, wirst du heute wieder schreiben?*” (“Mamãe, você vai escrever hoje novamente?”)

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	ix
LISTA DE MAPAS	ix
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE GRÁFICOS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS	xv
RESUMO	xvi
ABSTRACT	xviii
INTRODUÇÃO	1
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	8
1.1 MENONITA: CONCEITO, ORIGEM E DIFERENÇAS INTERNAS	8
1.2 MIGRAÇÕES DOS MENONITAS	12
1.2.1 A migração para a Prússia	13
1.2.2 A migração para a Rússia	15
1.2.3 A migração para o Canadá.....	20
1.3 COMUNIDADES MENONITAS NO BRASIL	21
1.3.1 Origem dos menonitas no Brasil	21
1.3.2 Processo de colonização	24
1.4 VARIEDADES STANDARD E SUBSTANDARD NAS COMUNIDADES MENONITAS NO BRASIL.....	27
1.4.1 A variedade <i>substandard</i> Plautdietsch	28
1.4.2 O Hochdeutsch falado pelos menonitas	31
1.4.3 Inglês como língua de imigração menonita.....	33
1.5 ESTUDOS SOBRE O CONTATO ALEMÃO-PORTUGUÊS EM COMUNIDADES MENONITAS NO BRASIL.....	34
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	41
2.1 LÍNGUA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	41
2.1.1 Língua, dialeto e variedade linguística.....	41

2.1.2	Língua materna, língua de imigração e língua minoritária.....	44
2.1.3	<i>Standard e substandard</i> no contínuo linguístico	47
2.2	PLURILINGUISMO E VARIEDADES EM CONTATO	49
2.2.1	Diglossia	50
2.2.2	<i>Code-switching</i> e <i>code-mixing</i>	55
2.2.3	Organização da comunidade de fala: a noção de ilha linguística.....	57
2.3	INTERFLUÊNCIAS EM SITUAÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO	60
2.3.1	Processos de standardização e (des)dialetalização	60
2.3.2	Processos de lusitanização.....	61
2.3.3	Intercurso de léxico: empréstimos e relexificações	62
2.4	VITALIDADE LINGUÍSTICA	63
2.4.1	Manutenção e substituição linguística em grupos minoritários.....	63
2.4.1.1	Fatores condicionadores na manutenção ou substituição linguística	65
2.4.1.1.1	Fatores externos	65
2.4.1.1.2	Fatores internos.....	68
2.4.2	Linguicídio e linguicismo.....	70
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	72
3.1	DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL: ORGANIZAÇÃO DO CAOS APARENTE	72
3.2	DIMENSÕES E PARÂMETROS DE ANÁLISE	74
3.2.1	Dimensão diatópica: rede de pontos.....	75
3.2.1.1	Colônia Nova (RS).....	78
3.2.1.2	A comunidade menonita de Curitiba (PR).....	81
3.2.1.3	Colônia Witmarsum (PR).....	86
3.2.1.4	Colônia Rio Verde (GO)	91
3.2.2	Dimensão diageracional: GI e GII.....	94
3.2.3	Dimensão dialingual: Plautdietsch, Hochdeutsch menonita, inglês e português em contato	95
3.2.4	Dimensão diagenérica: fala de homens e mulheres.....	95
3.2.5	Dimensão diastrática: estratos sociais Ca e Cb	96

3.2.6	Dimensão diafásica: situações de uso das variedades	97
3.2.7	Dimensão diarreferencial: percepção da fala do outro	98
3.3	DEFINIÇÃO DOS INFORMANTES	99
3.4	COLETA DE DADOS	101
3.4.1	Questionário e técnica de entrevista	101
3.4.2	Tipos de entrevista e constituição do corpus	103
3.4.3	Observação participante	104
3.5	ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS	105
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	106
4.1	COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES EM ESTUDO	108
4.1.1	Colônia Nova (RS)	108
4.1.1.1	A(s) língua(s) no contexto familiar	110
4.1.1.2	A(s) língua(s) no contexto religioso.....	114
4.1.1.3	A(s) língua(s) no contexto escolar	118
4.1.1.4	A(s) língua(s) no contexto do trabalho e da saúde.....	120
4.1.1.5	A(s) língua(s) no contexto da vizinhança e das amizades.....	120
4.1.1.6	Frequência de uso do Plautdietsch, Hochdeutsch e português em Colônia Nova	121
4.1.1.7	Competência linguística relativa em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português	122
4.1.1.8	Função do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português em Colônia Nova..	125
4.1.1.9	Vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch em Colônia Nova.....	126
4.1.1.10	Resumo: contato linguístico em Colônia Nova.....	129
4.1.2	Comunidade Menonita de Curitiba (PR).....	131
4.1.2.1	A(s) língua(s) no contexto familiar	135
4.1.2.2	A(s) língua(s) no contexto religioso.....	139
4.1.2.3	A(s) língua(s) no contexto escolar	145
4.1.2.4	A(s) língua(s) no contexto do trabalho e da saúde.....	146
4.1.2.5	A(s) língua(s) no contexto da vizinhança e das amizades.....	146

4.1.2.6	Frequência de uso do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na comunidade menonita de Curitiba	147
4.1.2.7	Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português .	148
4.1.2.8	Função do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português na comunidade menonita de Curitiba	150
4.1.2.9	Vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch na comunidade menonita de Curitiba.....	153
4.1.2.10	Resumo: contato linguístico em Curitiba.....	156
4.1.3	Colônia Witmarsum (PR)	159
4.1.3.1	A(s) língua(s) no contexto familiar	160
4.1.3.2	A(s) língua(s) no contexto religioso.....	167
4.1.3.3	A(s) língua(s) no contexto escolar	171
4.1.3.4	A(s) língua(s) no contexto do trabalho e da saúde	172
4.1.3.5	A(s) língua(s) no contexto da vizinhança e das amizades.....	173
4.1.3.6	Frequência de uso do Plautdietsch, Hochdeutsch e português em Colônia Witmarsum.....	173
4.1.3.7	Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português .	175
4.1.3.8	Função do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português em Colônia Witmarsum.....	178
4.1.3.9	Vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch em Colônia Witmarsum	181
4.1.3.10	Resumo: contato linguístico em Colônia Witmarsum	187
4.1.4	Comunidade Rural de Rio Verde (GO)	190
4.1.4.1	A(s) língua(s) no contexto familiar	192
4.1.4.2	A(s) língua(s) no contexto religioso.....	196
4.1.4.3	A(s) língua(s) no contexto escolar	199
4.1.4.4	A(s) língua(s) no contexto do trabalho e da saúde	201
4.1.4.5	A(s) língua(s) no contexto da vizinhança e das amizades.....	201
4.1.4.6	Frequência de uso do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português na comunidade rural de Rio Verde	202
4.1.4.7	Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português .	202

4.1.4.8	Função do Plautdietsch, do Hochdeutsch, do inglês e do português na comunidade rural de Rio Verde	204
4.1.4.9	Vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch na comunidade rural de Rio Verde	205
4.1.4.10	Resumo: contato linguístico na comunidade rural de Rio Verde.....	206
4.2	O PLAUTDIETSCH FALADO NAS QUATRO COMUNIDADES MENONITAS.....	208
4.2.1	Grau de manutenção de traços do Plautdietsch	209
4.2.1.1	Dimensão diatópica: contexto geográfico	211
4.2.1.2	Dimensão diastrática: papel da escolarização	212
4.2.1.3	Dimensão diageracional: mudança em tempo aparente	216
4.2.1.4	Resumo.....	220
4.2.2	Vitalidade do Plautdietsch em distintas áreas do léxico.....	223
4.2.2.1	Área do vestuário	225
4.2.2.2	Área da alimentação.....	227
4.2.2.3	Área das atividades agrícolas e técnica.....	229
4.2.2.4	Área do parentesco e da família.....	232
4.2.3	Influências exógenas no Plautdietsch.....	234
4.2.3.1	Eslavismos.....	235
4.2.3.2	Anglicismos, lusismos, germanismos e hibridismos no Plautdietsch.....	243
4.2.3.3	Resumo.....	247
4.3	AMPLIAÇÃO DO USO DO HOCHDEUTSCH	250
4.3.1	Grau de competência relativa em Hochdeutsch	251
4.3.1.1	Dimensão diatópica: urbanização <i>versus</i> isolamento.....	252
4.3.1.2	Dimensão diastrática	254
4.3.1.3	Dimensão diageracional	257
4.3.1.4	Resumo.....	260
4.3.1.5	Substituição da língua-teto (<i>Dachsprachenwechsel</i>)	263
4.4	PAPEL DO PLAUTDIETSCH NA IDENTIDADE E COESÃO DO GRUPO.....	266
4.4.1	Percepção dos membros da comunidade sobre o “menonita protótipo”	267
4.4.2	Percepção dos membros da comunidade sobre o “menonita atual”	269

4.4.2.1	A etnicidade como critério da identidade menonita.....	270
4.4.2.2	A religião como critério da identidade menonita.....	272
4.4.2.3	A língua como critério da identidade menonita.....	277
4.4.2.4	Afinal, quem são os menonitas?.....	279
5	CONCLUSÃO: VITALIDADE LINGUÍSTICA DO PLAUTDIETSCH	281
	ANEXOS	301
	ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS.....	301

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estrutura do <i>substandard</i> de Bellmann (1983 <i>apud</i> LENZ, 2005, p. 231).....	47
Quadro 2 - Estrutura do <i>substandard</i> dos menonitas no Brasil.....	48
Quadro 3 - Variedades linguísticas usadas de forma diglössica em comunidades menonitas	54
Quadro 4 - Dimensões e parâmetros de pesquisa, no modelo pluridimensional.....	75
Quadro 5 - Critérios de escolha dos informantes	100

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização das comunidades menonitas em estudo	77
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principais atividades oferecidas pela Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Colônia Nova.....	117
Tabela 2 - Congregações fundadas pela igreja-mãe de Colônia Nova.....	118
Tabela 3 - Frequência de uso das línguas na Colônia Nova.....	121

Tabela 4 - Preferência do emprego de uma das línguas na Colônia Nova	122
Tabela 5 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso ativo da língua.....	123
Tabela 6 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso passivo da língua.....	123
Tabela 7 - Domínio e frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na Colônia Nova.....	124
Tabela 8 - Principais atividades oferecidas pelas igrejas étnicas menonitas – em língua alemã (Hochdeutsch) – na comunidade menonita de Curitiba:.....	142
Tabela 9 - Frequência de uso das línguas na comunidade menonita de Curitiba nos seus respectivos grupos:	147
Tabela 10 - Preferência do emprego de uma das línguas na comunidade menonita de Curitiba	148
Tabela 11 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português – uso ativo da língua.....	148
Tabela 12 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português – uso passivo da língua.....	149
Tabela 13 - Dificuldade de uso do Plautdietsch, Hochdeutsch ou português em determinados assuntos.....	149
Tabela 14 - Competência e frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na comunidade menonita de Curitiba:.....	150
Tabela 15 - Atitude sobre a vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch.....	155
Tabela 16 - Principais atividades oferecidas pelas igrejas étnicas menonitas na Colônia Witmarsum	169
Tabela 17 - Frequência de uso das línguas na Colônia Witmarsum.....	174
Tabela 18 - Preferência do emprego de uma das línguas na Colônia Witmarsum.....	174
Tabela 19 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso ativo da língua.....	175
Tabela 20 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso passivo da língua.....	175

Tabela 21 - Domínio e frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na Colônia Witmarsum	178
Tabela 22 - Frequência de uso das línguas na comunidade rural de Rio Verde nos seus respectivos grupos	202
Tabela 23 - Preferência do emprego de uma das línguas na comunidade rural de Rio Verde	202
Tabela 24 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso ativo da língua.....	203
Tabela 25 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português – uso passivo da língua.....	203
Tabela 26 - Domínio e frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na comunidade rural de Rio Verde:.....	203
Tabela 27 - Uso e substituição das variedades standard e substandard nas quatro comunidades menonitas em estudo.....	265
Tabela 28 - Respostas à pergunta “Wea es een aichta Menist?”	268
Tabela 29 - Comentários sobre a definição de “menonita”: papel da etnicidade	272
Tabela 30 - Comentários sobre a definição de “menonita”: critério da religião	273
Tabela 31 - Comentários sobre a definição de “menonita”: diferenciações em relação ao termo menonita	275
Tabela 32 - Comentários sobre a definição de “menonita”: atitudes em relação aos prosélitos .	276
Tabela 33 - Comentários sobre a definição de “menonita”: atitudes em relação aos prosélitos .	278

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGII - Colônia Nova (RS).....	110
Gráfico 2 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGI - Colônia Nova (RS)	111

Gráfico 3 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGII - Colônia Nova (RS).....	112
Gráfico 4 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGI - Colônia Nova (RS)	113
Gráfico 5 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: todos os grupos - Colônia Nova (RS)	114
Gráfico 6 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGII - Curitiba (PR)	135
Gráfico 7 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGI - Curitiba (PR).....	136
Gráfico 8 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGII - Curitiba (PR).....	137
Gráfico 9 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: todos os grupos - Curitiba (PR)	139
Gráfico 10 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGII - Col. Witmarsum (PR).....	161
Gráfico 11 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGI - Col. Witmarsum (PR)	162
Gráfico 12 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGII - Col. Witmarsum (PR).....	164
Gráfico 13 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGI - Col. Witmarsum (PR).....	165
Gráfico 14 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: todos os grupos - Col. Witmarsum (PR)	167
Gráfico 15 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGII - Colônia Rio Verde (GO)	194
Gráfico 16 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGI - Colônia Rio Verde (GO)	195
Gráfico 17 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: todos os grupos - Colônia Rio Verde (GO).....	196

Gráfico 18 - Uso e (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch nas comunidades menonitas em estudo (u = usa PD; c = conhece PD; d = desconhece PD).....	210
Gráfico 19 - Uso e (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch nas comunidades menonitas em estudo.....	211
Gráfico 20 - Uso e (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos Ca e Cb selecionados nas comunidades menonitas em estudo.....	213
Gráfico 21 - Uso e (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos Ca e Cb selecionados nas comunidades menonitas do RS e PR	214
Gráfico 22 - Quadro geral do uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos Ca e Cb selecionados nas comunidades menonitas em estudo.....	215
Gráfico 23 - Uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos GI e GII selecionados nas comunidades menonitas em estudo.....	217
Gráfico 24 - Uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos GI e GII selecionados nas comunidades menonitas do RS e PR	217
Gráfico 25 - Quadro geral do uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos GI e GII selecionados nas comunidades menonitas em estudo	219
Gráfico 26 - Uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, no cruzamento das três dimensões selecionadas (diatópica, diastrática e diageracional)	221
Gráfico 27 - Quadro geral do uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nas quatro comunidades menonitas em estudo	222
Gráfico 28 - Quadro geral do uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nas quatro áreas do léxico selecionadas (vestuário, alimentação, atividades agrícolas e parentesco).....	224
Gráfico 29 - Uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, na área do vestuário	226
Gráfico 30 - Uso e/ou (des)conhecimento de variantes lexicais do Plautdietsch, na área da alimentação	228
Gráfico 31 - Uso e/ou (des)conhecimento de variantes lexicais do Plautdietsch, na área das atividades agrícolas e técnicas	230

Gráfico 32 - Uso e/ou (des)conhecimento de variantes lexicais do Plautdietsch, na área do parentesco e da família	233
Gráfico 33 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: média geral.....	235
Gráfico 34 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: índice geral por localidade.....	236
Gráfico 35 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: dimensão diastrática.....	237
Gráfico 36 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: dimensão diastrática / quadro geral por localidade.....	238
Gráfico 37 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: dimensão diageracional.....	239
Gráfico 38 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: dimensão diageracional / quadro geral por localidade.....	240
Gráfico 39 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: resumo geral por grupo de entrevista.....	242
Gráfico 40 - Percentuais de presença de elementos de outras línguas/variedades em contato, no léxico do Plautdietsch	244
Gráfico 41 - Influências exógenas no léxico do Plautdietsch, de acordo com os dados das quatro comunidades em estudo	245
Gráfico 42 - Influências exógenas no léxico do Plautdietsch, nas dimensões diageracional e diastrática.....	248
Gráfico 43 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch nas comunidades menonitas: média geral	251
Gráfico 44 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diatópica.....	252
Gráfico 45 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diastrática	254
Gráfico 46 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diastrática / região sul	255
Gráfico 47 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diastrática e diatópica.....	256
Gráfico 48 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diageracional	258
Gráfico 49 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diageracional / região sul ..	258
Gráfico 50 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diageracional e diatópica...	259
Gráfico 51 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: cruzamento das dimensões diastrática e diageracional.....	260
Gráfico 52 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensões diageracional e diastrática nas quatro comunidades da pesquisa	262

LISTA DE ABREVIATURAS

EN	-	inglês
HD	-	Hochdeutsch
PD	-	Plautdietsch
PT	-	português

RESUMO

O presente estudo analisa o contato linguístico alemão-português em três comunidades menonitas no sul do Brasil, bem como também o contato linguístico alemão-português-ínglês em uma comunidade menonita localizada no estado de Goiás. Todos esses grupos são de origem anabatista (1525). Caracterizam-se, por isso, como étnico-religiosos. Mesmo com o passar dos vários séculos, eles mantêm ainda fortes laços de língua, igreja, família e herança sociocultural, formando assim colônias do tipo “ilhas linguísticas”, resultantes de um processo migratório transnacional.

Em 1930, chega, ao sul do Brasil, o primeiro grupo de menonitas que, após um difícil período de colonização em Santa Catarina, migra para o Paraná e Rio Grande do Sul, onde funda as três comunidades selecionadas para este estudo: a comunidade menonita de Curitiba (PR), a Colônia Nova (RS) e a Colônia Witmarsum (PR). Nesses núcleos, instaurou-se - de modo geral - um trilinguismo, do qual fazem parte: o Hochdeutsch (alemão *standard*), usado para situações formais como a igreja e a escola; o Plautdietsch, uma variante do baixo-alemão empregada para situações informais do dia-a-dia; e o português, principalmente para o contato interétnico. O uso do Hochdeutsch na igreja foi, por décadas, praticamente exclusivo, ou seja, a religião constituiu um fator determinante tanto para a coesão da comunidade menonita, como também para a manutenção do Hochdeutsch.

O outro grupo de menonitas, proveniente dos Estados Unidos e Canadá, mais conhecido como os *Holdeman Menonitas*, chegou a Rio Verde (Goiás) em 1968. Este grupo, por ser mais conservador, segue normas antigas, entre as quais: a ênfase particular no não-conformismo com o mundo, com vestimenta e com a forma de viver. As marcas mais evidentes deste comportamento são o uso de barba por todos os homens e o uso do véu, bem como de vestidos, por todas as mulheres membros da igreja. Esta comunidade, além do português, faz uso principalmente do inglês como língua de imigração. O Plautdietsch, portanto, é atualmente falado somente por algumas pessoas da geração mais idosa.

Mesmo vivendo em comunidades mais isoladas, marcadas pela sua fé e religião e usufruindo de uma relativa autonomia, observam-se, em nossos dados, traços de influência característicos do novo meio. Com o contato crescente do alemão com o português, o uso do Plautdietsch e do Hochdeutsch deixou de ser exclusivo, tornando-se o uso do português uma constante em diversos contextos da comunidade, conforme mostra o estudo de Dück (2005).

A complexidade da situação linguística observada nas comunidades em estudo levanta uma série de perguntas, sobretudo o papel que o Plautdietsch desempenha nas diferentes comunidades, a sua vitalidade face ao prestígio das línguas-teto (*Dachsprachen*) português e Hochdeutsch (ou inglês), bem como os fatores que poderiam levar a uma substituição de uma variedade pela outra.

São **objetivos** deste estudo:

- a) identificar o papel do Plautdietsch em relação ao contexto, considerando as variáveis sociais presentes em cada comunidade e, as funções de vernáculo e de delimitador da identidade étnica dos menonitas, comumente atribuídas à variedade *substandard*;

- b) descrever o grau de manutenção e a vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com as variedades *standard* do português, inglês e Hochdeutsch nas comunidades menonitas em estudo;
- c) comparar as atitudes dos falantes com seus usos linguísticos, identificando processos convergentes e divergentes subjacentes ao estágio atual de vitalidade ou perda da variedade *substandard* do Plautdietsch;
- d) descrever o grau de substituição das línguas-teto Hochdeutsch e inglês pelo português (*Dachpsrachenwechsel*);
- e) analisar o que a escolha da(s) variedade(s) revela sobre a organização e a coesão étnico-religiosa da comunidade.

Para responder a essas questões, este estudo orienta-se pelo modelo da dialetologia pluridimensional e relacional/contatual como ciência ampla da variação, que combina a dialetologia areal com a sociolinguística. Por meio desse modelo, busca-se verificar em que pontos e em que dimensões e parâmetros ocorre determinada variante ou comportamento. A presente pesquisa distingue-se de estudos sociolinguísticos monopontuais, centrados em uma comunidade bilíngue, por comparar contextos diferentes e fatores condicionadores diversos em uma rede de quatro pontos, localizados em três diferentes estados do Brasil. A coleta de dados nessas localidades incluiu a análise de aspectos históricos e demográficos, assim como também entrevistas semidirigidas com pluralidade simultânea de informantes.

A partir da análise qualitativa dos dados das entrevistas semidirigidas, as quais têm como base um questionário, os resultados identificaram diferentes fatores que contribuíram para a manutenção/perda da variedade *substandard* Plautdietsch, bem como fatores que influenciaram no comportamento linguístico, o qual proporcionou uma substituição da língua-teto. Com base nos dados obtidos, constata-se a perda do Plautdietsch, vinculada a fatores como: a falta de prestígio, reforçada pelos próprios líderes e professores da comunidade; ao desprezo ou ausência do suporte institucional; ao grau de urbanização aliado à falta de uma conscientização sobre a importância da língua como marca de identidade de um grupo étnico (*Identitätsmerkmal*) e o uso e manutenção dessa língua de imigração. Além disso, houve, nas comunidades menonitas da região sul do Brasil, a substituição da língua-teto Hochdeutsch para o português e, na comunidade rural de Rio Verde (GO), a substituição da língua-teto inglês para o português. Entretanto, verificam-se atitudes positivas em relação ao uso e manutenção do Hochdeutsch/inglês no âmbito familiar das diferentes comunidades.

Palavras-chave: Contato linguístico, Língua de imigração, Menonitas, Plautdietsch, Alemão e português em contato, Língua e religião, Etnicidade.

ABSTRACT

The present study analyses the German-Portuguese linguistic encounter in three Mennonite communities in southern Brazil, as well as the German-Portuguese-English linguistic encounter in a Mennonite community in the southern State of Goiás (Brazil). These communities are of Anabaptist origin (1525) and thus are characterized as ethnic-religious groups. Although several centuries have passed since their origin, they still maintain strong ties of language, church, family and socio-cultural heritage forming colonies that function as “linguistic islands”, the result of a transnational migratory process.

In 1930 the first group of Mennonites comes to Brazil. After a difficult time of colonization in the State of Santa Catarina they migrated to the States of Paraná and Rio Grande do Sul where the three colonies selected for this study were established: The Mennonite Community in Curitiba (State of Paraná), Colônia Nova (New Colony in the State of Rio Grande do Sul), and Colônia Witmarsum (Witmarsum Colony in the State of Paraná). In these places, generally speaking, trilingualism was established: Hochdeutsch (standard German), used in formal settings as church and school; Plautdietsch, a low-German variant used for informal settings of daily life; and Portuguese, especially for the inter-ethnic contacts. For decades in the church settings the use of the Hochdeutsch was almost exclusive. Religion constituted a determinant factor for the cohesion of the Mennonite Community, as well as for the maintenance of the Hochdeutsch.

Another group of Mennonites, better known as the *Holdeman Mennonites*, came to Rio Verde (State of Goiás) in 1968 from the United States and Canada. This group is more conservative and thus maintains some former values, such as the nonconformity with the world in terms of clothing and lifestyle. The most evident traits of this behavior are the use of the veil and dresses for all women who are church members and beards for men. This group, besides the Portuguese language, speaks especially the English as their immigration language. The Plautdietsch in this community is only spoken by some of the older generation.

Although living in kind of isolated communities, characterized by their faith and religion, and having their autonomy, influences of the new context are visible. With the growing contact of the German with the Portuguese language, the use of the Plautdietsch and the Hochdeutsch lost their exclusivity. The use of the Portuguese language became always more the norm in the community settings, as shown in the study of Dück (2005).

The complexity of the observed linguistic situation in the communities researched raises several questions, especially related to the role of the Plautdietsch in these communities and their vitality compared to the prestige of the *Dachsprachen* Portuguese and the Hochdeutsch (or English), as well as the factors that could foster the exchange of one variety for another.

After exposing the research problem and questions, the focus of this research is to:

- a) Identify the role of the Plautdietsch in the Mennonite communities, focusing on its vernacular role and delimitating the ethnic Mennonite identity;

- b) Describe the level of maintenance and linguistic vitality of the Plautdietsch in contact with the standard languages: Portuguese, English and Hochdeutsch in the Mennonite communities researched;
- c) Compare the attitudes of those who speak the language with their linguistic uses, identifying convergent and divergent processes underlying the actual stage of vitality/loss of the *substandard* variety of Plautdietsch;
- d) Describe the level of exchange of the Hochdeutsch and English *Dachsprachen* for the Portuguese;
- e) Analyze what the language(s) choice indicates concerning the social processes of the communities chosen for the present research.

To answer these questions, the present research is guided by the pluridimensional and relational/contact dialectological model, as a broad science of variation that combines the areal dialectology with sociolinguistics. By means of this model we attempt to verify in which points, dimensions, and parameters, a particular variation or behavior occurs. The present research is distinguished from monopontual linguistics, centered in a bilingual community, by comparing different contexts and conditioning factors in a network of four different issues in three Brazilian States. The research data in these communities included the analysis of demographic and historical aspects, as well as semistructured interviews with a simultaneous plurality of informants.

Based on the qualitative analysis of the semistructured interviews, with an underlying protocol, the results identified different factors that contributed for the maintenance/loss of the *substandard* Plautdietsch language variety, as well as factors that influenced the linguistic behavior, which fostered the exchange of the *Dachsprache*. There is a loss of the Plautdietsch because it is considered a language of less prestige, leading the leaders and teachers of their own community to deemphasize this language; the despicableness or lack of institutional support; the level of urbanization tied to the lack of consciousness of the importance of the language as an identity factor of an ethnic group (*Identitätsmerkmal*), and the use and maintenance of this immigration language. In addition, in the southern States of Brazil the *Dachsprache* Hochdeutsch was exchanged for the Portuguese, and in the Rio Verde Community, the *Dachsprache* English was exchanged for the Portuguese. On the other hand, positive attitudes are seen relating to the use and maintenance of the Hochdeutsch/English in the family spheres of the communities.

Key words: Linguistic contact, immigration language, Mennonites, Plautdietsch, German and Portuguese language interaction, language and religion, ethnicity.

INTRODUÇÃO

O **tema** da presente Tese trata do contato linguístico de duas variedades do alemão com o português, mais especificamente sobre duas línguas alóctones¹: o Plautdietsch e o Hochdeutsch dos menonitas em contato com o português no Brasil, respectivamente uma variedade dialetal do baixo-alemão e sua língua-teto (*Dachsprache*), o alemão-*standard*. Além disso, este estudo também abrange o contato linguístico alemão/inglês-português, existente em uma única comunidade brasileira menonita. A pesquisa insere-se, portanto, no âmbito de pesquisas sobre *línguas em contato*, com ênfase em uma *língua de imigração*² do baixo-alemão, denominada pelos próprios falantes como *Plautdietsch*. Trata-se, portanto, de uma autodenominação dos falantes, isto é, uma denominação *in vivo*, e não *in vitro*, inventada pela pesquisadora.

Um dos aspectos que caracteriza as comunidades menonitas desde a sua fundação das mesmas, há quase 500 anos³, são as inúmeras migrações a que se submeteram, deixando suas terras à procura de uma nova pátria. A genealogia da grande família menonita-anabatista divide-se em várias correntes, fortemente amparadas nos princípios bíblicos. Há, no entanto, uma série de aspectos que distinguem, internamente, essas comunidades entre si. No Brasil, reconhecem-se dois diferentes grupos de comunidades menonitas: a) os descendentes de russos-prussianos-holandeses que, em 1930, vieram ao sul do Brasil; b) os descendentes de alemães-suíços que, a partir do século XVIII, emigraram para os Estados Unidos e o Canadá e, em 1968, chegaram ao Brasil. Fazem parte do primeiro grupo duas comunidades menonitas rurais⁴ e uma urbana, que estão localizadas na região sul do Brasil, totalizando um número de aproximadamente 11.000 pessoas⁵. Já o segundo grupo se restringe a uma única colônia menonita, localizada nas proximidades da cidade de Rio Verde, em Goiás, com aproximadamente 500 habitantes. Em vista

¹ O termo ‘alóctone’ abarca as línguas de imigração, como o alemão, o italiano, o japonês, o árabe, o polonês, etc (OLIVEIRA, 2003, p.7).

² “*Línguas de imigração* podem ser definidas, assim, como línguas originárias de fora do país (alóctones), que, no novo meio, compartilham o *status* de língua minoritária” (ALTENHOFEN & MARGOTTI, 2009, p.2).

³ Leia-se mais no capítulo 1: Menonita: conceito, origem e diferenças internas.

⁴ Ao considerarmos estas duas comunidades menonitas rurais do Brasil (Colônia Nova/RS e Colônia Witmarsum/PR), estão incluídas aqui também as suas respectivas “colônias-filhas”, ou seja, colonizações menores fundadas posteriormente por imigrantes menonitas ou filhos destes imigrantes.

⁵ Destas 11.000 pessoas a grande maioria já não é mais falante do Plautdietsch.

do objetivo geral de descrever os contatos linguísticos (alemão-português e alemão/inglês-português) existentes nas diferentes comunidades menonitas do Brasil, definiu-se como **contexto** desta pesquisa as quatro comunidades, com as quais se pudesse abarcar ambos os grupos. No primeiro grupo, incluímos as três maiores comunidades menonitas do Brasil, ou seja, a Colônia Nova, no Rio Grande do Sul, a Colônia Witmarsum e a comunidade menonita de Curitiba, no Paraná. Faz parte do segundo grupo a já citada colônia menonita de Rio Verde, em Goiás.

Os menonitas que chegaram ao Brasil em 1930, comunicavam-se basicamente em duas variedades do alemão, a saber: em Hochdeutsch⁶ e em Plautdietsch⁷. Ou seja, a variedade *standard* e a respectiva variedade dialetal do baixo-alemão. À medida que o contato com o português cresceu, o uso do Plautdietsch e do Hochdeutsch deixou de ser exclusivo nas comunidades menonitas. Esses contatos linguísticos, segundo Altenhofen (2007, p.25), “surgem como resultado natural do movimento de imigração e de migrações internas, que via de regra implicam uma transposição de um contexto sócio-cultural e político a outro e, conseqüentemente, uma mudança de *status* social e político da língua de imigração”. Além da crescente presença do português no dia-a-dia das comunidades menonitas, verifica-se a existência de *poliglossia*⁸, ou seja, do uso funcionalizado de duas ou mais línguas ou variantes para situações informais/orais e formais/escritas. No caso das comunidades menonitas, o Hochdeutsch sempre desempenhou a função da variedade alta: é considerado a língua de prestígio, usada nas igrejas e em situações formais, enquanto o Plautdietsch sempre foi visto por seus falantes como uma variedade inferior, usada no dia-a-dia, em contextos informais. Essa constelação linguística centenária, no entanto, sofreu em algumas comunidades menonitas várias mudanças nas últimas décadas: o Plautdietsch, a variedade baixa, está concorrendo fortemente com a variedade alta Hochdeutsch, como também com a língua de contato, o português (Dück, 2005).

Por sua vez, a situação linguística da comunidade menonita de Rio Verde (GO) é bastante diferenciada em comparação com as comunidades do sul do Brasil, em virtude do inglês trazido por esses imigrantes de seus países de origem: os EUA e o Canadá. As línguas mais utilizadas por esta comunidade são o inglês e o português. Enquanto que, no contexto familiar, o

⁶ Ao empregar o termo Hochdeutsch, nos referimos, neste estudo, à variedade *standard* local dos menonitas.

⁷ O Plautdietsch menonita é uma variedade do baixo-alemão. Mais detalhes sobre a origem do Plautdietsch menonita, veja-se na seção “Plautdietsch: a variedade *substandard* dos menonitas”, na subseção 1.4.1

⁸ Para tanto, ver Ferguson (1959), assim como também cap. 2: Fundamentos teóricos.

inglês ainda persiste fortemente, no âmbito religioso e escolar, o português está a cada dia mais presente. Já o alemão, mais especificamente a variedade *substandard* (Plautdietsch), trazida apenas por três famílias, deixou de ser utilizado e atualmente é apresentada como uma espécie de “reliquia” na comunidade.

Mesmo que as comunidades menonitas rurais no Brasil apresentem características sócio-econômicas semelhantes, os contatos entre a comunidade rural de Rio Verde (GO) e as comunidades da região sul do Brasil restringem-se apenas a viagens de turismo, geralmente realizadas pelos líderes de ambas as comunidades.

Diante desta situação tão complexa e poliglôssica das comunidades menonitas no Brasil, levantam-se as seguintes **perguntas de pesquisa**:

- 1) Qual o papel do Plautdietsch nas diferentes comunidades em estudo?
- 2) Considerando que, nas comunidades menonitas da região sul do Brasil, o Hochdeutsch desempenha a função de língua-teto do Plautdietsch (*Dachsprache*), função esta que está sendo deslocada para o português, quais as chances que o Plautdietsch tem de sobreviver nessas comunidades?
- 3) De que modo as mudanças sociais observadas nos contextos em estudo agem sobre a situação diglôssica entre a variedade *standard* e *substandard*?
- 4) Quais os fatores que levaram para uma substituição das línguas-teto Hochdeutsch e inglês pelo português nas comunidades menonitas em estudo?
- 5) O que a escolha da(s) variedade(s) revela sobre os processos sociais das comunidades escolhidas para o estudo?

A partir de estudos como o de Thun (1999), Scharf (2001), Kaufmann (2003), Dück (2005), Steffen (2006) e Thiessen (2007) sobre diferentes comunidades menonitas no Brasil, Uruguai, Paraguai e Belize, podemos verificar uma tendência majoritária à perda ou mudança (lusitanização) da variedade baixa (Plautdietsch) em favor da língua oficial politicamente legitimada no meio, ou, quando muito, ainda com manutenção da língua escrita do alemão (Hochdeutsch). Essa mudança de comportamento linguístico pode ser influenciada pela presença

de fatores extralinguísticos, como, por exemplo, a religião, o grau de isolamento e urbanização e pela mudança no contexto social.

Visando contribuir com o estudo dessas tendências e desenvolvimento da linha de pesquisa das línguas de imigração, são os seguintes os **objetivos** propostos para esta pesquisa:

- a) identificar o papel do Plautdietsch em relação ao contexto, considerando as variáveis sociais presentes em cada comunidade e, as funções de vernáculo e de delimitador da identidade étnica dos menonitas, comumente atribuídas à variedade *substandard*;
- b) descrever o grau de manutenção e a vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com as variedades *standard* do português, inglês e Hochdeutsch nas comunidades menonitas em estudo;
- c) comparar as atitudes dos falantes com seus usos linguísticos, identificando processos convergentes e divergentes subjacentes ao estágio atual de vitalidade ou perda da variedade *substandard*, o Plautdietsch;
- d) descrever o grau de substituição das línguas-teto Hochdeutsch e inglês pelo português (*Dachsprachenwechsel*);
- e) analisar o que a escolha da(s) variedade(s) revela sobre a organização e a coesão étnico-religiosa da comunidade.

A partir destes objetivos, levantam-se as seguintes **hipóteses** (H) sobre o uso do Plautdietsch, Hochdeutsch, português e inglês nas comunidades em estudo:

H1 Dimensão diatópica: O uso do Plautdietsch nas comunidades rurais é maior do que na comunidade urbana de Curitiba.

H2 Dimensão diafásica: O Plautdietsch mantém-se mais nos ambientes informais (famílias e círculo de amigos), enquanto o Hochdeutsch, o português e o inglês dominam em ambientes formais e informais, graças a seu *status* político e social privilegiado.

H3 Dimensão diageracional: O uso do Plautdietsch na geração jovem (GI - falantes entre 18 e 35 anos) é menor do que na geração mais velha (GII - falantes acima de 55 anos).

H4 Dimensão dialingual: A GII das comunidades menonitas do RS e do PR caracteriza-se por um trilinguismo Plautdietsch/Hochdeutsch/português; a GI, por sua vez, é, na sua grande maioria, bilíngue em Hochdeutsch e português.

H5 Dimensão dialingual: A GII da comunidade menonita de Rio Verde (GO) é essencialmente trilingue Plautdietsch/inglês/português, ao passo que a GI é, na sua grande maioria, bilíngue inglês/português.

H6 Dimensão diagenérica: A mulher, principalmente da geração GII, mantém o Plautdietsch em maior grau; é o homem que introduz a mudança.

H7 Dimensão diastrática: A manutenção ou substituição linguística está ligada à classe social, ou seja, pressupõe-se que o falante com escolaridade mais alta (Ca) apresente um índice maior de perda do Plautdietsch e o falante com escolaridade menor (Cb), um índice de maior resistência da variedade *substandard*.

H8 Dimensão diarreferencial: Atitudes positivas em relação ao Plautdietsch e ao Hochdeutsch contribuem para manter essas línguas; atitudes negativas, para sua substituição ou perda. O Plautdietsch, por exemplo, é considerada uma variedade *substandard* de pouco prestígio; já o Hochdeutsch, por ser uma variedade *standard*, usufrui status nas comunidades menonitas em estudo.

H9 Dimensão diarreligiosa: A religião interfere na manutenção e difusão do Hochdeutsch entre as comunidades menonitas do RS e do PR e do inglês, na comunidade de Rio Verde (GO). Devido o Hochdeutsch ter a função de língua-teto sobre o Plautdietsch, os cultos realizados em Hochdeutsch também influenciam indiretamente na manutenção da variedade *substandard*.

H10 Dimensão político-linguística: Há perda linguística do Plautdietsch devido à ausência do suporte institucional que, por exemplo, o Hochdeutsch ou o inglês tem.

A condição linguística singular e diferenciada das comunidades menonitas faz delas um certo tipo de ilhas linguísticas caracterizadas por traços como a etnicidade, a religião e a localização das comunidades, fatores que destacam este grupo de outros grupos minoritários. Além disso, o grau de distanciamento/diferenciação linguística do Plautdietsch (a variedade *substandard*) em relação ao Hochdeutsch (alemão *standard*) é consideravelmente maior

comparado com, por exemplo, o Hunsrückisch, uma variedade que tem como base o francônio-renano/francônio-moselano, falada pela maioria dos descendentes de imigrantes alemães no sul do Brasil (ALTENHOFEN, 1996). Tendo em vista essas características específicas das comunidades menonitas, este estudo **justifica-se** e, ao mesmo tempo, poderá servir de base para trabalhos futuros que se alinham ao projeto de atlas linguístico das minorias alemãs na Bacia do Prata (ALMA), ocupando-se com o tipo específico das “ilhas linguísticas”. Assim, esta pesquisa contribui paralelamente para testar a metodologia pluridimensional do ALMA, como também prepara o caminho para a elaboração de um atlas específico do ALMA-Me⁹.

O presente estudo estrutura-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, descrevemos o contexto de estudo, abordando os aspectos sócio-históricos dos diferentes grupos de menonitas, incluindo movimentos migratórios e comportamento social e religioso. Neste capítulo, descrevemos a situação de contato que se deu entre os grupos étnicos alemães e os elementos da brasilidade, fundamental para compreender a situação das comunidades da pesquisa. Parte-se da compreensão de que tais fatores influenciam na manutenção ou substituição das línguas em uso. Incluímos também, neste capítulo: uma descrição mais detalhada sobre as variedades *standard* (Hochdeutsch e inglês) e *substandard* (Plautdietsch) usadas pelas comunidades em menonitas em estudo, bem como, uma breve descrição sobre os estudos existentes sobre o contato alemão-português nas referidas comunidades menonitas.

No segundo capítulo, é apresentado o referencial teórico que fundamenta o presente estudo, o que inclui a discussão de conceitos básicos sobre variação e comportamento linguístico nas diferentes dimensões envolvendo a *diglossia*, *code-switching* e *code-mixing* (alternância de código e mistura de código). Na seção das interfluências em situações de contato linguístico, são tratados assuntos referentes a processos de standardização e (des)dialetização, lusitanização, empréstimos e relexificações. Finalizamos este capítulo descrevendo os fatores favoráveis e desfavoráveis à manutenção ou à perda de uma língua em uma determinada comunidade.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia a ser utilizada, tendo em vista as especificidades deste estudo. Através da metodologia dialetológica pluridimensional e relacional gostaríamos de verificar em que pontos e em que dimensões e parâmetros o fenômeno em

⁹ Cf. DÜCK, E. *Contatos linguísticos do Plautdietsch menonita com o português e o espanhol: impulsos para o projeto ALMA-Me*. Trabalho apresentado no IV Simpósio Brasil-Alemanha – Desenvolvimento sustentável, UFPR, no período de 05 a 10 de outubro de 2009.

questão está ocorrendo, focalizando as suas interrelações no espaço. A partir desta metodologia, definimos a escolha de informantes e os instrumentos para a coleta de dados, apresentando, além disso, uma descrição sucinta dos aspectos geográficos, econômicos, educacionais e culturais das quatro comunidades selecionadas para a pesquisa.

É no quarto capítulo que expomos os resultados da análise dos dados, iniciando com a descrição do comportamento linguístico das comunidades em estudo. Tendo em vista a configuração linguística da variedade *substandard* Plautdietsch, descrevemos o Plautdietsch falado utilizando dimensões e parâmetros em uma perspectiva pluridimensional. Essa descrição inclui os graus de competência relativa dos informantes em Plautdietsch, a vitalidade dessa variedade em distintas áreas do léxico e as influências exógenas existentes no Plautdietsch. Fizemos questão também de analisar o uso da variedade *standard* Hochdeutsch, uma vez que ela tem a função de língua-teto e, ao mesmo tempo, está sofrendo uma substituição linguística pelo português, a língua majoritária. Finalizamos este capítulo analisando o papel do Plautdietsch na identidade e coesão do grupo. Para tal, partimos de uma descrição de um “menonita protótipo” e o comparamos com a percepção dos membros da comunidade sobre o “menonita atual”.

Por fim, concluímos com uma síntese dos principais resultados, considerando os objetivos propostos. Em uma perspectiva macroanalítica de comparação dos pontos, pôde ser constatada uma perda linguística do Plautdietsch na dimensão diatópica, diastrática e diageracional. Observamos que em determinados setores do léxico existe uma maior/menor resistência do Plautdietsch em contato com outras línguas e variedades. Enfim, são vários os fatores que puderam ser identificados e que estão contribuindo para um declínio progressivo do uso do Plautdietsch em favor da língua oficial politicamente legitimada no meio.

Esperamos, através deste estudo, contribuir para a ampliação e o desenvolvimento dos estudos de contato de línguas minoritárias no Brasil, que paradoxalmente a seu caráter minoritário, colocam à linguística e à sociedade um leque de questões de pesquisa muito grande, para o qual se constatam ainda lacunas enormes, tanto no que sabemos sobre essas realidades, quanto no conhecimento que transferimos à sociedade e à formação de profissionais e pesquisadores que, vão lidar com essas “variedades linguísticas e culturais”.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

1.1 MENONITA: CONCEITO, ORIGEM E DIFERENÇAS INTERNAS

Para uma melhor compreensão da situação sociocultural e linguística atual dos menonitas no Brasil, faz-se necessário o conhecimento da origem dos menonitas, a qual descrevemos aqui em linhas gerais.

O povo menonita tem suas raízes no período da Reforma Protestante do século XVI, um movimento também conhecido como Anabatismo (*Wiedertäufer*)¹⁰, cuja doutrina se baseava em uma nova confissão de fé, representando assim o início de uma Igreja distinta do Catolicismo e do Protestantismo reformado ou luterano. Os anabatistas surgiram a partir de um grupo, cujo líder suíço e reformador era Ulrich Zwínglio, de Zurique. Vários dos partidários de Zwínglio (Konrad Grebel, Felix Manz e Simon Stumpf) separaram-se dele no ano de 1523, pois este se mostrava - na opinião dos seus partidários - bastante conservador, aceitando que o Estado determinasse o ritmo e o conteúdo das reformas. A condescendência de Zwínglio em relação ao corpo de legisladores fez com que seus partidários se tornassem profundamente insatisfeitos com seu reformador, separando-os definitivamente. Em 25 de janeiro de 1525, Grebel, Manz e Stumpf fundaram uma igreja autônoma, na qual o batismo era concedido somente por livre e espontânea vontade para a pessoa que aceitasse a nova confissão de fé.¹¹

Após um período de muitos conflitos, o Anabatismo em Zurique esteve fortemente ameaçado de desintegração, pois o círculo original de líderes havia sido disperso e vários deles, até executados. Para novamente dar uniformidade ao Anabatismo, fez-se necessária a elaboração de um documento denominado “Confissão de Fé” que, segundo Dyck (1992, p.53-54), era composto por sete artigos e consolidava os principais pontos da doutrina anabatista em relação a:

¹⁰ *Wiedertäufer* ou anabatistas eram chamados aqueles que se batizavam pela segunda vez para assim tornar pública a sua fé e os quais mais tarde sofreram duras perseguições e até condenações de morte.

¹¹ Unruh, B. H. (1965, p. 95).

- a) nova compreensão da forma de congregar os membros da Igreja através do Batismo adulto e suas finalidades;
- b) expulsão dos infiéis;
- c) ideias concernentes à Eucaristia (negando o poder sacramental da Eucaristia);
- d) princípio de separação do mundo terrestre, cheio de trevas, incredulidade e abominação;
- e) liderança na Igreja;
- f) relacionamento entre cristãos e o Estado (que inclui a recusa em participar em exércitos e portar armas);
- g) prática de não prestar juramentos.

Esta Confissão de Fé teve uma dupla importância para o Anabatismo: primeiro, por definir a posição dos conformistas e fanáticos, dando à doutrina anabatista um caráter bastante uniforme, garantindo-lhe aceitabilidade completa e abrangente nas mais diversas facções. Possibilitou também aos partidários do Anabatismo serem capazes de enfrentar os problemas que podiam surgir e, assim, sobreviver. Em segundo lugar, a doutrina apresentada era simples, clara, completa e suficientemente consistente para que um artesão ou camponês pudesse compreendê-la.

Depois de 1527, o Anabatismo foi duramente perseguido na Suíça. Com o passar do tempo, os que não se integraram na Igreja Reformada buscaram refúgio em áreas com maior tolerância religiosa, o que diminuiu muito o número de comunidades anabatistas na Suíça. Alguns soberanos europeus acabaram aceitando a vinda destes imigrantes religiosos para povoar seus países escassamente habitados. As regiões de maior atração para os anabatistas foram os Países Baixos, a Alemanha Central e a Morávia.

Aos Países Baixos, as ideias Anabatistas chegaram por volta de 1530, através de Melchior Hoffmann,¹² um líder talentoso, cujo fervor e entusiasmo pela palavra de Deus tinha um poder de convicção invejável. Devido a esse seu grande poder de influência, seu sucesso era garantido entre o povo. A noção de Hoffmann a respeito do Anabatismo era bastante pacífica; no entanto, a sua ênfase apocalíptica foi rapidamente absorvida por anabatistas revolucionários. Jan Matthys, um dos seguidores de Hoffmann e também batizado por este, não seguiu exatamente os ensinamentos do seu precedente e pregou a ideia milenarista de que o Reino de Deus deveria ser

¹² Unruh, B. H. (1965, p. 101).

estabelecido o mais breve possível, nem que fosse pela espada e pelo sangue de inocentes. Em função das atividades violentas destes radicais, a simples citação do nome “*Wiedertäufer*” (anabatista) causava pavor nas populações locais. As ações de Matthys culminaram na tragédia de Münster, ocorrida nos anos de 1534-1535, quando os anabatistas revolucionários tomaram a cidade e tentaram estabelecer o Reino de Deus à força.¹³ A tragédia de Münster arrasou os anabatistas revolucionários, mas as sequelas foram pesadamente sentidas pelos anabatistas pacíficos. Coube ao antigo sacerdote Menno Simons (1496-1561) reunir os membros remanescentes, que se encontravam confusos e dispersos, numa igreja Anabatista pacifista, firme e bem estabelecida.¹⁴

Menno Simons nasceu em 1496, em Witmarsum - na Província da Frísia, na Holanda. Estudou para o sacerdócio e com 28 anos de idade foi ordenado pelo bispo de Utrecht.¹⁵ Entretanto, já em seu primeiro ano como sacerdote, ele começou a inquietar-se sobre a doutrina da Igreja Católica Romana e, em 1536, abandonou-a para engajar-se no movimento anabatista. A influência de Menno Simons sobre o grupo anabatista foi tão profunda que, a partir de 1545, seus adversários passaram a chamar esse grupo de “*Mennoniten*”.¹⁶ Esta nova denominação acabou servindo também de proteção ao grupo, já que os anabatistas ainda sofriam perseguições em função dos acontecimentos em Münster, enquanto a repreensão de ser “menonita” não atribuía a pena de morte.¹⁷

Durante a liderança de Simons, a parte mais difícil não foi a perseguição imposta pela Igreja Católica, nem as ideias revolucionárias dos fanáticos. Os embates mais duros surgiram com aqueles com os quais Menno tinha mais em comum: os luteranos e os calvinistas. Os menonitas estavam de acordo com os principais pontos da Reforma, especialmente: a justificação pela fé e a autoridade infalível da Bíblia. No entanto, para os menonitas, a justificação pela fé significava que apenas indivíduos com idade suficiente para possuir uma fé convicta e tomar uma decisão por si mesmo poderiam ser batizados, e unicamente aqueles cuja vida mostrava os frutos da fé poderiam fazer parte da comunidade cristã.¹⁸

Em função das perseguições, os menonitas procuravam regiões pouco habitadas, para que assim pudessem formar suas colônias isoladas, autossuficientes e com pouco contato em

¹³ Penner, H. (1955, p. 42-46).

¹⁴ Unruh, B. H. (1965, p. 105).

¹⁵ Penner, H. (1955, p. 47).

¹⁶ Penner, H. (1955, p. 50).

¹⁷ Krahn, C. et al. (1955, p. 113-116).

¹⁸ Dyck, C. (1992, p. 100).

relação ao mundo exterior. Várias localidades da Europa acolheram refugiados menonitas, concedendo-lhes liberdade de religião, permissão para assentamento em colônias fechadas e isenção da prestação do serviço militar.

Durante a sua história, os menonitas tiveram diversos pontos de discórdia entre si, o que sempre acabou levando a divisões e novas denominações entre eles, como, por exemplo, os Menonitas-Amish. A primeira divisão ocorreu em 1693, quando um jovem ancião dos Irmãos Suíços chamado Jakob Ammann propôs uma disciplina mais rigorosa na igreja. Na sua visão, o “mundanismo” estava entrando na comunidade através da vestimenta e aconselhou tanto a simplicidade, como a uniformidade. Além disso, Ammann exigia a prática do “lava-pés”, preescrito no artigo XI da Confissão de Dordrecht, mas que na Suíça não era comum. A divisão de fato ocorreu quando Ammann excomungou o ministro Hans Reist, que era de outra opinião. Em seguida, Ammann pediu aos seus adversários a sua exclusão da congregação e partiu para a região da Alsácia, onde encontrou maior apoio para seus ensinamentos. Ainda que mais tarde Ammann se arrependesse e admitisse ter agido precipitadamente, o movimento já atingira uma grande expansão na Alsácia e na França, formando muitas igrejas amish.¹⁹ Em 1727, os primeiros amish migraram para a América do Norte, onde continuam representando as comunidades menonitas mais conservadoras existentes até a atualidade. De 1850 a 1880, o processo de acomodação à cultura que os rodeava tornou-se a causa de uma divisão entre os próprios amish. O grupo mais progressivo veio a ser chamado de menonitas amish, enquanto os mais conservadores, conhecidos mais como “*Old Order Amish*”, são afiliados à Antiga Ordem Amish. Além da Bíblia Sagrada, esse grupo segue um conjunto de tradições que define como deve ser a vida, com atenções voltadas exclusivamente para a fé, a família e a comunidade. As roupas, conservadoras, são uma das suas marcas; objetos como televisão, telefones e computadores são evitados. A maioria das comunidades de amish da Ordem Antiga se encontra nas casas ou num celeiro para o culto aos domingos. A língua usada por esse grupo é o “Alemão da Pensilvânia”, que se constituiu a partir da mistura de diversas variedades da língua alemã e que, posteriormente, foi mesclado com palavras em inglês e em alemão bíblico (*Schriftdeutsch*).²⁰

¹⁹ Penner, H. (1955, p. 28) e Dyck, C. (1992, p. 218-219).

²⁰ Dyck, C. (1992, p. 219-220).

Um outro grupo que também pertence à grande família menonita são os irmãos huterritas, que surgem, em 1525, na Morávia e na Áustria. Devido às perseguições religiosas, o grupo seguiu, em 1770, para o Sul da Rússia, onde permaneceu por 100 anos. No entanto, a ameaça da lei do serviço militar obrigatório - aprovada em 1872 - convenceu os huterritas a migrar para a América do Norte. A ideia mais desenvolvida entre esse grupo, desde os anos de 1530 até a presente época, é a renúncia a todas as possessões particulares e a entrega das mesmas à comunidade dos seus irmãos. Esta atitude expressa o amor cristão como o único verdadeiro. O maior grupo de huterritas vive atualmente no Canadá.²¹

Além destes grupos de menonitas, dos amish e dos irmãos hutteritas, existem outros ramos da árvore genealógica dos anabatistas-menonitas. Para efeito desta pesquisa, serão descritos nas próximas seções somente os grupos de menonitas que emigraram para o Brasil e que são nosso objeto de estudo.

Ao concluirmos esta primeira parte sobre o que, afinal, define o menonita, considerando sua origem e diferenças intermas, salientamos que é difícil conceber um conceito uniforme, mas que é possível identificar alguns traços que se manifestam em grau maior ou menor conforme o contexto e que serão relevantes para a nossa pesquisa. A partir das comunidades menonitas-brasileiras, caracterizamos os menonitas como: 1) um grupo de fé, que segue os ensinamentos bíblicos; 2) um grupo que, no decorrer do tempo, também se desenvolveu em um grupo étnico-religioso com características muito próprias, como: a) o uso da variedade *substandard* Plautdietsch e das variedades *standard* Hochdeutsch, inglês e português; b) o uso do Hochdeutsch/inglês/português nos cultos aos domingos; d) o uso da culinária de influência alemã, russa e americana; e) o esforço de permanecer unido como grupo étnico (coesão do grupo étnico).

1.2 MIGRAÇÕES DOS MENONITAS

Devido à posição em prol do pacifismo e a insistência em manter as suas próprias escolas, os menonitas constantemente foram perseguidos por razões religiosas, a ponto de se verem como “*Volk auf Wanderschaft*” (um povo que constantemente migra). Essas perseguições

²¹ Penner, H. (1955, p. 176).

e migrações mundiais resultaram na difusão de descendentes menonitas da Suíça, Alemanha e Holanda para países da Europa e da América do Norte e do Sul, onde vivem até hoje.²² Em muitos casos, eram os menonitas mais conservadores que decidiram migrar para outra região ou país. Outro fator determinante para as migrações foi a falta de terras para os descendentes que, em diferentes épocas, não eram poucos por família. A história de migração dos menonitas acabou influenciando até nos dias de hoje o seu modo cultural de viver e de se comunicar. Cabe, por isso, traçar em linhas gerais as principais migrações dos menonitas, sem as quais também não poderíamos entender o porquê de tantas diferentes denominações dos menonitas, bem como suas diferentes línguas e visões de mundo.

1.2.1 A migração para a Prússia

Devido às perseguições da Inquisição Espanhola, muitos menonitas deixaram a sua antiga pátria no norte da Holanda e decidiram fugir para a região do delta do rio Vístula, na Prússia, onde gozavam de uma relativa liberdade de religião. Em 1547, os menonitas iniciaram a drenagem dos banhados ao redor da cidade de Danzig, preparando a terra para a agricultura. Durante esse período de trabalho árduo, dificuldades também não lhes foram poupadas. Em um curto prazo de tempo, a região foi atingida por vários alagamentos, e muitos moradores morreram devido à febre intermitente²³. A partir de 1650, a região dos banhados foi vencida e ao invés do pântano havia moinhos, represas e barreiras. Após um longo período de dificuldades, os menonitas gozaram de prosperidade e atingiram uma vida confortável. Para uma melhor descrição das diferentes épocas pelos quais os menonitas passaram, Penner (1955, p.72) cita o seguinte provérbio: *“Die erste Generation hatte den Tod, die zweite die Not, die dritte das Brot!”*²⁴

Quanto à língua usada pelos menonitas na época da chegada à Prússia, Unruh (1955, p. 171) afirma que, em geral, fazia-se uso do holandês e de uma variedade dialetal da Frísia (Ostfriesisch, Oostersch). Rapidamente os imigrantes menonitas aceitaram a variedade dialetal

²² Klassen, P. (1995, p. 15).

²³ Penner, H. (1955, p. 71-72).

²⁴ Tradução livre da autora desta Tese, como também em todas as demais notas dos capítulos que seguem: “A primeira geração teve a morte, a segunda o sofrimento, e a terceira, o pão!”

alemã da Prússia, ampliando-a inclusive com uma infinidade de empréstimos das variedades trazidas da Holanda. Essa variedade dialetal da Prússia - preenchida com muitos itens lexicais da variedade dialetal de origem holandesa - tornou-se a língua do dia-a-dia dos menonitas, enquanto que o uso do holandês tinha a função de língua religiosa até meados do século XVIII, como também a função de linguagem escrita. Somente em 1762, os menonitas iniciam com o uso do alto-alemão (Hochdeutsch) na igreja e, em 1767, o hinário holandês foi substituído pelo hinário alemão.²⁵

Durante toda essa época na Prússia os menonitas foram isentos do serviço militar; no entanto, essa situação mudou drasticamente, especialmente após 1786, quando a Prússia iniciou os preparativos militares necessários devido às inquietações sociais que começavam a sacudir a Europa. O governo prussiano necessitava urgentemente ampliar o quadro de regimentos de soldados para fazer frente aos eventos militares que já eram possíveis de se prever. Consequentemente, o governo de Berlim não estava disposto a aceitar qualquer isenção ao serviço militar, por qualquer razão que fosse. Desta forma, os menonitas foram diretamente afetados pelas medidas de convocação para o alistamento militar. Além disso, um edito de Frederico II, em 1789, previa que a aquisição de novas terras era reservada àqueles que cumpriam o serviço militar.²⁶ Isto significava para os menonitas praticamente a limitação de suas propriedades. Então, os menonitas cujas famílias eram “sem-terras” decidiram imediatamente seguir ao convite feito pela imperatriz Catarina II da Rússia e estabelecer-se em territórios recém-desocupados pelos turcos, em regiões próximas ao Mar Negro (na região da atual Ucrânia).²⁷ O dever dos menonitas era de colonizar as novas regiões da Ucrânia e transformá-las em propriedades agrícolas. Após quase 250 anos fixados na Prússia Ocidental, os menonitas mais uma vez procuraram uma nova pátria.

²⁵ Unruh, B. H. (1955, p. 176) e Tolksdorf, U. (1985, p. 315-316).

²⁶ Penner, H. (1955, p. 80).

²⁷ Dyck, C. (1992, p. 153-154) e Penner, H. (1955, p. 121).

1.2.2 A migração para a Rússia

Em 1788, um total de 152 famílias menonitas (aproximadamente 900 pessoas) partiram da Prússia Ocidental a caminho para o sul da Rússia. Infelizmente, o governo prussiano dificultou essas emigrações, impedindo que líderes e pastores acompanhassem o grupo – uma circunstância que trouxe as suas consequências.²⁸ Esses novos imigrantes menonitas estabeleceram-se nas margens do rio Chortitza, um afluente do Dnieper. Em função da localização, esta primeira colônia menonita na Rússia levou o nome de Chortitza.²⁹ Os primeiros tempos foram muito difíceis e muitos colonos estavam insatisfeitos com a nova vida que levavam. Chegaram inclusive a pensar em voltar para a Prússia Ocidental. Doenças e epidemias causaram muitas mortes. Grandes períodos de chuva impediam o plantio e longos invernos não deixavam o trigo nascer.³⁰ O governo russo começava a falhar em suas promessas de auxílio financeiro durante os primeiros anos de colonização³¹. Os problemas se agravaram ainda mais, quando houve a falta de união entre os próprios colonos. As instalações para a educação e a liderança também foram totalmente inadequadas nesses primeiros anos. O currículo era limitado e centralizado na Bíblia e no catecismo.³² Na maioria dos vilarejos, a escola também era utilizada como o lugar de culto aos domingos. Tanto na escola, como também em outros assuntos da comunidade, as autoridades russas tinham pouca interferência, ficando assim uma sobrecarga sob controle dos próprios menonitas.

Mesmo com todas essas dificuldades decorrentes do assentamento de Chortitza, um fluxo quase constante de menonitas estabeleceu-se entre a Prússia e a Ucrânia. As restrições econômicas e religiosas em ascendência na Prússia e as notícias advindas de Chortitza não eram suficientemente desencorajadoras para impedir que outros menonitas emigrassem para a Rússia.

²⁸ Penner, H. (1955, p. 121).

²⁹ Dyck, C. (1992, p. 156).

³⁰ Penner, H. (1955, p. 122).

³¹ Frank, H. (1992, p. 88).

³² O sistema educacional dos menonitas na Prússia era considerado pelo próprio governo como exemplar. Entretanto, na Rússia, talvez por falta de recursos financeiros ou por influência das alas mais conservadoras dentro da igreja menonita, voltou-se a adotar o método de alfabetização baseado exclusivamente na leitura da Bíblia e do Catecismo, o que reduzia o universo de informações a que as crianças tinham acesso, o que conseqüentemente repercutia em um nível baixo ao padrão de ensino destas escolas.

Em 1804, foi então fundada a segunda colônia Menonita, chamada Molotschna, em referência ao rio em cujo vale ela se situava.

Esta Colônia, também conhecida como “Colônia Nova”, não teve as dificuldades que a colonização de Chortiza apresentou; talvez em função da assistência que os menonitas pioneiros de Chortitza, mais experientes e conhecedores da região, deram aos recém-chegados. Em 1806, já estavam estabelecidas 365 famílias em Colônia Molotschna, proporcionando um desenvolvimento econômico, que acabou transformando essa comunidade na maior e mais próspera colônia menonita da Rússia.³³

A partir destas duas colônias surgiram, durante o século XIX, mais de 45 colônias filhas³⁴, que se espalharam pelas grandes regiões da Rússia. Segundo Moelleken (1987, p.90), já em 1875, aproximadamente 150.000 menonitas habitavam a Rússia: um número bastante expressivo, considerando-se que diversas emigrações já haviam acontecido anteriormente.

Durante 150 anos, os menonitas viveram na Rússia em comunidades isoladas, com autonomia civil, onde puderam desenvolver um sistema sociocultural baseado em sua fé que, segundo Siemens (1992, p.15-16), “deu ao grupo características definidas e distintas dos demais alemães”. Naquela época, os menonitas viviam num contexto em que Igreja e sociedade praticamente se fundiam em uma mesma coisa, formando assim um grupo étnico. Segundo Penner (1955, p.135), os menonitas viviam de modo totalmente autossuficiente e formaram praticamente um estado dentro de outro estado.

Para os menonitas na Rússia, os duros anos iniciais deram lugar a uma grande prosperidade. O desenvolvimento dos portos do mar Negro, aliado ao fertilíssimo solo russo, fez que as colônias dos menonitas se tornassem fortes produtores de cereais, que eram exportados em quantidade substantiva para a Europa Ocidental. Por volta da segunda metade do século XIX, a riqueza dos menonitas chegou a ultrapassar a dos seus vizinhos russos.³⁵ Naquela época, segundo Balhana (1968, *apud* Pauls Jr., 1980, p. 231), “o nível de sua organização social e de suas atividades culturais atingiu o ponto mais alto em relação aos menonitas de todo o mundo.” Também na área da educação, os menonitas destacaram-se: com a ajuda do mais poderoso e

³³ Dyck, C. (1992, p.158).

³⁴ Dyck, C. (1992, p.162).

³⁵ Smith, C.H. (1964, p. 276).

reconhecido líder entre os menonitas, Johann Cornies³⁶, foi fundada uma Associação para Educação Cristã, cujo objetivo era uma melhor formação dos professores e o estabelecimento de um sistema educacional exemplar e homogêneo para todas as colônias de menonitas na Rússia. Segundo Frank (1992, p.93), os menonitas também mantinham hospitais, orfanatos e instalações para deficientes visuais e auditivos. Nestas instituições, a língua predominante era o alemão, pois a grande maioria dos funcionários eram menonitas que preferencialmente falavam o *Plautdietsch*.

O progresso comunitário e o crescimento populacional entre os menonitas fez surgir o sistema de colônias filhas, que por sua vez deu a oportunidade de um crescimento econômico. Segundo Penner (1955, p.128), foram fundadas até 1910, na Rússia, nada menos que 365 colônias menonitas. Uma estatística da década de 1920 relata que, na época, havia 120.000 menonitas na Rússia, sendo que 75.000 viviam na Ucrânia e 45.000, na Sibéria (exceto os 18.000 que emigraram para a América do Norte na década de 1870).³⁷

Enquanto os menonitas vivenciavam o ápice do progresso, o governo russo iniciava um ambicioso programa de nacionalização, o qual atingiu tanto a vida social e cultural, como também política das comunidades menonitas. A partir da década de 1870, vários dos privilégios conquistados pelos menonitas foram anulados pelo império russo. Os limites territoriais das colônias, por exemplo, foram alterados. Conseqüentemente, os menonitas começaram a se sentir uma minoria étnica dentro de um espaço majoritário russo, com o qual agora eram forçados a ter contato mais próximo. Toda a documentação oficial, inicialmente em alemão, passou a ser feita obrigatoriamente em russo. Além disso, os menonitas eram obrigados a contribuir com impostos para sustentar instituições locais políticas, educacionais e de bem-estar.

A introdução da obrigatoriedade do serviço militar em todo império russo, em 1874, mexeu diretamente com a fé da comunidade. Parecia não haver mais exceções para os menonitas. Felizmente, após várias insistências por parte da comunidade, foi lhes concedido o serviço alternativo ao invés do treinamento militar. Para uma parte do grupo dos menonitas, no entanto, o consentimento do serviço alternativo também significava uma violação de consciência. Foi então

³⁶ Penner, H. (1955, p.132).

³⁷ Dyck, C. (1992, p. 166).

que o primeiro grupo, considerado mais conservador, decidiu emigrar da Colônia Molotschna rumo aos EUA e Canadá.³⁸

Outra grande ameaça para os menonitas durante essa época estava no fato da língua russa tornar-se obrigatória em todas as escolas e que professores russos seriam enviados a lugares onde os menonitas fossem considerados incompetentes. Em 1891, a língua russa foi imposta em todas instituições educacionais dentro do limite do Império Russo. Segundo Dyck (1992, p. 168), esses acontecimentos possivelmente condicionaram os menonitas a ver a língua alemã como parte essencial de sua própria fé. A maioria deles havia aprendido a se identificar com a sua comunidade fechada e autônoma, na qual a língua alemã era vista como um dos pilares da sua cultura e, principalmente, pela qual a sua fé era expressa. Abrir mão dessa língua poderia significar também uma ameaça para a manutenção da tradição religiosa.

Enquanto isso, o envolvimento dos menonitas com a sociedade russa aumentava dia após dia. Os hospitais da comunidade agora também atendiam muitos que não eram menonitas. Tanto as relações comerciais aumentaram, como também as amizades se desenvolveram, de modo que a língua russa deixou de ser uma barreira. Muitos russos trabalhavam como empregados nas fazendas dos menonitas. Este relacionamento, no entanto, não impediu que problemas sociais, culturais e econômicos surgissem entre menonitas e seus vizinhos russos. As conquistas menonitas provocavam certo ciúme nos camponeses e oficiais russos; um sentimento que, sem dúvida, também foi reforçado pela arrogância e forma superior com a qual alguns menonitas agiam. Essas atitudes, complementadas com a riqueza dos menonitas, trouxeram grandes dificuldades às colônias com chegada da Revolução Russa de 1917.³⁹

Mais tarde, durante a Primeira Guerra, os menonitas seriam suspeitos de colaboração com a Alemanha, em função de serem considerados etnicamente alemães e falarem o alemão. Como fazendeiros e comerciantes bem-sucedidos, eram considerados inimigos da Revolução. Com a guerra civil entre os Exércitos Vermelho e Branco, suas propriedades foram devastadas. Em seguida, vieram bandos de ladrões e oportunistas armados, roubando tudo o que podiam; depois matavam e queimavam o que restava. Uma testemunha, que na época vivia no vilarejo de Münsterberg, relata:

³⁸ Penner, H. (1955, p. 143).

³⁹ Dyck, C. (1992, p. 169-170).

“Fast alle Bewohner unseres Dorfes wurden niedergeschlagen oder ermordet – alte Männer von achtzig und Kinder, die erst einige Wochen alt waren. Der Terror wütete hier von sieben bis acht Uhr, und während dieser Zeit wurden 96 Personen getötet. Nachdem wir vollkommen ausgeraubt waren, und sie alles mitgenommen hatten, was sie tragen konnten, zündeten sie das Dorf an und überfielen dann die anderen Dörfer” (SMITH, 1964, p. 322).⁴⁰

Mesmo nesses tempos tão difíceis, a comunidade menonita procurou permanecer fiel ao princípio da sua fé. Após um terrível período de fome na recente formada URSS, um grande número de menonitas iniciou, em 1923, um fluxo migratório para o Canadá, auxiliado pelo grupo lá estabelecido na década de 1870.

O ano de 1928 marcou o início do fim das colônias menonitas da Rússia soviética. Numa tentativa de fuga, aproximadamente 13.000 menonitas foram a Moscou durante o outono e o inverno de 1929, aguardando a permissão para deixar a União Soviética. Com a ajuda do governo alemão e do trabalho heroico de um menonita anteriormente russo, Benjamin H. Unruh, de Karlsruhe, 5.677 menonitas conseguiram chegar à Alemanha. Os outros, infelizmente, foram deportados para o interior do país⁴¹.

Na Alemanha, os menonitas permaneceram por algum tempo refugiados em Mölln. As negociações com países abertos para receberem imigrantes ainda perduram por algum tempo. O Canadá, que já havia acolhido tantos imigrantes, repentinamente decidiu não receber mais ninguém. O Paraguai, garantindo inclusive a isenção do serviço militar, foi o país escolhido pela maioria. Aproximadamente 1.250 pessoas optaram pelo Brasil⁴². A chegada destes imigrantes menonitas no Brasil está descrita na seção 1.3.

⁴⁰ Tradução: “Quase todos os moradores do nosso vilarejo foram espancados ou assassinados – homens velhos de 80 anos e crianças, que tinham apenas algumas semanas de vida. O terror nos atormentava das sete às oito horas, e durante este tempo 96 pessoas foram mortas. Após todos nós termos sido assaltados, e eles terem levado tudo o que podiam carregar, incendiaram o nosso vilarejo e seguiram para assaltar outros” (SMITH, 1964, p. 322).

⁴¹ Dyck, C. (1992, p. 172).

⁴² Unruh, B. H. (1966, p. 53).

1.2.3 A migração para o Canadá

A partir de 1874, o Canadá pode ser considerado o país da imigração dos menonitas. Após a imposição do serviço militar pelo governo russo a todos os jovens, aproximadamente um terço de todos os menonitas, ou seja, 18.000, emigraram da Rússia para a América do Norte; sendo que destes, cerca de 10.000, a maioria proveniente da Colônia *Molotschna*, estabeleceu-se principalmente nas regiões do Kansas, Nebraska, Minnesota e Dakota, nos Estados Unidos. Outros 7.700 imigrantes, originários da Colônia *Bergthal*, *Fürstenland*, da antiga colônia *Chortiza* e da “*Kleine Gemeinde*”,⁴³ na Rússia, deram preferência para se estabelecerem na província de Manitoba, no Canadá, pois o governo canadense lhes concedeu alguns dos privilégios que já tinham gozado durante a época na Rússia. Entre estes, estavam incluídos a liberdade religiosa, a liberdade do serviço militar e do juramento, como também a manutenção de comunidades mais fechadas, a fim de que pudessem desenvolver sua própria cultura e seu próprio sistema de educação escolar.⁴⁴

Após os primeiros duros anos de colonização, os menonitas puderam usufruir de grandes plantações de trigo, alcançando assim, nas duas gerações seguintes, um almejável nível econômico. Esta situação, no entanto, foi corrompida, em seguida, por dois grandes problemas: a falta de terras para os filhos de colonos e a intervenção do governo canadense no sistema escolar menonita. A partir de então, diversos grupos menonitas, principalmente aqueles que se negavam a aceitar a intervenção do governo no sistema escolar, mais uma vez decidiram por uma emigração. Os únicos países latino-americanos que lhes concediam os privilégios referentes à liberdade religiosa, ao serviço militar e ao seu sistema educacional eram o Paraguai e o México. A grande maioria dos chamados *Altkolonier* (provinientes da antiga Colônia Chortiza) decidiu, então, emigrar para o México, enquanto a outra parte (proveniente da Colônia Sommerfeld e Colônia Chortiza) emigrou para o Paraguai. Estas migrações aconteceram entre 1922 e 1927.⁴⁵

Segundo os dados da *Mennonite World Conference*, de 2009, os menonitas somam aproximadamente 1,6 milhões em todo o mundo, com igrejas na África, na Ásia, na Europa, na

⁴³ O grupo da “*Kleine Gemeinde*” (pequena comunidade) é um grupo fundamentalista menonita, que por motivos de opiniões religiosas divergentes se separou em 1814 do grupo da antiga Colônia Chortiza.

⁴⁴ Reger, A. & Plett, D. (2000, p. 537).

⁴⁵ Reger, A. & Plett, D. (2000, p. 587).

América do Norte, Central e na América do Sul.⁴⁶ Esse número, no entanto, não inclui somente os menonitas de origem étnica alemã, como enfocados nesta pesquisa, mas todos os menonitas “evangelizados” através de “missões missionárias”,⁴⁷ ou melhor, os prosélitos. Surpreendentemente, o maior grupo de menonitas, atualmente, localiza-se no continente africano (estes são prosélitos na totalidade), seguido pelos EUA e o Canadá.⁴⁸

1.3 COMUNIDADES MENONITAS NO BRASIL

1.3.1 Origem dos menonitas no Brasil

A grande maioria de imigrantes menonitas de origem étnica alemã que veio para o Brasil é da Rússia. Após Stalin baixar suas severas leis, iniciaram-se as fugas rumo a Moscou com o objetivo de aguardar o passaporte para deixar a União Soviética. Graças a pressões de outros países, dos 15.000 alemães que se encontravam naqueles dias em Moscou, 6.000 conseguiram o almejado passaporte. Entre estes havia 4.000 menonitas; os outros foram deportados para o interior do país. Como o Canadá havia se tornado um grande centro menonita, o objetivo desses 4.000 era também a sua transferência para esse país. Porém, o governo canadense começou a se mostrar mais restritivo e impôs uma série de quesitos: não iria aceitar doentes, inválidos e idosos. Diante disso, apenas 1.344 pessoas deste grupo foram selecionadas para emigrar para o Canadá.⁴⁹

A Alemanha, em 1930, em função da grave situação econômica em que se encontrava, também não tinha interesse em assumir a responsabilidade pelos milhares de descendentes de alemães, entre eles muitos menonitas. Após a permanência como refugiados em Mölln, na Alemanha, esse grupo étnico-religioso tinha a oferta de acolhida de dois países, o Paraguai e o Brasil.

⁴⁶ Dados da *Mennonite World Conference*. As informações datam de 2009 e indicam membros batizados, independentemente, se pertencem à instituição publicadora. Fonte: <http://www.gameo.org/encyclopedia/encyclopedia/contents/W6763ME.htm>.

⁴⁷ Os termos entre aspas são utilizados para descrever a ação prosélita.

⁴⁸ Friesen, A. (2009, p. 185).

⁴⁹ Quiring, W. (1938, p. 115).

O Paraguai oferecia todos os privilégios requisitados pelos menonitas: total liberdade de religião, isenção do serviço militar, administração independente das colônias e estabelecimento de sistema escolar próprio. Porém, por ser pouco desenvolvido, onde as terras oferecidas eram muito mal servidas de água potável, somente uma parte do grupo emigrou para esse país. Aproximadamente 1.250 pessoas optaram pelo Brasil.⁵⁰

Segundo Minnich (1966, p. 6), os menonitas que vieram ao Brasil tinham uma postura mais individualista e democrática. Também estavam predispostos a aceitar mudanças, inclusive no campo da religião. Eles também estariam melhor preparados – física, social e culturalmente – para as situações que enfrentariam. Outros historiadores, como Fretz (1953) e Smith (1954 *apud* Klassen 1995, p. 66), são da opinião de que os menonitas que optaram pelo Brasil eram indivíduos que haviam entrado em contato com milícias de autodefesa organizadas na Rússia, sobretudo após a Revolução de 1917. Para eles, a questão do serviço militar não era uma prioridade e, acima de tudo, sabiam que no Brasil não teriam nenhum privilégio em relação ao serviço militar. Mais interessante que os próprios motivos que estes autores alegam é, conforme Klassen (1995, p. 67), a circunstância que levou estes pesquisadores a formarem esta opinião: ambos de fato constataram uma diferença na postura de vida entre os menonitas do Brasil e do Paraguai, como também uma diferença no desenvolvimento das suas comunidades. Diferenças que se desenvolveram a partir de uma “escolha obrigatória”, em 1930.

Até meados de 1931, treze navios com 1.245 menonitas⁵¹ chegaram à Ilha das Flores, na Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro. Ali, foram primeiramente obrigados a permanecer quarenta dias, seguindo uma lei brasileira prevista para todos os imigrantes. Em seguida, foram encaminhados para o Porto de Itajaí, em Santa Catarina, onde pegariam um vapor fluvial que subiria o rio Itajaí até Blumenau. De lá, então, um trem da sociedade Hanseática os levaria até o vale das montanhas de *Hammonia*,⁵² atualmente a cidade de Ibirama, Santa Catarina.

Em 1934, chegava ao Brasil outro grupo de russos-menonitas, formado por aproximadamente 145 pessoas oriundas da Sibéria Oriental, que ficaram dois anos refugiadas na cidade de Harbin, na China. Com mais esse grupo, o número de menonitas imigrados para o

⁵⁰ Unruh, B. H. (1966, p. 53).

⁵¹ Klassen, P. (1995, p. 70).

⁵² Klassen, P. (1995, p. 72).

Brasil atingia 1.390 pessoas.⁵³ É importante observar que esses grupos imigraram em um período em que ainda não havia se instaurado o Estado Novo, hostil às minorias linguísticas, e que precede os conflitos da Segunda Guerra Mundial.

Outra comunidade menonita no Brasil, também objeto de estudo dessa pesquisa, também conhecida como os *Holdeman Menonitas*,⁵⁴ estabeleceu-se nas proximidades da cidade de Rio Verde, no estado de Goiás, a partir de 1968. Sua origem, no entanto, não é russo-holandesa, como a das comunidades no sul do Brasil, mas suíço-alemã. Muitos menonitas do sul da Alemanha e da Suíça, em função da perseguição religiosa existente na Europa, emigraram – desde o início do século XVIII – para a América do Norte. A partir desse grupo surgem os menonitas holdeman, que recebem esse nome em honra a seu fundador John Holdeman, o qual funda a Igreja de Deus em Cristo Menonita. Para evitar serem confundidos com outras igrejas e para mostrar que apreciavam a herança anabatista, o nome “menonita” foi incluído só mais tarde. Esse grupo segue os princípios da igreja neotestamentária, na qual é dada uma grande importância ao discipulado. A Confissão de Dordrecht, de 1632, foi adotada como o guia espiritual. Além disso, o grupo dá uma ênfase particular ao não-conformismo com o mundo, na vestimenta e em outros aspectos da vida, como, por exemplo, o uso do véu por todas as mulheres e o uso de barba por todos os homens membros da igreja. Após um lento começo em 1859, a igreja dos Holdeman Menonitas nos Estados Unidos recebeu numerosos membros de outras igrejas menonitas, especialmente da *Kleine Gemeinde* de Manitoba (Canadá) e do Kansas (EUA), logo após a sua chegada da Rússia na década de 1870.

Em busca de uma grande área rural, onde pudessem cultivar a agricultura, bem como terem a sua própria escola e assim criar seus filhos de acordo com os princípios bíblicos, algumas famílias desse grupo dos Holdeman Menonitas decidem emigrar dos EUA para o Brasil em 1968, fundando assim, a Colônia Monte Alegre, em Rio Verde (GO).

⁵³ Klassen, P. (1995, p. 70).

⁵⁴ Dyck, C. (1992, p. 281).

1.3.2 Processo de colonização

Segundo Brepohl (1927, *apud* Klassen 1995, p. 83), os primeiros menonitas que chegaram ao Brasil não pertenciam ao grupo de imigrantes de 1930, mas que chegaram no início do século XVII, no território ocupado pela Companhia Holandesa das Índias ocidentais, em Pernambuco. No ano de 1637, quando o conde Maurício de Nassau se instalou em Recife, estavam entre o grupo três agrônomos menonitas: Abraham Esau, Isaak Kaufmann e David Spielmann. Estes menonitas tentaram convencer o conde a trazer mais de seus irmãos perseguidos na Holanda e na Alemanha para o Brasil. No entanto, esse pedido não foi atendido. Com a expulsão dos holandeses em 1654, desapareceram também os primeiros menonitas do Brasil daqueles tempos. Além disso, vivia no Rio de Janeiro uma família menonita chamada Arentz, que prestou valiosos serviços ao grupo menonita que se estabeleceu em Santa Catarina em 1930.

O grupo dos menonitas, ao chegarem em 1930 no interior de Santa Catarina, receberam da *Hanseatische Kolonisationsgesellschaft* (Sociedade Colonizadora Hanseática) terras montanhosas, cobertas por um mato cerrado, o que assustou os camponeses menonitas habituados com as suaves estepes russas. De acordo com Pauls (1980, p. 35), “a mudança de um agricultor da estepe, com uma lavoura mecanizada e um clima continental, para uma agricultura silvícola primitiva e meramente manual, nas condições de um clima subtropical, representou um desafio difícil de ser enfrentado.” Os grupos foram alocados em Ibirama (no rio *Krauel* no Alto Vale Itajaí) e no chapadão do *Stolzplateau* (Planalto do Stoltz), interior de Santa Catarina. Esses foram os dois primeiros núcleos coloniais menonitas no Brasil. No vale do rio Krauel, a primeira colônia fundada pelos menonitas foi denominada *Witmarsum*, em homenagem ao líder anabatista do século XVI, Menno Simons, que nasceu na Holanda numa aldeia que tinha esse nome. Seguindo o vale do rio Krauel, foram ainda fundadas as aldeias menores *Waldheim* (Lar da Floresta) e *Gnadental* (Vale das Graças). No alto da serra do *Stolzplateau*, a única aldeia fundada pelos menonitas foi *Auhagen*, em reconhecimento ao embaixador de Moscou Otto Auhagen, um defensor constante dos menonitas.⁵⁵

⁵⁵ Klassen, P. (1995, p. 106).

Neste novo ambiente, afastados da civilização conhecida da Ucrânia, os menonitas fizeram grandes esforços para se reorganizarem socialmente em cooperativas, escolas e grupos religiosos, como haviam feito na Rússia. Já no segundo ano de sua chegada, construíram três escolas que, em domingos e feriados, eram usadas como local de realização de cultos. Em 1933, havia seis escolas primárias em funcionamento, as quais passaram a ser reconhecidas pelo governo brasileiro somente depois que os professores aprenderam o português e prestaram exames perante uma comissão designada pelo governo. Segundo Siemens (1992, p. 17), “as aulas nessas escolas foram bilíngues desde o início”.

O fato de se sentirem abandonados e inseguros na nova realidade multicultural, aumentou os conflitos internos tanto no sistema religioso (entre os membros da Igreja Menonita e da Igreja Irmãos Menonitas), como também no sistema econômico (na cooperativa). Além disso, a estreiteza do vale não permitia uma colonização densa ao longo da estrada, distanciando as casas, o que dificultou bastante os encontros entre os colonos. Todavia, o afastamento dos centros de cultura brasileira fortaleceu as tendências de isolamento dos menonitas, resultando no uso quase exclusivo das línguas de imigração (Hochdeutsch e Plautdietsch) e na manutenção autônoma do seu sistema escolar.

De fato, os primeiros anos de colonização foram cheios de dificuldades e com consideráveis sofrimentos. Após tantas dificuldades, algumas famílias tinham perdido a esperança e decidiram procurar terras mais apropriadas para a agricultura. Em 1934, uma grande parte do grupo migrou para Curitiba, outra parte fixou-se em Blumenau ou dirigiu-se a São Paulo. Em Curitiba, os menonitas estabeleceram-se nos bairros Boqueirão, Xaxim e Água Verde. Nos primeiros anos, a comunidade vivia bastante isolada do centro da cidade e o contato com brasileiros restringia-se à venda do leite, seu principal meio de subsistência, e às instruções de trabalho aos empregados brasileiros. Nos últimos quarenta anos os menonitas de Curitiba deixaram cada vez mais as atividades relacionadas ao campo e assumiram as mais diversas profissões.

Em 1949, um grupo de aproximadamente 86 famílias menonitas moradoras em Santa Catarina decidiu migrar para o Rio Grande do Sul, fundando, em 1950, a “Colônia Nova”, próxima à cidade de Bagé.⁵⁶

Posteriormente, em 1951, 60 famílias menonitas que ainda permaneciam em Santa Catarina compraram uma área denominada Fazenda Cancela⁵⁷, atualmente a Colônia Witmarsum, localizada nos Campos Gerais do Paraná, no município de Palmeira.⁵⁸

Segundo Klassen (1995, p. 431), entre os anos 1949 até 1954 as diversas colônias menonitas no Alto Rio Krauel, Santa Catarina, foram dissolvidas definitivamente; somente os nomes das comunidades (*Witmarsum*, *Waldheim* e *Gnadental*) permaneceram.

Após deixarem as colônias no vale do Itajaí, SC, os menonitas espalharam-se por vários estados brasileiros e fundaram outras comunidades, entre as quais destacamos as três maiores: a comunidade menonita de Curitiba e da Colônia Witmarsum, no Paraná, e a comunidade menonita de Colônia Nova, no Rio Grande do Sul. Estas três comunidades puderam desenvolver-se economicamente, socialmente e eclesiasticamente.

Após oitenta anos no Brasil (1930-2010), os menonitas, segundo Friesen (2009, p. 188), podem ser denominados **menonitas brasileiros**, uma vez que, com raras exceções, estão culturalmente inseridos e adaptados, diferenciando-se em poucas coisas do seu ambiente. De acordo com Friesen (2009, p. 188-189), “os costumes alimentares, e algumas características de timidez social não importam quando se caracteriza o povo menonita como diferenciado.” Em relação às características étnicas atuais das comunidades menonitas, o autor destaca o uso da língua alemã (*Hochdeutsch* e *Plautdietsch*), os cultos em língua alemã e o esforço de permanecer unidos enquanto menonitas.

A etapa da aculturação, como é denominada por Siemens⁵⁹, estende-se de 1970 até os dias de hoje. Durante essa época, a língua portuguesa tornou-se cada vez mais comum dentro das igrejas, até então exclusivamente alemãs. A partir de 1984, as igrejas étnicas (em Curitiba) abrem suas portas para todos aqueles que queiram adorar a Deus, independente de origem ou língua.

⁵⁶ Klassen, P. (1998, p. 49) e Pauls Jr., P. (1976, p. 18).

⁵⁷ As terras da antiga Fazenda Cancela originam-se das sesmarias concedidas em 1708 ao Capitão Manuel Gonçalves da Cruz, residente em Paranaguá (publicação *Witmarsum – 50 anos no Paraná*, setembro 2001).

⁵⁸ Publicação *Witmarsum 50 anos no Paraná* (2001, p. 8).

⁵⁹ Palestra proferida por Dr. João Udo Siemens, em ocasião das solenidades de 75 anos menonitas no Brasil, em 27.11.2005.

No ano de 2009, os menonitas no Brasil contavam aproximadamente 11.000 pessoas.⁶⁰ Destas, calcula-se que somente a metade são de origem germano-russa, ou seja, denominados étnicos. A outra metade se constitui de fiéis eclesiásticos que não representam a cultura menonita.⁶¹ Friesen (2009, p. 190) ainda apresenta a quantidade de menonitas nos estados brasileiros em sequência decrescente: Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Bahia, Goiás, Distrito Federal, Pernambuco e Bahia.

1.4 VARIEDADES *STANDARD* E *SUBSTANDARD* NAS COMUNIDADES MENONITAS NO BRASIL

Em muitas regiões habitadas por grupos minoritários ou de imigração, chama a atenção o fato de que estes usam outra(s) língua(s) além da língua majoritária do país onde se encontram. Nas comunidades menonitas brasileiras no sul do país, isto não é diferente. No entanto, além do português, seus membros utilizam outras duas variedades do alemão (Hochdeutsch e Plautdietsch), que os diferencia de muitos outros grupos de imigração no Brasil, nas quais geralmente é usada uma língua de imigração e o português. No caso da comunidade menonita rural de Rio Verde, a comunidade, além do português, faz uso do inglês como língua de imigração. Nessa comunidade, alguns moradores (da geração mais idosa) ainda são falantes de outras variedades alemãs, como o *Pennsylvania Dutch* (alemão da Pensilvânia) e o Plautdietsch.

Para uma melhor compreensão da variedade do alemão menonita – que inclusive identifica os menonitas como um grupo étnico – damos na seção seguinte, uma definição do Plautdietsch e, na sequência, do Hochdeutsch dos menonitas.

⁶⁰ Dados da *Mennonite World Conference*, 2009.

Fonte: <http://www.galeo.org/encyclopedia/encyclopedia/contents/W6763ME.htm>.

⁶¹ Friesen, A. (2009, p. 189).

1.4.1 A variedade *substandard* Plautdietsch

O Plautdietsch é um dialeto alemão que faz parte de uma rica tradição de fala e cultura oral das comunidades menonitas.⁶² Trata-se de uma variedade do baixo-alemão falado pelos menonitas que originalmente vieram dos Países Baixos e que se estabeleceram no oeste da região prussiana denominada *Danzig* e ao longo do rio Vístula. Mais tarde essa variedade se espalhou pela Rússia, América do Norte e Sul.⁶³

Ao chegarem à região do Delta (*Weichseldelta*), antiga Prússia, os menonitas continuaram a cultivar o holandês como língua religiosa ainda durante 200 anos.⁶⁴ Nessa região do Delta, falava-se o *Nether Saxon* (Baixo-saxão neerlandês), um dialeto similar aos dialetos dos Países Baixos falados pelos menonitas. Como língua do dia-a-dia, os menonitas começaram então a usar a forma dialetal baseada no baixo-alemão da nova região, bem como enriqueceram-na com empréstimos originados nos Países Baixos. Segundo Mitzka (1930, p. 12), esta “nova” variedade do baixo-alemão na área do Vístula não era apenas falada pela minoria menonita, mas também por pessoas não pertencentes à comunidade.⁶⁵

A substituição do holandês pelo baixo-alemão como língua do dia-a-dia antecedeu a substituição do holandês pelo alto-alemão (Hochdeutsch) usado nas igrejas e na correspondência. Na esfera religiosa, a mudança do holandês para o Hochdeutsch iniciou a partir da metade do século XVIII, sendo que, nas comunidades rurais, essa substituição foi mais rápida do que em cidades como Danzig. O primeiro hinário dos menonitas em Hochdeutsch substituindo o antigo holandês foi impresso em 1761.⁶⁶

Em 1788, quando os primeiros menonitas emigraram para a Rússia, ainda trouxeram consigo a bíblia em holandês; no entanto, segundo Krahn (1959), o holandês já estava em desuso entre eles e o Hochdeutsch ainda era considerado uma língua estrangeira. Acredita-se que essa circunstância refletiu a perpetuação do Plautdietsch entre os menonitas mais conservadores que

⁶² Epp, R. (1993, p.xi)

⁶³ Krahn, C. et al. (1959, v. 4, p. 186).

⁶⁴ Thiessen, J. (1963, p. 26).

⁶⁵ Na presente tese o termo “Plautdietsch-Menonita” refere-se à variedade do baixo-alemão usada pelos descendentes dos menonitas provenientes dos Países Baixos e que participaram da migração prussiana-russa; porém, salientamos que, essa forma dialetal não deve ser considerada como exclusiva dos menonitas.

⁶⁶ Krahn, C. et al. (1959, v. 4, p. 187).

emigraram para o Canadá e o México. Todavia, os menonitas que permaneceram mais tempo em Danzig e no oeste da Prússia aceitaram melhor o Hochdeutsch como língua religiosa e literária; conseqüentemente o baixo-alemão dos menonitas também teve alterações sob influência do Hochdeutsch.⁶⁷

No Plautdietsch menonita, podem ser constatadas diferenças dialetais, cuja origem já foi muito discutida: não se sabe se estas diferenças surgiram a partir da colonização na Ucrânia ou se os colonizadores já as trouxeram desde a época da Prússia.⁶⁸ Fato é que estas diferenças dialetais acompanharam os menonitas nas diversas migrações até os dias de hoje. Segundo Mitzka (1930, p.13), na Colônia Chortitza usava-se um dialeto mais antigo; em Colônia Molotschna falava-se um dialeto com formas mais novas. À medida que foram surgindo as colônias-filhas na Rússia, os diferentes dialetos se misturaram, amenizando assim, também as suas diferenças. Casamentos entre moradores da Colônia Chortitza e da Colônia Molotschna também contribuíram para que essa mistura linguística se desenvolvesse.⁶⁹

Desde a época na Rússia, houve, conforme Mitzka (1930, p.13), a tendência de caracterizar como a mais culta aquela forma provinda da Colônia Molotschna, uma vez que os colonizadores dessa comunidade emigraram da Prússia somente a partir de 1803, levando consigo, assim, as formas mais recentes do baixo-alemão. Além disso, o nível socioeconômico da Colônia Molotschna era mais alto em relação à Colônia antiga.⁷⁰ Certamente, esta diferença social foi um dos principais motivos que contribuiu para que a variedade usada pelos menonitas da Colônia Molotschna usufrísse de um maior prestígio.⁷¹ De acordo com Quiring (1928, p. 46), os próprios menonitas da Colônia Chortitza caracterizavam o seu dialeto como inferior e o dialeto dos moradores da Colônia Molotschna como mais elegante e nobre.⁷²

O Plautdietsch dos menonitas costuma, além disso, ser caracterizado pela existência de uma grande quantidade de empréstimos de diferentes línguas, os quais são comumente aceitos pela própria comunidade como parte integrante do Plautdietsch. Diversas expressões e palavras usadas na Prússia, por exemplo, eram somente conhecidas e empregadas pelos menonitas, pois as

⁶⁷ Krahn, C. et al. (1959, v. 4, p. 187).

⁶⁸ Kaufmann, G. (2003, p. 141).

⁶⁹ Moelleken, W. W. (1972, p. 13).

⁷⁰ Mitzka, W. (1930, p. 13).

⁷¹ Klassen, P. (2001, p. 300).

⁷² Quiring, J. (1928, p. 46).

mesmas têm sua origem nos Países Baixos (*vondoag, farjoa*).⁷³ Ao partir da Prússia, os menonitas levaram inúmeros empréstimos do polonês para a Rússia (*Blot, Glomms*) e, na Rússia, o Plautdietsch foi complementado com uma série de palavras russas e ucranianas (*Arbúz e Baklazán*, que originalmente são empréstimos da Turquia). A maioria dos empréstimos russos e ucranianos são designações para objetos que os menonitas anteriormente não conheciam, ou melhor, que eram oferecidos pela nova pátria e pelo avanço tecnológico. No entanto, o uso destes empréstimos geralmente também era proporcional ao uso destes objetos, ou seja, assim que o objeto deixava de ser mais usado, o empréstimo também caía em desuso.⁷⁴ Através do contato propulsionado pelo governo russo em 1847 entre menonitas e judeus, uma série de palavras do iídiche também se infiltraram na variedade dialetal dos menonitas (*meschugga, Jankel*).⁷⁵

A partir do momento em que os menonitas migraram para a América do Norte, o Plautdietsch menonita incorporou uma grande quantidade de empréstimos da língua inglesa, impulsionados principalmente pelo avanço tecnológico.⁷⁶

Com a migração de diversos grupos para o México⁷⁷ e Paraguai⁷⁸, a variedade dialetal menonita sofreu influências do espanhol. Em Belize, inúmeros hispanismos também podem ser identificados no Plautdietsch dos menonitas.⁷⁹

No Brasil, a influência lusitana pode se constatada tanto na variedade do alemão *substandard* (Plautdietsch), como também na variedade *standard* (Hochdeutsch), como também veremos mais adiante.⁸⁰

Em suma, pode-se considerar o Plautdietsch falado por esses grupos hoje como o resultado dos inúmeros contatos e migrações (transnacionais) dessas comunidades de menonitas ao longo de cerca de 450 anos de história. Moelleken (1996, p. 16) refere-se da seguinte forma ao Plautdietsch:

“Die Vorfahren der meisten russlanddeutschen Mennoniten kamen zwar ursprünglich aus den Niederlanden, Belgien und Nordwestdeutschland, sprachen aber bei der Auswanderung aus Westpreußen

⁷³ Thiessen, J. (1965, p. 165-167) e Wiens, C. (1916, p. 139-153).

⁷⁴ Thiessen, J. (1963, p. 166).

⁷⁵ Thiessen, J. (1963, p. 180).

⁷⁶ Moelleken, W. W. (1972, p. 10).

⁷⁷ Kaufmann, G. (1997).

⁷⁸ Warkentin, J. (2009, p. 336-337).

⁷⁹ Steffen, J. (2006, p. 181).

⁸⁰ Thun, H. (1999, p. 320).

bereits den folgenden Dialekt der Weichsel. Obwohl ihr Dialekt in den folgenden Jahrhunderten viele Änderungen und Neuerungen erfahren hat, ist er auch heute noch deckungsgleich mit dem Dialekt ihrer ursprünglichen Heimat an der Weichsel, vor allem wie er auf der Nehrung und im Delta gesprochen wurde” (MOELLEKEN & MOELLEKEN, 1996, p. 16).⁸¹

Segundo Thiessen (2007, p. 63), “essa língua [o Plautdietsch] somente poderia sobreviver em uma diáspora. Os menonitas não podem citar nenhum lugar como a pátria em comum, mas uma língua, que é a pátria em comum.”⁸²

1.4.2 O Hochdeutsch falado pelos menonitas

Além do Plautdietsch, as comunidades menonitas no sul do Brasil fazem uso do alemão *standard* – o Hochdeutsch, que na sua realização concreta não pode ser confundido com o alemão-padrão efetivamente falado na Alemanha. Enquanto o Plautdietsch é usado em contextos mais informais, o *Hochdeutsch* tem um caráter mais formal, sendo utilizado principalmente na igreja e na escola; mais tarde o Hochdeutsch também veio a ser utilizado no ambiente familiar. Entre aqueles menonitas que deixaram Danzig e a Prússia mais tarde (1850-80) e foram para a Rússia ou diretamente para América do Norte, a substituição do Plautdietsch pelo Hochdeutsch já havia terminado antes da sua emigração. Nas suas famílias falavam mais o Hochdeutsch; entretanto, dominavam suficientemente o Plautdietsch para falar com empregados ou com aqueles que prefeririam se comunicar nessa língua.⁸³

Nas primeiras décadas após a imigração no Brasil (1930), os menonitas usavam quase exclusivamente o Plautdietsch nos ambientes familiares; no entanto, mais tarde, a tendência de falar o Hochdeutsch no dia-a-dia e entre os familiares aumentou e foi incentivada principalmente por líderes e professores menonitas, que caracterizavam o Plautdietsch como uma língua inferior, que segundo seu entendimento prejudicava o uso de um Hochdeutsch “correto”. A partir da década de 1980, tanto na comunidade menonita de Curitiba, como também em Colônia

⁸¹ Tradução: “Os antepassados da maioria dos menonitas russos-alemães vieram originalmente dos Países Baixos, da Bélgica e do Noroeste da Alemanha, no entanto, na emigração da Prússia Ocidental falavam o dialeto do rio Vístula. Mesmo que o seu dialeto tenha sofrido nos séculos seguintes muitas mudanças e inovações, ele ainda hoje é congruente com o dialeto da antiga pátria no rio Vístula, principalmente como era falado na época da região do Delta.”

⁸² Thiessen, J. (2007, p. 63).

⁸³ Krahn, C. et al. (1959, v. 4, p. 187).

Witmarsum (PR) a maioria dos jovens pais (de origem étnica alemã) começou a falar o Hochdeutsch com seus filhos. Todavia, para a maior parte da geração mais idosa, nessas comunidades, o Hochdeutsch é ainda considerado uma segunda língua, uma vez que o Plautdietsch continua sendo para esse grupo a língua materna, aprendida no berço, e na qual se sentem mais à vontade para expressar suas ideias e sentimentos. Para a maioria dessa faixa etária, o Hochdeutsch continua sendo, por outro lado, a língua religiosa.

Quando, neste estudo, falamos do Hochdeutsch menonita, devemos levar em conta que se trata de uma variedade do alemão *standard* local marcada pelo uso de léxicos antigos do século XIX, como também uma variedade com influências do baixo-alemão (Plautdietsch). Além disso, outras línguas com as quais os menonitas – no decorrer das suas migrações – tiveram contato, deixaram as suas marcas no Hochdeutsch. O mesmo se deu, após a imigração no Brasil, com os elementos provenientes principalmente do contato linguístico com o português.

Uma palavra, por exemplo, pertencente ao antigo léxico alemão e que se ouve ainda com frequência nas comunidades menonitas no Brasil é *Eisschrank*⁸⁴ ao invés da palavra atual usada na Alemanha, *Kühlschrank* (geladeira).

As influências do Plautdietsch no Hochdeutsch dos menonitas aparecem tanto na sintaxe como na área lexical. Falantes do Plautdietsch, por exemplo, transferem palavras para o Hochdeutsch, ainda que estas palavras apresentem divergências no seu significado no Plautdietsch. Para um falante do Hochdeutsch não pertencente à comunidade, isto poderia comprometer a comunicação. De uma grande lista de formas citamos aqui apenas alguns exemplos muito comuns na maioria das comunidades menonitas no Brasil, mas que, segundo Rudolph (1997), também são frequentes nas colônias menonitas do Paraguai⁸⁵ (as formas em negrito são do Hochdeutsch *standard*):

a) HD menonita: *Bei einem Unfall wurde der Hund untergefahren.*

... **überfahren.**

b) HD menonita: *Das 15jährige Mädchen spaziert schon.*

... **hat schon einen Freund.**

⁸⁴ Curiosamente, esta também é a designação corrente no Hunsrückisch.

⁸⁵ Rudolph, M. (1997, p. 15-22).

c) HD menonita: *Die Mutter hat schon wieder 5kg aufgenommen.*

*... **zugenommen**.*

Na maioria dos casos, as transferências diretas do Plautdietsch são entendíveis no Hochdeutsch, principalmente quando se considera o contexto. No entanto, em alguns casos mais isolados, as palavras transferidas podem ter um significado diferente no Hochdeutsch. A palavra *spazieren*, por exemplo, não pode mais ser deduzida fora do seu contexto. No Plautdietsch, ela tem diferentes significados, tem, portanto sentido polissêmico: ‘namorar’, ‘passear’ ou ‘estar na casa de alguém’; já no Hochdeutsch, ela tem significado único de ‘passear’.

Uma das principais marcas do Hochdeutsch menonita é exatamente a quantidade de palavras retiradas do Plautdietsch, as quais nesta forma ou de forma semelhante não existem ou não são usadas no Hochdeutsch. Entretanto, como estas palavras aparentemente têm uma forma que corresponde à norma padrão do Hochdeutsch, muitos falantes do Plautdietsch não têm condições de identificá-las como erradas, uma vez que no dia-a-dia o seu uso é muito frequente.

Após a imigração no Brasil, o Hochdeutsch dos menonitas passou, adicionalmente, a ser marcado por lusismos. A abertura cultural favoreceu a aprendizagem de uma nova língua e, ao mesmo tempo, colocou as línguas de imigração dos menonitas em concorrência. Diversas áreas de atividade do dia-a-dia já são complementadas com o uso lexical do português (*Ich gehe zur Farmácia*) e, em outros casos, verbos do português recebem uma terminação em alemão (*cobrieren, gravieren, etc.*).

No capítulo da análise deste trabalho, serão descritas mais detalhadamente as funções do Hochdeutsch, como também o seu domínio nas diferentes comunidades em estudo.

1.4.3 Inglês como língua de imigração menonita

Devido ao fato de o grupo dos menonitas da colônia de Rio Verde (GO) migrar apenas em 1969/1970 da América do Norte para o Brasil, o seu caminho histórico e linguístico diferencia-se bastante das comunidades menonitas do Rio Grande do Sul e do Paraná. A grande maioria dos imigrantes da colônia de Rio Verde nasceu nos EUA e tem como língua materna o inglês. Mesmo aqueles imigrantes que aprenderam o Plautdietsch (ou o Pennsylvania Dutch)

durante a sua infância, tiveram muito contato com o inglês antes de emigrar para o Brasil. Segundo os informantes selecionados para o presente estudo, todo o conteúdo na escola na época já era dado em inglês e, à medida que foram crescendo, essa língua também tornou-se a principal de seu cotidiano. Nos primeiros anos após a emigração para o Brasil, os imigrantes fizeram uso quase exclusivo do inglês; ao mesmo tempo, não mediram esforços para aprender a língua do novo meio, o português. Afinal, seria o português que poderia abrir-lhes as portas para a propagação da doutrina da Igreja de Deus em Cristo.

A grande maioria das famílias imigrantes ou descendentes mantém ainda um contato bem próximo com familiares que moram nos EUA ou no Canadá, visitando-os, por exemplo, a cada dois a três anos. Além disso, é comum os jovens participarem de intercâmbios organizados pela liderança da comunidade nos EUA. Devido a estas circunstâncias, todos os informantes selecionados acreditam ter um bom domínio passivo e ativo no inglês e também não sentem dificuldade linguística de se expressar em um determinado assunto em inglês. Vale ressaltar que os pais dos imigrantes já faziam bastante uso do inglês nos EUA, ou seja, o Plautdietsch foi a língua usada pelos imigrantes somente mais na primeira infância. À medida que esses foram para a escola, a comunicação familiar também passou para o inglês.

Acreditamos que a língua de imigração na comunidade rural de Rio Verde – o inglês – usufrui de prestígio e que há, por parte dos imigrantes e dos descendentes, um interesse de conservá-lo nas próximas gerações, uma vez que a manutenção do inglês representa a manutenção dos valores culturais da própria comunidade e é bastante útil para os relacionamentos familiares internacionais.

1.5 ESTUDOS SOBRE O CONTATO ALEMÃO-PORTUGUÊS EM COMUNIDADES MENONITAS NO BRASIL

Em países como o Canadá e os Estados Unidos, existe uma grande quantidade de estudos sobre as comunidades menonitas. No entanto, são bem poucos os trabalhos existentes sobre o contato linguístico das comunidades menonitas na América do Sul. A seguir, discutimos

as principais pesquisas que tratam sobre a especificidade linguística das comunidades menonitas do Brasil.

Reynolds H. Minnich fez uma pesquisa sociológica entre os menonitas no Paraná em 1965, que resultou numa dissertação apresentada à Universidade da Flórida, USA, com o título “A sociological study of the mennonite immigrant communities in Paraná, Brazil”. O autor faz uma descrição mais sociológica dos menonitas e os caracteriza como “um grupo minoritário étnico-religioso”.

Em 1984, surge o primeiro estudo sociolinguístico específico sobre a comunidade menonita de Curitiba, Paraná. Em sua dissertação, Siemens (1984) analisa o grau de frequência do uso do português, do Hochdeutsch e do Plautdietsch entre os menonitas em três domínios específicos: a esfera da amizade e do lazer, a esfera familiar e a esfera religiosa. Segundo Siemens (1984, p. 127), a pesquisa aponta uma “diminuição do uso do alto-alemão e baixo-alemão pelo constante aumento do português num processo contínuo e irreversível, que, perdurando, levará inevitavelmente ao desaparecimento do alto-alemão da vida pública para persistir em alguns contextos isolados.” Neste estudo, predomina o enfoque sociológico da comunidade; os aspectos e, ou, variações linguísticas da língua alemã ficaram, deste modo, em segundo plano.

Neste sentido, em um estudo realizado em Colônia Nova, no Rio Grande do Sul, Thun (1999) afirma que as variedades Plautdietsch e Hochdeutsch faladas pelos menonitas nessa Colônia vêm sofrendo um “processo de lusitanização” que abrange desde áreas de inovação, como novas tecnologias, até setores da vida cotidiana dos menonitas. Thun acrescenta que estes estão substituindo tanto os germanismos como os eslavismos ainda existentes nas variedades do alemão menonita.

A conclusão de Thun baseia-se em um *corpus* de 120 palavras eslavas que, supostamente, ainda estariam em uso nas comunidades menonitas da América Latina. De acordo com os resultados obtidos, dessas 120 palavras eslavas, pouco mais da metade ainda é de uso contínuo (ou seja, 61 palavras), 81 palavras são conhecidas (não necessariamente de uso ativo), e 34 palavras foram caracterizadas como desconhecidas. Deve-se levar em conta que a manutenção ou perda desses eslavismos faz parte das seguintes áreas de atividade: a) alimentação; b) vestuário; c) características psicológicas e físicas; d) utensílios domésticos e agrícolas; e) vida

social; f) vida religiosa. O que chama atenção é o fato de que, em nenhuma das áreas, o uso do eslavismo foi abaixo de 50%; e que as seis áreas podem ser subdivididas em dois grupos: as primeiras três áreas e as últimas três, respectivamente. Segundo Thun (1999, p. 313), essa divisão é um forte indício das primeiras três áreas serem consideradas fortemente conservadoras e as outras três, conservadoras moderadas. Outro aspecto para o qual o autor chama atenção: as três primeiras áreas tratam de áreas mais internas, enquanto que as últimas são consideradas mais externas. Thun questiona dois fatores: a) a forte manutenção do eslavismo no Plautdietsch da geração mais velha em Colônia Nova ainda se mantém; e b) a substituição do eslavismo dá-se prioritariamente nas áreas de atividades consideradas mais externas. A resposta para a primeira pergunta é simples: das 120 palavras eslavas, conforme Thun, apenas três foram reconhecidas como tais. Todos os outros empréstimos foram considerados pelos informantes como palavras do Plautdietsch. Segundo Thun (1999, p. 315), o eslavismo está profundamente integrado no vocabulário menonita e não é mais visto como de origem eslava, e sim, ao contrário, como marca do Plautdietsch.

O fato de o eslavismo estar mais fraco nas áreas consideradas mais externas tem a ver com a forte pressão das inovações que mais tarde vieram do mundo lusitano. Por outro lado, já desde a época em que os menonitas residiam na Rússia, palavras eslavas da área da vida social e religiosa não necessariamente faziam parte do mundo menonita, e o lugar destas foi preenchido mais tarde com lusismos. Thun (1999, p. 320) conclui, dizendo que o processo de lusitanização em ambas as variedades do alemão usadas pelos menonitas da Colônia Nova é grande, mas que não há uma substituição sistemática do eslavismo pelo lusismo, uma vez que o eslavismo, em geral, não está ciente na mente dos menonitas, como também, por outro lado, não há uma tendência expressiva da manutenção destes eslavismos. Percebe-se principalmente na geração mais jovem desta comunidade que estes indivíduos estão envolvidos cada vez mais no processo de lusitanização, o qual está substituindo tanto germanismos como eslavismos.

Outro linguista que realizou estudos sobre comunidades menonitas na América do Sul é Göz Kaufmann (2003), que comparou a o contato linguístico em duas colônias menonitas: uma no Brasil – a Colônia Nova (RS) – e outra no Paraguai – a Colônia Fernheim.

Devido ao fato de os fundadores terem o mesmo perfil social, cultural e linguístico, muitas das diferenças detectáveis originam-se, segundo Kaufmann, obrigatoriamente das

experiências diferentes que tiveram durante os últimos setenta anos. Podemos verificar consequências linguísticas de dois diferentes contextos sociais, culturais e políticos. Primeiramente, Kaufmann (2003, p. 43) faz uma comparação da identidade dos menonitas do Paraguai com os do Brasil. Dos 47 informantes da Colônia Nova, 23 declaram-se brasileiros; 13 alemães; e 8, alemães-brasileiros. É interessante notar que um único informante se identificou como menonita, e dois, como menonitas-brasileiros.

Já em Colônia Fernheim, no Paraguai, 15 dos 38 informantes identificaram-se como menonitas; 10 como paraguaios; e 5, como alemães. Os outros informantes deram respostas como paraguaio-alemães (5), menonita-paraguaios (2) e cristãos (1). Embora essa pergunta sobre a identidade possa apresentar problemas metodológicos – pois não sabemos se o informante reagiu de acordo com o que está previsto na sua carteira de identidade e/ou no passaporte, ou se reagiu de acordo com a sua identidade étnica ou religiosa. De acordo com Kaufmann (2003, p. 44), os informantes da Colônia Nova identificam-se, em primeiro lugar, como brasileiros, depois como alemães e somente em certas condições como menonita. Em contrapartida, no Paraguai, os menonitas sentem-se antes de tudo, como menonitas e paraguaios e bem menos como alemães.

Esse resultado reflete bastante os acontecimentos históricos da época. Segundo Kaufmann (2003, p. 51), a identificação dos menonitas da Colônia Nova como alemães demonstra que, após a diminuição da pressão de integração por parte do governo brasileiro nos anos setenta, a geração mais velha pôde novamente declarar sua identidade mista, que permaneceu quieta, mas não esquecida.

Kaufmann (2003, p. 54-58) também analisou nessas duas colônias a atitude dos informantes em relação à frequência do aparecimento das línguas sob três aspectos: a língua preferida, a língua mais importante e a língua que se gostaria de dominar melhor. Em Colônia Nova (RS), o Plautdietsch é a língua preferida; o Hochdeutsch, a mais importante; e o inglês é a língua que se gostaria de dominar melhor. Percebe-se que, nesta comunidade, o Hochdeutsch e o português são considerados línguas de prestígio; o Plautdietsch, porém, é visto por eles como uma língua inferior ao alemão, mas afetivamente existe uma ligação forte para com essa língua (*Sprachloyalität*). O autor caracteriza este tipo de situação como uma situação trilingue estável, com papéis bem definidos: o Plautdietsch cobre a comunicação intra-étnica informal; o

Hochdeutsch, a comunicação intra-étnica formal (escola, igreja, ler e escrever); e o português, a comunicação inter-étnica.

Por outro lado, em Colônia Fernheim (cf. Kaufmann 2003, p. 56-57), o Plautdietsch é a língua preferida; o espanhol, a mais importante; e tanto o inglês como o espanhol são línguas que os informantes gostariam de dominar melhor. Em relação ao Hochdeutsch, parece não haver necessidade de melhoria em termos de conhecimentos linguísticos.

Outro aspecto interessante que Kaufmann analisou em ambas as comunidades foi sobre a competência dos informantes nas línguas (2003, p. 58-63). Em Colônia Nova (RS), a maioria dos 47 informantes afirma ter melhor competência no Plautdietsch; em segundo lugar, no português; e, em terceiro lugar, no Hochdeutsch. Em Colônia Fernheim (Paraguai), a maioria dos 38 informantes também afirma ter maior competência no Plautdietsch; depois, no Hochdeutsch; e, por último, a competência no espanhol.

Quanto às diferenças linguísticas, Kaufmann (2003, p. 64-66) analisou a formação etimológica do vocabulário no Plautdietsch. Ele utilizou 28 diferentes cartões com figuras, para que os informantes identificassem e falassem as figuras em Plautdietsch. Dentro deste modelo, dos 47 informantes da Colônia Nova: 52% usaram as palavras em Plautdietsch; 24%, em Hochdeutsch; e, 23% , em português. Em Colônia Fernheim, dos 38 informantes: 57% usaram o Plautdietsch; 35%, o Hochdeutsch; e apenas 6%, o espanhol. Este resultado mostra uma atitude positiva dos informantes da Colônia Nova em relação à língua portuguesa e à sociedade brasileira, como também um contato mais intensivo com brasileiros.

Kaufmann (2003, p. 71-72) conclui que, apesar de ambas as comunidades apresentarem um perfil social e cultural semelhante, linguisticamente estão caminhando para rumos opostos: se a atual tendência linguística nas comunidades menonitas brasileiras prosseguir nesse ritmo, provavelmente daqui a duas gerações, a comunicação entre um menonita-brasileiro e um menonita-paraguaio deve igualar-se a de um hispano-paraguaio e um luso-brasileiro. Ainda segundo Kaufmann, o menonita brasileiro provavelmente terá perdido as variedades alemãs, permanecendo, no máximo, o conhecimento do Hochdeutsch como língua estrangeira.

Em 2005, surge o primeiro estudo linguístico da comunidade menonita da Colônia Witmarsum, no Paraná. Neste trabalho, Dück (2005), descreve os diferentes graus de frequência do uso do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português em diversos âmbitos da comunidade

menonita de Witmarsum. Entre os diversos âmbitos, os que chamaram mais atenção foram o âmbito religioso e familiar, os quais gostaríamos de descrever brevemente.

No âmbito religioso da comunidade menonita de Witmarsum, verificou-se que os menonitas empregam preferencialmente duas línguas: o Hochdeutsch e o português (Dück 2005, p. 63). O Plautdietsch não faz parte do formalismo religioso, ou melhor, não é usado nas igrejas para a leitura bíblica, pregação ou para a oração. No entanto, num contexto mais informal, quando se fala a respeito da vida religiosa, a escolha é pelo Plautdietsch (por exemplo, comentários após o culto sobre a pregação). O predomínio do emprego do Hochdeutsch na esfera religiosa não é mais absoluto, como em décadas anteriores. Percebe-se que, nesse âmbito, a variação no emprego das línguas é influenciada pela formalidade do contexto e pela passividade do falante: quanto maior a formalidade do contexto, maior a preferência pelo uso do Hochdeutsch; e quanto maior a participação verbal, maior o uso do português e do Plautdietsch. No âmbito religioso, verificou-se também que as igrejas menonitas alemãs desempenham um papel fundamental na continuidade e preservação do Hochdeutsch na comunidade menonita de Witmarsum, pois em muitas famílias um dos principais motivos de ensinar-se o Hochdeutsch aos filhos é em função da igreja.

No âmbito familiar, por outro lado, mantém-se a língua do berço, Plautdietsch ou Hochdeutsch, principalmente na comunicação com pais e avós. Entre os irmãos, o português supera o uso do Plautdietsch ou do Hochdeutsch, principalmente na segunda faixa etária, seguida pela primeira. Na terceira faixa etária, o uso do Plautdietsch e/ou Hochdeutsch entre os irmãos é maior que o do português. Ao falar com os filhos, os pais têm maior preferência pelo uso do Hochdeutsch, pois é uma língua de prestígio e que representa principalmente para os jovens-adultos uma possibilidade a mais de ascensão profissional, pois muitos deles não permanecem na Colônia e procuram uma atividade profissional nas cidades, onde o Hochdeutsch poderá representar um “diferencial válido” no currículo. O Plautdietsch, por não ser uma língua de prestígio e ser considerado inclusive por professores e líderes menonitas desta comunidade uma língua que prejudica a aprendizagem correta do alemão *standard*, raramente é ensinado aos filhos. Os cônjuges, em sua grande maioria, falam entre si ou o Plautdietsch ou o Hochdeutsch, dependendo da sua língua materna.

Com base nesses dados, fica evidente um aumento no uso do português na comunidade menonita de Witmarsum, em detrimento inclusive do Hochdeutsch, enquanto o Plautdietsch, a “língua étnica” dos menonitas, aparece como sendo ensinada pelos pais somente em casos isolados, tendo em vista ser considerada uma língua sem prestígio e que não traz benefícios profissionais. Portanto, os dados evidenciaram que seu uso tornou-se cada vez mais raro na geração mais jovem.

Um balanço, enfim, do estado da pesquisa do contato linguístico de falantes de comunidades menonitas com o português no Brasil mostra que a pesquisa se encontra recém em seus inícios, restrita a alguns poucos estudos pontuais. Oxalá o presente estudo contribua não apenas para preencher uma lacuna, mas para lançar uma base que estimule a novas pesquisas, inclusive comparando o comportamento linguístico de falantes de comunidades menonitas com o de outras variedades do alemão como língua de imigração, na linha do que sugere o macroprojeto ALMA, de C.V. Altenhofen e H. Thun.⁸⁶

⁸⁶ Consultar, p.ex., <http://www.ufrgs.br/projalma>. Idem Altenhofen (2002).

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 LÍNGUA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Toda língua viva abarca uma série de formas e manifestações diferentes, ou seja, todas as línguas incluem variedades. A ficção de uma língua uniforme e sistemática ou então de uma língua “imobilizada” deve ser abandonada o mais rápido, quanto mais preciso e diferenciado tomamos conhecimento dos fenômenos linguísticos e dispomo-nos a pesquisá-los.

Nas últimas duas décadas, os estudos linguísticos (principalmente as áreas da sociolinguística e da pragmática) nos demonstraram que para fazer uma análise e descrição adequada de uma língua é imprescindível levar em conta as suas variedades, suas funções, suas formas de uso e, acima de tudo, as suas constantes mudanças. Além disso, a categorização de diferentes variedades linguísticas pode levar a típicos construtos ideais, cujos limites foram traçados propositalmente, uma vez que existe uma infinidade de possibilidades de diferenças linguísticas.

Uma noção que se mostra mais adequada para abarcar o espectro variacional de cada língua é a noção de *contínuo linguístico*, como veremos ao longo deste capítulo. Esta noção é importante sobretudo se considerarmos que nenhum falante usa o tempo todo uma única variedade de forma pura e invariável e que, ao contrário, costuma oscilar entre variantes e variedades da língua, conforme uma série de fatores.⁸⁷

2.1.1 Língua, dialeto e variedade linguística

O uso da língua no dia-a-dia nos mostra uma abundância de designações dadas pelas variedades linguísticas, as quais podem ser somente em parte relacionadas com o dialeto (*Mundart*), com a linguagem coloquial (*Umgangssprache*) ou com a língua-padrão (*standard*).⁸⁸

⁸⁷ Mais detalhes sobre o *contínuo linguístico* na subseção 2.1.3: *Standard e substandard* no contínuo linguístico.

⁸⁸ Weisgerber, B. (1996, p. 258).

Segundo Weisgerber (1996, p. 259), o *dialeto* é diferenciado principalmente pela sua abrangência regional: o dialeto da comunidade rural, da cidade ou da região. Contrariamente, o conceito de ‘linguagem coloquial’ serve para designar a linguagem do dia-a-dia em duas dimensões diferentes: horizontalmente, como uma língua coloquial regional e, verticalmente, como uma linguagem do dia-a-dia, localizada entre os extremos do dialeto e da língua-padrão. No que se refere à língua-padrão, existe um leque de conceitos, os quais em parte já carregam valorações, ou melhor, marcam determinadas posições, como *língua-padrão*, *língua oficial*, *língua escrita* ou *da literatura e língua culta*.

Historicamente, os dialetos formam o fundamento para a formação de todas as outras variedades linguísticas. Por *dialeto* entende-se, em primeira instância, uma língua falada, ou seja, oral, com características específicas da região (Weisgerber, 1996, p. 259). Segundo Riehl (2009, p. 134), dialeto pode ser definido como “uma determinada variedade regional de uma língua, a qual tem como teto uma variedade sociologicamente considerada de nível mais elevado”. Algumas vezes, se agrega a questão da intercompreensão, como no caso de Mattheier (1983, p.138), quando define *dialeto* como “uma variedade que pode trazer dificuldades de compreensão para todo aquele que não é nascido na mesma localidade”, ou então, como uma “variedade linguística com inúmeras características extensíveis”.

Contudo, as dificuldades para uma definição justificável, levaram Löffler (1974) a fazer a seguinte constatação pragmática: “Dialeto é o que as pessoas falantes de dialeto compreendem que seja”⁸⁹. A tentativa de definir *dialeto* conduziu o autor para o seguinte “miniconceito universal”, em que elenca uma série de traços que caracterizam um dialeto:

“Dialekt setzt eine irgendwie geartete Zweisprachigkeit voraus, die historisch, politisch oder linguistisch eine gemeinsame Basis hat. Alle weiteren Merkmale wie: räumliche Erstreckung, geringe Reichweite, soziale Zuordnung, sprachliche Ausstattung, pragmatischer Status, informatorische und kommunikative Leistungsfähigkeit oder Bewertungen müssen einzelsprachlich innerhalb einer bestimmten Sprachgemeinschaft oder Nationalsprache und bezogen auf ein bestimmtes gesellschaftliches System kleinräumlich ermittelt und festgelegt werden. Nicht einmal ein anscheinend universelles Merkmal, dass Dialekt in der Zweierskala die niedrigere Stufe darstelle, ist übereinzelsprachlich gültig” (LÖFFLER, 1982, p.458).

⁸⁹ Löffler, H. (1974 *apud* WEISGERBER, 1996, p. 259-260): “Dialekt ist das, was die Dialektsprecher dafür halten”.

Nesta definição, Löffler enfatiza principalmente o equívoco linguístico que existe sobre o aparente conceito universal de que o dialeto toma a posição inferior ao considerarmos uma escala de dois intervalos. Trata-se, aqui, de atributos como “uma língua pertencente à classe social de nível inferior”, que não raramente são mencionados ao se referir a um dialeto. No entanto, linguisticamente, não há diferença sistêmica entre *língua* e *dialeto*. Dialeto é dialeto em relação a uma língua maior, ou seja, um *substandard* de um *standard*. Todavia, a variedade *substandard* comporta-se, sistematicamente, de forma idêntica ao da variedade *standard*, pois, como mencionamos acima, não há diferença de *status* sistêmico entre ambas as variedades. O que é diferente é seu *status* social, político e histórico. O dialeto nada mais é do que uma língua com sistema gramatical e léxico, como afirma Coseriu (1982, p. 10-11),

“entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza o ‘sustancial’. Intrínsecamente, un dialecto es simplemente una lengua: um sistema fônico, gramatical y léxico. (...) Así, pues, en sentido ‘objetivo’ [...], el término dialecto [...] no significa otra cosa que el término lengua” (COSERIU, 1982, p.10-11).

Contudo, nos estudos dialetológicos o termo *língua* é empregado para referir-se à língua histórica, constituída por um conjunto de diferentes modos de falar, designados “dialeto”. Essa afirmação é justificada por Coseriu (1982, p. 11): “si todo ‘dialecto’ es una lengua, no toda ‘lengua es un dialecto.”

Apesar das dificuldades terminológicas, a ciência da dialetologia produziu resultados de toda ordem, pautados em aspectos históricos, geográficos e sociolinguísticos. Na visão de Mattheier (1980, p. 199 *apud* WEISGERBER, 1996, p. 260), os dialetos atualmente “são variedades não necessariamente ligadas a um espaço territorial”. Para ele, os dialetos são formas linguísticas existentes, as quais envolvem aspectos sociais e situacionais.⁹⁰

Weisgerber (1996, p. 260) chama adicionalmente atenção para os seguintes pontos de vista:

- a) dialetos devem necessariamente ser vistos a partir das suas relações e realizações linguísticas num todo;
- b) a pesquisa histórica deve incluir o desenvolvimento atual dos dialetos, como também a amplitude e a função dos mesmos;

⁹⁰“Dialekte sind heute keine ausschließlich raumgebundenen Varietäten mehr, wenn sie es überhaupt jemals waren. Dialekte sind sprachliche Existenzformen, die eingebunden sind in vielfältige und verschiedenartige gesellschaftliche und situative Bezüge, die nicht ihren Randbereich bilden, sondern das Phänomen der Dialektalität heute zentral prägen” (MATTHEIER, 1980, p. 199 *apud* WEISGERBER, 1996, p. 260).

- c) a pesquisa empírica deve, sobretudo, além do ponto de vista geográfico, considerar as condições sociais e situativas do uso dos dialetos.

A partir dessas considerações de Weisgerber, o presente estudo pretende analisar o uso da variedade dialetal Plautdietsch como uma variedade *substandard* em relação a seu contraponto, a língua-padrão. Contudo, em função do contexto em que é falado, que inclui uma posição de marginalidade em relação a uma língua oficial majoritária, usada pelas instituições que regulam o funcionamento da máquina social no contexto em que se insere, é preciso analisar o Plautdietsch sob outros parâmetros, como se verá a seguir.

2.1.2 Língua materna, língua de imigração e língua minoritária

Segundo Romaine (1995, p. 19), o termo *língua materna* muitas vezes tem sido usado por linguistas no sentido técnico, referindo-se à primeira língua aprendida ou à língua primária de um indivíduo. No entanto, trata-se antes de uma conotação popular. Muitos pesquisadores preferem termos como a *primeira* ou *segunda língua* ou a *língua da comunidade* (*language community*). Grupos étnicos, por exemplo, em muitos casos, têm-se definido como pertencentes a uma minoria linguística com base na língua materna. Outras definições de *língua materna* têm como referência a competência; ou seja, a língua materna é aquela língua que “melhor sabemos”. Em alguns casos, no entanto, determinados indivíduos possuem competência em duas línguas, de tal modo a admitirem a possibilidade de possuírem duas línguas maternas.

Enfim, podemos constatar que o conceito ‘língua materna’ carrega uma polissemia de sentidos. Historicamente, ela tem assumido uma ligação forte como ‘língua nacional’ e, na visão da linguística tradicional, como “a primeira língua aprendida no lar”. Altenhofen (2002) define o conceito de língua materna como segue:

“[...] como um conceito dinâmico que varia conforme um conjunto de traços relevantes que engloba, em uma situação normal, válida para um determinado momento da vida do falante, a) a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, e) apresentando-se porém geralmente como a língua dominante, f) fortemente identificada com a língua da mãe e do pai, por isso, d) provida de um valor afetivo próprio” (ALTENHOFEN, 2002, p. 159).

Do mesmo modo, Skutnabb-Kangas (1988, p. 16), reúne *para* o conceito de ‘língua materna’ critérios que em grande parte se identificam com os de Altenhofen: a) ordem de aprendizagem; b) usos e funções; c) grau de proficiência; d) identidade; e) afetividade.

Considerando minha situação particular, como descendente de imigrantes menonitas russo-alemães, tive desde o meu nascimento contato com o Plautdietsch (uma variedade do baixo-alemão) e que é a língua que ainda falo com meus pais e irmãos e com diversos parentes que também vivem em comunidades menonitas. Através da igreja, tive o primeiro contato com o Hochdeutsch (alemão *standard*), pois, na época, todo ensinamento religioso na comunidade era realizado nesta língua, tanto os cânticos como a leitura bíblica, a pregação e a oração.

Ingressei na escola sabendo falar bem o Plautdietsch e um pouco de Hochdeutsch. Recordo que nem sempre conseguia falar tão bem o Hochdeutsch quanto aqueles colegas que eram monolíngues em Hochdeutsch. Como a língua usada no jardim de infância era predominantemente o Hochdeutsch, o meu vocabulário ampliou-se rapidamente, e eu me senti mais segura para falar este idioma. O primeiro contato com a língua portuguesa foi na pré-escola (aos cinco anos), onde fui alfabetizada simultaneamente em português e em Hochdeutsch. A partir daí, as três línguas sempre me acompanharam: o Plautdietsch para uso no contato com os familiares; o Hochdeutsch, na Igreja e na atuação profissional como professora de alemão; o português, nos estudos, amizades e demais contatos. Através da convivência com estas três línguas tive o privilégio de me tornar plurilíngue.

Cabe acrescentar que minha língua materna também se constitui em língua de imigração dos meus antepassados, visto que foi trazida pelos primeiros imigrantes de outro país. Segundo Oliveira (2003, p. 7), existem, no Brasil, por volta de 210 idiomas; sendo que, destes, 180 são línguas *autóctones* (faladas pelas nações indígenas) e 30 são línguas *alóctones* (faladas nas comunidades de descendentes de imigrantes). Dentre essas línguas *alóctones*, temos, no Brasil: o alemão,⁹¹ o italiano, o japonês, o árabe, o polonês, entre outras. Como língua de imigração, entendemos: aquela utilizada por um grupo de indivíduos que imigra para outras terras e possui uma língua que é diferente daquela do país anfitrião mesmo depois de várias gerações.

⁹¹ Sob esta designação, como das demais, subsomem diferentes variedades que podem, a seu termo, constituírem línguas de imigração particulares.

Altenhofen e Margotti (2011, p. 2), em uma perspectiva político-linguística, definem *línguas de imigração* como “línguas⁹² 1) originárias de fora do país (alóctones) que, no novo meio; 2) compartilham o *status* de língua minoritária”. A língua de imigração, em muitos casos, constitui-se em uma língua minoritária, levando em consideração que o grupo de falantes é relativamente pequeno e que tem pouco poder (político e econômico) em relação ao grupo majoritário com o qual está em contato. Kaufmann (2006) define língua minoritária

“[...] *as a language (which might or might not exist in other parts of the world) of an ethnic group (indigenous or immigrant) whose speakers are in direct and frequent contact with a (normally) different ethnic group which is more numerous and more powerful and whose members speak a different language*” (KAUFMANN, 2006, p. 2433).⁹³

Ainda segundo Kaufmann (2006, p. 2433), uma comunidade minoritária pode ser definida a partir de duas vias: considerando o número de membros ou o poder que ela detém. A maioria das comunidades minoritárias, no entanto, não possui ambos: nem poder, nem habitantes suficientes, e correm grande risco de perder a sua língua. Numa visão sociolinguística, costuma-se afirmar que, em condições iguais, línguas de imigração desaparecem mais rapidamente que línguas indígenas, talvez pela atitude diferente por parte dos imigrantes. Estes não podem afirmar que sua língua é a língua original da região e, na maioria dos casos, têm a escolha de entrar em contato com um outro grupo e com outra língua voluntariamente. Por outro lado, imigrantes podem achar um suporte positivo da sua língua no país de origem.

Por muito tempo, as línguas de imigração faladas nas diferentes regiões do sul do Brasil eram conhecidas como variedades dialetais, submissas à língua oficial, e de pouca importância política, faladas por grupos minoritários; conseqüentemente também chamadas de línguas minoritárias. Esses juízos de valor depreciativos sobre as línguas minoritárias não fazem apenas parte da população em geral, mas também são encontrados entre os descendentes de imigrantes menonitas, falantes do Plautdietsch e do Hochdeutsch.

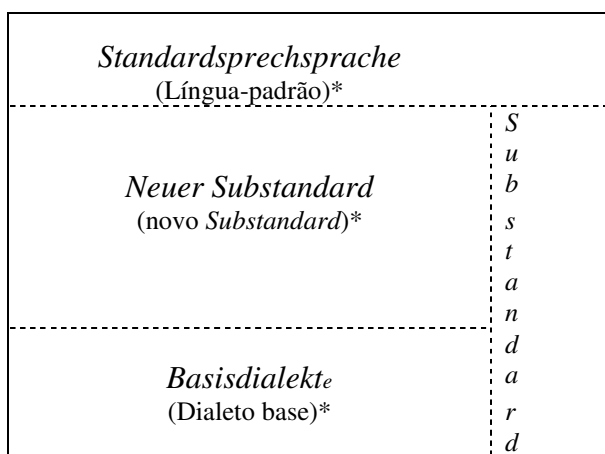
⁹² Em termos político-linguísticos, Altenhofen e Margotti falam de *línguas* e não de *dialetos*, a exemplo do que observam Skuttnab-Kangas & Phillipson (1996, p. 667-675).

⁹³ Tradução: “[...] como uma língua (que pode ou não existir em outras partes do mundo) de um grupo étnico (indígena ou imigrante) cujos falantes estão em contato direto e frequente com um (normalmente) diferente grupo étnico que é mais numeroso e com mais poder, cujos membros falam uma linguagem diferente” (KAUFMANN, 2006, p. 2433).

2.1.3 *Standard* e *substandard* no contínuo linguístico

Para melhor caracterizarmos as variedades linguísticas usadas pelos menonitas no Brasil em *standard* e *substandard*, é imprescindível levar em conta, como acentua Lameli (2005, p. 495), que os estudos linguísticos internacionais dos últimos anos não mais restringem seu interesse apenas às variedades dialetais básicas (*Dialektiefe*), mas sim ampliou-se, para abarcar todo o eixo entre o *standard* e o dialeto”, (*Standard-Dialekt-Achse*). Neste eixo entre o *standard* e o dialeto, o interesse linguístico focaliza-se tanto na estrutura, como também nos aspectos extralinguísticos respectivamente das variedades *standard* e *substandard*.

A variedade *substandard* é compreendida por Lenz (2005, p. 229) como uma área na qual estão inseridas todas as variedades linguísticas que estão abaixo da variedade nomeada como *standard*, ou melhor, como língua-padrão. Diante dessa nova perspectiva, o “leque” das variedades *substandard* aumenta consideravelmente, pois inclui toda a área linguística que está acima dos dialetos básicos e que estão abaixo da variedade *standard* ou padrão. Tendo em vista essa nova estrutura da variedade *substandard*, Bellman (1983) propõe um modelo linguístico, na qual a variedade *substandard* faz parte de um “contínuo linguístico”. Este *continuum* sobre a estrutura da variedade *substandard* é representado por Bellmann (1983) da seguinte forma:



* Tradução da pesquisadora desta tese

Quadro 1 - Estrutura do *substandard* de Bellmann (1983 *apud* LENZ, 2005, p. 231)

Levando em consideração o contexto linguístico dos menonitas, é inevitável falar somente da variedade *standard* ou da variedade *substandard*, uma vez que há uma coexistência

entre ambas as variedades. No presente estudo, a variedade *standard* ou a língua-padrão é equivalente ao “Hochdeutsch”; no entanto, trata-se de uma variedade *standard* local, ou seja, é equivalente ao alemão-padrão local, usado em situações formais na igreja, na escola, assim como também para a escrita. Para a leitura, a comunidade menonita baseia-se nas normas do alemão-padrão usado na Alemanha, conhecido também como *neuhochdeutsche Standardsprache* (nhd.). Na comunicação do dia-a-dia, muitas famílias menonitas ainda fazem uso da variedade *substandard* Plautdietsch, ou seja, usam o dialeto-base. Outras já adotaram a variedade Hochdeutsch, mesmo para falar com os seus familiares mais próximos. Todavia, ao levarmos em conta o modelo sobre o contínuo linguístico de Bellmann, esse Hochdeutsch falado pelos menonitas em situações informais, como nas famílias, deve antes ser considerado pertencente ao campo do *novo substandard* da língua alemã, ou seja, localizado na parte superior da área dialetal. Diante desse quadro linguístico complexo, verificamos que há uma coexistência do uso da variedade *standard* e *substandard* da língua alemã nas comunidades menonitas brasileiras. Conseqüentemente, propomos para o presente estudo abarcar ambas as variedades pertencentes ao contínuo linguístico: o *standard* e o *substandard*.

Adaptando o modelo do *substandard* para a realidade menonita brasileira, temos a seguinte representação gráfica:

Língua standard / padrão <i>neuhochdeutsche Standardsprache (nhd.)</i>	
a) não encontrado na comunidade de fala menonita;	
b) usado na leitura;	
Novo substandard	
<i>Hochdeutsch menonita</i>	
a) usado em situações formais: na igreja e na escola;	S
b) usado na escrita;	u
<i>Hochdeutsch menonita</i>	
a) usado em situações informais: com familiares e amigos	b
	s
	t
	a
	n
Dialeto-base	
<i>Plautdietsch</i>	
a) usado apenas em situações informais;	d
b) pouco usado na leitura e na escrita;	a
	r
	d

Quadro 2 - Estrutura do *substandard* dos menonitas no Brasil

2.2 PLURILINGUISTICO E VARIEDADES EM CONTATO

Os contextos com os quais nos ocupamos neste estudo são caracterizados essencialmente pela presença de contatos de línguas. E, onde há contatos linguísticos, pode-se dizer há em maior ou menor grau plurilinguismo, a habilidade de uso de mais de uma língua. Tal é o caso dos menonitas, frequentemente associados ao uso de diferentes línguas e variedades (Plautdietsch, Hochdeutsch, inglês, português, etc.). O fato de uma pessoa de determinada comunidade linguística usar duas ou mais línguas (ou variedades) simultaneamente acaba causando mudanças nos diversos sistemas linguísticos participantes. Riehl (2009, p. 11) define, por isso, línguas em contato como a “influência recíproca de duas ou mais línguas”⁹⁴. Essa influência pode ser causada através da primeira língua, no momento da aprendizagem de uma segunda língua (mais comum em aprendizes de uma língua estrangeira), como também por meio da aprendizagem de uma segunda língua na primeira (mais comum em comunidades multilíngues). Todavia, qualquer tipo de contato linguístico acaba sendo perceptível tanto em manifestações linguísticas individuais, como também no uso da língua em comunidades plurilíngues. Diante disso, resultam duas possibilidades de reflexão sobre a questão: a definição de línguas em contato a partir do indivíduo (visão psicolinguística) e a partir da comunidade (visão sociolinguística).

Inicialmente a questão foi tratada por Weinreich, em 1953, o qual se refere ao contato linguístico como o uso alternado de duas línguas pelo mesmo indivíduo: „[...] two or more languages will be said to be IN CONTACT if they are used alternately by the same persons. The language-using individuals are thus the locus of the contact” (Weinreich 1964, p. 1). Essa definição, de ordem psicolinguística, parte do indivíduo multilíngue como o local do contato linguístico e, ao mesmo tempo, pressupõe que o multilinguismo antecede o contato linguístico.

Na perspectiva de uma definição sociolinguística, acontece exatamente o contrário: um contato linguístico existente entre grupos de línguas diferentes durante um período maior pode levar ao bi- ou multilinguismo, pressupondo que um grupo ou pelos menos alguns integrantes de um grupo aprendam a língua do outro grupo. A diferença entre essas duas perspectivas, na verdade, não consta na distinção entre indivíduo e grupo, ou melhor, entre diferentes lugares do contato linguístico, mas na aceitação de diferentes reações em diferentes direções entre os fatores

⁹⁴ Riehl, C. M. (2009, p. 11).

do contato linguístico e do multilinguismo. Para uma melhor visualização dessas duas perspectivas, Steffen (2006, p. 42) sugere a seguinte representação:

- 1) indivíduo + multilinguismo → contato linguístico
- 2) indivíduo + contato linguístico → multilinguismo

Segundo o autor, essa mistura de definições é também, de fato, uma expressão de que ambos os mecanismos não podem ser vistos independentes um do outro. Tendo em vista situações de migração, o contato entre indivíduos de diferentes línguas no sentido de 2) nos leva ao contato linguístico de um indivíduo multilíngue no sentido de 1). Como ambos os aspectos são fundamentais para o presente estudo, as duas circunstâncias de análise também deverão ser levadas em consideração.

Segundo Riehl (2009, p.12), é preciso observar que o enfoque nos contatos linguísticos não deve se restringir apenas a línguas, mas também a variedades diferentes de uma língua, como por exemplo, a variedade dialetal e a respectiva língua-padrão. Neste caso, fala-se antes de *variedades em contato*, ou seja, “contato linguístico sempre existe onde duas línguas ou variedades de uma língua se embatem, podendo esta situação acontecer na mente de um falante plurilíngue ou então em comunidades plurilíngues” (RIEHL, 2009, p. 12).⁹⁵ Conforme Altenhofen (2008, p. 130), “o que, enfim, entra em contato são antes de tudo modos de falar individuais (idioletos) identificados com variedades linguísticas.”

O presente estudo propõe-se a identificar a dinâmica que existe entre estes contatos linguísticos, para que eventuais marcas e comportamentos que esses contatos deixaram possam ser reconhecidos nas línguas e variedades em uso.

2.2.1 Diglossia

Outro conceito de grande relevância para nosso estudo é a noção de *diglossia*. O termo francês *diglossie* foi utilizado pela primeira vez por Ferguson em 1959 e corresponde a uma

⁹⁵ „Sprachkontakt ist immer da, wo verschiedene Sprachen oder Varietäten einer Sprache aufeinander treffen, entweder im Kopf eines mehrsprachigen Sprechers oder in mehrsprachigen Gruppen” (RIEHL, 2006, p. 12).

comunidade onde as pessoas utilizam duas ou mais variedades históricas de uma mesma língua em diferentes condições, cada uma desempenhando um papel definido. Para exemplificar esse conceito, Ferguson cita quatro comunidades em situação diglósica: países árabes (árabe clássico e o coloquial), Suíça (alemão *standard* e alemão-suíço), Haiti (francês e crioulo) e a Grécia (catarevusa e demótico). Em todas essas comunidades, há uma coexistência de uma variedade alta da língua com uma variedade baixa. No entanto, o uso de cada variedade depende do contexto em que o falante está inserido. A variedade superposta é chamada por ele de variedade H (do inglês *high*); enquanto que os dialetos regionais, de variedades L (inglês *low*). A variedade alta usualmente atrai um prestígio social mais amplo (mas com funções sociais restritas), enquanto que a variedade baixa é usada em ambientes familiares e em conversas informais. Conforme Ferguson, existem nove critérios que caracterizam o fenômeno diglósico: função, prestígio, herança literária, aquisição, padronização, estabilidade, gramática, dicionário e a fonologia. Sendo que a função é o principal critério para a definição do conceito, ou seja, é ela que define se uma variedade é H ou L. Este modelo de diglossia de Ferguson, é muitas vezes, referido como a *classic diglossia* (MEYERS-SCOTTON, 2006 *apud* CHIN & WIGGLESWORTH, 2007, p. 113). Segundo Ferguson, uma definição de diglossia mais completa seria:

“DIGLOSSIA is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any sector of the community for ordinary conversation” (FERGUSON, 1971, p. 16).⁹⁶

Nessa definição, no entanto, Ferguson limitou a diglossia aos casos nos quais a variedade alta (H) e a variedade baixa (L) são pertencentes a línguas com parentesco próximo e na qual a situação de diglossia permanece relativamente estável durante longo tempo: “Diglossia typically persists at least several centuries [...]”⁹⁷

⁹⁶ Tradução: “Diglossia é uma situação linguística relativamente estável na qual, além dos dialetos principais da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada (na maioria das vezes gramaticalmente mais complexa), veículo de um grande e respeitável corpo de literatura escrita, quer de um período anterior, quer de outra comunidade linguística, que é aprendida principalmente através da educação formal e usada na maior parte da escrita e fala formais, mas que não é usada por nenhum setor da comunidade na conversação usual” (FONSECA & NEVES, 1974, p.111). Sublinhado no original.

⁹⁷ Tradução: “A diglossia persiste tipicamente pelo menos há alguns séculos [...]” (FONSECA & NEVES, 1974, p. 107).

Para a descrição de situações de língua em contato, por outro lado, faz-se necessário um conceito de diglossia mais abrangente. Fishman (1967) ampliou o conceito de diglossia para línguas sem parentesco próximo, ou melhor, para pares que não são relacionados com comunidades bilíngues. Na situação diglósica típica de Fishman, as duas línguas na comunidade possuem *status* e prestígio distintos e têm diferentes funções.

Seguindo as posições de Fishman, Kloss (1976, p. 316) introduz os conceitos de *Binnendiglossie* (diglossia interna) e *Außendiglossie* (diglossia externa), sendo a primeira mais próxima ao conceito clássico de Ferguson (duas variedades funcionalmente distintas de uma mesma língua); e a segunda, mais na linha de Fishman, admitindo a distinção funcional de duas línguas. Mackey (1986) reformula esses conceitos, rotulando-os de ‘*In-diglossia*’ e ‘*Out-diglossia*’, respectivamente. Em ambos os casos, trata-se de uma aproximação aos conceitos de Ferguson e de Fishman, sem transformações maiores em termos teóricos.

Para Kloss (1976), a definição de diglossia deveria, de acordo com a intenção original de Ferguson, e depois por Fishman, não só expressar uma divisão de função entre duas línguas ou formas linguísticas, mas, ao mesmo tempo, expressar um alto grau de íntima interdependência simbiótica de ambas as línguas quanto ao uso que faz uma determinada classe social ou um grupo étnico.

Embora ambas – a diglossia clássica e a variação diglósica de Fishman – sejam usadas em duas esferas separadas de influência, a diferença entre elas é fundamental. Meyers-Scotton (2006 *apud* CHIN & WIGGLESWORTH, 2007, p. 114-115) diz a respeito:

“Under classic diglossia, at least everyone in the community speaks the same L variety as a home language. That is, the L variety is everyone’s L1. The High variety is always a variety that is learned through special study; it is not simply acquired as part of a natural process in the home. Some sufficient schooling is the gateway to potential power. Under extended diglossia, everyone in the community speaks his or her L1, of course, and it is acquired in the home. But here’s the catch: For some people the L1 is also the h variety, but for others, their L1 is only an l variety. Thus, by the accident of family, some people have more access to participating in status-raising interactions” (MEYERS-SCOTTON, 2006, p.87 *apud* CHIN & WIGGLESWORTH, 2007, p.114-115).⁹⁸

⁹⁸ Tradução: Na visão diglósica clássica, todos na comunidade falam a mesma variedade L(ow) como a língua de casa. Isto é, a variedade L(ow)de todos é L1. A variedade elevada é sempre uma variedade que é aprendida através de um estudo especial; não é adquirida simplesmente como parte de um processo natural. Uma educação suficiente é a passagem ao poder potencial. Na visão da diglossia mais ampla, todos na comunidade falam a L1 naturalmente, a qual é adquirida em casa. Porém, aqui está a questão: para algumas pessoas, a L1 é igualmente a variedade H; mas para outras, sua L1 é somente a variedade L. Assim, dependendo da família, algumas pessoas têm mais acesso à participação em interações que elevam o status.

Meyers-Scotton ainda acrescenta que a diglossia estável na situação prolongada é difícil de ser preservada, porque envolve manter L1⁹⁹ como uma variedade baixa ao lado da L2, a qual é a variedade de prestígio (*high variety*). Há alguma evidência que, em tais situações diglósicas, a variedade baixa é mais suscetível à substituição como o *status* baixo; e o prestígio da variedade baixa influencia finalmente as atitudes dos falantes para o uso da língua de uma maneira negativa. Clyne (2006 *apud* CHIN & WIGGLESWORTH, 2007, p. 115) identifica a diglossia no país de origem dos emigrantes como um fator que contribui para o deslocamento da língua nas comunidades imigrantes.

A divisão de variedades em H ou L, na qual está implícita a diferença de atitude dos falantes em relação à língua de prestígio e à língua com menos *status* (muitas vezes, caracterizada como dialeto ou língua minoritária), no entanto, nem sempre é adequada para a descrição da divisão de funções entre as línguas. Por esse motivo, Auburger (1979) desaprova a questão de colocar de antemão as variedades H e L como partes integrantes de uma situação diglósica:

„Dieses [...] definitorische Bestimmungstück, einer high- vs low-Bewertung ist angesichts der empirischen Vielfalt in der Bewertung und Hierarchisierung der in einem Polyglossiekomplex enthaltenen Sprachen besser unabhängig vom Moment der produktionslinguistischen Spezialisierung zu behandeln und als solches nicht bereits definitorisch mit dem Begriff einer Polyglossie zu setzen“ (AUBURGER, 1979, p. 143).

Neste sentido, o critério imposto por Ferguson, de que a divisão de funções de uma situação diglósica deve perdurar por séculos, não é viável para a caracterização de divisão de funções entre línguas em situações de línguas em contato.

Segundo Steffen (2006, p. 47), fatores como a percepção de que uma determinada variedade é mais adequada para um determinado âmbito, como também o uso exclusivo dessa variedade nesse contexto são fatores que se fortalecem mutuamente. Afinal, algumas línguas em comunidades multilíngues são aprendidas somente em determinados âmbitos e, por isso, são também tradicionalmente mais usadas em tais contextos.

Ainda de acordo com Kloss (1976, p. 321), a diglossia, como uma sólida divisão de função entre os membros de um grupo, é teoricamente apenas um caso especial de poliglossia, apesar de a triglossia e a quadriglossia ocorrerem raramente. No caso das comunidades menonitas

⁹⁹ L1 equivale aqui à primeira língua e L2, à segunda língua.

no Brasil, somente a distribuição dos âmbitos de cada uma das línguas é mais complexa. Lembrando que podemos diferenciar, entre as funções específicas, as línguas trazidas pelos próprios imigrantes menonitas (Plautdietsch e Hochdeutsch) e aquela língua que resultou do contato com a sociedade hospedeira. No primeiro caso, referimo-nos a uma antiga diglossia, a qual pertence a determinadas áreas da comunidade, enquanto os outros âmbitos foram preenchidos pela “nova” língua do país de imigração.

Na descrição da distribuição dos âmbitos das diversas comunidades menonitas ficará evidente que, de forma alguma, podemos analisar a diglossia como uma estrutura estável ou rígida (dependendo de cada comunidade em si), mas que, sobretudo, pode vir a ser corrompida e deslocada.

Vale destacar, por fim, que também as diferentes línguas e variedades usadas pelas diversas comunidades menonitas em estudo podem ser classificadas em variedades altas (*high* - consideradas de prestígio) e variedades baixas (*low* - consideradas com menos *status*), conforme mostra o quadro abaixo:

Variedades linguísticas usadas nas comunidades menonitas do Rio Grande do Sul e Paraná	Variedades linguísticas usadas na comunidade menonita de Goiás
H ¹ = PT	H ¹ = PT
H ² = HD	H ² = EN
H ³ = HDm	H ³ = ENm
L ¹ = PD	L ¹ = PD

Quadro 3 - Variedades linguísticas usadas de forma diglósica em comunidades menonitas

Legenda das abreviações:

H	=	<i>High</i> (variedade alta)
L	=	<i>Low</i> (variedade baixa)
HD	=	Hochdeutsch (alemão <i>standard</i> da Alemanha)
EN	=	English (inglês <i>standard</i> dos EUA e Canadá)
PT	=	Português <i>standard</i> (português padrão)
HDm	=	Hochdeutsch menonita (alemão <i>standard</i> local / menonita)
PD	=	Plautdietsch (variedade <i>substandard</i> menonita)
ENm	=	English menonita (inglês <i>standard</i> local / menonita)

Conforme podemos observar no quadro acima, as comunidades menonitas no Brasil usam diferentes variedades linguísticas de forma diglósica. No RS e PR, o português *standard*, o

Hochdeutsch *standard*, bem como o Hochdeutsch menonita são considerados pelos seus falantes variedades altas e usufruem de prestígio. Já na comunidade menonita de Goiás, o português *standard*, o inglês *standard*, bem como o inglês menonita são considerados variedades altas. Chama atenção que, em todas as comunidades menonitas do Brasil, somente o Plautdietsch é considerado como variedade baixa, de menor prestígio, usada somente em contextos informais.

2.2.2 *Code-switching e code-mixing*

Em comunidades plurilíngues, é comum observar indivíduos fazer uso de mais de uma variedade linguística em uma única conversa ou então de transitar entre uma e outra língua numa mesma expressão. Esta alternância de uma língua ou variedade para outra é conhecida como *code-switching* (RIEHL, 2009, p. 20). Devido à falta de um conceito mais preciso sobre esse fenômeno, comumente se usa o termo geral “*language-mixing phenomena*” (mistura de línguas).¹⁰⁰ Heller & Pfaff (1996, p. 594) definem *code-switching* como “[...] *the use of more than one linguistic variety (language or dialect) by a single speaker in the course of a single conversation*”.¹⁰¹

O *code-switching* é um aspecto muito relevante em situações de contato entre línguas e um recurso comunicativo importante entre falantes que vivem em comunidades bi- ou plurilíngues (GUMPERZ, 1982a *apud* RINDLER SCHJERVE, 1998, p. 221). Em muitos casos, torna-se difícil determinar se o *code-switching* ocorreu propositalmente ou não. Muitas frases, por exemplo, podem ter diversas interpretações, sendo inevitável a consideração do contexto no qual o *code-switching* acontece. Como observa Rindler Schjerve (2004, p. 19), a alternância ou a passagem de uma língua para outra não pode ser considerada totalmente involuntária; em geral, ela é conduzida por diferentes fatores sociais, pragmáticos e psicológicos.

Para muitos indivíduos que vivem em comunidades plurilíngues, a mistura das respectivas variedades faz parte de uma certa normalidade do dia-a-dia; o comportamento monolíngue é, antes, visto como não natural. Grosjean (1982) diferencia, para tanto, entre dois

¹⁰⁰ Boeschoten, H. (1998, p. 16).

¹⁰¹ Tradução: “[...] o uso de mais de uma variedade linguística (língua ou dialeto) por um único falante em uma única conversa”.

tipos de *language mode* (modo de uso das línguas): a) em uma determinada situação, o indivíduo bi- ou plurilíngue se adapta à língua do parceiro monolíngue e desativa, na medida do possível, as outras línguas; b) ao falar com pessoas bi- ou plurilíngues, o indivíduo (bi- ou plurilíngue) ativa ambas as línguas, aumentando a possibilidade de haver uma alternância entre as línguas, ou até mistura de ambas. Grosjean reforça que é importante analisar os dois tipos de *language mode* como um *continuum*, que não é conduzido apenas pelos indivíduos participantes, mas também pela situação (formal ou informal), pelo tema, pelo local, etc. Assim, o *code-switching* pode ser guiado por uma condição situacional, como, por exemplo, o aparecimento de um novo indivíduo, a mudança do local ou do tema. Por outro lado, o *code-switching* pode ser utilizado pelos bilíngues como uma estratégia comunicativa que permite aos membros de uma comunidade bilíngue fixar sua identidade social e cultural.

Blom & Gumperz (1972) diferenciam entre o *code-switching situacional* e o *code-switching metafórico*. O *code-switching situacional* presume uma relação direta entre a língua e a situação social. Em outras palavras, a alternância de uma língua para outra acontece de acordo com a mudança da situação em que o falante se encontra. O *code-switching metafórico*, por outro lado, está relacionado a determinados tópicos e assuntos, e não à mudanças na situação social. Comentários descontraídos sobre uma determinada situação, por exemplo, condicionam o falante a alternar entre uma e outra língua.¹⁰²

A alternância de código também pode ter a função de amenizar as dificuldades do falante no momento da organização de sua fala¹⁰³, ou melhor, a troca de uma língua para a outra pode ser condicionada pela dificuldade do falante de “achar a palavra” ou pela sua dificuldade de expressão. Esta função, segundo Steffen (2006, p. 51), tem uma importância ainda maior principalmente em situações onde diversas línguas estão em contato, nas quais existe a possibilidade de uma transição linguística marcada por um relacionamento assimétrico de duas ou mais línguas.

Além da discussão sobre a função e as condições nas quais a alternância de códigos ocorre, existem diferentes visões sobre a estrutura ou princípios do *code-switching*. Inúmeros

¹⁰² Blom, J. P. & Gumperz, J. J. (1998, p. 31-56).

¹⁰³ Schmitt, A. (1997, p. 10).

trabalhos focalizam, por exemplo, o lado gramatical desse fenômeno.¹⁰⁴ Vale ressaltar que em comunidades multilíngues instáveis inseridas em situações de contato linguístico, nem sempre é possível distinguir claramente entre o *code-switching* espontâneo e o empréstimo. Em muitos estudos, discute-se a possibilidade de se falar de *code-switching* somente quando se trata de frases inteiras ou partes da frase, ou se este fenômeno também pode incluir uma única palavra. Diversos autores, por exemplo, não aceitam como *code-switching*, quando uma única palavra aparece como um empréstimo *ad-hoc* numa expressão. Tal situação é antes denominada por estes autores como *nonce-borrowing* (POPLACK, 2004, MACSWAN, 2005). No entanto, segundo Riehl (2009, p. 21), os empréstimos *ad-hoc* não se diferenciam linguisticamente dos empréstimos codificados no léxico. Via de regra, o empréstimo é caracterizado pela sua integração morfológica e sintática na língua do falante. Outros pesquisadores, como por exemplo Treffers-Daller (1991), Myers-Scotton (1993) e Backus (1995),¹⁰⁵ sugerem que o *code-switching* e o empréstimo devem ser analisados como fenômenos no qual ambos, ao final, formam um *continuum*, seguindo em princípio as mesmas regras.¹⁰⁶ A partir da perspectiva deste *continuum*, a presente pesquisa pretende analisar os fenômenos linguísticos, sejam estes caracterizados como *code-switching* ou *code-mixing*.

2.2.3 Organização da comunidade de fala: a noção de ilha linguística

O termo *ilha linguística* frequentemente é usado para caracterizar uma área delimitada na qual se encontra uma comunidade, relativamente pequena e fechada, situada dentro de outra região, relativamente maior, cuja língua usada pela maioria é diferente daquela falada na comunidade. Wiesinger (1980, p. 491), ao definir *ilhas linguísticas*¹⁰⁷, cita como características

¹⁰⁴ Um dos modelos teóricos mais abrangentes e de grande influência que discute a questão gramatical do *Code-switching* é o modelo de Carol Myers-Scotton e seus colaboradores: *Matrix Language Frame Model* (MLF). Neste modelo os limites da alternância de código são pré-determinados, ou seja, quando a alternância pode ou não ocorrer. Veja mais sobre o assunto em Myers-Scotton (1997, 2002, 2006).

¹⁰⁵ Citados em Pfaff, C.W. (1997, p. 344).

¹⁰⁶ Pfaff, C.W. (1997, p. 344).

¹⁰⁷ Definição de ilhas linguísticas por Wiesinger: “*Punktuell oder flächenhaft auftretende, relativ kleine geschlossene sprach- und Siedlungsgemeinschaften in einem anderssprachigen, relativ grösseren Gebiet*” (Wiesinger, 1980, p. 491).

essenciais: uma comunidade pequena, isolada, de fala diferente, localizada dentro de uma sociedade majoritária. Essas características também poderiam ser atribuídas a diversas comunidades menonitas (principalmente considerando as mais conservadoras) nos Estados Unidos, no Canadá, na Bolívia, no México e em Belize.

Diversas comunidades menonitas no Brasil, mesmo tendo passado por mudanças sociais e culturais desde a época da sua imigração (1930), ainda mantêm características que Wiesinger associa com *ilhas linguísticas*. As comunidades menonitas localizadas nas zonas rurais¹⁰⁸, por exemplo, mesmo habitando uma área delimitada relativamente grande, mantêm um alto grau de homogeneidade. A sua forte coesão social e o uso de três (ou mais) línguas as diferenciam da maioria das outras comunidades no Brasil. A comunidade menonita urbana de Curitiba, mesmo não vivendo mais geograficamente isolada, também mantêm traços de *ilhas linguísticas*, como o uso de língua(s) diferentes do meio majoritário e uma vida familiar e religiosa mais conservadora.

Outro fenômeno que caracteriza as comunidades menonitas do Brasil como *ilhas linguísticas* é a questão de habitarem apenas determinadas áreas, ou seja, as comunidades não compreendem grandes regiões, como é o caso das comunidades menonitas no Chaco paraguaio e do grupo de descendentes de imigrantes do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul.

Mattheier (1994, p. 335) cita ainda dois outros fatores que definem certas comunidades como *ilhas linguísticas*: o lento processo de assimilação, de modo que a constelação linguística de contato perdura mais tempo, e a ligação que a comunidade tem com o “país da língua materna”. Mesmo que no atual estágio da pesquisa ainda não saibamos em que medida (grau) esses dois fatores podem ser atribuídos à realidade das diferentes comunidades menonitas, estamos cientes de que esses critérios também podem ser associados com elas.

Mattheier define *ilhas linguísticas* como:

(Eine Sprachinsel ist) “eine als Sprachminderheit von ihrem Sprachmutterland geographisch getrennte und durch eine sprachlich/ethnisch differente Kontaktgesellschaft umschlossene und/oder überdachte Kommunikationsgemeinschaft, die sich von der Kontaktgesellschaft durch eine Reihe von die Sonderheit der Sprachinselnbewohner begründenden objektiven Faktoren abgrenzt bzw. abgegrenzt wird, die eine besondere soziopsychische Sprachinseldisposition oder Sprachinselmentalität entstehen lassen, die ihrerseits wiederum die Ursache für eine verhinderte oder verzögerte sprachlich-kulturelle Assimilation an die Kontaktgesellschaft darstellt” (MATTHEIER, 2004, p. 16).

¹⁰⁸ Referimo-nos aqui para as comunidades menonitas de Colônia Nova (RS), Colônia Witmarsum (PR) e a Comunidade de Rio Verde (GO).

O autor refere-se à mentalidade que resulta do ‘ser diferente’ dos moradores da ilha linguística, que por sua vez é responsável para que eles (os moradores da ilha) não sejam absorvidos rapidamente pelo meio no qual estão inseridos e não aceitem a língua desse meio. Eichinger (2003, p. 86) ainda complementa dizendo que uma das características mais peculiares de ilhas linguísticas é o seu afastamento de um dia-a-dia moderno e quanto maior esse afastamento, maior também é a estabilidade do seu *status* e mais típica também é a sua forma de manifestação.

De fato, podemos constatar que os menonitas, principalmente nas primeiras décadas após a imigração no Brasil, viveram em comunidades mais isoladas, com autonomia civil, mantendo assim uma vida sociocultural baseada na fé e na vida social em comunidade. A religiosidade, sobretudo, continua sendo um dos principais fatores que em geral distingue as diversas comunidades menonitas da sociedade nas quais estão inseridas, sendo ela (a religiosidade), segundo Dück (2005, p. 67), um fator determinante também na manutenção do *Hochdeutsch* (uma das línguas de imigração) na comunidade menonita de Witmarsum (PR).

Eichinger (2003, p. 97), ao classificar os diferentes tipos de ilhas linguísticas, cita também aquela que tem como base a religiosidade e chama esta de “um continente no Atlantis”, ou melhor, aquela que é “desconhecida no mundo” (*fremd in der Welt*). Característico para esse tipo de ilha é a posição que a língua assume na comunidade, ou seja, ela representa um meio de defesa para manter uma distância social e que contribui para a abstenção do mundo moderno. Exemplos desse tipo de ilha são as comunidades amish menonitas da Pensilvânia (EUA)¹⁰⁹ e em Belize¹¹⁰. No Brasil, as comunidades menonitas rurais caracterizam antes ilhas linguísticas nas quais a coesão social é marcada tanto pelo uso das línguas de imigração (Plautdietsch e Hochdeutsch), como também pela religiosidade. A comunidade menonita urbana de Curitiba, mesmo diferenciando-se atualmente muito pouco do seu entorno, ainda preserva algumas marcas de ilhas linguísticas, como por exemplo, o uso do Hochdeutsch em quatro igrejas étnicas.

¹⁰⁹ Eichinger, L.M. (2003, p. 97).

¹¹⁰ Steffen, J. (2006, p. 40).

2.3 INTERFLUÊNCIAS EM SITUAÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO

2.3.1 Processos de standardização e (des)dialetalização

No contínuo de variação entre o *standard* e as variedades *substandard*, que se discutiu na seção 2.1.3, é comum acontecer tanto o processo de “alçamento” (*Hyperkorrektur* ‘hipercorreção’), quanto de “popularização” (*Hyperdialektalismus* ‘hiperdialetalismo’) de elementos linguísticos de um extremo e outro. Esses tipos de fenômenos, que resultam a partir de um sistema de contraste, são chamados por Lenz (2005, p. 77) de *Hyperformen* ‘hiperformas’. No contexto de nosso estudo, isso significa, por exemplo, a integração (ocorrência) de elementos ou traços do Hochdeutsch no Plautdietsch ou vice-versa. Podemos assim, identificar processos de standardização, ou desdialetalização, e, inversamente, dialetalização.

Essa perspectiva de análise torna-se especialmente interessante se considerarmos a influência de instituições sociais como a igreja e a escola, como contextos mais formais, onde as variedades *standard* ganham maior espaço. Inversamente, o âmbito informal das relações de amizade apresenta-se como um ambiente que favorece a ocorrência de dialetalismos. Isso não significa que não haja pontos de intersecção ou coocorrências de variantes do *standard* e *substandard*, como se pode supor em determinados campos semânticos, como, por exemplo, na religião quando se reza em família ou se lê a Bíblia. Nos casos de coocorrências de *standard* e *substandard*, ocorrem muitas vezes “especializações de função” que levam ao que Bellmann (1998, p. 8) chama de *devariação*. Trata-se, segundo ele, do “aspecto oposto da conclusão do estado variativo de uma variante” e que pode manifestar-se basicamente de duas maneiras:

“através da redução da variação, tendo como resultado a eliminação de variantes, ou mesmo o oposto a isso, – através do desdobramento de casos de variação no sentido da especialização de sua função, [...], com a qual sua diferenciação e modo de se tornar útil é abordada como meio de designação” (BELLMANN, 1998, p. 8).

Esse desdobramento de casos de variação no sentido da especialização de sua função, Bellmann (1998, p.8) denomina abreviadamente de *funcionalização*, que, por sua vez, “pode levar a escalas múltiplas de diferenciação de funções e, eventualmente, à lexicalização como sua última etapa”.

2.3.2 Processos de lusitanização

Entre as variedades *standard* presentes nos contextos em estudo nesta tese, o português distingue-se por seu *status* de língua oficial, das instituições. Embora as demais variedades *standard*, Hochdeutsch e inglês, compartilhem traços como prestígio e função de escrita, a condição de língua oficial majoritária e do ensino confere ao português uma força que certamente também repercute não apenas no grau de uso do português (cujo fim provável pode ser a substituição linguística da língua minoritária – *language shift*), mas também no grau de influência na própria configuração da língua minoritária (levando a mudanças linguísticas, em diferentes níveis – fonológico, morfossintático, pragmático, semântico-lexical e assim por diante).

Podemos, neste sentido, falar em processos de lusitanização, quando ocorrem influências desta natureza, do português na língua-alvo, que neste caso seria o Plautdietsch. Tais processos variam conforme uma série de fatores condicionadores. Via de regra, pode-se dizer que são mais frequentes em situações de contato urbano do que em contextos rurais; mais frequentes entre os mais jovens do que entre os velhos; e, por fim, mais presentes na classe mais escolarizadas, que é normalmente o grupo que mais rapidamente adere à norma escrita do país. É claro que essas são apenas hipóteses gerais, que podem oscilar conforme a posição social do próprio grupo minoritário.

Evidentemente, é preciso ponderar que se trata de processos que nem sempre afetam o sistema linguístico receptivo como um todo. Na maioria das vezes, tais processos de lusitanização afetam partes ou segmentos nos diferentes níveis, como o fonológico e morfossintático. É, porém, talvez mais perceptível, no âmbito do léxico, em função da quantidade de empréstimos lexicais que a língua minoritária incorpora no novo meio e que costuma ser vista negativamente como “mistura (ou salada) de línguas”, ou ainda uma espécie de “*Mischmasch*” estigmatizado como “*Deutschverderber*” (destruidor da língua) pelos falantes. Os lusismos, no entanto, são apenas uma possibilidade de empréstimos. Como veremos na seção 4.2.3, o léxico do Plautdietsch, como o léxico de qualquer língua, compõe-se de palavras de diferentes origens. Por sua passagem pela Rússia, a língua dos menonitas comporta, sobretudo, também eslavismos. Como, no entanto, já se

perdeu o vínculo e a noção da língua eslava, esses empréstimos sequer são percebidos como tais, e sim, como elementos constitutivos e “genuínos” da língua materna.

Mas, não é apenas o léxico que é afetado pelo contato direto com a língua oficial majoritária. Também outros níveis, como o morfossintático ou o pragmático, podem sofrer mudanças. Ao contrário do português, o alemão se caracteriza como uma língua *pro-drop*, ou seja, exige a marcação de sujeito. Neste sentido, o aumento da ocorrência de sujeito oculto, na frase, poderia ser um exemplo do processo de lusitanização, ou seja, uma mudança motivada pela influência do contato com o português. Do mesmo modo, as formas de cumprimento como *Alles gut?* sinalizam para uma possível tradução do português *Tudo bem?! É claro que, fora o léxico, onde os empréstimos lexicais podem ser nitidamente associados à língua-fonte, os demais níveis, pelo contrário, carecem muitas vezes de uma comprovação empírica mais clara. Frequentemente, sequer são percebidos pelos próprios falantes, pois ocorrem muitas vezes de forma inconsciente, como um hábito induzido pela língua de contato.*

2.3.3 Intercurso de léxico: empréstimos e relexificações

A questão do léxico, por sua vez, merece uma atenção reforçada, por envolver uma série de processos que não se restringem ao empréstimo lexical. O intercuro de elementos do léxico, tanto de formas e significados, se dá nas duas direções, embora seja maior na direção da língua majoritária para a língua minoritária. Uma pergunta especialmente relevante em relação a esse tema, e que precisa ser considerada por nós, é a questão da motivação dos empréstimos. Está certo que, se pensarmos em campos semânticos como fauna e flora, vamos constatar que para muitos referentes do novo meio não havia uma designação, simplesmente pelo fato de que na matriz de origem não havia a coisa, o animal ou planta, propriamente dito. Ou seja, a lacuna na língua e as condições do meio produziram a necessidade de uma designação ou palavra, havendo para tanto mais de uma opção: a) criação de um neologismo, b) empréstimo lexical, c) empréstimo de significado (o acréscimo de significado a uma forma existente, que compartilha determinados traços com sua correlata, na língua-fonte – *Lehnbedeutung*, na classificação de Werner Betz, 1974). Betz (1974) acrescenta ainda o empréstimo por tradução, que pode ser total (*Lehniübersetzung*) ou

parcial (*Lehnübertragung*). Como exemplo deste último, cite-se a palavra inglesa composta *skycraper*; dela surgiram os substantivos alemão *Wolkenkratzer* e o português *arranha-céus*.

Um processo que é especialmente interessante para este estudo é o que envolve a relexificação, isto é, aqueles casos em que um lexema que já existe na língua é substituído por outro. Por relexificação entendemos

“o processo de substituição do vocábulo de uma língua pelo de outra, mas apenas no que respeita à representação fonológica do termo na língua estrangeira, mantendo-se todos os outros níveis de informação (traços sintáticos, de subcategorização, semânticos e seleccionais) da língua que recebeu o termo” (In: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=terminology&act=view&id=2015>. Acesso em 15.07.2011).

A nós interessa de modo especial a substituição de eslavismos por lusismos, que posteriormente iremos discutir, na análise dos dados.

2.4 VITALIDADE LINGUÍSTICA

2.4.1 Manutenção e substituição linguística em grupos minoritários

Poucas são as comunidades multilíngues que, após um determinado período, conseguem manter duas ou mais línguas. Na maioria dos casos, os grupos minoritários acabam substituindo a sua língua pela da maioria dominante, renunciando, assim, a uma parte da sua identidade cultural. Essa substituição, segundo Nelde (1983, p. 12), não resulta do coletivo, mas atinge, na primeira instância, indivíduos separadamente, os quais, em determinadas situações, substituem uma língua pela outra.

Um dos caminhos para a alternância para a outra língua é o *code-switching*, no qual diferentes elementos da língua dominante são emprestados para, por exemplo, uma língua minoritária.¹¹¹ Este processo, no entanto, não se realiza necessariamente em todos os tipos de língua de forma igual e, na maioria dos casos, acontece de forma gradual. O processo de transição de um grupo ou de um indivíduo para uma língua dominante pode iniciar, por exemplo, em um determinado âmbito ou habilidade linguística, ou seja, através da escrita ou da leitura.¹¹² Em um

¹¹¹ Rindler Schjerve, R. (1998, p. 221).

¹¹² Clyne, M. (2003, p. 20 *apud* RIEHL, 2009, p. 178).

estágio mais tardio, o resultado dessa restrição de funções é a reestruturação da língua minoritária no modelo da língua dominante em todos os níveis da língua, principalmente quando os seus falantes não dispõem mais de uma competência bilíngue equilibrada. Isso pode implicar em uma perda de estruturas tanto gramaticais quanto lexicais por parte da língua minoritária, levando a um declínio ou, em último caso, à morte linguística.

Um momento crítico desse desenvolvimento é quando a substituição linguística se manifesta nas socializações primárias, ou seja, quando a língua minoritária não é mais transmitida aos filhos desta comunidade; ou quando o uso da mesma é limitado a contextos a tal ponto, que tanto a gramática quanto o léxico são adquiridos insuficientemente pelos filhos dessa comunidade. Esse processo de substituição linguística, no entanto, não acontece entre todos os membros de uma comunidade de forma simultânea e, segundo Rindler Schjerve (2004, p. 15), deve antes ser representado por um *continuum* que se estende desde: a) falantes com domínio na L1 e pouco conhecimento na L2; b) falantes com conhecimento estável na L1 e na L2; até c) falantes com reduzido conhecimento na L1 e domínio na L2. Sendo assim, a mudança para uma língua dominante pode perdurar por várias gerações e, conseqüentemente, torna-se difícil diagnosticar exatamente o último estágio da mudança linguística, ou melhor, o momento em que uma língua é substituída por outra. Além disso, indícios de uma substituição linguística, ou melhor, a perda de estruturas gramaticais ou a reestruturação conforme o modelo da língua de contato, como por exemplo, substituições de partes lexicais, não necessariamente levam a uma substituição completa. Através do contato linguístico surge, muitas vezes, a necessidade de inovações, as quais podem ter como efeito manter a funcionalidade da língua minoritária, principalmente em contextos nos quais esta representa um valor simbólico para a comunidade.¹¹³ A pressão cultural da língua majoritária pode levar à reestruturação da língua minoritária, mas também pode conduzir a uma reação contrária, impedindo que a língua da comunidade minoritária não venha a ser abandonada por completo.

¹¹³ Rindler Schjerve, R. (2004, p. 16).

2.4.1.1 Fatores condicionadores na manutenção ou substituição linguística

Entre os fatores internos e externos que influenciam na manutenção ou substituição linguística, citamos aqui aqueles que, ao nosso ver, estão contribuindo para a manutenção ou substituição das línguas de imigração nas comunidades menonitas em estudo:

2.4.1.1.1 Fatores externos

a) Tipo de comunidade

Um dos principais fatores para a manutenção de uma língua é o tipo da comunidade, ou seja, se esta é mais fechada e isolada – como é o caso da comunidade menonita rural de Colônia Nova (RS) e da comunidade de Rio Verde (GO) – ou se esta é mais aberta, como, por exemplo, a Colônia Witmarsum (PR), localizada apenas a 70km da capital paranaense (Curitiba).

Um outro tipo de comunidade é o representado por comunidades urbanas. A maior comunidade menonita do Brasil, Curitiba (PR), pertence a este tipo. Nessa comunidade, os menonitas não somente estão diariamente expostos à língua portuguesa, mas todo o seu entorno funciona em português.

b) Tamanho da comunidade linguística

Quanto menor for a comunidade e quanto maior a sua abertura, maior é a exigência de ter contato com falantes de outra(s) comunidade(s) e a (consciência da) necessidade de conhecer outras línguas. No Brasil, o número de menonitas de origem étnica russo-alemã é de aproximadamente 5.000 pessoas; destas, calcula-se que em torno de 2.000 atualmente são falantes do Plautdietsch e Hochdeutsch, distribuídas em pequenas ‘ilhas linguísticas’.¹¹⁴ Como o contato com pessoas não-falantes do Hochdeutsch e/ou Plautdietsch é diário e o número de menonitas falantes dessas línguas é relativamente pequeno (comparado, por exemplo, com as comunidades menonitas do Paraguai ou então da Bolívia, as quais têm respectivamente 29.000¹¹⁵

¹¹⁴ O número de falantes do Plautdietsch e Hochdeutsch no Brasil é uma estimativa aproximada segundo informações e conhecimento da própria autora desta Tese.

¹¹⁵ Ratzlaff, G. (2002, p. 42).

e 38.000¹¹⁶ menonitas falantes do Hochdeutsch e, ou Plautdietsch), o uso do português tornou-se uma constante em todas comunidades menonitas do Brasil.

c) Prestígio da língua

Outro fator de grande importância na manutenção ou substituição de uma língua é o seu prestígio. O Plautdietsch (a variedade *substandard*), por exemplo, não é considerado uma língua de prestígio pelos seus próprios falantes em todas as comunidades menonitas no Brasil; ao contrário das variedades *standard* (português e Hochdeutsch), línguas reconhecidas oficialmente e que, na opinião dos falantes, dão um maior status social.

d) Grau de institucionalização

Outro aspecto fundamental na manutenção ou substituição de uma língua é o seu amparo institucional, ou seja, se esta língua está oficialmente representada em escolas e instituições da comunidade e se está acessível através da mídia. Desde o início, após a fundação das comunidades menonitas no sul do Brasil, o Hochdeutsch foi ensinado nas escolas de Colônia Nova, Curitiba e Colônia Witmarsum. Esse fator, sem dúvida, contribuiu tanto para a manutenção da língua *standard* como também para que a mesma continuasse a ter até os dias de hoje o rótulo de “alemão correto”. Há mais um aspecto relevante que contribui para a manutenção do Hochdeutsch nas comunidades na região sul: o fácil acesso à mídia alemã – seja pela TV ou Internet, mais usada pela geração jovem – e à literatura alemã, preferida pelos mais idosos. O Plautdietsch já é antes uma língua oral e que nunca foi ensinado nas escolas das comunidades menonitas no Brasil. Por tratar-se de uma variedade *substandard*, o seu uso é restrito para assuntos informais, jamais usado em reuniões oficiais da comunidade ou da igreja, exceto para fazer um comentário humorístico, por exemplo. Na colônia de Rio Verde, ao invés do Hochdeutsch, o inglês é ensinado como língua materna, na escola (para alunos que usam o inglês nos seus lares), e como língua estrangeira (para aqueles que não têm conhecimento do inglês).

¹¹⁶ Schartner, S. (2002, p. 117).

e) Contato com o país de origem linguística

No Brasil, os menonitas sempre tiveram interesse em manter contato com a Alemanha, uma vez que a comunidade, principalmente a geração mais idosa, se identifica com a língua alemã. Portanto, a comunidade sempre se esforçou para que os jovens tivessem a oportunidade de aperfeiçoar os seus conhecimentos em escolas ou universidades alemãs. Todo ano, jovens menonitas participam, por exemplo, de intercâmbios para a Alemanha organizados por comitês internacionais menonitas (MCC = *Mennonite Central Committee*) ou por instituições menonitas não-governamentais (AMAS = Associação Menonita de Assistência Social). Outro fator que auxilia na manutenção e valorização do Hochdeutsch entre os menonitas é o apoio do governo alemão ao enviar professores alemães para atuarem nas escolas da comunidade, bem como ao oferecer auxílio financeiro anual para a aquisição de livros de leitura e materiais didáticos diretamente da Alemanha.

Nas últimas décadas, muitos jovens e adultos, principalmente que pertencem à comunidade menonita de Curitiba e que trabalham em grandes empresas multinacionais, tiveram a oportunidade de viajar para a Alemanha, valorizando assim, ainda mais o seu conhecimento do alemão.

As viagens de turismo realizadas por muitos integrantes da comunidade menonita para a Alemanha ou as visitas feitas a familiares e amigos que moram na Europa também contribuem para a manutenção do alemão nas comunidades menonitas, em especial do Hochdeutsch.

O contato com a Alemanha também é reforçado nas comunidades menonitas no Brasil por meio da mídia, ou seja, pelo uso constante da Internet e de programas de TV. No caso da comunidade menonita da colônia de Rio Verde, há também constantes intercâmbios entre os familiares residentes aqui no Brasil e nos EUA ou Canadá, fortalecendo assim, a manutenção do inglês na comunidade rural de Rio Verde.

f) Endogamia

Um dos principais fatores para a manutenção de uma língua minoritária é a endogamia. Enquanto que, nas primeiras décadas após a imigração no Brasil, os menonitas praticamente só casavam entre si, nos últimos 10 anos, o casamento exogâmico tornou-se cada vez mais comum em todas as comunidades menonitas no Brasil, inclusive nas comunidades rurais (Colônia Nova, Colônia Witmarsum e Rio Verde). As cerimônias dos casamentos também mudaram de perfil: a

maioria é realizada integralmente em português e outras têm pequenas partes (participações) em língua alemã (ou inglês, no caso da comunidade de Rio Verde). Esse comportamento, por um lado, reflete uma abertura por parte das comunidades menonitas em relação à língua de contato português e, por outro, um processo de aculturação bem adiantado.

g) Religiosidade

A ligação religiosa com uma determinada língua pode contribuir muito para a manutenção dessa língua. No caso das comunidades menonitas, o uso do Hochdeutsch no âmbito religioso contribuiu muito para que o mesmo fosse mantido por mais de um século. Na maioria das igrejas étnicas menonitas na região sul, por exemplo, é celebrado todo o domingo, além do português, um culto integralmente em língua alemã; na colônia de Rio Verde, os cultos são realizados de forma bilíngue, ou seja: algumas partes em português, e outras, em inglês. Além do uso da Bíblia na tradução tradicional de Martinho Lutero, é comum o uso da Bíblia na “língua de hoje” durante as atividades religiosas oferecidas pelas igrejas da comunidade menonita; esse fator não somente facilita a compreensão da Bíblia, mas também contribui para que os membros da comunidade possam ampliar e fazer uso de um vocabulário mais atual, utilizado na Alemanha.

2.4.1.1.2 Fatores internos

a) Substituição da língua-teto

Como “língua-teto”, identificamos aquela que serve como língua *standard* para uma série de variedades. Nas comunidades menonitas do RS e PR, no entanto, o Hochdeutsch assume o papel de “língua-teto” apenas em parte. Mesmo que os membros tenham a oportunidade de aprender o Hochdeutsch na escola, bem como usá-lo no âmbito religioso e familiar, ele praticamente não é usado em contextos administrativos e comerciais. Nestas áreas, portanto, falta o Hochdeutsch como “língua-teto” e, conseqüentemente, o Plautdietsch fica à mercê das influências da língua de contato português.

b) Grau de parentesco com a língua de contato

O grau de parentesco da língua minoritária com a língua de contato também pode influenciar a duração do processo, no qual ambas se misturam. Em outras palavras, o grau de parentesco do alemão com a língua de contato português também pode contribuir para que as línguas se misturem. Na comunidade menonita, por exemplo, usa-se bastante a palavra *gravieren* referindo-se ao ato de gravar algo.

c) Disposição sócio-psíquica

Outro fator de grande importância na manutenção de uma língua minoritária é a atitude e a opinião que os falantes tem a respeito de sua própria língua ou variedade. Essa atitude está atrelada ao prestígio da língua. Quando se trata de uma variedade dialetal que não tem a proteção de uma língua-teto, comumente também há uma postura de rejeição por parte da sociedade em relação à variedade de uma minoria. Na sociedade brasileira, via de regra, toda variedade que não está de acordo com a norma padrão é vista como inferior. O Plautdietsch, por ser uma variedade *substandard*, muitas vezes é visto pela sociedade brasileira como algo que pertence a “um padrão inferior”, reforçando negativamente a opinião dos falantes dessa língua.

Após esta visão geral sobre os diferentes fatores que podem influenciar na manutenção e substituição de uma língua, ressaltamos que eles podem desempenhar funções diferentes em cada uma das comunidades de fala. No entanto, segundo Riehl (2009, p. 188), existe certa hierarquia na atuação destes fatores: a atitude diante das línguas e a sua operacionalização como marca de identidade normalmente são influenciados pelas condições de reconhecimento e constelação linguística. As atitudes linguísticas influenciam o comportamento linguístico individual, o qual é fundamental para a manutenção linguística. A manutenção linguística é, portanto, em grande parte definida pelos seus falantes e depende, principalmente, da transmissão geracional.

2.4.2 Linguicídio e linguicismo

Nas últimas duas décadas, a pesquisa científica tem dado uma maior importância quando o assunto a tratar é sobre a perda ou morte de uma língua, uma vez que a estimativa é de que, nos próximos cem anos, 50% das línguas poderão ser perdidas (CRYSTAL, 2001, p. 32). O documento do grupo *ad hoc* da UNESCO (2003, p. 2) explicita que a extinção de uma língua pode ser o resultado de forças externas (seja militar, econômica, religiosa, cultural ou submissão educacional) ou pode ser causada por forças internas, como, por exemplo, atitudes negativas da comunidade em torno da sua própria língua. Quanto à perda de uma língua, o documento da UNESCO ainda ressalta:

“The extinction of each language results in the irrecoverable loss of unique cultural, historical, and ecological knowledge. Each language is a unique expression of the human experience of the world. Thus, the knowledge of any single language may be the key to answering fundamental questions of the future” (UNESCO 2003, p. 2).¹¹⁷

Na tentativa de definir melhor a perda de uma língua, Skutnabb-Kangas & Phillipson (1996, p. 667) propõem os termos linguicídio (*linguicide*) e linguicismo (*linguicism*). Segundo os autores, o linguicídio e a morte de uma língua devem ser vistos como pertencentes às línguas, mas não aos seus falantes: os falantes podem experimentar uma mudança de língua ou uma perda em nível individual, mas a perda ou morte de uma língua somente é concretizada no momento em que todos os seus falantes vivenciaram a perda desta determinada língua. Linguicídio descreve o resultado final do processo de uma língua, no qual a morte da língua é explicada como um fenômeno natural, semelhante ao conceito “genocídio”¹¹⁸. Neste caso, a perda de uma língua é comparável com a perda de uma espécie de vida, resultante da evolução natural dos organismos que se desenvolvem, florescem e, depois, morrem. “Linguicismo é análogo ao conceito de racismo, [...]”

¹¹⁷ Tradução: “A extinção de cada língua resulta em uma irreversível perda de um conhecimento único, cultural, histórico e ecológico. Cada língua é uma expressão única de experiência humana no mundo. Assim, o conhecimento de uma simples língua pode ser a chave para respostas a questões fundamentais no futuro” (UNESCO, 2003, p. 2).

¹¹⁸ “*Linguicide and language death describe the end results of processes, not the processes themselves*” (SKUTNABB-KANGAS & PHILLIPSON, 1996, p. 667).

que tem usado ideologias, estruturas e práticas para reproduzir uma divisão desequilibrada do poder e dos recursos (material e imaterial) entre grupos avaliados pela sua linguagem”¹¹⁹.

Como o linguicismo envolve a educação de grupos minoritários, imigrantes ou indígenas, e a relação da proeminência do inglês como a língua mundial, esse termo (*linguicism*) está mais próximo do tema proposto para o presente estudo: **vitalidade linguística do Plautdietsch**. O Plautdietsch menonita pertence ao grupo de línguas de imigração que, segundo Altenhofen (2007), são

“fortemente associadas com o traço de língua estrangeira, ou melhor, como uma espécie de ‘estranho no ninho’. [...] Enquanto as línguas indígenas no Brasil já têm o seu *status* de língua reconhecido, as línguas de imigração ainda são tratadas como ‘línguas diferentes vindas de fora’ e por serem minoritárias, ainda desprovidas do reconhecimento e autonomia como língua brasileira. [...] Além disso, as línguas de imigração assumem normalmente uma posição intermediária e ambígua, tal como acontece com a identidade, muitas vezes sob uma espécie de “fogo cruzado” entre a origem étnica e a assimilação ao meio local de acolhimento” (ALTENHOFEN, 2007, p. 29).

Como as línguas de imigração dependem do tratamento dado pelo Estado e pela sociedade que as envolvem, é comum constatar antes uma perda linguística destas línguas, uma vez que a língua majoritária do país, na maioria dos casos, se impõe. No caso do Plautdietsch, também podemos observar no momento sincrônico do nosso estudo que houve uma perda linguística, uma vez que o próprio número de falantes dessa variedade nas comunidades menonitas está diminuindo. As pesquisas de Kaufmann (2003c) e de Dück (2005) sobre as línguas de imigração dos menonitas apontam para um atual estágio de linguicismo, cujas causas não podem ser consideradas naturais, mas que podem e devem ser identificadas e analisadas.

¹¹⁹ “*Linguicism, an analogous concept to racism [...], has been defined as ‘ideologies, structures and practices which are used to legitimate, effectuate and reproduce an unequal division of power and resources (both material and immaterial) between groups which are defined on the basis of language’*” (SKUTNABB-KANGAS & PHILLIPSON, 1996, p. 667).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL: ORGANIZAÇÃO DO CAOS APARENTE

A dialetologia pluridimensional distingue-se da geolinguística tradicional por levar em conta a variação linguística, ou seja, trata-se de “um modelo variacional de maior alcance metodológico”, o qual considera “novas possibilidades da técnica de levantamentos de dados” (RADTKE & THUN, 1996, p. 48). Esse modelo variacional dispõe, metodologicamente, de um conjunto de parâmetros que busca recobrir a dimensão diatópica e a social, imergindo até os níveis mais profundos do contexto interno e externo da língua. Para tal, propõe-se a descrever a variação buscando romper com uma possível estaticidade dos fenômenos descritos pela dialetologia diatópica, para representá-los num universo regido pelos movimentos e pelas forças da história, da cultura e da organização social dos grupos.

Sendo assim, a dialetologia pluridimensional “passa da análise da superfície, constituída pela dimensão diatópica, para a análise do espaço linguístico formado pela consideração de variáveis como a dimensão diastrática, diafásica ou de outras” (THUN, 2000, p. 407). Em outras palavras, procura-se

“analisar e comparar adicionalmente, entre um ponto e outro (dimensão diatópica), a fala de homens e mulheres (dimensão diassexual) de diferentes faixas etárias (dimensão diageracional) pertencentes a estratos sociais distintos (dimensão diastrática) e falantes de uma ou mais línguas (dimensão dialingual) com competência metalinguística para perceber e “julgar” variantes distintas da língua (dimensão diarreferencial)¹²⁰, conforme a sua posição social, e com competência para empregar mais de um estilo de fala, conforme a situação (dimensão diafásica)” (ALTENHOFEN, 2004, p. 139).¹²¹

Através da aplicação desses princípios metodológicos da pluridimensionalidade houve um “aumento considerável dos dados” (THUN, 2000, p. 191). Essa ampliação dos dados, por sua vez, “exige uma nova forma da apresentação dos fenômenos linguísticos e da sua combinação

¹²⁰ Thun, H. (2004) dá exemplos das possibilidades de análise dessa dimensão no *Atlas Linguístico Guarani-Românico* (ALGR).

¹²¹ Para uma visão geral, leia-se Thun, H. (1998a; 1998b).

com as variáveis, os parâmetros e as dimensões”¹²². Consequentemente, o tratamento cartográfico assumiu também um caráter muito mais complexo comparado com a geolinguística tradicional. Uma das tarefas mais importantes dessa geolinguística pluridimensional é a passagem de um tratamento bidimensional para um espaço linguístico tridimensional (THUN, 2000, p. 192). Isto significa que a dialetologia pluridimensional, por ser também uma dialetologia relacional, estuda os vínculos de todos os tipos, ou melhor, além de considerar as relações do eixo horizontal (diatopia), também analisa os pontos na sua perspectiva vertical (eixo sociolinguístico).¹²³ Projetos como o *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) e o *Atlas Linguístico Guaraní-Románico* (ALGR) fazem uso desse recurso metodológico e nos comprovam, por exemplo, a importância do parâmetro diageracional associado às demais variáveis consideradas.

Outro projeto em andamento baseado na metodologia e instrumentos do modelo pluridimensional, e ao qual está ligada a presente Tese, é o ALMA (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemães*).¹²⁴ O ALMA busca um estudo macroanalítico mais amplo da pluridimensionalidade da variação das variedades dialetais do alemão em contato com o português e o espanhol na Bacia do Rio da Prata. Sua organização estrutura-se no princípio federativo, pelo qual se prevê a realização de outros projetos concomitantes que seguem a mesma linha metodológica e que tratam das diferentes variedades dialetais do alemão faladas na Bacia do Rio da Prata. Desta forma, o projeto ALMA-Me (*Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemães: Menonitas*) poderá fornecer uma visão mais ampla e aprofundada desses processos, dentre outros presentes na dinâmica do contato linguístico Plautdietsch, Hochdeutsch e português/espanhol nessas comunidades menonitas. Neste sentido, a presente pesquisa serve de base para determinar um contorno mais firme e preciso às questões mais relevantes a serem tratadas futuramente no ALMA-Me.

¹²² Thun, H. (2000, p. 191) distingue entre dimensões e parâmetros. É *parâmetro* toda variável (linguística ou extralinguística), analisada com sistematicidade, que se considera individualmente, como, por exemplo, *geração II*, *mulheres* ou *leitura*. A *dimensão* é um agrupamento de dois ou mais parâmetros que se encontram em relação opositiva, por exemplo, *topostático – topodinâmico* ou *leitura – resposta – conversas livres*.

¹²³ Thun, H. (2005, p. 63-79).

¹²⁴ Este projeto é uma parceria entre a UFRGS (Porto Alegre) e a Universidade de Kiel (Alemanha) e busca, na atual fase, registrar e estudar o Hunsrückisch em contato com o português. O projeto está sob a Coordenação do Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen (UFRGS) e do Prof. Dr. Harald Thun (CAU).

3.2 DIMENSÕES E PARÂMETROS DE ANÁLISE

Para a análise dos dados desta pesquisa, pretende-se buscar uma metodologia que fundamenta as diferentes variedades do contato linguístico alemão-português, mais especificamente de uma variedade dialetal (Plautdietsch-Menonita) em contato com variedades de prestígio (Hochdeutsch, português, inglês e espanhol). Ao invés de uma visão ideológica e subjetiva, dar-se-á preferência para uma interpretação objetiva e sistemática, baseada na descrição da língua por meio dos dados empíricos obtidos.

A ideia que orienta essa análise é de que a língua deve ser vista como um instrumento de comunicação sobretudo variável, que engloba um sistema de regras, cuja utilização depende de fatores situacionais, do *status* social, do espaço e do tempo. Partindo deste conceito de *língua*, é tarefa do pesquisador descrever o seu objeto levando em consideração sua variação interna.

Como o objetivo deste estudo é identificar macrotendências que reflitam a abrangência coletiva de determinadas variantes (Plautdietsch, Hochdeutsch, inglês), bem como o comportamento sociolinguístico-cultural nas respectivas comunidades de fala, faz-se necessário lidar com diferentes dimensões de análise. Para tanto, a escolha de informantes segue a definição das dimensões e parâmetros de análise da variável - vitalidade linguística do Plautdietsch -, que estamos enfocando de modo aprofundado.

A dialetologia pluridimensional ocupa-se, sobre a base da variação diatópica, com uma gama de variáveis ou dimensões de ordem social e situacional que veremos na sequência.¹²⁵ O quadro a seguir resume as dimensões e parâmetros, considerados neste estudo e que serão detalhados na sequência:

¹²⁵ Thun, H. (2009, p. 531-558).

DIMENSÃO	PARÂMETROS	
1. Diatópica	Ponto 1 – Colônia Nova (RS) Ponto 2 – Colônia Witmarsum (PR) Ponto 3 – Comunidade de Curitiba (PR) Ponto 4 – Comunidade rural de Rio Verde (GO)	
2. Diageracional	Geração I (GI) com falantes entre 18 e 36 anos Geração II (GII) com falantes acima de 55 anos	
3. Dialingual	Plurilíngues: Plautdietsch, Hochdeutsch e português ou Plautdietsch, inglês e português	
4. Diagenérica	Falante do sexo masculino (M) Falante do sexo feminino (F)	
5. Diastrática	Nível de escolaridade	Cb: Falantes com nenhuma ou até 11 anos de escolaridade Ca: Falantes com mais de 11 anos de escolaridade
6. Diafásica	Ocorrência do Plautdietsch, Hochdeutsch, inglês e português em ambientes formais e informais	
7. Diarreferencial	Comentários linguísticos obtidos através de entrevistas, conversas e escritos coletados nas diferentes comunidades. Referências metalinguísticas.	

Quadro 4 - Dimensões e parâmetros de pesquisa, no modelo pluridimensional

3.2.1 Dimensão diatópica: rede de pontos

A escolha dos diferentes pontos de inquérito depende do objetivo do estudo. Através da dimensão diatópica, procura-se analisar e comparar os dados entre um ponto e outro, ou seja, sua contribuição e sentido maior estão na comparabilidade dos dados de variação entre uma comunidade e outra, permitindo identificar e controlar o peso das demais dimensões de análise.

No nosso estudo, a rede de pontos será representada por diferentes comunidades menonitas, totalizando um número de quatro localidades de regiões diferentes: a comunidade menonita de Curitiba e a Colônia Witmarsum, no Paraná; a Colônia Nova, no Rio Grande do Sul; e a comunidade rural de Rio Verde, em Goiás. A maioria das comunidades menonitas no Brasil está agrupada em comunidades do tipo “ilha linguística”, no entanto, a maior concentração de menonitas está na cidade de Curitiba. Mesmo que os fundadores de três comunidades na região sul do Brasil apresentassem um perfil social, cultural e linguístico semelhante, verificam-se diferenças que podem ter a sua origem nas distintas experiências pelas quais passaram ao longo dos seus anos de existência e que merecem ser analisadas e aprofundadas pela pesquisa. A comunidade rural de Rio Verde (GO) diferencia-se histórica e culturalmente das comunidades

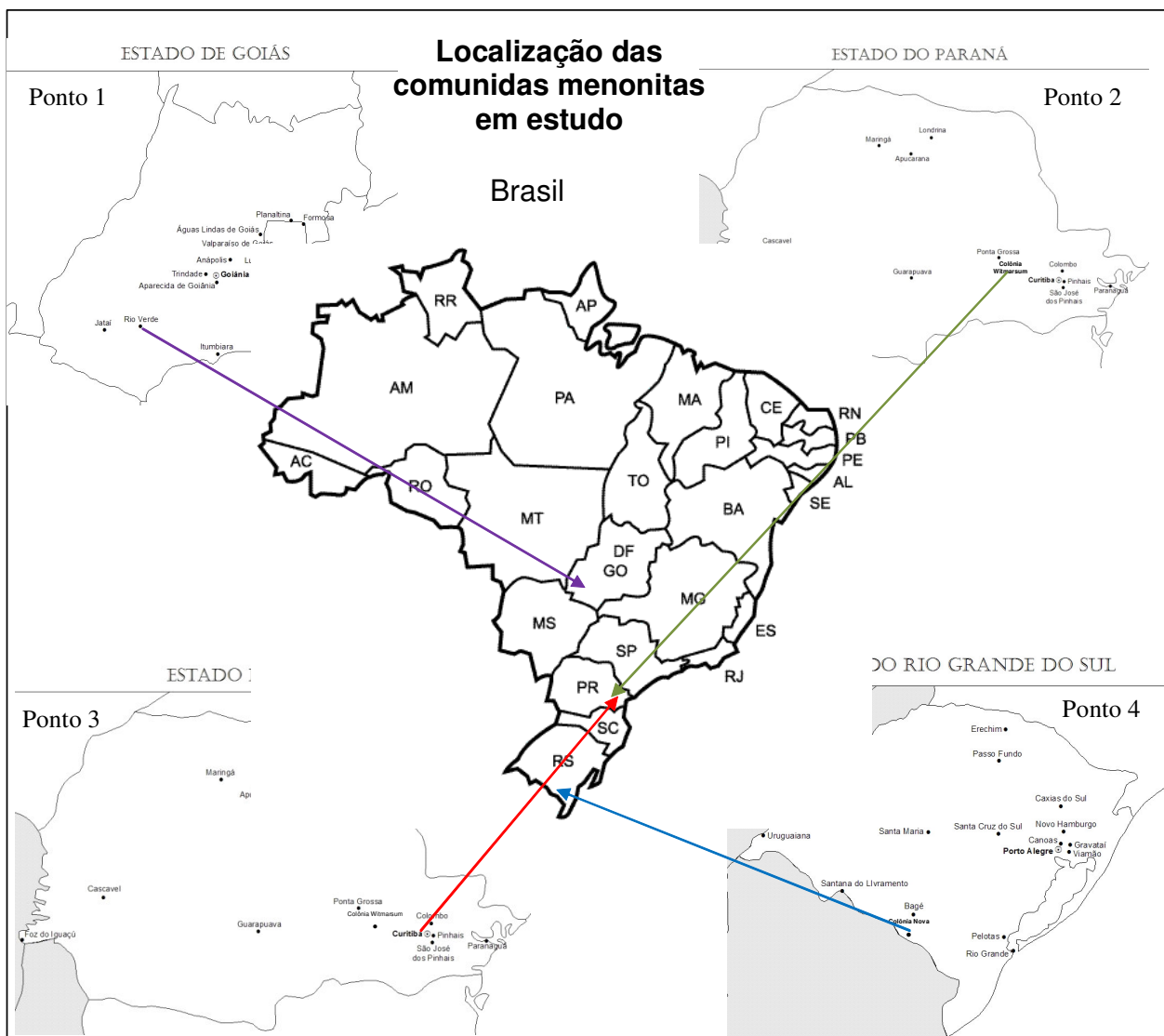
menonitas do sul do Brasil. Além da sua origem norte-americana, representa grupos mais conservadores, enquanto que as comunidades da região sul são mais progressistas.

De um modo geral, em nosso estudo, objetivamos compreender e descrever qualitativamente a divergência linguística existente nestas diversas comunidades em decorrência da existência de diferenças entre a fala do meio urbano e a do meio rural, como também a existência de influências de diferentes línguas em contato. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a Colônia Nova está localizada próximo à divisa com o Uruguai (30 km), porém distante de um centro urbano como Porto Alegre; a hipótese de uma influência do espanhol parece improvável, se considerarmos o fato de constituir uma ilha linguística. Já no Paraná a localização da Colônia Witmarsum está apenas a 70 km da capital de Curitiba, podendo o contato linguístico português ser influenciado pela proximidade do centro urbano. Em Goiás, a comunidade rural menonita está localizada próximo à cidade de Rio Verde; além disso, nesta comunidade, o uso da variedade do inglês também pode estar influenciando o contato linguístico Plautdietsch-português. Enfim, a opção pelo estudo comparativo de quatro contextos tão distintos amplia o poder de explanação da pesquisa, pois permite controlar e compreender um conjunto de fatores bem maior, e em condições variáveis.

Costuma-se afirmar que pontos mais isolados permanecem com um menor grau de substituição linguística, enquanto que pontos mais urbanizados ou mais recentes atingem um grau maior de substituição. Este estudo também pretende verificar se de fato as diferentes colônias concentram um maior índice de falantes do Plautdietsch, enquanto que a comunidade urbana caminha para um *continuum* cada vez mais em direção do abandono/substituição do Plautdietsch.¹²⁶

Em suma, a definição da rede de pontos justifica-se por dois motivos: a) pela diferença de influência linguística que existe entre as comunidades e b) pela possibilidade de comparabilidade dos dados linguísticos destes pontos. A seguir, apresentamos um mapa com a localização das quatro comunidades menonitas em estudo e, na sequência, uma descrição de cada comunidade:

¹²⁶ Conforme já mencionado na introdução deste trabalho (hipótese H1).



Mapa 1 - Localização das comunidades menonitas em estudo

Ponto 1: Comunidade menonita rural de Rio Verde - Goiás

Ponto 2: Colônia Witmarsum – Paraná

Ponto 3: Comunidade menonita de Curitiba – Paraná

Ponto 4: Colônia Nova – Rio Grande do Sul

3.2.1.1 Colônia Nova (RS)

Colônia Nova, no Rio Grande do Sul, pertence ao município de Aceguá (a 30 km) e está localizada a 45 km da cidade de Bagé, na divisa do Brasil com o Uruguai.¹²⁷ Com o objetivo de comprar terras para a produção agropecuária, um grupo de 86 famílias menonitas, que anteriormente morava no vale do rio *Krauel*, em Santa Catarina, fundou esta nova colônia no Rio Grande do Sul.¹²⁸

Nos primeiros anos de colonização, os colonos menonitas não mediram esforços para concretizarem o seu sonho e transformarem os “chircais”¹²⁹ em grandes lavouras de trigo. A evolução ocorreu muito rapidamente: através do processo de mutirão, fortalecido pelo lema “trabalho árduo, união e fé em Deus”. Em 1959, a Colônia Nova chegou a contar 204 famílias, sendo esse o maior número de famílias moradoras registradas em Colônia após a sua fundação.¹³⁰ Porém, neste mesmo ano (1959), começaram a surgir grandes dificuldades devido às condições climáticas e sanitárias, diminuindo a cultura do trigo. Conseqüentemente, as dívidas com os bancos aumentaram, levando a moratórias e venda de propriedades. Com isso, a população da Colônia foi diminuindo a cada ano, chegando a ter, em 1974, somente 124 famílias.¹³¹ No entanto, os colonos que permaneceram investiram no seu sonho de reconstrução e através dos seus líderes da Igreja e da Comunidade uniram-se e, em 1959, fundaram a Cooperativa Agrícola Mista Aceguá Ltda, mais conhecida como CAMAL. Esta cooperativa foi a alternativa encontrada para buscar a recuperação e reestruturação econômica, através da pecuária leiteira¹³².

Uma das primeiras preocupações dos menonitas após uma migração sempre foi a fundação de uma escola, através da qual a comunidade pudesse manter o seu estilo de educação e, principalmente, passar a herança religiosa e cultural dos antepassados para as próximas gerações. Assim, no ano de 1950, iniciaram-se as aulas para 40 alunos em Colônia Nova¹³³ e, em 1954, foi fundado o Seminário Menno Simons, que tinha como principal função preparar os alunos para seguirem seus estudos do Ensino Médio em uma região próxima. Em 1972, esse

¹²⁷ Klassen, P. (1998, p. 46).

¹²⁸ Klassen, P. (1998, p. 49).

¹²⁹ “Chircais” são arbustos comuns na região, que atrapalham o desenvolvimento do pasto nativo, diminuindo a lotação de animais por hectare.

¹³⁰ Klassen, P. (1998, p. 49).

¹³¹ Klassen, P. (1998, p. 49).

¹³² Pauls Jr., P. (1980a, p. 173).

¹³³ Pauls Jr., P. (1980a, p. 154).

Seminário passou a ser chamado de “Escola de 1º Grau Menno Simons”, na qual, além do currículo das escolas seculares, dava-se muita ênfase às aulas de língua alemã e de estudo bíblico. Em 1979, a oitava série desta escola contava com 160 alunos e, em 1995, o número cresceu para 181, sendo que destes 77 eram alunos unilíngues, ou seja, de origem não menonita.¹³⁴ Após esta data, o número de alunos de origem menonita nessa escola foi decrescendo ano após ano, chegando a apenas 40 alunos em 1999. Com essa redução do número de alunos, a situação financeira da escola também foi se agravando, chegando ao ponto de a liderança da comunidade ser obrigada a tomar a decisão pelo fechamento da escola. A partir de então, todas as crianças com idade escolar que moravam em Colônia Nova continuaram seus estudos em escolas públicas da região.

Outra prioridade da Colônia Nova: desde o início da sua fundação, foi notório o cuidado com a saúde dos membros da comunidade. Como o acesso a um hospital ou posto de saúde na cidade mais próxima era, nos primeiros anos, muito difícil, a comunidade decidiu construir, com recursos próprios e doações da Central Evangélica da Alemanha (EZE), um hospital com uma infra-estrutura exemplar, o qual pôde ser inaugurado em 1969.¹³⁵

Tendo em vista o futuro das jovens famílias do núcleo colonial, a comunidade comprou, em 1970, uma área de 1.350 hectares – um projeto viabilizado através do crédito fundiário. A área foi dividida em lotes de 30 a 33 hectares cada, abrindo vagas para 45 famílias.¹³⁶ Essa colônia-filha passou a se chamar Colônia Presidente Médici, em homenagem ao presidente do Brasil da época.¹³⁷ Mais tarde, em 1998, uma nova área de 4.022,7 hectares foi adquirida pela Colônia com recursos oriundos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), tendo também como objetivo assentar os jovens agricultores menonitas com as suas respectivas famílias. Esta nova área recebeu o nome “Colônia Pioneira” e está localizada a cerca de 30 km da Colônia Nova no município de Aceguá. Em 2008, comemorou-se a primeira década de sucesso com amplos festejos na presença de autoridades e a população em geral, inclusive com desfile de máquinas e exposição de gado leiteiro de alto padrão genético.¹³⁸

¹³⁴ Klassen, P. (1998, p. 220-222).

¹³⁵ Klassen, P. (1998, p. 287).

¹³⁶ Ott, H. (2009, p. 33).

¹³⁷ Klassen, P. (1998, p. 50).

¹³⁸ Ott, H. (2009, p. 46).

A última década (1999-2009) para a Colônia Nova, segundo Ott (2009, p. 47), ex-presidente da CAMAL, foi caracterizada por profundas transformações e correção de rumo. Devido aos diversos planos de estabilização econômica implantados pelo governo, e suas consequências, a situação financeira da CAMAL agravou-se a cada ano. Desta forma, medidas urgentes tornaram-se indispensáveis a fim de evitar o pior. Dentro desse novo rumo traçado, foram determinadas duas prioridades básicas: a) drástica redução de custos e b) aumento do volume de produção processada. Esta redução de custos resultou na desativação de unidades deficitárias e terceirização de serviços, ou seja, alguns mercados menores foram desativados; todas as rotas de coleta e transporte de leite, efetuadas até então pela CAMAL, foram terceirizadas; a indústria de laticínios firmou um contrato de parceria com a COSULATI (Cooperativa Sul Rio-Grandense de Laticínios Ltda); e a antiga sede administrativa, na qual funcionava a venda de produtos lácteos, também foi desativada. É claro que essas novas medidas foram contestadas por alguns e apoiadas por outros. Segundo Ott, (2009, p. 50), o principal afetado foi a quadro funcional pela perda de emprego.

Durante os 60 anos de existência da Colônia Nova, a comunidade passou por diferentes etapas que, por sua vez, deixaram marcas e influenciaram a vida social, econômica e cultural da colônia: hoje muitos moradores não são mais de origem menonita e a Colônia é influenciada por diversas etnias, mudando assim também hábitos e costumes que os imigrantes menonitas trouxeram. O Sr. Harry Janzen, pastor coordenador da Igreja Irmãos Menonitas de Colônia Nova, ao escrever sobre a atualidade da comunidade, relata o seguinte:

“Colônia Nova não é mais só aquele pequeno núcleo com terras vendidas apenas a pessoas de origem alemã. Hoje nem todos que residem em Colônia Nova falam a língua alemã, os costumes e os hábitos não mais são determinados por aquilo que veio na imigração. Hoje já moramos junto com cidadãos de outras etnias, culturas, raças e cores. Inclusive a igreja-mãe já celebra vários dos seus cultos na língua do nosso país e o estilo dos cultos também vem mudando aos poucos. Somos gaúchos, tomamos chimarrão e comemos churrasco. Somos brasileiros torcendo com todo empenho pela Seleção do Brasil. A integração com os brasileiros e com o Brasil está cada vez maior” (JANZEN, 2010, p.174).

A comunidade menonita de Colônia Nova vem sofrendo, desde a última década, com êxodo rural, pois a grande maioria das famílias jovens interessadas em continuar com a agropecuária se mudou para Colônia Pioneira e outros, muitas vezes com formação acadêmica e devido ao seu emprego, transferiram sua moradia para centros urbanos da região ou até para

outros estados. Com isso, a Colônia Nova, de acordo com alguns moradores, já deixou de ser “Nova”, pois a maior parte dos moradores de origem menonita tem acima de 45 anos.

Segundo Lunelli (2001, p. 49), os vários núcleos menonitas localizados no sul do Rio Grande do Sul compõem 213 domicílios, com 747 habitantes. A comunidade de Colônia Nova, incluindo as colonizações Médici e Pioneira, possuía, em 1998, 213 domicílios e uma população de 747 pessoas.¹³⁹ Como vimos, devido ao número crescente de moradores de origem não menonita na comunidade, a colônia deixou, no entanto, de ser um núcleo somente de menonitas e a integração com os chamados “brasileiros” é cada vez maior. Essa maior aproximação com pessoas de origem não-menonita na própria comunidade, como também a saída de muitos jovens aos centros urbanos à procura de uma formação superior, resultou no aumento significativo de casamentos exogâmicos na comunidade, podendo chegar até 50% nos últimos anos.¹⁴⁰

3.2.1.2 A comunidade menonita de Curitiba (PR)

Curitiba, a capital do Paraná, desde o início atraiu os menonitas que viviam em Santa Catarina. A sua localização, 110 km do oceano Atlântico, bem como o seu clima subtropical, entre 16 e 20 graus, não era apenas interessante para os menonitas, mas alvo de muitos outros imigrantes europeus desde a metade do século XIX.

Após quatro anos de colonização em Santa Catarina, várias famílias menonitas decidiram emigrar, em 1934, para Vila Guaíra (atualmente Água Verde), em Curitiba, onde já predominavam imigrantes de origem alemã. A partir dessa época, Vila Guaíra tornou-se o ponto de afluência dos menonitas que chegavam a Curitiba. No entanto, esse novo lugar não oferecia nenhuma condição para a constituição de uma comunidade menonita, relativamente fechada, como era o desejo da maioria. Tal oportunidade surge em 1936, através do loteamento de terras de uma fazenda, situada a 7 km do centro da cidade, pela “Companhia Territorial Boqueirão Ltda” A partir de 1936, muitas famílias menonitas de Santa Catarina compraram seus lotes e formaram três núcleos de caráter rural: Boqueirão I, Boqueirão II e Xaxim.¹⁴¹ Nesses núcleos, os colonos dedicaram-se exclusivamente à

¹³⁹ Publicação para o Cinquentenário de Colônia Nova (1949-1999) – Bagé (RS).

¹⁴⁰ Opinião de um pastor, morador da Colônia Nova (RS).

¹⁴¹ Klassen, P. (1998, p. 30-32).

agricultura e à produção de leite. O fato de morarem mais distantes e isolados do centro da cidade fez com que o contato com a língua portuguesa se restringisse à venda do leite na cidade, às instruções de trabalho aos empregados brasileiros e ao português estudado na escola.¹⁴² Na Vila Guaíra, por outro lado, o grupo de famílias cuja atividade econômica principal foi a indústria da madeira, serraria e fábrica de móveis, manteve um contato mais estreito e constante com os elementos da brasilidade.

Com o crescimento da cidade, as antigas e mais afastadas comunidades rurais dos menonitas, Boqueirão e Xaxim, também se transformaram em bairros urbanos bem integrados em Curitiba. Muitos menonitas viram-se forçados a procurar por terras ou fazendas mais distantes da cidade, para poder continuar com a sua atividade como pecuarista ou agricultor. Outros foram inserindo-se economicamente na cidade e no bairro, trabalhando em empregos fixos ou transformando-se em empresários urbanos. Muitas das chácaras do Boqueirão e Xaxim foram loteadas no final dos anos 60 e início dos anos 70. Segundo Minnich (1966), os menonitas estavam passando, em 1965, por grandes mudanças culturais e sociais, principalmente em decorrência do declínio drástico da proporção de agricultores em relação à sua população. Se, no início dos anos 30, mais de 90 % dos homens trabalhavam no campo, em 1965, seu total era de apenas 44 %. A partir dessa época, os menonitas atuam nas mais diversas áreas e profissões da indústria, comércio, educação e saúde em Curitiba.

A urbanização crescente da metrópole de Curitiba, como nos bairros do Boqueirão e do Xaxim, segundo Sahr, (2000, p. 72) “pode ser vista como uma intrusão do sistema capitalista no “mundo dos menonitas”, através da especulação imobiliária.” Consequentemente a integração geográfica dos menonitas teve alterações significativas, ou melhor, a maioria dos vizinhos das famílias menonitas são moradores de outras áreas rurais ou urbanas do Estado ou de outras regiões do Brasil. Esta dispersão geográfica, por sua vez, fez com que os menonitas valorizassem mais os seus lugares de encontro, como as igrejas, as escolas, os clubes, etc., transformando o espaço geográfico menonita, que antigamente era mais homogêneo, numa rede social mantida através de contatos pessoais. Atualmente, as comunidades menonitas não caracterizam mais a população majoritária dos bairros do Boqueirão e Xaxim. Percebe-se o “caráter menonita” nesses bairros apenas com um olhar mais preciso, observando, por exemplo, os nomes de ruas: Rua

¹⁴² Siemens, J. U. (1992, p. 19).

David Töws, Rua Pastor David Koop, Rua Heinrich Löwen, Rua Pedro Siemens, Rua Abrão Winter etc., nomes que lembram os menonitas pioneiros.

Em Curitiba, os menonitas também são conhecidos pelos seus empreendimentos em conjunto. Em 1947, por exemplo, criam a “Cooperativa Mista Boqueirão Ltda” (C.M.B.) com o intuito de unirem esforços para melhorar e agilizar a produção, distribuição e comercialização do leite, em caráter empresarial, associando a ideia de gerar novas iniciativas para a própria comunidade menonita com os lucros gerados pelo empreendimento. No entanto, o crescimento dos bairros Boqueirão e Xaxim – na década de 1970 – fez com que muitos produtores de leite da comunidade menonita deixassem a atividade ou se transferissem para outras regiões próximas a Curitiba, como Lapa ou Palmeira, ou para a cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul. Com a diminuição de cooperados, a C.M.B. encerra as suas atividades em 1992 e é vendida para uma rede de supermercados, cujos donos são da comunidade menonita. Na visão de alguns líderes da comunidade daquela época, o fechamento da “Cooperativa Mista Boqueirão Ltda” era meramente um reflexo da mudança de mentalidade do grupo menonita após sua imigração no Brasil, ou melhor, o benefício pessoal tinha prioridade em relação ao benefício comum.¹⁴³

Em regime de mutirão e com as dificuldades próprias da época, os menonitas construíram templos tanto no bairro Água Verde quanto no Boqueirão. Além da construção de cinco igrejas menonitas de origem étnica alemã em Curitiba (Igreja Evangélica Menonita do Boqueirão, Igreja Evangélica Menonita da Água Verde, Igreja Evangélica Irmãos Menonitas do Boqueirão, Igreja Evangélica Irmãos Menonitas do Xaxim e a Igreja Evangélica Irmãos Menonitas da Água Verde), a comunidade menonita sempre se empenhou em projetos sociais, beneficentes, culturais e esportivos que não seriam viáveis sem uma ampla cooperação das igrejas. Atualmente existem em Curitiba, como também em outras cidades e estados do Brasil, diversas igrejas-filhas que fazem parte da AIMB¹⁴⁴, da AEM¹⁴⁵ ou da COBIM¹⁴⁶.

Além do enfoque religioso, segundo Ens (2010, p. 144), “a prioridade absoluta era a criação e a manutenção de escolas locais para assegurar uma educação de bom nível”. Em 1936, os menonitas fundaram a chamada “Escola do Boqueirão”, que durante o período do Estado Novo

¹⁴³ Klassen, P. (1998, p. 102-105).

¹⁴⁴ AIMB = Associação das Igrejas Menonitas no Brasil.

¹⁴⁵ AEM = Aliança Evangélica Menonita.

¹⁴⁶ COBIM = Convenção Brasileira das Igrejas Evangélicas Irmãos Menonitas.

teve as suas portas fechadas devido a seu caráter “particular”, ou seja, mantinha aulas de alemão, como também profissionais treinados na Alemanha. Após o cancelamento das restrições do governo, a Escola do Boqueirão voltou a funcionar e, em 1956, tornou-se o “Ginásio Erasto Gaertner” e, em 1966, o “Colégio Erasto Gaertner”.¹⁴⁷ O nome do colégio deve-se à obrigatoriedade da escolha de um nome da história da cidade para designar as instituições de ensino. Erasto Gaertner foi um notável prefeito de Curitiba. Atualmente o Colégio Erasto Gaertner continua sendo administrado pela comunidade menonita através da Fundação Educacional Menonita¹⁴⁸ e conta anualmente com uma média de 850 alunos. Nas últimas décadas, a escola investiu bastante na sua infra-estrutura, podendo oferecer aos seus alunos amplas salas de aula, uma biblioteca com 17.500 títulos, laboratórios de informática, química e biologia, uma capela (primeira igreja construída pelos menonitas), um ginásio poliesportivo, quadras externas, um centro cultural e um centro ambiental. Além da Educação Infantil, Fundamental e Médio, a instituição oferece o Curso de Bacharel em Teologia através da Faculdade Fidelis. Um dos principais diferenciais do colégio é o ensino da língua alemã e o ensino religioso.

A comunidade menonita, grata pela nova pátria no Brasil, sempre se engajou em trabalhos sociais, fundando diversas associações de ação social de alcance regional e nacional como a AMAS¹⁴⁹, a AEM¹⁵⁰, a AMB¹⁵¹, os ambulatórios LEBEN¹⁵² e o NTMS¹⁵³, visando a promoção humana daqueles que vivem à margem do progresso e o bem-estar da família brasileira.¹⁵⁴

¹⁴⁷ Klassen, P. (1998, p. 214-219).

¹⁴⁸ A Fundação Educacional Menonita (FEM) é formada pelas seguintes instituições: Igreja Evangélica Irmãos Menonitas do Boqueirão, Igreja Evangélica Menonitas de Curitiba, Igreja Evangélica Irmãos Menonitas do Xaxim, Igreja Evangélica Menonitas da Água Verde e a Igreja Evangélica Irmãos Menonitas da Água Verde. A FEM foi criada para gerir o Colégio Erasto Gaertner e para obter, além de melhores benefícios jurídicos e fiscais, confiança e agilidade para o crescimento do colégio em suas ações culturais e filantrópicas, além de garantir que a administração não saísse, novamente, de seus fundadores, como aconteceu em 1938, no período do Estado Novo.

¹⁴⁹ AMAS = Associação Menonita de Assistência Social, fundada em 1970 para atender famílias pobres no interior e nas periferias das cidades.

¹⁵⁰ AEM = Associação Evangélica Menonita, fundou várias escolas e algumas igrejas em diversas regiões do Brasil.

¹⁵¹ AMB = Associação Menonita Beneficente, fundada para atender especialmente famílias e crianças abandonadas no interior do Paraná.

¹⁵² Ambulatórios LEBEN, com uma equipe multidisciplinar, ligados à AIMB, atendem crianças e educadores das Creches da AMAS.

¹⁵³ NTMS = Núcleo Terapêutico Menno Simons, ligado à COBIM, presta atendimento psicológico e psiquiátrico em grande escala, através de convênios com a Prefeitura de Curitiba e do SUS.

¹⁵⁴ Pauls, A. (2010, p. 44-45).

Para construir e manter uma clínica de repouso e de recuperação para idosos, foi criada, em 1979, a Associação Cristã Menonita e construído o Lar Betesda, no Boqueirão.¹⁵⁵ Nos primeiros anos a grande maioria dos hóspedes desse Lar era menonita de origem étnica alemã; atualmente 30% são falantes do Plautdiesch e, ou Hochdeutsch.¹⁵⁶ Para vir ao encontro do interesse desses, há semanalmente um estudo bíblico e um culto em Hochdeutsch. Além da direção e do capelão, vários outros funcionários que trabalham no Lar também são falantes do Hochdeutsch e, ou Plautdietsch. A presença desses profissionais bi- ou plurilíngues com certeza facilita a comunicação com aqueles hóspedes que preferem falar o Plautdietsch, por exemplo.

Além dessas instituições a comunidade menonita de Curitiba mantém um acampamento denominado Betel e o Esporte Clube Olímpico, para esporte e lazer. Outro lugar que marca a presença da comunidade menonita em Curitiba é a “Praça Menonita”, inaugurada em 1987 e localizada no bairro do Boqueirão. No dia da inauguração, o prefeito da cidade da época honrou a dedicação e trabalho dos menonitas, citando características como: ética, moral, religiosidade, fidelidade em relação a sua fé e empenho para a paz.¹⁵⁷

Durante os primeiros anos de colonização menonita nos bairros Boqueirão e Xaxim, a comunidade sepultava seus mortos no cemitério da Água Verde ou Luterano. Com o objetivo de terem seus entes queridos enterrados mais próximos à comunidade, compraram – na segunda década de 1940 – um terreno no próprio bairro para a efetivação do Cemitério Menonita que, em 1950, foi municipalizado e, a partir de então, chamado Cemitério do Boqueirão. Nas primeiras quadras do cemitério, encontram-se os túmulos dos fundadores e seus familiares.

Um dos principais veículos de comunicação entre os menonitas no Brasil e com menonitas no exterior é o jornal quinzenal *Bibel und Pflug* (Bíblia e Arado), fundado em 1954 em Colônia Witmarsum (PR) e editado até os dias de hoje integralmente em alemão. O conselho editorial desse jornal é constituído por membros representantes das igrejas menonitas de Curitiba e das igrejas menonitas da Colônia Witmarsum. Além de meditações bíblicas, o conteúdo do jornal inclui relatórios sobre festividades realizadas nas diversas igrejas e comunidades menonitas, testemunhos pessoais, atividades para crianças, anúncios sobre nascimentos, noivados, casamentos e falecimentos de pessoas pertencentes à comunidade, etc.

¹⁵⁵ Pauls, A. (2010, p.51).

¹⁵⁶ Informação recebida da direção do Lar Betesda em novembro 2010.

¹⁵⁷ Klassen, P. (1998, p.34).

À medida que os menonitas em Curitiba foram se integrando socialmente na grande cidade, os contatos e a convivência com não falantes do Hochdeutsch e do Plautdietsch cresceram, contribuindo para uma grande mudança no que se refere ao emprego e a alternância dessas línguas de imigração. Enquanto, nos primeiros anos de sua migração para Curitiba (1932-1950), tanto o Plautdietsch como o Hochdeutsch predominavam na comunidade menonita, nas últimas décadas, o uso do português tem crescido muito nos vários contextos: social, familiar e religioso. Segundo Siemens (1984), os dados da sua pesquisa projetam

“a continuação da diminuição do uso do alto-alemão e baixo-alemão pelo constante aumento do português num processo contínuo e irreversível que, perdurando, levará inevitavelmente ao desaparecimento do alto-alemão da vida pública para persistir em alguns contextos isolados”(SIEMENS, 1984, p. 127).

Como o objeto deste estudo inclui a descrição do contato linguístico alemão-português da comunidade menonita de Curitiba, pressupomos que os dados a serem colhidos e analisados irão corroborar ou não esta situação.

3.2.1.3 Colônia Witmarsum (PR)

Devido às grandes dificuldades de colonização no Vale do rio Krauel (Ibirama, Santa Catarina), grande parte dos colonos menonitas estava insatisfeita com a sua localização e almejava encontrar melhores terras para o seu estabelecimento definitivo. Graças ao auxílio financeiro da instituição menonita norte-americana, um grupo de 60 famílias pôde comprar, em 1951, a Fazenda Cancela do Senador Roberto Glaser, nos Campos Gerais do Paraná, e criaram a Colônia Witmarsum.¹⁵⁸ A Colônia está situada junto à BR277, no km 146, no município de Palmeira, na Região Sul do Paraná, distante 70 km de Curitiba.

Como já foi mencionado, Witmarsum é o nome de uma pequena cidade da Frísia, norte da Holanda, onde nasceu Menno Simons, líder espiritual dos anabatistas ou menonitas. ‘Witmar’ é um nome frísio que quer dizer ‘o famoso das florestas’; ‘sum’ é um sufixo que significa pomar

¹⁵⁸ Balhana, A. P. (1980, p. 236-237).

ou chácara. “Witmarsum”, portanto, seria a ‘Chácara do Witmar’, ‘a chácara do famoso das florestas’.¹⁵⁹

O complexo de terras da Colônia Witmarsum abrange uma área de 7.800 hectares, inicialmente divididos em 128 chácaras de 50 e 100 hectares. Ninguém, na época, podia vender ou comprar uma chácara sem aprovação da cooperativa da Colônia. Esse pacto impediu, por muito tempo, a imigração de pessoas não menonitas para a Colônia.¹⁶⁰ Anos mais tarde, este pacto foi dissolvido, no entanto, segundo Philippsen, ex-presidente da Associação de Moradores, a venda de lotes primeiramente é anunciada à associação que, por sua vez, dá preferência de compra do lote para os próprios moradores da Colônia.

Dados estatísticos oficiais sobre a população de Witmarsum nos primeiros anos após sua fundação não foram encontrados. Em 1965, foi feito um levantamento dos habitantes menonitas em Witmarsum pelo sociólogo Minnich¹⁶¹, que contou 127 famílias, com um total de 691 pessoas. Segundo uma publicação de 2001, “Witmarsum – 50 anos no Paraná”, viviam, na época, 1.599 pessoas nesta colônia. Destas, 1.183 eram de ascendência menonita e ainda falavam o Hochdeutsch e/ou o Plautdietsch. Em 2010, estima-se que a Colônia tenha aproximadamente 1.200 moradores descendentes dos imigrantes menonitas e 800 moradores que vieram de outras regiões para trabalhar nas fazendas e no centro comercial.

A base econômica de Witmarsum reside, desde a sua fundação, na agropecuária, desenvolvida, sobretudo, no setor da pecuária leiteira. Também há criação de frangos e porcos para o abate e plantações de milho, soja e trigo.

Para atender ao interesse social e econômico da comunidade de Witmarsum, foi fundada, em 1952, a Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda, sucessora da Sociedade Anônima, que funcionava em Ibirama (SC). Essa cooperativa, por sua vez, tinha como seus principais objetivos e funções: a união dos produtores rurais (moradores de Witmarsum), o apoio e a proteção dos interesses econômicos dos seus membros, partindo do pressuposto que haveria um apoio de ambas as partes, visando dessa forma um desenvolvimento também em conjunto. Para os imigrantes, o cumprimento dessas tarefas por parte da cooperativa com certeza contribuiu

¹⁵⁹ Nikkel, M. e Kliewer, H. G. (1991, p. 8).

¹⁶⁰ Klassen, P. (1998, p. 57).

¹⁶¹ Minnich, H.(1966 *apud* PAULS, 1980, p. 219).

para o sucesso nos primeiros difíceis anos de colonização.¹⁶² Em 2010, a Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda conta com 310 sócios e tem como atividades industriais a fábrica de rações e a fábrica de queijos e mantém toda a estrutura para a recepção e armazenagem de grãos produzidos pelos associados, bem como presta assistência técnica veterinária e agrônômica, fornece os insumos necessários para produção e atua na comercialização da produção de seus associados. A Cooperativa é proprietária da escola, do hospital e do museu histórico da comunidade.¹⁶³

Além do desejo de funcionamento de uma cooperativa, de acordo com a legislação oficial brasileira, a comunidade sentiu necessidade de uma associação que atendesse os interesses tanto sociais, como também culturais. Em 1988, fundou-se então a Associação Comunitária dos Moradores Proprietários de Witmarsum, que tem como principal função resguardar oficialmente todas as questões culturais e sociais da comunidade. Como esta associação aceita apenas moradores proprietários da colônia, a grande maioria dos seus membros é de origem menonita. A separação das funções dessas organizações, ou melhor, entre a Cooperativa e a Associação dos Moradores, é considerada fundamental para assim amenizar problemas financeiros na construção e manutenção de instituições sociais. Mesmo que, para a Associação, as contribuições caracterizem antes um valor simbólico, os associados produtores de leite, grãos e frango comprometem-se a pagar 1% da sua produção mensal para o caixa da Associação; e os associados assalariados, 10% do salário mínimo. Com este fundo são mantidos, por exemplo, a administração da escola, as estradas internas da colônia, o cemitério, o museu histórico, atividades esportivas e outras modalidades de desenvolvimento cultural da comunidade.¹⁶⁴ Esta divisão de funções entre a Associação e a Cooperativa é também reconhecida pelos moradores de Witmarsum como a solução para uma melhor coesão social da comunidade. Desta maneira, o sistema de uma sociedade autônoma no modelo que os menonitas mantinham antigamente na Rússia e, que por muitos anos ainda era almejado, foi substituído. No entanto, para Klassen (1998, p. 61), membro da comunidade menonita do Paraguai e historiador, a continuidade da coesão social dependerá mais que nunca da prontidão de cada membro em assumir compromissos relativos à comunidade.

¹⁶² Pauls Jr., P. (1980, p. 111).

¹⁶³ Informações retiradas do Boletim Informativo do Sistema FAEP nº 1113 (20-26 de setembro de 2010) *Witmarsum - a epopeia dos menonitas*.

¹⁶⁴ Informações obtidas pela secretaria da *Associação de Moradores da Colônia Witmarsum* (março 2010).

Um ano após a sua instalação, a comunidade fundou a primeira escola, o Colégio Fritz Kliewer, que atualmente (2010) tem 400 alunos matriculados. Nos primeiros anos, o corpo docente e discente da escola era formado somente por professores e alunos de origem menonita. À medida que o número de funcionários da cooperativa e o número de empregados das fazendas de origem étnica não-alemã cresceu, o número de alunos unilíngue português no colégio também aumentou. Em 1995, por exemplo, a escola contava com 561 alunos, dos quais apenas 215 eram de origem menonita.¹⁶⁵ Desde o início a escola sempre primou por uma educação com princípios cristãos e que valorizasse a cultura menonita, ou seja, para todos os alunos são oferecidas aulas de religião e de língua alemã. Atualmente a escola oferece o ensino fundamental e médio e pertence à rede pública municipal e estadual.

Tendo em vista o futuro dos jovens agricultores de Witmarsum, a cooperativa comprou, em 1980, uma área de 535 hectares a 35 km da Colônia, chamada de “Colônia Primavera”.¹⁶⁶ Em 1990, outra área é adquirida a 32 km de Witmarsum e denominada “Sinuelo”. Ambas as colônias são administradas economicamente pela cooperativa de Witmarsum.¹⁶⁷ Além dessas duas colônias-filhas, outra grande área foi comprada no final de julho de 1984, localizada no município de Formosa do Rio Preto, na divisa da Bahia com Tocantins. No início, o entusiasmo foi grande e 42 famílias menonitas de Witmarsum inscreveram-se para participarem do projeto. No entanto, além da distância entre as colônias “mãe e filha”, aproximadamente 2.400km, as dificuldades de colonização desanimaram muitos dos novos proprietários, resultando em adiamento das atividades agrícolas e venda de suas partes para aqueles que persistiram. Com o passar dos anos, as dificuldades deram lugar à prosperidade e, atualmente, a Colônia Concórdia, na Bahia, conta com oito fazendas e 24 habitantes de origem menonita.¹⁶⁸

Ao longo do seu crescimento e desenvolvimento, a comunidade de Witmarsum também vivenciou dificuldades econômicas, tensões e conflitos religiosos internos, que poderiam ter desfeito a própria colônia. Mas, segundo Pauls Jun., ex-diretor e professor do colégio de Witmarsum, exatamente naqueles momentos difíceis, o que uniu a comunidade foi ter como fundamento uma fé em comum. Para Pauls Jun., uma comunidade que tenha interesse em permanecer unida, não deve se

¹⁶⁵ Klassen, P. (1998, p. 227).

¹⁶⁶ Pauls Jr., P. (1980, p. 107).

¹⁶⁷ Klassen P. (1998, p. 60).

¹⁶⁸ Kasdorf, O. (2010, p. 181).

basear apenas em interesses econômicos, objetivos culturais e manter relacionamentos sociais e étnicos, mas, sobretudo, deve ter uma fé em comum, uma comunhão religiosa.¹⁶⁹ Pauls Jun. (1976, p.43) ainda complementa: “os três pilares que mantiveram e que ainda mantêm a existência da colônia são: a igreja, a cooperativa e a escola”.¹⁷⁰

No final dos anos 90, o número de usinas para a comercialização do leite existentes na região triplicou, provocando uma forte concorrência para a própria usina de leite da comunidade. Além disso, as decisões governamentais, em vários momentos, deixaram em segundo plano a atividade agropecuária. A falta de incentivo e de apoio ao produtor de grãos e, principalmente, a crise na pecuária de leite retiraram grande parte da renda dos produtores de Witmarsum, inviabilizaram investimentos assim como também, em alguns casos, a manutenção do produtor rural em sua propriedade.¹⁷¹

Apesar das dificuldades, Witmarsum conta hoje com uma economia estruturada. Localizada numa região geograficamente privilegiada, a colônia está investindo muito, nos últimos anos, no turismo. Além do turismo rural, artístico e cultural oferecido, a comunidade coloca à disposição de seus visitantes várias opções de turismo gastronômico, bem como diversas pousadas. Esta abertura da comunidade para o turismo gerou uma alternativa de renda para muitas famílias. Ao mesmo tempo, o aumento do fluxo de pessoas “estranhas” na colônia provocou uma reflexão mais profunda nos próprios moradores sobre a sua estrutura social. Em uma entrevista, a senhora Melita Nikkel, imigrante e professora aposentada de Witmarsum, faz o seguinte comentário:

“[...] O turismo gera uma estrutura bem diferente, inclusive social. Nós também estamos nos abrindo para a população do país. Antes éramos só alemães, sempre entre nós. Isto não era bom. Temos que nos relacionar com os que vivem ao redor.”¹⁷²

Nesse sentido, a comunidade está – através do turismo – oferecendo aos seus moradores, principalmente aos jovens, a oportunidade de viver com uma pluralidade maior.

¹⁶⁹ Pauls Jr., P. (1976, p. 42).

¹⁷⁰ Nos chama atenção que, entre os pilares que mantêm a comunidade, nenhuma da(s) língua(s) de imigração – Plautdietsch/Hochdeutsch – são citadas pelo ex-diretor e professor da comunidade.

¹⁷¹ Publicação „Witmarsum – 50 anos no Paraná“ (2001, p. 17).

¹⁷² Depoimento retirado da internet YouTube <http://www.youtube.com/watch?v=wOzicGIWJ74&feature=related>.

A Colônia Witmarsum está em fase de transição cultural. Na escola, por exemplo, o alemão é lecionado apenas como língua (materna ou estrangeira), todas as outras disciplinas são ministradas em português. Ou seja, os alunos estão expostos por muito mais tempo à língua portuguesa; conseqüentemente, a comunicação entre os jovens também tende a ser mais fácil em português. Além disso, devido à falta de terras e de trabalho na colônia, muitos jovens são forçados a procurar uma alternativa na cidade. Há certa preocupação por parte da liderança da comunidade em relação ao futuro da colônia, pois a evasão dos jovens para os centros urbanos é cada vez maior: aproximadamente 85% dos jovens saem da colônia para fazer um curso superior. Essa experiência de ficar, pela primeira vez, um período maior fora da colônia é vista pela maioria dos jovens como positiva, pois ela lhes permite uma reflexão sobre a cultura, tradição e costumes nos quais foram criados e também são confrontados com outras visões de mundo e pensamentos.

Uma das características mais evidentes dos menonitas era a sua opção por colônias fechadas. No entanto, Witmarsum depende economicamente do que existe ao redor dela. Por exemplo, as atividades econômicas da própria colônia são desenvolvidas com o objetivo de atender um determinado mercado, sendo esse majoritariamente a região de Curitiba. A produção de laticínios e o plantio de cereais têm como objetivo atender, além do próprio consumo, uma comunidade maior. Conseqüentemente, a comunidade deixou de ter uma vida isolada e tem uma influência na vida econômica e social.

À medida que a colônia foi crescendo economicamente, aumentou também o número de empregados unilíngues nas fazendas, como também o número de funcionários de origem não menonita. Com isso, os casamentos exogâmicos, mesmo que em menor quantidade, são cada vez mais frequentes em Witmarsum. No entanto, prevalece ainda o desejo, reforçado principalmente pela geração mais velha, de que o jovem de origem menonita case com uma jovem de origem menonita.

3.2.1.4 Colônia Rio Verde (GO)

Os menonitas de Rio Verde (GO) têm sua origem étnica na Suíça, cujo grupo também é conhecido como os Holdeman Menonitas, em honra a seu fundador John Holdeman (1832-

1900).¹⁷³ Nos séculos XVIII e XIX, seus descendentes emigraram da Suíça para a América do Norte. Conforme Becker, membro da comunidade dos Holdeman menonitas de Rio Verde, as primeiras famílias deste grupo chegaram ao Brasil em 1968. Após um pequeno período de estada na cidade de Anápolis (GO), o grupo adquiriu a fazenda ‘Monte Alegre’, a 35 km ao norte da cidade de Rio Verde, localizada a 238 km de Goiânia. Um dos principais motivos que levou o grupo de 249 pessoas a emigrar dos Estados Unidos e do Canadá foi a possibilidade de encontrar uma grande área rural, onde pudessem cultivar a agricultura, bem como terem a sua própria escola e assim criar seus filhos de acordo com os princípios bíblicos, de preferência sem “influência mundana”.¹⁷⁴

Segundo o coordenador da Publicadora¹⁷⁵ Menonita de Rio Verde, a comunidade menonita de Rio Verde conta atualmente com 351 pessoas, das quais 290 moram na colônia e 61 na cidade de Rio Verde. Após a chegada dos primeiros imigrantes americanos em Colônia foi fundada a Congregação Monte Alegre que, até nos dias de hoje, conta com o maior número de membros da colônia. Com a vinda de mais imigrantes dos EUA, uma segunda congregação foi fundada em 1987: a Congregação Rio Verdinho. Ambas as congregações da comunidade, Monte Alegre e Rio Verdinho, foram designadas a partir dos rios que atravessam a colônia e planejam atividades em conjunto.

Durante os quarenta anos de existência da Colônia Rio Verde, muitas famílias imigrantes retornaram aos EUA devido às dificuldades de colonização nas primeiras duas décadas; outras, à medida que os filhos se casavam com americanos ou canadenses residentes nos EUA e/ou Canadá, também preferiram voltar ao país de origem, para poder ficar mais perto dos seus familiares.

A comunidade menonita rural de Rio Verde usufrui hoje de grandes plantações de soja, arroz e milho e as suas fazendas refletem um bom nível sócio-econômico. Algumas famílias na

¹⁷³ John Holdeman, originário do Distrito de Wayne, Ohio, não concordando com o aparente baixo nível de vida espiritual na igreja, deixou a sua comunidade e fundou a “Church of God in Christ – Mennonites”, também conhecida como “Holdeman Mennonite Church”. Para evitar que esta “Igreja de Deus em Cristo” fosse confundida com outras igrejas de Deus, como também para apreciar a herança anabatista, o nome “menonita” foi incluído mais tarde (DYCK, 1992, p. 281-282).

¹⁷⁴ Depoimento de Charles Becker, responsável pela Publicadora Menonita de Rio Verde (15.03.2010).

¹⁷⁵ O termo “Publicadora” é usado pelos próprios moradores da comunidade, referindo-se ao estabelecimento onde podem ser adquiridos livros, de caráter predominantemente religioso, e onde também são traduzidos livros do inglês para o português.

colônia também têm gado leiteiro e outras vivem da criação de frangos. Em relação à vida espiritual, os Holdeman menonitas de Rio Verde seguem determinadas normas, nas quais é dada uma ênfase particular ao não conformismo com o mundo, à vestimenta e à forma de viver, sendo uma das marcas mais evidentes o uso de barba por todos os homens membros da igreja. As mulheres também seguem uma rígida prescrição de vestimenta: usam sempre vestidos, de preferência de cores pastéis; e, por cima do cabelo, fazem uso de um véu. Além disso, objetos como televisão, rádio, máquina fotográfica e o computador são evitados.

A comunidade menonita rural de Rio Verde mantém uma escola particular, a qual oferece dois currículos: o americano e o brasileiro. A grande maioria dos filhos descendentes de imigrantes americanos participa do currículo americano, ou seja, no qual todo o conteúdo é lecionado em língua inglesa. Além disso, esses alunos também têm diariamente aulas de português. Em contrapartida, todos os alunos que fazem parte do currículo brasileiro têm diariamente aulas de inglês como língua estrangeira, tendo assim a possibilidade de se tornarem fluentes no inglês até chegarem ao término da oitava série. Em março de 2010, a “Escola Menonita Monte Alegre” contava com 65 alunos e 11 professores.

Um dos grandes trabalhos desta comunidade é de enviar missionários e entregar folhetos evangelísticos. Mas, segundo Unruh (*apud* KLASSEN, 1998, p. 68), a principal tarefa que o grupo Holdeman no Brasil tem é a de mostrar que o seu ensino e o seu modo de vida são coerentes. De acordo com Wiens (2002, p. 147), nas últimas três décadas após a chegada dos primeiros Holdeman Menonitas no Brasil, esta comunidade fundou cinco igrejas e cinco congregações em seis diferentes estados do Brasil, sendo que cinco estão localizadas no estado de Goiás.¹⁷⁶

De acordo com Klassen (1998, p.67), além da origem da fé anabatista, os Holdeman Menonitas têm pouco em comum com os menonitas do sul do Brasil, cuja origem étnica é da Holanda e do norte da Alemanha. Estes dois grupos de menonitas têm pouco contato entre si, uma vez que a distância entre Goiás e os estados do sul é grande e também pelo fato que as comunidades divergem nas suas tradições culturais e aspectos doutrinários. Em Colônia Rio Verde, por exemplo, há a prescrição da vestimenta para homens e mulheres; e o controle social

¹⁷⁶ A nossa pesquisa irá se limitar em estudar a comunidade rural de Rio Verde (30 km da cidade de Rio Verde), fundada em 1968.

desta comunidade é reforçado pelo pouco interesse por uma formação superior. Já as comunidades menonitas do Sul do Brasil praticamente não se diferenciam do seu entorno e sentem-se culturalmente inseridas e adaptadas no seu ambiente. Sendo assim, as comunidades menonitas da Região Sul poderiam ser antes classificadas como progressistas; e a Colônia de Rio Verde, como uma comunidade conservadora.

3.2.2 Dimensão diageracional: GI e GII

A dimensão diageracional no nosso estudo envolve dois diferentes grupos etários, ou seja, falantes entre 18 e 35 anos (GI) e falantes acima de 55 anos (GII). Vale salientar que a GI compreende tanto a segunda como a terceira geração após a imigração dos menonitas na região sul do Brasil (1930). Este grupo pode ser caracterizado como aquele que se sente integrado no “novo” meio, ou seja, identifica-se antes como “brasileiro” do que como “alemão”. Esta postura acaba influenciando também na atitude deste grupo, percebendo-se uma postura positiva em relação ao português. Em geral, observa-se na GI das comunidades menonitas da região sul do Brasil, uma preferência pelo uso e escolha do português em relação às línguas de imigração (Plautdietsch ou Hochdeutsch).

A geração II (das comunidades do sul do Brasil) ainda inclui um pequeno grupo de imigrantes que, ao chegarem ao Brasil, eram ainda crianças. No entanto, a grande maioria da GII já é nascida no Brasil, trazendo consigo lembranças dos primeiros (difíceis) anos de colonização. Este grupo tem uma ligação étnica mais forte, identificando-se muitas vezes como alemães-brasileiros ou como menonitas-brasileiros. Em relação às línguas de imigração, uma parte desta geração é vítima do período de nacionalização, no qual tiveram negados seus direitos à língua alemã; neste caso, ao Hochdeutsch. Já no que se refere ao Plautdietsch, percebe-se que neste grupo o uso ainda é frequente e que existe afetivamente uma ligação mais forte (*Sprachloyalität*) comparando com a GI.

Para o presente estudo optou-se por uma relação binária, contrastando duas gerações opostas, para evidenciar diferenças de comportamento linguístico marcadas pelo fator idade. Segundo Radtke & Thun (1996, p.32), a variação diageracional expressa, “o tempo visível,

porque reproduz a convivência das gerações”. Além disso, a dimensão diageracional pode sinalizar, pela comparação atual entre GI e GII, mudanças em curso, por exemplo, de um estágio trilingue Plautdietsch/Hochdeutsch/português entre a GII para um bilinguismo Hochdeutsch/português na GI, identificando, assim, o índice de manutenção e perda da língua de imigração nas diferentes comunidades em estudo.

3.2.3 Dimensão dialingual: Plautdietsch, Hochdeutsch menonita, inglês e português em contato

A dimensão dialingual é uma das principais dimensões para o nosso estudo, pois ela nos auxilia, primeiramente, a identificar os falantes das diferentes variedades do plurilinguismo menonita (Plautdietsch, Hochdeutsch, português ou Plautdietsch, inglês, português) nas gerações GI e GII e, após, pela análise qualitativa, relacionar os fatos preponderantes nessa configuração linguística.

Através da dimensão diageracional e dialingual, o estudo pretende sinalizar, pela comparação do estado atual das línguas de imigração entre a GI e GII, de que forma, por exemplo, o Plautdietsch ainda subsiste na correlação das variedades *standard* do português, inglês e Hochdeutsch nas diferentes gerações e estratos sociais das comunidades menonitas do Brasil.

3.2.4 Dimensão diagenérica: fala de homens e mulheres

Fernández (*apud* RADTKE & THUN, 1996, p. 92), ao traçar um quadro geral da discussão sobre o parâmetro biológico ou “diassexual” nos atlas linguísticos, questiona se o comportamento linguístico das mulheres é mais conservador ou mais inovador do que o dos homens, ou se a diferença biológica na verdade não seria uma diferença social produzida pela distribuição fixa dos papéis sociais na sociedade.

A dimensão diagenérica, como optamos chamar essa dimensão, pode auxiliar na constatação de uma variação entre homens e mulheres, principalmente pelo fato de se tratar de sociedades consideradas mais tradicionais, nas quais existe uma distribuição de papéis entre

homens e mulheres. Na comunidade rural de Rio Verde, por exemplo, todas as negociações com o mundo exterior são realizadas pelos homens. São eles também que, em seus trabalhos, entram em contato com os empregados monolíngues em português. Em contrapartida, as mulheres são responsáveis pelo ambiente familiar, portanto saem bem menos. Nas comunidades menonitas mais progressistas da região sul, mesmo que em um nível diferente, os papéis sociais do homem e da mulher também se diferenciam entre si, podendo existir, por exemplo, diferenças entre a fala de ambos os sexos e também comparando estes com o meio urbano e rural.

Em nosso estudo, no entanto, infelizmente não foi possível controlar com maior exatidão a dimensão diagenérica que, em princípio, teria inúmeras razões para apresentar variação entre o comportamento linguístico de homens e mulheres, tendo em vista que assumem de fato papéis sociais bem diferentes na comunidade. Como recomendação para estudos futuros do contato linguístico em comunidades menonitas, julgamos mais apropriado realizar quatro entrevistas; porém, com a dimensão diageracional (GI e GII) e diagenérica (homens e mulheres) em lugar da diastrática (Ca e Cb), como fazem o ADDU, ALGR e ALMA. Todavia, considerando o princípio federativo, ficaria uma lacuna no momento de comparar os resultados entre as diferentes variedades/línguas de imigração alemã.

3.2.5 Dimensão diastrática: estratos sociais Ca e Cb

É frequente realizar a combinação da dimensão diatópica com a diastrática e a diageracional, como ocorre no ALMA. Conforme já demonstramos acima no quadro 2, que segue a tendência do ALMA, nossa pesquisa pretende fazer a distribuição dos grupos de informantes de acordo com o seu nível de escolaridade, ou seja: a classe baixa (Cb) representada por falantes com nenhuma ou até 11 anos de escolaridade; e a classe alta (Ca) representada por falantes com mais de 11 anos de escolaridade. A inclusão da dimensão diastrática no nosso estudo poderá revelar indícios da visão popular e leiga de que o falante do Plautdietsch pertence à classe social de nível mais baixo e que pertence ao grupo de menonitas “mais antigos” (conservadores), uma forma de preconceito que, às vezes, ele mesmo ajuda a construir e manter. Todavia, questionamos se o critério da escolaridade, de fato, pode ser demarcado pelo critério

distribucional de classe alta e classe baixa. Ou seja, nos perguntamos se as diferenças sociais ligadas à escolaridade podem significar uma definição de parâmetros de maior substituição ou de maior manutenção da língua de imigração. Considerando, porém, o contexto da nossa pesquisa, acreditamos que este tipo de tratamento sistemático ainda seja o mais aplicável.

Analisando esta dimensão em termos de consciência linguística (*language awareness*), conforme a literatura mais recente tem demonstrado (Skutnabb-Kangas & Philipson 1996), pretendemos verificar o que representa para o indivíduo, em termos cognitivos, culturais e emocionais falar o Plautdietsch.

3.2.6 Dimensão diafásica: situações de uso das variedades

A partir desta dimensão, o nosso estudo pretende verificar a escolha linguística dos informantes nos respectivos espaços de uso das línguas implicadas, ou seja, a escolha linguística implementada pelos falantes conforme a situação de uso formal ou informal da língua, no caso Plautdietsch, Hochdeutsch, inglês ou português. Nas comunidades menonitas da região sul, por exemplo, observa-se que o Plautdietsch é usado exclusivamente em ambientes informais: nos lares, entre os parentes, com os vizinhos e amigos mais próximos. O Hochdeutsch, por outro lado, é usado nas comunidades menonitas em situações formais, como por exemplo, nos cultos das igrejas, nas reuniões de estudos bíblicos semanais, na leitura bíblica, nas orações, nos encontros quinzenais da terceira idade, nos casamentos, etc. De acordo com Dück (2005, p. 63), a variação no emprego das línguas no âmbito religioso na comunidade menonita de Witmarsum (PR), por exemplo, é influenciada por dois fatores: a (in)formalidade do contexto e a participação/passividade verbal do falante. Em outras palavras, quanto maior a formalidade do contexto, maior a preferência do uso do Hochdeutsch e quanto maior a participação verbal, maior o uso do português e do Plautdietsch.

Nesta mesma comunidade (Witmarsum, PR) ainda existe outro aspecto que nos chama atenção e que diz respeito ao uso do Hochdeutsch: aparentemente muitos pais preferem comunicar-se em Hochdeutsch na interação com os filhos, uma vez que, essa variedade tem maior prestígio e poderia trazer maiores perspectivas e benefícios profissionais. Esta mudança de

atitude fez com que o Hochdeutsch, nas últimas décadas, também fizesse parte do ambiente informal em muitas famílias de Witmarsum. Sendo assim, o Hochdeutsch estaria passando por um processo de mudança nas relações de uso das línguas tanto em ambientes formais quanto informais nesta comunidade.

Na comunidade menonita de Colônia Nova (RS), por outro lado, observa-se que o Plautdietsch ainda continua sendo ensinado para muitas crianças, mesmo que outros já optaram pelo português, principalmente nos casos onde se trata de casamentos entre menonitas étnicos e monolíngues em português. Poderia, então, nesta comunidade, o ensino da língua minoritária, o Plautdietsch, ser caracterizado como um fator de maior identificação cultural por parte destas famílias? Estaria o Plautdietsch passando por um processo de substituição pelo português nas relações de usos das línguas tanto em ambientes formais quanto informais nesta comunidade? Qual classe de indivíduos (Ca ou Cb) incluiria com mais intensidade esta mudança? Kaufmann (2003, p. 54-57) caracteriza a comunidade de Colônia Nova (RS) como uma comunidade trilingue estável, com papéis bem definidos: o Plautdietsch cobrindo a comunicação intra-étnica informal; o Hochdeutsch, a comunicação intra-étnica formal (escola, igreja, ler e escrever); e o português, a comunicação inter-étnica. Com a saída de campo, o nosso estudo também pretende reavaliar esta afirmação.

Para alcançar uma variação diafásica (estilística) esta pesquisa faz uso do questionário também utilizado no ADDU e no ALMA, o qual abrange um texto narrativo (a Parábola do Filho Pródigo), as respostas a perguntas do questionário e a conversa livre dos informantes nas diferentes línguas em uso. Além disso, a dimensão diafásica é abordada neste estudo por meio das observações *in loco* por ocasião das saídas a campo.

3.2.7 Dimensão diarreferencial: percepção da fala do outro

Esta dimensão vai tratar, de forma especial, como os falantes percebem a sua fala e a do outro e como se relacionam com estas. A partir das entrevistas semidirigidas, os informantes serão solicitados a avaliar os seus próprios conhecimentos nas diferentes línguas, isto é, em Plautdietsch, Hochdeutsch, português e, em inglês, dependendo da localização da comunidade.

Para obter tais informações, os informantes serão solicitados a informar quem, quais línguas, quando, com quem e em qual contexto fala. Também poderão surgir perguntas sobre a atitude linguística de falantes em determinadas situações (para averiguar inclusive a sua avaliação a respeito). A primeira parte do questionário destina-se especificamente ao uso da(s) línguas(s) dos informantes e a opinião dos mesmos a respeito. A partir da dimensão diarreferencial, o estudo pretende analisar as atitudes dos informantes em relação à(s) língua(s) do seu próprio grupo, como também com aquela língua que é usada pela maioria ao redor, a fim de relacionar estes com outros resultados. De acordo com Allport (1954), uma atitude não necessariamente determina o comportamento de uma pessoa, mas esta é influenciada por uma determinada direção (tendência). O autor define o conceito da seguinte maneira:

“An attitude is a mental and neural state of readiness, organized through experience, exerting a directive or dynamic influence upon the individual’s response to all objects and situations with which it is related” (ALLPORT, 1954, *apud* STEFFEN, 2006, p.61).

Um aspecto bem importante neste conceito é que as atitudes de algum modo se correlacionam com o comportamento linguístico observado.

Através da dimensão diarreferencial, será importante perceber qual posição (de prestígio ou não) as diferentes línguas ocupam entre os menonitas das comunidades em estudo e de que forma estas comunidades estão integradas na sociedade em geral.

3.3 DEFINIÇÃO DOS INFORMANTES

Para a escolha dos informantes, o presente estudo segue a característica relacional do ADDU e do ALMA que, segundo Thun (2005, p. 72), toma como elementos de referência os “grupos reais” (por exemplo, CaGII, que é o grupo dos representantes da classe alta e da geração II), as dimensões (por exemplo, a diatopia medida entre a localidade A e a localidade B) e os parâmetros (por exemplo, Ca *versus* Cb, ou GII *versus* GI). Sendo assim, as diferentes dimensões que orientam a pesquisa são explicitadas através de parâmetros de análise que, na sequência, delimitam a escolha dos respectivos informantes e a metodologia de coleta dos dados. No nosso estudo, para as dimensões diageracional e dialingual, por exemplo, serão escolhidos informantes

plurilíngues (Plautdietsch, Hochdeutsch, português e Plautdietsch/Hochdeutsch, inglês, português) com idade entre 18 e 35 anos (GI) e acima de 55 anos (GII). Através da diferença de idade destes dois grupos teremos a possibilidade de comparar os fatores que contribuíram ou não para a transmissão intergeracional das línguas de imigração (Plautdietsch e Hochdeutsch). A dimensão diagenérica exige que tenhamos informantes de ambos os sexos; assim como a dimensão diatópica, exige informantes de diferentes pontos, incluindo tanto a zona rural quanto a urbana. Para que os dados retratem a configuração dos pontos escolhidos, coloca-se a exigência de informantes nascidos na localidade ou que viveram $\frac{3}{4}$ da vida na localidade e, obrigatoriamente, os últimos cinco anos. A escolha dos informantes segue o esquema abaixo:

Ca - GII	Ca - GI
Cb - GII	Cb - GI

Quadro 5 - Critérios de escolha dos informantes

Ca = Falantes com mais de 11 anos de escolaridade

Cb = Falantes com nenhuma ou até 11 anos de escolaridade

GI = Geração I (GI) com falantes entre 18 e 35 anos

GII = Geração II (GII) com falantes acima de 55 anos

Para assegurar a representatividade dos informantes, Radtke & Thun (1996, p. 43) sugerem a realização das entrevistas com pluralidade simultânea de informantes com mesmo perfil. Este procedimento de “uma via só”, segundo eles, incentiva a conversação entre os informantes e permite reconhecer tanto divergências quanto consensos, correspondendo assim melhor à visão da língua como comunicação e variação como polimorfismo e, ao mesmo tempo, também conduz a resultados mais representativos do que aqueles fornecidos pelo método da pluralidade paralela, de várias vias, onde os falantes são isolados e entrevistados separadamente. Em cada um dos quatro pontos da pesquisa, pretendemos, portanto realizar quatro entrevistas, cada uma delas com dois informantes, num total de oito informantes por ponto, perfazendo um total de 32 informantes entrevistados. A fim de ter respaldo e legitimidade para a manipulação

dos dados da nossa pesquisa, será solicitado a cada um dos informantes, ao iniciar a entrevista, que autorize o uso e a divulgação dos dados levantados durante a mesma.

3.4 COLETA DE DADOS

Para os levantamentos de dados, além da observação participante, utilizou-se um questionário-base e técnicas de entrevista distintas, que serão explicitadas a seguir.

3.4.1 Questionário e técnica de entrevista

Em vista da necessidade de obter uma base de dados representativos, sistematizáveis e comparáveis entre as comunidades menonitas em estudo, o questionário torna-se um instrumento fundamental. Para a elaboração do roteiro das entrevistas semidirigidas, optou-se em aplicar parcialmente o modelo de questionário¹⁷⁷ do projeto ALMA-H¹⁷⁸, adaptando-o ao objetivo de nosso estudo das comunidades menonitas. Sendo assim, as entrevistas devem compreender as seguintes partes (ver anexo):

- a) Questionário sociológico (dados dos informantes e da localidade);
- b) Questionário linguístico (léxico);
- c) Leitura de um texto em *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e Português (“Parábola do Filho Pródigo” - conforme aplicado no ADDU,¹⁷⁹ ALGR¹⁸⁰) e ALMA;
- d) Temas para conversas livres.

A parte sociológica do questionário inclui a identificação dos informantes e dos seus pais, além de uma breve descrição, pelos informantes, sobre a(s) comunidade(s) em estudo.

¹⁷⁷ Por *questionário* entende-se um conjunto de perguntas que servem de orientação para as entrevistas de campo. Não que se excluam, em princípio, outras possibilidades de obtenção de dados, desde que atendam a propósitos claramente definidos.

¹⁷⁸ Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemães: Hunsrückisch.

¹⁷⁹ Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (THUN & ELIZAINCÍN, 2000).

¹⁸⁰ Atlas Linguístico Guaraní-Románico: Sociologia.

Inserimos também nesta primeira parte do questionário os aspectos metalinguísticos, ou seja, dados que tratam sobre o uso e conhecimento dos falantes em relação à(s) língua(s) em questão, como também sobre a atitude destes falantes perante essa(s) línguas(s), conforme já descrevemos na seção 3.2.7 (dimensão diarreferencial).

A parte linguística do questionário está composta por perguntas lexicais, que estão divididas nas seguintes subcategorias: vestuário, alimentação, atividades agrícolas/técnica, parentesco e família. A razão de escolher estas áreas residuiu no fato de que pode haver uma quantidade maior ou menor de uso de empréstimos (eslavismos, anglicismos e lusismos). Por exemplo, a subcategoria técnica inclui perguntas referentes a inovações na área tecnológica, para as quais simplesmente não existia nenhuma designação em Plautdietsch na época da chegada dos menonitas no Brasil em 1930. Um exemplo é a palavra *televisão*, que foi incorporada como um empréstimo pleno no vocabulário do Plautdietsch das comunidades menonitas em estudo. Sabemos que as telecomunicações tiveram seu auge no final do século XIX e, por isso, muitas palavras desta área acabaram sendo incorporadas como empréstimos plenos ou sofreram alguma alteração (como por exemplo, *caminhón*).

Serviram de base e ponto de referência para a elaboração da parte lexical o questionário do ALMA¹⁸¹ e de Steffen (2006), que pesquisou o contato linguístico anglo-hispânico das colônias menonitas em Belize. Além disso, também se pretende fazer uso do questionário de Thun elaborado para a comunidade menonita do Paraguai. A grande vantagem do uso destes questionários é a comparabilidade das respostas nas diversas comunidades menonitas, inclusive fora do Brasil. No presente estudo, as perguntas lexicais seguem sempre a mesma estrutura, como por exemplo: Como se chama [perífrase], quando você está falando em Plautdietsch?¹⁸²

De acordo com a metodologia usada no questionário do ADDU¹⁸³ e no ALMA existe para cada pergunta lexical, que descreve um significado, várias opções de respostas, as quais são proferidas ao informante para questionar o seu conhecimento a respeito. As possibilidades de respostas incluem normalmente o significante da palavra em Plautdietsch, Hochdeutsch, inglês e em português. Desta forma, dá-se a possibilidade de, além da resposta espontânea, avaliar até que

¹⁸¹ Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Rio da Prata

¹⁸² É relevante comentar, que tanto as entrevistas como também as perguntas das diferentes partes do questionário pretendemos realizar integralmente em Plautdietsch.

¹⁸³ Thun, H. (2000).

medida o conhecimento da outra língua é passivo ou se a palavra sugerida como uma palavra do Plautdietsch já está integrada e aceita como tal.

Na terceira fase da entrevista, será solicitado ao informante que leia o texto da Parábola do Filho Pródigo (Lucas 15), o qual lhe seria apresentado. A fim de averiguar o domínio de leitura nas diferentes línguas em uso, será solicitado ao informante a leitura de partes do texto nas diversas línguas (Plautdietsch, Hochdeutsch, Português e inglês), respeitando acima de tudo a disposição do informante para tal. Em seguida, será dada a possibilidade ao informante para recontar o texto lido, preferencialmente em Plautdietsch.

A última parte da entrevista semidirigida abrange a coleta de etnotextos¹⁸⁴, para a qual serão sugeridos ao informante vários temas para conversa livre. Os temas incluem, por exemplo, uma descrição de uma figura, perguntas que dizem respeito ao trabalho, estudo ou da família do informante ou temas que tratam sobre a alimentação, a organização do lar e da propriedade rural, fenômenos naturais, relações sociais (convivência com amigos e vizinhos), números, comércio e religião.

3.4.2 Tipos de entrevista e constituição do corpus

Segundo Altenhofen (2004, p. 139), a constituição de um *corpus*, ou seja, de um banco de dados representativo em si já representa um resultado de grande relevância. No entanto, é importante observar vários outros aspectos no momento do levantamento de dados, como, por exemplo, a qualidade das entrevistas tanto em termos técnicos (qualidade sonora da gravação) quanto em relação à própria entrevista e ao questionário. Além disso, dados que não são os sonoros, como por exemplo, o material iconográfico (fotos, cartazes, objetos de uso diário dos informantes), muitas vezes não têm recebido seu devido valor. Neste sentido, a constituição do *corpus* da presente pesquisa tem como objetivo coletar tanto dados linguísticos (através de gravações e anotações nas entrevistas), como também incluir materiais iconográficos relativos ao uso da língua nas comunidades, como anúncios, cartazes e painéis em lugares públicos ou na mídia.

¹⁸⁴ Por “etnotextos” entendemos documentos reveladores do discurso que uma comunidade ou um grupo cultural elabora quando fala sobre si.

Também faz parte da constituição do *corpus* do nosso estudo o recolhimento de dados históricos de formação e desenvolvimento das diferentes comunidades menonitas do Brasil, com o objetivo de reconstruir o percurso histórico das línguas de imigração (Plautdietsch, Hochdeutsch e inglês).

3.4.3 Observação participante

Por fim, a coleta de dados inclui as anotações e gravações feitas pela pesquisadora durante os períodos de permanência nas quatro comunidades menonitas em estudo. É preciso levar em conta o fato de a própria pesquisadora ser menonita e, como tal, se apresentar na interação com os informantes.

Para o levantamento de dados está prevista uma estadia de no mínimo uma semana em cada uma das colônias¹⁸⁵ e uma observação mais precisa na comunidade menonita urbana (Curitiba), já que a pesquisadora aí reside. A fim de ter uma compreensão mais profunda da comunicação intraétnica de cada uma das comunidades, é importante a participação direta da pesquisadora tanto nas atividades sociais como também nas privativas das comunidades menonitas. Para tal, a pesquisadora pretende, na medida do possível, fazer parte da vida social dos menonitas participando, por exemplo, em festas familiares, cultos e casamentos. Os cultos semanais na igreja fazem parte da religiosidade menonita; por outro lado, também podem ser caracterizados como encontros sociais da comunidade. É muito comum observar que, após o culto, as pessoas permanecem no pátio da igreja para conversarem. Esta situação, por exemplo, será muito significativa para auxiliar na compreensão da variação linguística nas diversas comunidades. Além disso, as conversas informais com as diferentes famílias, os encontros nas ruas, no centro e nos supermercados das colônias serão importantes para a descrição sobre o uso das línguas na vida cotidiana dos menonitas.

Além da intenção da análise da comunicação intraétnica entre os falantes da comunidade menonita, é de interesse fundamental da pesquisa analisar as comunicações interétnicas, nas quais

¹⁸⁵ A fim de ter um contato mais próximo e uma visão mais ampla da mentalidade e organização dos menonitas, a pesquisadora pretende ‘morar’ durante as estadias nas casas das famílias das respectivas colônias.

o contato com falantes, por exemplo, monolíngues em português, são importantes. Um aspecto relevante neste processo é que se pode comparar e relativizar a informação dada pelo informante em relação ao seu uso da língua em determinadas situações.

3.5 ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

A partir da análise de cada dimensão (diatópica, diageracional, dialingual, diastrática, diagenérica, diafásica e diarreferencial), pretendemos constatar diversos fatores que levaram à manutenção, substituição ou perda das línguas de imigração (Plautdietsch e Hochdeutsch) nas diferentes comunidades menonitas no Brasil, com ênfase na vitalidade linguística do Plautdietsch. Além disso, o material coletado nas diversas etapas da pesquisa (a organização do *corpus*, a observação participante da pesquisadora e as entrevistas semidirigidas) permite fazer uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, na qual os aspectos tanto linguísticos como extralinguísticos precisam ser respeitados, visando assim uma análise pluridimensional e relacional.

A transliteração das entrevistas teve como base as normas para transcrição utilizadas pelo Projeto ALMA. No que se refere à parte da fala em *Plautdietsch*, a transliteração seguiu a grafia do dicionário *Mennonite Low German Dictionary*, de Jack Thiessen (2003). Para a fala do Hochdeutsch, adotamos evidentemente a grafia do alemão *standard* / padrão.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para atingir os objetivos que orientam a presente Tese sobre a “Vitalidade linguística do Plautdietsch no contato com variedades *standard* faladas em comunidades menonitas no Brasil”, faz-se necessário retornar à pergunta sobre o protótipo do “menonita original”, caracterizado como um indivíduo bilíngue em Hochdeutsch e Plautdietsch, cujo uso se caracterizaria por uma diglossia razoavelmente estável. As perguntas que nos colocamos a partir desta constatação inicial resumem-se aos seguintes pontos:

- a) Qual papel o Plautdietsch desempenha nas diferentes comunidades e o que determina a sua vitalidade, considerando as variáveis sociais presentes em cada contexto?
- b) Como o Plautdietsch, que é a variedade *substandard* de menor prestígio e um dos alicerces da identidade do menonita original, se mantém nesse complexo de variedades em contato (vitalidade linguística)?
- c) De que modo as mudanças sociais observadas nos contextos em estudo agem sobre a situação original de uma diglossia estável entre as variedades *standard* e *substandard*, tal como observada nos primeiros tempos após a imigração no Brasil?
- d) Considerando a dinâmica de uso das variedades *standard* e *substandard* em contato com o português, de que modo o Hochdeutsch – usado como língua-teto para as funções formais (igreja, escola) – sofre uma substituição linguística pelo português como língua majoritária?
- e) Diante das mudanças no comportamento linguístico, envolvendo o uso das variedades Hochdeutsch, Plautdietsch, inglês e português, como se reorganiza a comunidade menonita para manter a sua coesão étnico-religiosa?

É preciso ter em vista que este estudo se concentra de modo especial no subgrupo de menonitas falantes do Plautdietsch e do Hochdeutsch, nas comunidades do Rio Grande do Sul e Paraná, e do Plautdietsch e/ou inglês, especificamente na comunidade em Goiás. Ou seja, nos

focamos especificamente no Plautdietsch como língua de imigração, com *status* de língua minoritária na sua relação com a língua *standard*, lembrando que o Hochdeutsch é falado por uma parte dos menonitas desde a chegada dos primeiros imigrantes em Santa Catarina, em 1930. Vale ressaltar novamente que o grupo de informantes de origem menonita do Rio Grande do Sul e do Paraná são falantes descendentes dos imigrantes que vieram da Rússia (conforme foi dito na seção 1.3.1); já o grupo de informantes de origem menonita de Goiás é formado por imigrantes provenientes da América do Norte, que chegaram ao Brasil em 1968. Isto significa que os informantes falantes do Plautdietsch não vieram diretamente dos Países Baixos ou do Norte da Alemanha, mas que existe um período de aproximadamente 450 anos de manutenção dessa língua em diversas áreas e países do mundo desde a sua origem na antiga Prússia. O Hochdeutsch, por ser a variedade de prestígio e considerada a língua-teto (*Dachsprache*), sempre acompanhou os imigrantes ao lado do Plautdietsch. O inglês, por sua vez, falado pelo outro grupo menonita no Brasil, inserido num contexto majoritariamente português, acaba exercendo também o papel de língua minoritária, cuja manutenção completou 40 anos desde a chegada dos imigrantes dos EUA e Canadá ao Brasil.

O contato com o português, no contexto brasileiro, levanta uma série de questões sobre o comportamento linguístico dessas populações, em especial no tocante à vitalidade da variedade que se suporia a mais frágil, que é o Plautdietsch. Para analisar especificamente essas questões, dividimos a análise e discussão dos dados da pesquisa em duas grandes partes: **1)** primeiro, procedemos à descrição da situação do plurilinguismo em cada comunidade em particular, considerando o uso das línguas no contexto familiar, na igreja, na escola, no trabalho e na vizinhança (seção 4.1); **2)** em seguida, buscamos traçar um quadro geral sobre **a)** a configuração e vitalidade do Plautdietsch, considerando as diferentes dimensões de análise previstas no modelo pluridimensional (seção 4.2); **b)** relação com as variedades *standard* Hochdeutsch e inglês e sua vitalidade linguística no contato com o português (seção 4.3); **c)** papel do Plautdietsch como constituinte da identidade e coesão do grupo (seção 4.4). Para o item a), nos valem da análise de campos específicos do léxico para identificar e medir o estado da língua. Os resultados serão resumidos estatisticamente, como também representados graficamente.

Passemos, então, à descrição do comportamento linguístico dos falantes em cada comunidade em particular.

4.1 COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES EM ESTUDO

4.1.1 Colônia Nova (RS)

Na Colônia Nova¹⁸⁶, a maioria de origem menonita pode ser chamada de plurilíngue, ou seja, fala Plautdietsch, Hochdeutsch e português (ou “*Brasilianisch*”, como muitos o denominam). Como a distância entre a Colônia Nova e o município de Aceguá, que faz divisa com o Uruguai, é de apenas 30 km, o contato com pessoas falantes do espanhol ou portunhol também é frequente. Alguns dos informantes responderam que, além do alemão e do português, entendem o espanhol, como também um pouco do inglês.

Na Colônia Nova, mesmo havendo uma tendência conservadora em relação à cultura e língua alemã, observa-se uma clara propensão à aculturação e mudança das línguas de imigração. Enquanto que a geração mais velha dá preferência ao uso do Plautdietsch, na comunicação diária, a geração mais nova tende a comunicar-se cada vez mais em português. É comum encontrar, no centro da colônia, no pátio da cooperativa, por exemplo, pessoas de mais idade conversando em Plautdietsch e jovens, de origem menonita, comunicando-se em português. O Plautdietsch, mesmo sendo a primeira língua que os jovens aprenderam e que dizem gostar de falar, é pouco usado, como veremos na análise dos gráficos de frequência.

O Hochdeutsch, em geral, não é usado no dia-a-dia dos moradores de Colônia Nova; para a geração mais velha, assume a função de língua religiosa, ou seja, a língua na qual preferem tratar de assuntos religiosos. Devido a seu prestígio de língua culta, na comunidade, o Hochdeutsch raramente é usado em conversas informais.

Um fenômeno muito comum em comunidades bi- ou plurilíngues é a interferência lexical ou gramatical em situações onde ocorre o *code-switching* ou o *code-mixing*. Na Colônia Nova, por exemplo, é muito comum que uma conversa inicie em Plautdietsch e termine em português, ou vice-versa. No seguinte exemplo, um informante inicia a fala em Plautdietsch, vai para o Hochdeutsch e, em seguida, intercala um segmento em português.

¹⁸⁶ Quando tratamos da Colônia Nova, estão incluídas também as colônias-filhas, Médici e Pioneira, nas quais também foram realizadas entrevistas.

“Wann see (dee Ellre) unja sich fetahle, rede dee emma Plautdietsch. ... Deshalb verstehe ich auch alles. Ich habe immer von klein auf alles verstanden. Wenn sie unter sich sprechen, reden sie immer Plautdietsch, aber die haben immer mit uns Hochdeutsch gesprochen. **É que** die haben zwei Jahre lang in Deutschland gewohnt, nicht zwei Jahre ... **não dois anos corridos**, ein Jahr und dann ... und ich weiss nicht, **não sei se tem alguma coisa a ver, mas desde criança a gente sempre aprendeu o Hochdeutsch**” (CaGIlfem).

No exemplo abaixo, podemos verificar que o informante quer reforçar a indignação, repetindo a palavra em português.

„Dee haft acht Joa jeobeit enn nuscht ... **nada!** (CbGIlfem)

Os dois próximos exemplos ilustram um empréstimo do português:

“Etj hah je moa Portugiesisch jeliel auls etj me befrie deit, enne 74, auls dann **televisão** wia, Oabeda were” [...] (CbGIlfem)

“Dee **futuro** es, miene Ma enn Pa dee hah (Plautdietsch) jekunt, oba wie tjene nich meea.” [...] (CbGIImasc.)

No exemplo seguinte, ao querer relatar sobre a sua atividade profissional, o informante inicia a sua fala em alemão, mas, em seguida, continua em português, ilustrando assim um *code-switching*:

“Etj doo ... **eu trabalho como digitadora.**” (CbGIlfem)

Agora, no próximo exemplo, além de haver um hibridismo entre *Plautdietsch* e português, os verbos *comunikiere* e *consideriere* estão sintaticamente integrados na frase, respeitando inclusive o modo, número e pessoa no Plautdietsch. No final da frase, há novamente um empréstimo do português, ou seja, um *code-mixing*:

“Etj wud soo dentje: oules waut man sich **comunikiert**, daut kann man **consideriere** auls **língua.**” (CbGIImasc)

Essa tendência de passar de uma língua para outra durante uma conversação é bastante comum, principalmente entre os mais jovens. O fato que todos os grupos usufruem uma competência linguística relativamente boa no português facilita também o transitar entre as línguas, como também caracteriza uma assimilação e integração cada vez maior da comunidade na sociedade brasileira.

A seguir, analisamos o comportamento linguístico como um todo em termos da escolha das línguas dos informantes, falantes do Plautdietsch.

4.1.1.1 A(s) língua(s) no contexto familiar

No contexto familiar, os moradores de Colônia Nova usam, principalmente, a variedade *substandard* Plautdietsch e o português. O Hochdeutsch raramente faz parte do contexto familiar em Colônia Nova. É comum observar entre familiares, a transição de uma variedade ou língua para outra, bem como a mistura das mesmas.

Para que possamos compreender e visualizar melhor essa dinâmica do uso das línguas existente no contexto familiar da comunidade, apresentamos, a seguir, os resultados das atitudes dos diferentes grupos de informantes referentes à escolha linguística, conforme os membros da família participantes da interação:

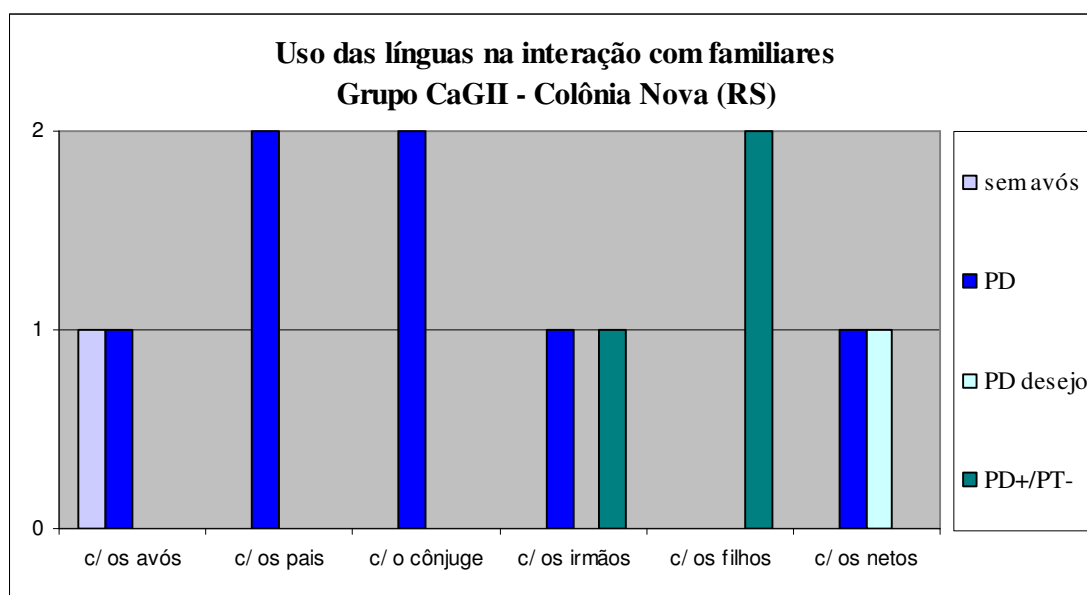


Gráfico 1 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGII - Colônia Nova (RS)

Com os avós, pais e cônjuge o grupo CaGII fala (ou falava)¹⁸⁷, exclusivamente, em Plautdietsch; já com os irmãos, o grupo usa, além do Plautdietsch, também o português. Com os filhos, este grupo se comunica mais em Plautdietsch; porém, o português também é usado. Na opinião dos informantes do grupo CaGII, há também um aumento do uso do português com os filhos casados, uma vez que o número de casamentos exogâmicos¹⁸⁸ na colônia é crescente. No caso de netos, o grupo CaGII também usa o Plautdietsch¹⁸⁹ ou, então, há o desejo de, futuramente, poder conversar com os mesmos em Plautdietsch.

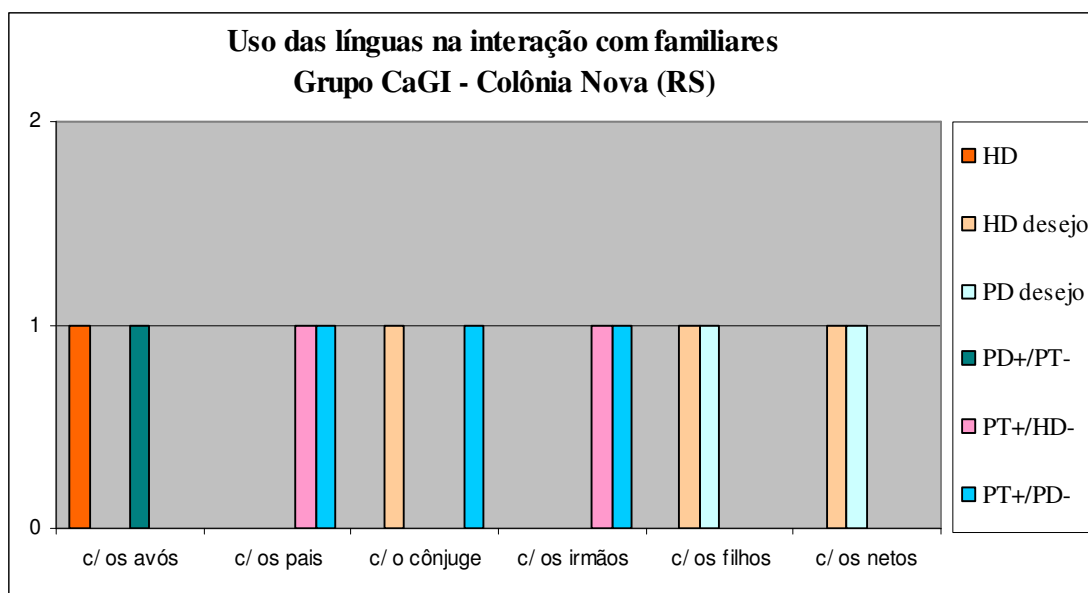


Gráfico 2 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGI - Colônia Nova (RS)

O grupo CaGI fala com os avós, predominantemente, em Plautdietsch; todavia o português também já é usado. Em alguns casos, a comunicação com os avós também é em Hochdeutsch; no entanto, esta situação é antes uma exceção do grupo.¹⁹⁰ Com os pais e irmãos, o

¹⁸⁷ No caso de falecimento deste(s) membro(s) da família, leia-se “falava”.

¹⁸⁸ Usamos o termo “exogâmicos” nesta Tese, referindo-nos ao casamento entre indivíduos pertencentes a etnias distintas, no qual um dos parceiros é monolíngue português e o outro, multilíngue falante do Plautdietsch/Hochdeutsch, (inglês) e português.

¹⁸⁹ Salientamos que, trata-se aqui do primeiro neto do informante, o qual tem menos de um ano de idade.

¹⁹⁰ Um informante do grupo CaGI fala fluentemente o Plautdietsch, mas, no seu lar, foi criado pelos seus pais em Hochdeutsch; conseqüentemente, esta também foi a língua que o informante usou com mais frequência na sua primeira infância. Esta situação familiar, todavia, destoa da realidade linguística das demais famílias em Colônia Nova, que, de modo geral, usa mais o Plautdietsch (e, atualmente o português) no contexto familiar.

uso do português supera o uso do Plautdietsch e do Hochdeutsch. Com o cônjuge, o grupo CaGI fala, predominantemente, em português e, pouco em Plautdietsch.

O Hochdeutsch, como mencionamos acima, raramente é usado no contexto familiar; no entanto, existe, neste grupo, o desejo de usar esta língua com o futuro cônjuge. Além disso, permanece, por parte do grupo CaGI, o sonho de falar com os futuros filhos e netos em Plautdietsch; em alguns casos, também em Hochdeutsch¹⁹¹.

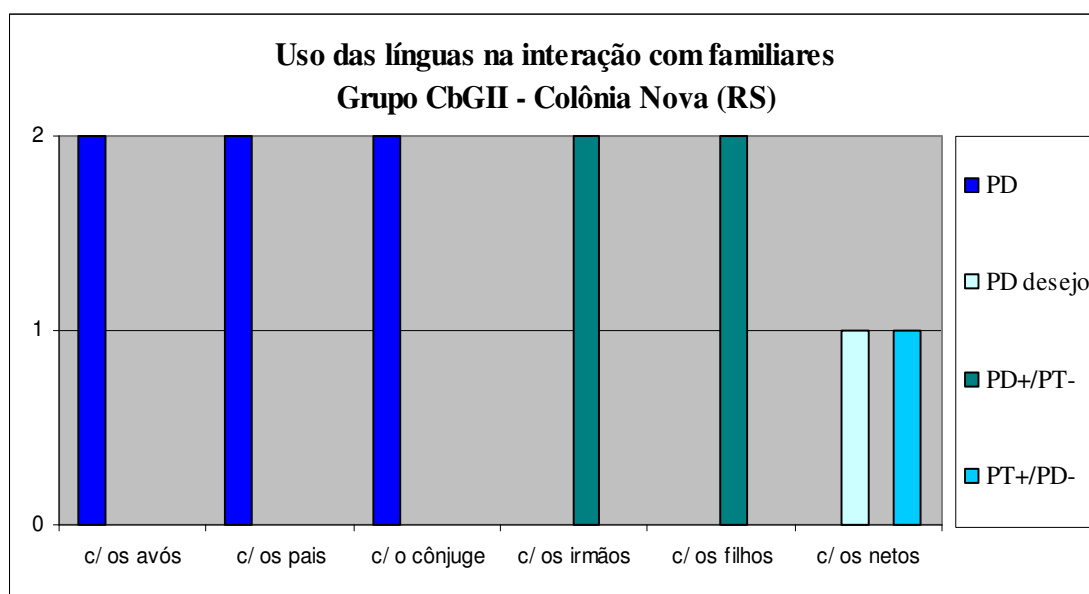


Gráfico 3 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGII - Colônia Nova (RS)

O grupo CbGII fala (ou falava)¹⁹² com os avós, pais e cônjuge, exclusivamente, em Plautdietsch; com os irmãos e filhos, o grupo usa, predominantemente, o Plautdietsch; no entanto, o português também já é usado. No caso de netos, a comunicação, na maioria das vezes, ocorre em português ou, então, também há o desejo de, futuramente, poder conversar com os mesmos em Plautdietsch.

¹⁹¹ Trata-se aqui, novamente, de uma exceção do grupo CaGI, conforme especificamos na referência anterior.

¹⁹² No caso de falecimento dos membros familiares, leia-se “falava”.

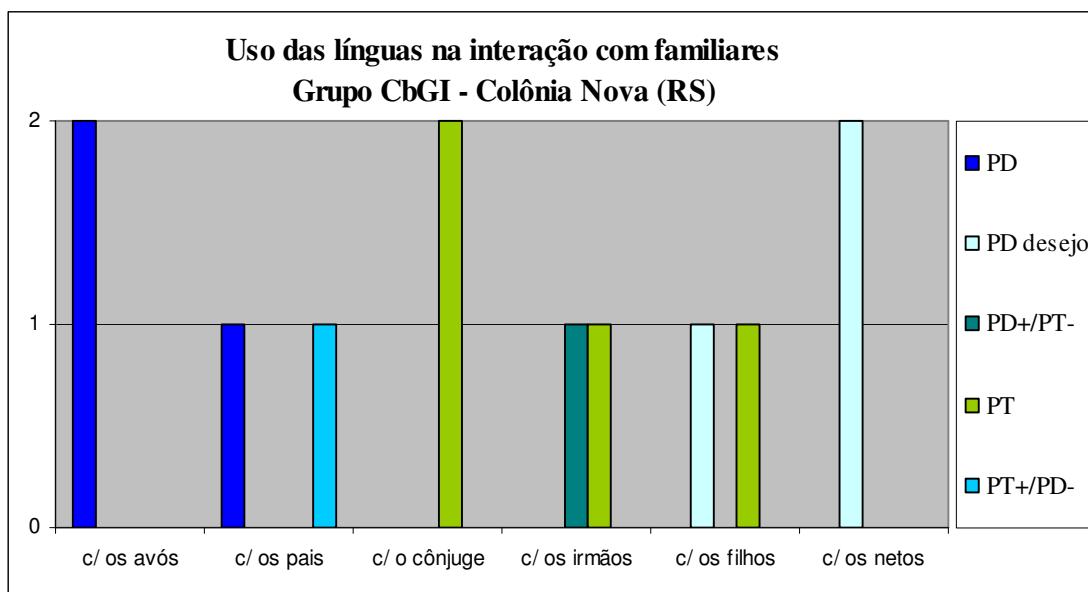


Gráfico 4 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGI - Colônia Nova (RS)

Com os avós, o grupo CbGII fala, exclusivamente, em Plautdietsch; já com os pais, o grupo usa tanto o Plautdietsch, como o português. A comunicação com o cônjuge é realizada, exclusivamente, em português, uma vez que muitos jovens na comunidade são casados com monolíngues portugueses. Vale destacar que, mediante a observação da pesquisadora, o uso do português também supera o uso do Plautdietsch entre cônjuges falantes do Plautdietsch. Com os irmãos, o grupo ainda faz uso do Plautdietsch; porém, o uso do português é predominante. No caso de filhos, este grupo fala com os mesmos em português; todavia, há por parte daqueles que ainda não têm filhos e netos, o desejo de falar com estes futuramente em Plautdietsch.

Ao compararmos os resultados dos diferentes grupos, podemos constatar uma mudança em curso de uma geração a outra, na medida em que decresce o uso do Plautdietsch entre os jovens, que, em contrapartida, estão aderindo cada vez mais ao uso do português. No grupo CbGI, todavia, esta tendência, é mais visível, ou seja: o uso do Plautdietsch, neste grupo, tende a ser menos resistente em relação ao uso do português. Já o grupo CaGII, demonstra uma maior resistência em relação ao uso do Plautdietsch.

A seguir, apresentamos uma síntese dos resultados de todos os grupos sobre o uso das línguas no contexto familiar, conforme o membro da família participante de uma interação:

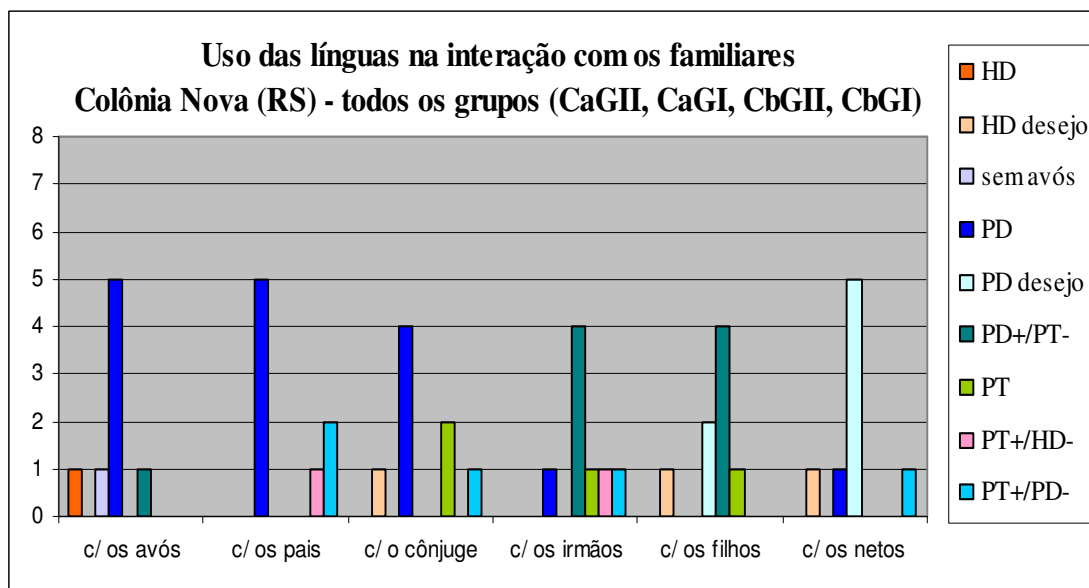


Gráfico 5 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: todos os grupos - Colônia Nova (RS)

Resumindo, o ambiente familiar nesta comunidade pode ser caracterizado como uma comunicação bilíngue Plautdietsch/português, na qual o uso do português tende a aumentar e o uso do Plautdietsch, a diminuir. O Hochdeutsch praticamente não é usado neste contexto, exceto em pouquíssimas famílias. Permanece, no entanto, por parte da maioria dos membros da comunidade, o desejo de que o Plautdietsch possa continuar a ser falado nas futuras gerações.

4.1.1.2 A(s) língua(s) no contexto religioso

Devido à maioria do grupo de imigrantes de menonitas que chegou em 1949 a Colônia Nova pertencer à Igreja Evangélica Irmãos Menonitas, fundou-se, na época, apenas essa igreja como entidade religiosa na comunidade. Provavelmente Colônia Nova é uma das únicas comunidades menonitas na América do Sul na qual existe apenas a Igreja Irmãos Menonitas¹⁹³,

¹⁹³ A Igreja Irmãos Menonitas tem a sua origem na década de 1850-60, na Rússia/Ucrânia, num período de rápido crescimento econômico nas colônias e simultânea estagnação espiritual nas igrejas. Pregadores pietistas, alguns

ou melhor, onde não existe a Igreja Menonita. Em 1952, a Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Colônia Nova chegou a contar 238 membros, sendo a maior igreja da época em termos de quantidade de membros menonitas no Brasil. Este fato despertou interesse, inclusive, por parte da Conferência Irmãos Menonitas da América do Norte, que, em seguida, enviou diversos pastores e professores de ensino bíblico à comunidade.¹⁹⁴ Atualmente, a Igreja Irmãos Menonitas de Colônia Nova tem aproximadamente 300 membros, cuja liderança está sob a responsabilidade de dois pastores, sendo um deles também o pastor coordenador. Além disso, a igreja conta com a ajuda de vários diáconos e de membros líderes voluntários, os quais são responsáveis por diversas atividades oferecidas pela igreja.

Antes do culto matutino, aos domingos, existe a possibilidade de participar da “escola dominical”, ou melhor, de um estudo bíblico realizado em diversos grupos, separados por faixas etárias, em Hochdeutsch ou em português. Em geral, participam da escola dominical em Hochdeutsch aqueles pertencentes à faixa etária de mais idade (acima de 50 anos) e da escola dominical em português, adultos até 50 anos, jovens e crianças. Um fator que chamou atenção é a escolha destes grupos de estudo bíblico pelos adultos entre 35 e 50 anos: enquanto que alguns ainda preferem o estudo em Hochdeutsch, a maioria desses adultos participa do estudo ministrado em português. Parece haver nesse grupo uma mistura de sentimentos: por um lado, ainda há a ligação interior com o Hochdeutsch, a língua religiosa desde a infância; e por outro, a dificuldade crescente de se expressar nessa língua. Além disso, como o crescimento da igreja no futuro está atrelado à língua portuguesa, muitos se veem na obrigação de se familiarizarem com os assuntos religiosos em português.

Na Colônia Nova, há em média 150 pessoas presentes no culto aos domingos pela manhã, sendo este realizado quase integralmente em Hochdeutsch. No entanto, uma vez por mês, este culto é realizado nas duas línguas, ou melhor, uma parte é em Hochdeutsch e a outra, em

ligados aos Irmãos Morávios (Conde Zinzendorf), são convidados em algumas igrejas e enfatizam a santificação e a necessidade do nascer de novo. Há uma sede e busca por renovação espiritual, provocando por outro lado uma crise dentro da igreja. Surge assim a Igreja Irmãos Menonitas em 1860, que atualmente também incluem o nome “Evangélica”, portanto Igreja Evangélica Irmãos Menonitas (IEIM). A renovação espiritual também alcançou a Igreja Evangélica Menonita (IEM) e hoje as duas igrejas são muito parecidas e compartilham da mesma doutrina e teologia. Elas possuem algumas ênfases diferentes na administração. A IEM batizava por aspersão (agora a preferência é por imersão) e a IEIM somente por imersão. A IEIM tem enfatizado mais o evangelismo, enquanto a IE Menonita investe mais no trabalho social (Siemens, 2010, p. 130).

¹⁹⁴ Klassen, P. (1998, p. 163-164).

português. O coral, por exemplo, canta músicas em português e em Hochdeutsch, os anúncios são feitos geralmente em português; a congregação canta tanto hinos em Hochdeutsch, como também em português, as orações também são realizadas em ambas as línguas. Quando a pregação é proferida em Hochdeutsch, o pastor costuma projetar slides com as principais ideias da pregação em português. Esta dinâmica do uso das línguas durante o culto, segundo o pastor coordenador, é necessária e proposital, pois a igreja da comunidade está em fase de transição, na qual ambos, idosos e jovens devem permanecer juntos, mas, ao mesmo tempo, cada uma das partes tem o direito de ouvir a palavra de Deus na língua que melhor atinge seu coração.

Ainda segundo o pastor coordenador de Colônia Nova, há atualmente discussões intensas na comunidade a respeito de como proceder adiante em relação ao uso das línguas na igreja. Vejamos abaixo o depoimento do pastor:

“Nós temos um compromisso no coração bem forte: enquanto houver necessidade nós queremos atender o pessoal de idade. Então, isso é um compromisso. Por outro lado, se nós queremos manter a igreja com ... manter os jovens, os adolescentes e os casais jovens como membros da igreja, nós vamos ter que atendê-los na língua que é a língua de preferência deles. Então, por um bom tempo ... nós vamos manter o ... o alemão ainda por um bom tempo, mas temos que dar atendimento também em português. ... Enquanto for necessário, é a posição da liderança hoje, enquanto for necessário vamos manter o alemão. Pra alguns isso seria uma necessidade ainda por longo tempo, mas na realidade assistem novela, assistem qualquer outra coisa em português, entendem tudo, só no culto parece que não. *Daut ret dolla too mie, wann daut enn Dietsch tjemmt.*”¹⁹⁵

Ao averiguar a reação dos membros em relação ao uso do português nos cultos, parece não haver uma grande resistência por parte dos mais idosos, mas antes pela faixa etária entre 50 e 60 anos. Verifica-se certo paradoxo entre atitude e comportamento nesse grupo: enquanto a comunicação com os seus filhos é majoritariamente em português, há uma resistência em aceitar o uso crescente do português na igreja.

Durante os cultos matutinos, a congregação faz uso de dois hinários expostos nos bancos da igreja: um em Hochdeutsch e, outro, em português. Antes do início do culto matutino, aos domingos, é distribuído um folheto informativo a todos os participantes, no qual há uma breve meditação sobre um texto bíblico, a divulgação da agenda das atividades oferecidas pela igreja durante a semana e no qual também são anunciados os aniversariantes da semana e pedidos de oração. Este folheto contém anúncios nas duas línguas (Hochdeutsch e português), sendo a maior

¹⁹⁵ Depoimento do pastor coordenador da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Colônia Nova - RS.

parte em Hochdeutsch. Vale ressaltar que o folheto informativo tem pouquíssimos erros ortográficos no Hochdeutsch ou interferências do português.

Além do culto matutino aos domingos, a Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Colônia Nova oferece (desde 2005) mensalmente um culto totalmente em português, que se diferencia também na forma e no estilo do culto em Hochdeutsch e é, por isso, também denominado ‘culto contemporâneo’.¹⁹⁶ Esse culto foi criado com a intenção de oferecer àqueles que não são de origem menonita ou que, por opção própria, preferem um culto em português.

Para uma melhor visualização das principais atividades oferecidas pela igreja e o uso das línguas nas respectivas atividades, apresentamos a seguinte tabela:

Atividade	Encontro	Faixa etária	Língua usada
Culto matutino	semanal	todas em conjunto	Predomínio do Hochdeutsch, mas com partes em português
Culto à noite	mensal	todas em conjunto	português
Escola bíblica dominical	semanal	acima de 55 anos entre 45 e 60 anos entre 30 e 50 anos jovens crianças	Hochdeutsch Hochdeutsch português português português
Encontro para estudo bíblico e oração	semanal	adultos e jovens adolescentes e crianças	Hochdeutsch português
Encontro de senhoras	quinzenal	todas em conjunto	Hochdeutsch
Encontro de jovens	semanal	entre 15 e 25 anos	português
Encontro de idosos	quinzenal	idosos	Hochdeutsch
Encontro de casais	mensal	todas em conjunto	português
Ensaio do coral	semanal	todas em conjunto	Hochdeutsch por parte do maestro e Plautdietsch/português entre os participantes
Reunião do conselho diretor da igreja	mensal	diversas	português
Assembleia da igreja	Em média a cada três meses	todas em conjunto	Predomínio do Hochdeutsch, mas com partes em português

Tabela 1 - Principais atividades oferecidas pela Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Colônia Nova

¹⁹⁶ Trata-se de um culto mais avivado, no qual é comum o uso de instrumentos eletrônicos e, no qual a maioria dos participantes é da faixa etária mais jovem.

A leitura bíblica e as orações individuais nos lares são feitas pela maioria dos mais idosos em Hochdeutsch; já a faixa etária mais jovem prefere ler a bíblia e orar em português. A língua usada nas conversas após um culto matutino, por exemplo, varia de acordo com a idade, mas, além disso, também com a classe social: o grupo CaGII e CaGI usa o Plautdietsch com pessoas mais idosas e, geralmente o português com os mais jovens; o grupo CbGII usa preferencialmente só o Plautdietsch e o grupo CbGI, quase exclusivamente o português.

Além da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Colônia Nova, a comunidade fundou outras quatro congregações menonitas na região, nas quais a grande maioria dos cultos é realizada somente em português, como mostra a tabela abaixo:

Localidade	N° aproximado de participantes em 2010	Língua usada
Colônia Médici	35 - 40	Um domingo em Hochdeutsch e o outro em português.
Colônia Pioneira	80-100	português
Colônia Nova (2ª Igreja)	60 - 70	português
Cidade Bagé	50 - 60	português

Tabela 2 - Congregações fundadas pela igreja-mãe de Colônia Nova

Na Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Colônia Nova, também são realizados anualmente batismos, casamentos e comemorações, como por exemplo, a Festa da Colheita, a Festa de Missões, etc. A maioria destas festividades ainda é bilíngue, ou melhor, uma parte é realizada em Hochdeutsch e outra, em português. No entanto, à medida que o uso do português no dia-a-dia entre os moradores da comunidade está aumentando, há também um crescimento de uso do português nas festividades da igreja.

4.1.1.3 A(s) língua(s) no contexto escolar

Durante várias décadas, a comunidade menonita de Colônia Nova manteve a sua própria escola chamada “Escola de 1º Grau Menno Simons”, na qual se dava grande ênfase no ensino da língua alemã (Hochdeutsch) e do ensino religioso. Com a redução de alunos e, conseqüentemente com o fechamento da escola em 1999, todas as crianças de origem ou não menonita da Colônia

passaram a frequentar as aulas em escolas públicas da região (Escola Municipal de Ensino Fundamental Pioneira e Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco de Paula Pereira). Por vários anos, essas escolas também ofereceram aulas de língua estrangeira alemã, mas devido à falta de professores especializados na área, foi dada a preferência para o ensino do espanhol e do inglês.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Pioneira, localizada a 25 km de Colônia Nova, conta atualmente com 215 alunos, sendo 43 de descendência étnica menonita e que ainda têm algum conhecimento do Plautdietsch. A maior parte dos alunos dessa escola são filhos de assentamentos.¹⁹⁷ A Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco de Paula Pereira, localizada na Rodovia Tábua, na entrada da Colônia Nova, tem um número bastante reduzido de alunos de origem menonita, chegando talvez a 10 crianças.

Após o ensino fundamental, a maioria dos filhos dos moradores de origem menonita da comunidade frequenta o ensino médio na cidade de Bagé, a 45 km da colônia. Estes são transportados diariamente por um ônibus particular fretado pela comunidade. Nestas instituições, os alunos da comunidade menonita geralmente também não têm a oportunidade de assistirem a aulas de alemão como língua estrangeira.

Devido à falta de terras na Colônia Nova, como também ao aumento de interesse dos jovens por profissões na área das Ciências Exatas, Humanas e Biológicas, em torno de 60-70% dos jovens da comunidade, após o término do Ensino Médio, procuram uma formação superior em centros urbanos maiores no Rio Grande do Sul ou em outros estados do Brasil.¹⁹⁸

Durante a existência da escola particular Menno Simons na Colônia Nova, as crianças e jovens da comunidade tinham a possibilidade da aprendizagem formal do Hochdeutsch, como também a oportunidade de um convívio maior com falantes do Plautdietsch. Enquanto a geração GII ainda fez uso do Plautdietsch na comunicação com os colegas, a geração GI da comunidade afirma ter usado somente o português na escola. Vale ressaltar que tanto a geração GII, como também a maioria da geração GI até os seus 5 ou 6 anos de idade falava somente o Plautdietsch e que estas gerações aprenderam o português a partir do momento em que foram para a escola. Atualmente, a grande maioria das crianças e jovens da comunidade aprende o português já antes

¹⁹⁷ Informação recebida da direção dessa escola.

¹⁹⁸ Informação recebida de uma professora, moradora em Colônia Nova.

da fase escolar, ou melhor, através do convívio e amizades com pessoas monolíngues em português, como também através dos meios de comunicação (TV, Internet, etc.).

4.1.1.4 A(s) língua(s) no contexto do trabalho e da saúde

Devido à presença de empregados monolíngues em português na maioria das chácaras na Colônia Nova, o uso do português entre os patrões de origem menonita e seus empregados faz-se necessário. O grupo CbGII afirma que, ao trabalhar no campo, por exemplo, o uso do português é muito comum; mas que, na ausência dos empregados, o Plautdietsch também é usado. Já no grupo CbGI, o uso do português no momento do trabalho é praticamente exclusivo.

Além do trabalho no campo, há também a possibilidade de trabalhar no centro comercial e da saúde da Colônia Nova, como por exemplo, no supermercado da CAMAL (Cooperativa Agrícola Mista Aceguá LTDA), na farmácia ou no hospital. Entre os funcionários que trabalham na CAMAL e no Hospital, aproximadamente 40% são de origem menonita e falam o Plautdietsch. No entanto, segundo as informações obtidas pelos informantes do grupo CaGI e CaGII, o uso do português no momento do atendimento nesses estabelecimentos é muito maior em relação ao uso do Plautdietsch ou do Hochdeutsch.

4.1.1.5 A(s) língua(s) no contexto da vizinhança e das amizades

Na Colônia Nova, a distância entre uma residência e outra é, em média, 1 km, exceto no centro da comunidade, onde as casas de moradia são mais próximas uma das outras. Essa distância justifica-se pela distribuição dos lotes das propriedades, que em geral, estão ao redor das casas dos moradores. Nos primeiros anos de colonização da comunidade, o contato com a vizinhança em geral era quase exclusivamente em Plautdietsch; além disso, esse contato era uma questão de necessidade, pois, em muitos casos, envolvia empréstimos de máquinas agrícolas ou então trocas de alimentos entre as donas de casa. Hoje, a maioria das propriedades utiliza seus próprios maquinários, e o uso dos carros também tornou o acesso ao supermercado algo fácil para as donas de casa. De acordo com o relato de vários moradores da comunidade, o bem-estar

econômico de muitas famílias de Colônia Nova acabou diminuindo o contato diário com a vizinhança. Em muitos os casos, os vizinhos acabam se encontrando mais nas atividades oferecidas pela igreja ou em reuniões da cooperativa.

Outro aspecto relevante na vizinhança é o aumento de moradores monolíngues na comunidade, sejam eles funcionários da CAMAL ou então empregados das fazendas. Se de um lado, nas primeiras décadas da colonização, praticamente todos na comunidade tinham vizinhos de origem menonita – ou seja, que falavam Plautdietsch -, atualmente muitos moradores têm vizinhos monolíngues em português.

Em relação ao uso das línguas no âmbito das amizades, os informantes da geração mais velha, de ambos os grupos (Ca e Cb) relatam usar geralmente o Plautdietsch com pessoas da sua faixa etária; mas, ao se comunicarem com jovens, preferem usar o português. Na faixa etária mais nova, em ambos os grupos, a comunicação entre amigos é quase exclusiva em português.

4.1.1.6 Frequência de uso do Plautdietsch, Hochdeutsch e português em Colônia Nova

A partir das respostas dos informantes, relacionamos a frequência de uso das três línguas nos respectivos grupos:

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	diariamente	semanalmente	diariamente
CbGII	diariamente	semanalmente	diariamente
CaGI	diariamente	semanalmente	diariamente
CbGI	semanalmente	raramente	diariamente

Tabela 3 - Frequência de uso das línguas na Colônia Nova

A frequência do uso do Plautdietsch na GII é diária; já entre os jovens, ela varia: o grupo CaGI informou usá-lo diariamente e o grupo CbGI apenas semanalmente, pois sente maior facilidade em falar o português.

O Hochdeutsch já é bem menos usado na Colônia Nova. A GII – em ambos os grupos (Ca e Cb) – usa o Hochdeutsch somente uma vez por semana; já o grupo CbGI diz usá-lo bem

raramente. A única língua usada diariamente por ambas as gerações e por ambos os grupos é o português.

Grupo social	Preferência de uso de uma das línguas
CaGII	Plautdietsch e português
CbGII	Plautdietsch
CaGI	português
CbGI	português

Tabela 4 - Preferência do emprego de uma das línguas na Colônia Nova

O Plautdietsch é a língua preferida e também a mais usada entre a geração mais velha da comunidade, como afirma o informante do grupo CaGIIfem: “*Aum leivsten [red etj] emma Plautdietsch, wiels man daut event uck aum mieschten brouckt!*”¹⁹⁹. Para esse grupo, o Plautdietsch é a língua mais fácil e na qual a grande maioria se sente mais à vontade para expressar algo. No entanto, outro informante do grupo CaGII afirma preferir falar o português quando o assunto trata sobre atividades profissionais, mas na vida familiar prefere usar o Plautdietsch. Para os informantes do grupo CbGII, não há dúvida: o Plautdietsch é a língua do dia-a-dia e a que preferem usar.

Os informantes da geração mais nova, de ambos os grupos (Ca e Cb), têm maior preferência em falar português, pois sentem mais facilidade nessa língua, como também a usam com mais frequência.

4.1.1.7 Competência linguística relativa em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português

Em relação à competência linguística (uso ativo e passivo das línguas), os informantes da Colônia Nova deram as seguintes respostas:

¹⁹⁹ Tradução do depoimento do informante CaGIIfem: “De preferência [falo] sempre Plautdietsch, pois é a língua mais usada”.

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	muito bem	bem	bem
CbGII	muito bem	médio	médio
CaGI	bem	bem	muito bem
CbGI	bem	mal	muito bem

Tabela 5 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso ativo da língua

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	muito bem	muito bem	muito bem
CbGII	muito bem	muito bem	bem
CaGI	muito bem	bem	muito bem
CbGI	muito bem	bem	muito bem

Tabela 6 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso passivo da língua

Na Colônia Nova, a grande maioria dos moradores de origem menonita compreende e fala o Plautdietsch, como também o português. Todos os informantes da geração mais velha confirmam compreender e falar muito bem o Plautdietsch. Já no Hochdeutsch, a maioria dos informantes da GII não tem a mesma segurança: o grupo CaGII afirma compreender bem, mas o grupo CbGII sente dificuldade em falar o Hochdeutsch. A maioria da GII é da opinião que lhes falta oportunidade para se comunicar mais nessa língua, pois a língua do dia-a-dia é o Plautdietsch ou o português; o uso do Hochdeutsch restringe-se praticamente a algumas atividades da igreja, na qual a participação verbal do falante é reduzida. Quanto ao domínio do português, o grupo CaGII afirma compreender muito bem e falar bem; já o grupo CbGII acredita que compreende bem, mas fala com dificuldades o português.

Todos os informantes da GI afirmam compreender e falar bem o Plautdietsch, mas admitem que a língua que melhor dominam é o português. Em relação ao Hochdeutsch, a maioria da geração nova é da opinião que é uma língua difícil e que tem pouca utilidade dentro da comunidade, exceto em algumas atividades da igreja. O grupo CaGI é da opinião que ainda compreende e fala relativamente bem o Hochdeutsch; já o grupo CbGI admite que evita falar em Hochdeutsch, pois acredita falar muito mal. Além do português, do Plautdietsch e do Hochdeutsch, a maioria da geração mais nova afirma ter pouco conhecimento do espanhol e do inglês.

Ao perguntar se existem assuntos nos quais sentem dificuldade de se expressar em uma das línguas, a geração mais idosa cita: os assuntos religiosos, que em geral dominam melhor no Hochdeutsch, bem como os assuntos que tratam sobre negócios, quando a língua preferida é o português. A faixa etária mais nova afirma ter dificuldades para relatar fatos, fazer contas matemáticas ou então para tratar assuntos religiosos ou políticos tanto em Hochdeutsch, como em Plautdietsch. Nesses casos, preferem usar o português.

A maioria da geração mais idosa de Colônia Nova afirma que lê contos ou autobiografias em Hochdeutsch, como também revistas e partes do jornal em português. O Plautdietsch é lido pela minoria, uma vez que o acesso a essa literatura é mais difícil e também por ter a característica de língua oral .

Quanto ao domínio e à frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português, os informantes deram as seguintes respostas:

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	não escreve	semanalmente	diariamente
CbGII	não escreve	mensalmente	semanalmente
CaGI	não escreve	raramente	diariamente
CbGI	não escreve	nunca usa	diariamente

Tabela 7 - Domínio e frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na Colônia Nova

O grupo CaGII relata que escreve semanalmente em Hochdeutsch; mas que, em português, o domínio na escrita é maior e também mais frequente (diário). O grupo CbGII admite que, em geral, escreve pouco; porém, acredita que o domínio da escrita em Hochdeutsch é maior e mais frequente comparado com o português. O grupo CaGI informa que escreve em Hochdeutsch aleatoriamente, mas que o domínio ao escrever em português é bem melhor. O grupo CbGI diz não escrever em Hochdeutsch e, quando precisa escrever algo, usa somente o português. Em relação ao Plautdietsch, a grande maioria da comunidade nunca escreveu algo nessa língua; entretanto, curiosamente, está se tornando um hábito entre um e outro de escrever algumas palavras ou expressões em Plautdietsch nas mensagens via celular.

4.1.1.8 Função do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português em Colônia Nova

Plautdietsch é a primeira língua, aprendida desde o berço pela grande maioria dos moradores de origem menonita na Colônia Nova, sendo esta também a língua que caracteriza a comunicação informal do lar, a convivência com os familiares no dia-a-dia e que, em muitos casos, desperta o sentimento de “se sentir em casa” ou então a sensação de pertencer ao grupo étnico menonita. Um informante do grupo CbGI relata que, quando vai à casa do seu pai, o Plautdietsch vem “automaticamente na mente” e, sem se dar conta, fala com ele em Plautdietsch, mesmo na presença da sua esposa monolíngue.

O Plautdietsch é a língua informal, usada principalmente nos momentos de distração e nos encontros familiares da maioria dos menonitas de origem étnica de Colônia Nova. Segundo a opinião de diversos falantes do Plautdietsch da comunidade, muitas piadas só podem ser contadas em Plautdietsch e algumas expressões são difíceis de traduzir ou não caracterizam a mesma coisa na outra língua. No entanto, para alguns da geração mais nova, mesmo sendo a primeira língua aprendida, o Plautdietsch deixou de ser a língua do vínculo familiar e é muito pouco usado como podemos verificar no seguinte depoimento da geração mais nova: “Eu não digo que [o Plautdietsch] é motivo de vergonha, mas não sei ... pra mim não ... eu não uso quase nunca e eu também não sinto falta.”²⁰⁰

O Hochdeutsch já é considerado a língua mais formal, de prestígio; no entanto, também tem a característica de ser a língua mais difícil de ser aprendida. A grande maioria dos moradores da Colônia Nova aprendeu o Hochdeutsch na escola e tem a oportunidade de aperfeiçoá-lo, ao menos passivamente, através das atividades oferecidas pela igreja em língua alemã. Apenas algumas famílias isoladas falam Hochdeutsch nos seus lares, mas estas são antes uma grande exceção. Segundo o relato de um informante (CaGII), um casal da comunidade, falante do Plautdietsch, decidiu ensinar aos seus filhos o Hochdeutsch por ser a língua de maior prestígio; mas, devido às dificuldades que o próprio casal tinha com a língua, não conseguiu mantê-la ao se relacionar com os filhos. Estes, por sua vez, ao perceberem que o Hochdeutsch era antes um empecilho na comunicação entre eles e os pais, se recusaram a falá-lo e, como não lhes foi ensinado o Plautdietsch, a língua da família passou a ser o português.

²⁰⁰ Depoimento do informante CbGIfem de Colônia Nova.

Ao perguntar aos informantes sobre o papel que o Hochdeutsch desempenha, o grupo da geração mais velha responde de que basicamente é a língua da comunicação na área religiosa, além de servir também como a língua da correspondência via internet, por exemplo. Para os jovens do grupo Ca, o Hochdeutsch é útil como uma língua de leitura e que pode ser importante na vida profissional, principalmente daqueles que moram em centros urbanos; já os jovens do grupo Cb são da opinião de que o Hochdeutsch está perdendo a sua função na comunidade, pois como não é usado pela maioria na comunicação do dia-a-dia, conseqüentemente, também não tem muita utilidade na colônia e é pouco valorizado.

O português representa para a comunidade de Colônia Nova a língua de contato, principalmente com pessoas de origem não-menonita. É também, como já mencionamos, a língua preferida e usada com maior frequência entre os mais jovens da comunidade, mas também usada já diariamente pelos mais idosos – mesmo que em proporção menor em relação aos mais jovens. O contato, por exemplo, com os empregados das fazendas ou com funcionários no centro comercial e administrativo da colônia é em português, exceto nas situações em que o empregado ou funcionário é de origem étnica menonita. Esse contato com pessoas que não são de origem menonita é algo bastante comum na colônia e que está aumentando à medida que cresce o número de moradores não menonitas na comunidade. Essas pessoas são bem-vindas e valorizadas pela comunidade, pois delas também depende, em grande parte, a continuidade do trabalho: tanto nas fazendas, como também no comércio. Em geral, existe um bom relacionamento entre ambas as partes; no entanto, a maioria das amizades, segundo todos os informantes, são realizadas entre o mesmo grupo social, ou seja, entre menonitas de origem étnica.

4.1.1.9 Vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch em Colônia Nova

A vitalidade de uma língua minoritária, em muitos os casos, depende, na primeira instância, dos próprios falantes dessa língua minoritária. No caso da Colônia Nova, todos os informantes, de ambos os grupos, gostariam que os filhos, como também os netos falassem o Plautdietsch e o Hochdeutsch. Em alguns casos, o desejo ainda vai mais longe; além dessas línguas, os informantes citam também o inglês e o espanhol.

Para os informantes da geração GII de Colônia Nova, o Plautdietsch não tem uma gramática e não usufrui de um reconhecimento oficial como o português ou o inglês; no entanto, deve ser considerado uma língua, pois é utilizado como tal. Para essa geração, o Plautdietsch é a principal língua de comunicação, pela qual lutam para que possa continuar a ser falada (*“Plautdietsch es doch dee Sproack waut auns daut wichtigste es, enn waut wie rede ... doafe streed wie doch!”*²⁰¹). Além disso, afirma outro informante do grupo CaGII, o Plautdietsch é a língua “para fazer os combinados“, ou seja, na qual “nos fazemos entender”. (*“Wie tjenne auns one Plautdiesch goanich berede!”*)²⁰² Para essa geração, o Plautdietsch é a língua preferida do dia-a-dia, exceto na presença de um monolíngue português e quando se trata de assuntos religiosos (ver seção 4.1.1.2). A geração GI também é da opinião de que o Plautdietsch pode ser considerado uma língua, “mesmo não tendo uma gramática”; no entanto, o Hochdeutsch é visto como a língua mais importante e que pode ter maior utilidade na carreira profissional. Para um informante do grupo CaGI, o melhor ainda é aprender ambas as línguas: o Plautdietsch, desde o berço; e o Hochdeutsch, na escola, por exemplo. A maioria dos jovens do grupo Ca relata que o Plautdietsch, visto como “a língua dos menonitas”, tem proporcionado experiências positivas e, no caso da perda dessa língua, também será perdida uma longa tradição e história menonita; já o grupo Cb, dessa mesma geração, vincula o Plautdietsch antes com a geração mais velha e que é útil somente para aqueles que não dominam tão bem o português. Ambos os grupos da geração mais nova, no entanto, admitem preferir falar o português ao invés do Plautdietsch ou do Hochdeutsch, pois sentem maior facilidade e segurança.

Em relação à vitalidade do Plautdietsch em Colônia Nova, a geração GII é da opinião de que essa língua está correndo risco de ser extinta futuramente na comunidade. Segundo a GII, o Plautdietsch ainda talvez possa ser mantido na próxima geração; no entanto, o crescimento do uso de empréstimos do português no Plautdietsch está aumentando muito, de modo que a tendência é falar cada vez mais em português. A grande maioria da faixa etária mais velha da comunidade lamenta este processo e diz estar ciente de que, quando a geração mais idosa falecer, o Plautdietsch corre perigo de ser extinto na comunidade, pois os jovens preferem falar o português.

²⁰¹ Depoimento do informante CaGIIfem de Colônia Nova.

²⁰² Depoimento do informante CaGIImasc de Colônia Nova.

Outro fator que está contribuindo para a diminuição do uso do Plautdietsch, de acordo com a GII, é o aumento de casamentos exogâmicos. São raros os casais, que neste caso, ainda mantêm o Plautdietsch nos seus lares. Todos os informantes da geração GI confirmam que o uso do Plautdietsch na própria geração está diminuindo a cada ano e que atualmente são poucas as crianças que ainda falam o Plautdietsch. Os informantes jovens do grupo Cb vão mais além, afirmando com firmeza que a perda do Plautdietsch no futuro na comunidade será inevitável, pois o envolvimento com pessoas monolíngues, através do trabalho ou do casamento, é cada vez maior.

Em relação à manutenção do Hochdeutsch na comunidade, a geração mais velha afirma que, à medida que o Plautdietsch está diminuindo, o *Hochdeutsch* também irá desaparecer (“*Wann daut Plautdietsch oppheed, dann es daut Hochdietsche jewese!*”)²⁰³ Para alguns dessa geração, o Hochdeutsch é mais vulnerável que o Plautdietsch e, infelizmente, vai somente ainda persistir por poucos anos como língua religiosa na comunidade. Essa constatação, no entanto, já gerou inúmeras discussões entre os membros da igreja da comunidade, conforme descrevemos na seção 4.1.1.2. Tanto a faixa etária mais velha como os jovens estão conscientes da importância da continuação do uso do Hochdeutsch nos cultos da igreja para a manutenção e vitalidade dessa língua na própria comunidade. Mesmo assim, há uma propensão para o aumento do uso do português nos próximos anos nas atividades da igreja.

Outro fator que está influenciando a vitalidade do Hochdeutsch, segundo a geração GI, foi a retirada da aula de língua alemã no currículo das escolas municipais da região. Com isso, os jovens estudantes da comunidade praticamente não têm mais acesso ao ensino formal do Hochdeutsch.

Quanto à vitalidade do Plautdietsch em termos de Brasil, a geração mais velha é da opinião que tanto em Colônia Nova, como também na Colônia Witmarsum, no Paraná, o uso do Plautdietsch ainda é maior em relação à comunidade menonita de Curitiba. Um informante do grupo CaGII complementa, afirmando que, na Colônia Médici, uma das colônias-filhas da comunidade, o uso do Plautdietsch é mais frequente do que na própria Colônia Nova.

Ao perguntar sobre a existência de outros países nos quais se fala o Plautdietsch, os informantes citam o Paraguai, Uruguai, Bolívia, México, Canadá, Estados Unidos, Rússia e Alemanha. Muitos moradores de Colônia Nova de origem étnica menonita mantêm contato com parentes falantes do Plautdietsch que moram no Paraguai, Canadá e Alemanha. Com os demais

²⁰³ Depoimento do informante CaGIImasc de Colônia Nova.

países, onde também existem menonitas falantes do Plautdietsch, há praticamente nenhum ou pouquíssimo contato ou intercâmbio.

4.1.1.10 Resumo: contato linguístico em Colônia Nova

A comunidade menonita de Colônia Nova, incluindo também as colonizações Médici e Pioneira, está vivenciando um período de transição cultural, na qual as línguas de imigração, o Plautdietsch e o Hochdeutsch, estão sendo gradualmente substituídas pela língua de contato, o português. É comum, por exemplo, observar a GII comunicar-se em Plautdietsch, enquanto que a GI dá maior preferência ao português. Enquanto que, nas primeiras décadas após a fundação da colônia, a comunicação nas famílias era basicamente só em Plautdietsch, hoje os casais da GI comunicam-se majoritariamente em português, mesmo nos casos onde ambos são falantes do Plautdietsch. Com os filhos, a maioria da GI também dá preferência ao ensino do português, uma vez que a porcentagem de casamentos exogâmicos na comunidade aumentou consideravelmente na última década e chega a 40% do total do número de casamentos. No contexto familiar, constatamos que o uso do Plautdietsch tende a ser mais resistente no grupo CaGII e, menos resistente no grupo CbGI. O Hochdeutsch praticamente não é usado neste contexto, exceto em pouquíssimas famílias.

No âmbito religioso, no qual o uso do Hochdeutsch era exclusivo, desde a última década, emprega-se também o português. Poucas são as atividades oferecidas atualmente pela igreja nas quais se usa exclusivamente o Hochdeutsch. Nos cultos matutinos, aos domingos, por exemplo, é comum uma parte da programação ser realizada em português, mesmo que a igreja também ofereça cultos integralmente em português uma vez por mês, à noite. A maioria da GII prefere realizar a leitura bíblica e a oração individual em Hochdeutsch; a GI já prefere fazer essas atividades somente em português.

Durante a existência da escola particular Menno Simons na Colônia Nova (até 1999), as crianças e jovens da comunidade tinham a possibilidade da aprendizagem formal do Hochdeutsch, como também a oportunidade de um convívio maior com falantes do Plautdietsch. Enquanto que a geração GII ainda fez uso do Plautdietsch na comunicação com os colegas, a

geração GI da comunidade usou o português na escola. Atualmente a grande maioria das crianças e jovens da comunidade aprende o português já antes da fase escolar, ou melhor, através do convívio e amizades com pessoas monolíngues português, como também através dos meios de comunicação (TV, Internet, etc.). O fechamento da Escola Menno Simons com certeza contribuiu para a diminuição do uso do Hochdeutsch, como também restringiu o acesso ao ensino formal dessa língua para os filhos dos moradores de origem menonita da comunidade.

No contexto do trabalho e da saúde, o uso do português é muito maior em relação ao uso do Plautdietsch ou do Hochdeutsch. Nas chácaras, por exemplo, a presença de empregados monolíngues português faz o uso desta língua ser praticamente obrigatório entre os patrões de origem menonita e seus empregados. O atendimento no hospital ou na cooperativa da comunidade também é realizado majoritariamente em português, mesmo no caso do funcionário ser falante do Plautdietsch e Hochdeutsch.

Em relação ao uso das línguas no âmbito das amizades, os informantes da GII, de ambos os grupos (Ca e Cb), relatam usar geralmente o Plautdietsch com pessoas da sua faixa etária; mas ao se comunicarem com pessoas mais jovens, a conversa geralmente termina em português. Na GI, a comunicação entre amigos é praticamente exclusiva em português.

A língua preferida e usada com maior frequência entre a GII é o Plautdietsch. O grupo CaGII, porém, diz que, dependendo do assunto, prefere usar o português. Entre a GI, a língua mais usada é o português.

Quanto à competência linguística nas línguas de imigração, a GII informa ter um ótimo domínio oral do Plautdietsch e um bom domínio, oral e escrito, no Hochdeutsch. A maioria dessa geração também não se deixa intimidar com o português, uma vez que o seu uso se faz necessário no contato diário com empregados e funcionários monolíngues português na comunidade. A GI diz ter um bom domínio oral no Plautdietsch, mas como o uso do português é mais frequente, o domínio oral nessa língua também é melhor. O Hochdeutsch é relativamente bem entendido pela maioria da GI; mas para falar e escrever nessa língua, o grupo CbGI sente muita dificuldade.

A função das línguas de imigração na comunidade menonita de Colônia Nova divide-se entre a GII e a GI: para a GII, o Plautdietsch representa a língua do dia-a-dia, de uso constante na comunidade e com a qual as pessoas se identificam; para a GI, o Plautdietsch representa antes um “pertencer à família de origem menonita”, na qual, além do Plautdietsch, também se fala o

português; os contatos da grande maioria desse grupo, sejam eles intra- ou interétnicos, dão-se em português. O Hochdeutsch, para a GII, é a língua dos assuntos religiosos; para a GI, no entanto, ele está deixando de ter muita utilidade na comunidade, pois não é usado no dia-a-dia, deixou de ser ensinado na escola e também não é mais a língua na qual se sentem à vontade para tratar assuntos religiosos.

O uso do português está a cada dia mais presente na comunidade, seja pelo número crescente de monolíngues em português na comunidade, seja pelo aumento do número de casamentos exogâmicos, mas também, principalmente, pela preferência do seu uso pela GI, falantes do Plautdietsch e, ou Hochdeutsch. Quanto à vitalidade do Plautdietsch, tanto a geração mais velha, como a mais nova, está ciente de que o seu uso diminuiu bastante, principalmente na última década. Um dos fatores de maior influência na redução do uso do Plautdietsch na Colônia, como mencionamos acima, é o número crescente de casamentos exogâmicos. Poucos são os pais da GI que atualmente usam o Plautdietsch com os seus filhos. Além disso, o Plautdietsch não é considerado pela grande maioria da comunidade uma língua de prestígio e a maioria dos jovens prefere falar em português. Diante dessa situação, a comunidade corre o grande risco do Plautdietsch, num futuro próximo, ser falado em apenas algumas famílias isoladas.

Quanto à vitalidade do Hochdeutsch, mesmo sendo considerada uma língua de prestígio pela comunidade, tem grande probabilidade de ser abandonado ainda antes que o Plautdietsch, pois a sua utilidade é praticamente restrita aos assuntos religiosos da GII. O Hochdeutsch, que durante décadas teve a função de língua-teto usada em situações formais, está sendo rapidamente absorvido pelo português, ou seja, o Hochdeutsch deixou de ser a língua principal em situações formais (assembleias da igreja, da cooperativa), sofrendo uma substituição gradual pela língua majoritária, o português.

4.1.2 Comunidade Menonita de Curitiba (PR)

A comunidade menonita de Curitiba diferencia-se das demais comunidades menonitas no Brasil fazendo parte de um grande centro urbano, ou melhor, está inserida na capital do Estado do Paraná. Em Curitiba, os menonitas estão distribuídos por toda cidade; no entanto, como já

descrevemos na seção 1.3.2, a grande maioria das famílias de origem étnica alemã concentra-se em dois bairros: Boqueirão e Xaxim, sendo ambos bairros vizinhos, os quais estão localizados a 8 km distante do grande centro. Um grupo menor de menonitas vive na Água Verde, antiga Vila Guaíra, um bairro cuja localização está mais próxima do centro da metrópole.

Calcula-se que a comunidade menonita de origem étnica alemã de Curitiba contava, em 1967, aproximadamente 1.676 pessoas.²⁰⁴ Após essa data, não foi mais realizado nenhum censo entre os menonitas de Curitiba. Segundo Siemens (1984, p. 15), o número de pessoas menonitas em Curitiba, no ano de 1983, era um pouco acima de 3.000. O critério levado em consideração por Siemens foi a origem étnica das pessoas, ou seja, pessoas que têm antepassados em comum e que falam o Plautdietsch e, ou Hochdeutsch. Em 1998, o número estimado de menonitas étnicos (falantes do alemão) em Curitiba estaria entre 4.300 a 4.500.²⁰⁵ Atualmente, tornou-se difícil estabelecer a questão do número de menonitas residentes em Curitiba, uma vez que muitos falantes do Hochdeutsch e, ou Plautdietsch não são membros de igrejas menonitas. Outros, que não são de origem étnica, mas que atualmente fazem parte como membros batizados nas igrejas menonitas, autodenominam-se menonitas, pois aceitaram a convicção de fé menonita. Esses, mesmo fazendo parte da denominação religiosa menonita, nem sempre são vistos pelos demais como menonitas, pois não falam o Plautdietsch e/ou Hochdeutsch. Além disso, muitos jovens, membros nas igrejas menonitas e mesmo pertencendo a famílias de origem étnica menonita, não falam mais alemão.

De acordo com informações obtidas pela COBIM²⁰⁶, AEM²⁰⁷ e pela AIMB²⁰⁸, em novembro de 2010, o número total de membros de todas as igrejas menonitas em Curitiba seria aproximadamente de 2.200; no entanto, é importante ressaltar que esse número inclui todos os membros, independentemente da sua origem, e não inclui as crianças (pois a grande maioria dos membros da igreja são jovens e adultos) e aquelas pessoas de origem étnica alemã que não são membros de nenhuma igreja menonita. Estimamos que a comunidade menonita de origem étnica em Curitiba, incluindo inclusive aquelas pessoas que não são membros de igreja ou que deixaram

²⁰⁴ *Mennonitisches Jahrbuch für Südamerika* (1968/69, p. 118).

²⁰⁵ Klassen, P. (1998, p. 28).

²⁰⁶ Convenção Brasileira das Igrejas Evangélicas Irmãos Menonitas.

²⁰⁷ Aliança Evangélica Menonita.

²⁰⁸ Associação das Igrejas Menonitas do Brasil.

de frequentar o “meio social menonita”, conta atualmente entre 5.000 e 5.500 pessoas. Destas, acreditamos que talvez um quarto (aproximadamente 1.250 pessoas) ainda fale o Hochdeutsch.²⁰⁹ O número de falantes do Plautdietsch (e Hochdeutsch) provavelmente é ainda menor, pois, desde os primeiros anos de colonização dos menonitas em Curitiba, diversas famílias na época já optavam em ensinar somente o Hochdeutsch aos seus filhos. Atualmente, as famílias de origem étnica menonita que ensinam o Plautdietsch aos seus filhos são antes uma grande exceção em Curitiba.

Esta diminuição considerável do número de falantes do Plautdietsch na comunidade de Curitiba também se fez perceptível na procura de informantes jovens (GI) para a presente pesquisa. A grande maioria dos jovens e jovens-adultos (até 30 anos) não fala mais o Plautdietsch e aqueles que o aprenderam com os seus pais, muitas vezes, têm receio (e vergonha) de falar, sentem-se inseguros, pois a frequência de uso do português é muito maior. É importante ressaltar que na comunidade de Curitiba não foi possível encontrar informantes falantes do Plautdietsch pertencentes ao grupo social CbGI, pois no grupo GI todos os falantes do Plautdietsch com quem entramos em contato têm ou estão cursando curso superior. Por esse motivo o número de informantes na comunidade de Curitiba, ao invés de oito, teve que ser reduzido para seis.

Entre os informantes selecionados para o presente estudo todos são falantes do Plautdietsch, Hochdeutsch e português, sendo o Plautdietsch a primeira língua de todos. Além dessas línguas, o grupo CaGI também menciona que aprendeu, na escola, o inglês como língua estrangeira.

No dia-a-dia, o uso das línguas Plautdietsch, Hochdeutsch e português desempenha funções distintas e a frequência de uso também varia de grupo para grupo. Para a geração mais velha, o Plautdietsch é uma língua informal, usada mais no convívio familiar e com amigos da mesma idade. Para o grupo CaGII, o uso de uma das línguas depende muito do contexto, da pessoa e do assunto a ser tratado. Com o cônjuge, por exemplo, fala-se bastante em Plautdietsch; com os filhos, é usado mais o Hochdeutsch e o português; com os amigos mais próximos, em muitos casos, o alemão é alternado com o português; e no trabalho, em geral, mais o português. Dessa forma, segundo esse grupo, é difícil determinar a língua que se fala com mais frequência no dia-a-dia. Já no grupo CbGII, o uso do Plautdietsch é mais frequente, ou melhor, é usado por todos diariamente

²⁰⁹ Este número é uma estimativa aproximada segundo informações e conhecimento da própria autora desta Tese.

e preferencialmente. Para a geração mais jovem, de ambos os grupos, “o mundo gira em torno do português”, pois é a língua do seu dia-a-dia, mesmo que, durante a primeira infância, o uso do Plautdietsch e/ou Hochdeutsch fosse comum no ambiente familiar e com os amigos mais próximos.

O Hochdeutsch é, para a grande maioria da comunidade étnica menonita de Curitiba, uma língua de uso mais formal, usada com e entre pessoas de mais idade e com filhos menores. Todos os informantes, de ambos os grupos, aprenderam o Hochdeutsch tanto na escola, como também participando das atividades oferecidas pela igreja que, durante muitos anos, eram exclusivamente em língua alemã. Para muitos da geração mais idosa, a leitura de livros em língua alemã também contribuiu para uma boa proficiência em Hochdeutsch.

A “mistura de línguas” é prática frequente, admitida pelos informantes da comunidade menonita de Curitiba. Os exemplos a seguir servem para ilustrar o seu emprego:

- a) “*Daut Hochdietsche bediet mie, vamos dizer, vül ...* (CaGIIfem)
- b) „*[Englisch es] ... eene Sproack dee man brouckt emm Beruf enn ... weltweit, oba dee haft tjeenen... tjeenen sentimentalen Weet fe ons.* (CaGIIfem)
- c) „*Wie seehne je daut onse junge Generation ... entlijch von dem, waut onse Ellre oppjebut habe, uck nich mea dissen Sentiment habe, jo?*“ (CaGIImasc)
- c) “*Etj dooh nu estágio moacke.*” (CaGIImasc)
- d) “*[Mien Pa] ... eascht fuah hee caminhão ...*” (CaGIIfem)
- e) “*Onse geração es nich meea soo, né?*” (CaGIIfem)
- f) “*... Dan kohme onse primas, dee Hiebats Mäadtjes ...*” (CbGIIfem)
- g) “*Dan fonje eenje met Febritje on, met caminhão foahre, enn aundre Sache, jo?*” (CbGIImasc)

Nas citações acima, verifica-se que os informantes de todos os grupos fazem uso de empréstimos ou alternância de código, ao falar em Plautdietsch. O uso de lusismos, por exemplo, é comum em todos os grupos (citação *a, c, d, e, f, g*). No exemplo *b*, observa-se outro *code-mixing*, ou melhor, o informante usa a variedade *standard* Hochdeutsch (*weltweit*) ao falar em Plautdietsch. Nos exemplos *b* e *c*, constatam-se por outro lado hibridismos (Plautdietsch e português): tanto o adjetivo *sentimentalen*, como o substantivo *Sentiment*, estão sintaticamente integrados na frase.

A seguir, analisamos as atitudes em relação às escolhas linguísticas dos informantes, falantes do Plautdietsch, no contexto familiar.

4.1.2.1 A(s) língua(s) no contexto familiar

Na comunidade menonita de Curitiba, observa-se uma alternância constante entre as línguas e variedades, no cotidiano familiar. Tal alternância pode variar também conforme o tópico da conversa. A seguir, apresentamos os resultados das atitudes dos diferentes grupos de informantes referentes à escolha linguística conforme os membros da família participantes da interação:

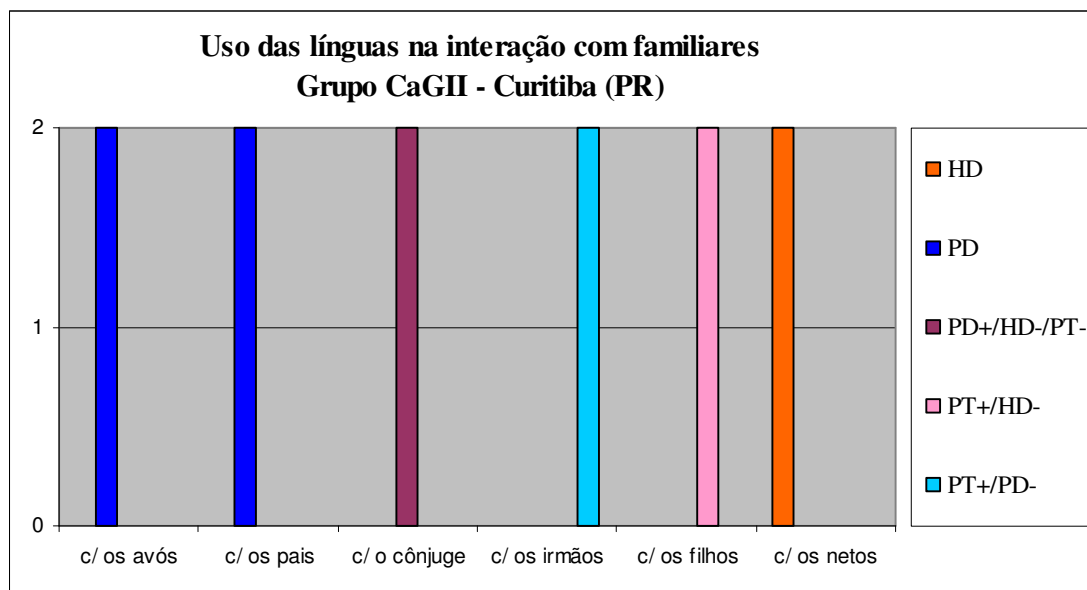


Gráfico 6 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGII - Curitiba (PR)

Com os avós e pais, o grupo CaGII usa (ou usava)²¹⁰, exclusivamente, o Plautdietsch. Já com o cônjuge, o uso da língua varia de acordo com o assunto ou situação: assuntos familiares, por exemplo, são tratados mais em Plautdietsch; quando o tema está relacionado com o trabalho ou com a empresa em que se trabalha, o uso do português é mais comum. Com os irmãos, o uso do português predomina; segundo os informantes, é frequente entre irmãos as conversas iniciarem em Plautdietsch e, terminarem em português. Além disso, na comunicação entre irmãos, é comum fazer-se comentários em Plautdietsch, mesmo que o assunto seja primordialmente tratado em português. Com os filhos, o grupo CaGII usa atualmente mais o português e pouco o Hochdeutsch. Convém mencionar que, a partir da década de 1970, a maioria dos pais da comunidade menonita de Curitiba, aderiu ao Hochdeutsch na comunicação com os filhos ainda

²¹⁰ No caso de falecimento dos avós.

pequenos; no entanto, na medida em que estes foram crescendo, o português tornou-se mais habitual, principalmente no caso em que os filhos se casaram com pessoas monolíngues em português. Com os netos, o grupo CaGII faz questão de falar em Hochdeutsch, tendo em vista seu prestígio na comunidade.

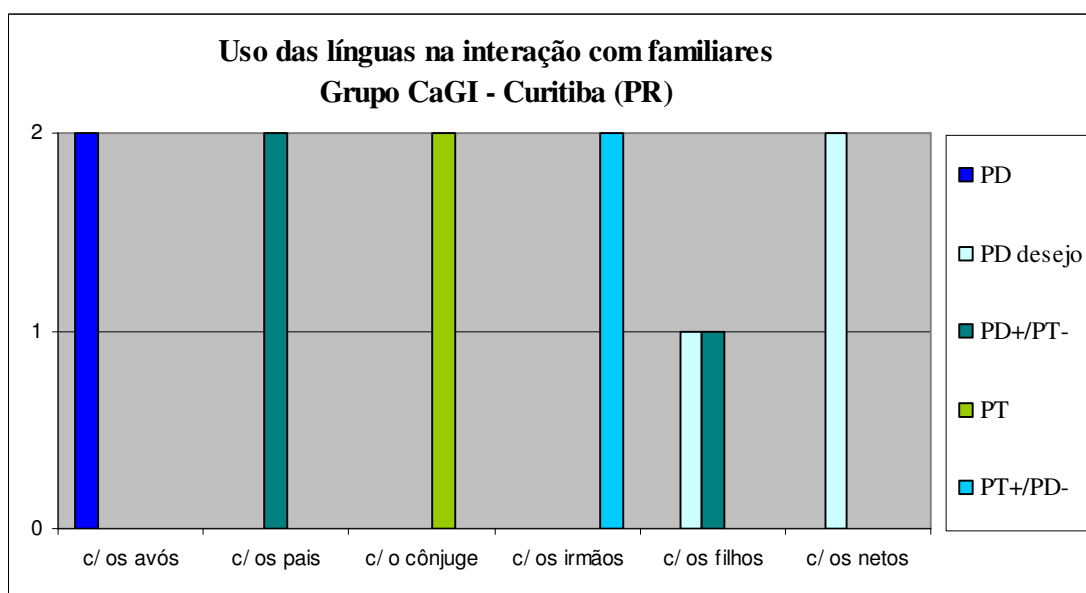


Gráfico 7 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGI - Curitiba (PR)

Antes de descrever o uso das línguas entre a GI da comunidade menonita de Curitiba, as observações da pesquisadora mostraram que os informantes do grupo CaGI, falantes do Plautdietsch, representam uma minoria dentro do subgrupo menonita. Ou seja, é muito raro encontrar, atualmente, na comunidade de Curitiba, falantes do Plautdietsch, pertencentes à geração mais nova (GI). No entanto, como o nosso objetivo é verificar a vitalidade linguística do Plautdietsch nas comunidades menonitas em estudo, selecionamos estes informantes, uma vez que são falantes do Plautdietsch. Todavia, alertamos que esse grupo não representa o grupo CaGI da comunidade étnica-menonita de Curitiba como um todo, mas um subgrupo entre os falantes do Plautdietsch.

No gráfico acima, fica saliente que o grupo CaGI usa o Plautdietsch principalmente na interação com os avós. Com os pais, a comunicação é realizada majoritariamente em Plautdietsch, no entanto o português também é usado. Com o cônjuge, os informantes do grupo

CaGI usam, exclusivamente, o português; mesmo, quando ambos são falantes do Plautdietsch e, ou Hochdeutsch. No caso de filhos, os informantes da CaGI usam mais o Plautdietsch comparado com o português. Permanece também o desejo, daqueles que ainda não têm filhos e netos, de falar com estes futuramente em Plautdietsch.

No contexto familiar da comunidade menonita de Curitiba, é frequentemente usado o Hochdeutsch, como descrevemos anteriormente. No entanto, mediante a observação da pesquisadora, observa-se uma redução de seu uso no contexto familiar, principalmente por parte da geração mais nova. A partir de 4 ou 5 anos, quando o(a)s filho(a)s do grupo GI ingressam na educação infantil, a concorrência com o uso do português é grande, principalmente quando um dos filhos já está em uma série mais avançada. É comum ver pais da geração jovem chamando atenção de seus filhos para que estes usem mais o Hochdeutsch com os seus irmãos ou amigos próximos; no entanto, esses, na maioria dos casos, preferem seguir o modelo que recebem dos próprios pais; ou seja, usam preferencialmente o português na comunicação com os irmãos e amigos.

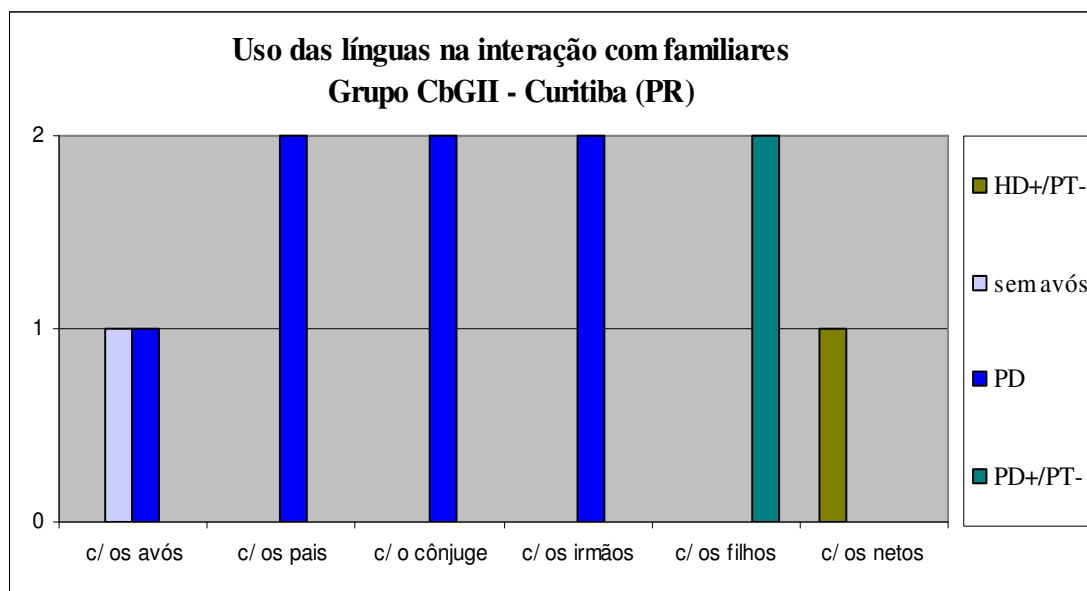


Gráfico 8 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGII - Curitiba (PR)

O grupo CbGII, da comunidade menonita de Curitiba, usa (ou usava)²¹¹ com seus avós, pais e cônjuge, exclusivamente, o Plautdietsch. Com os filhos, o uso do Plautdietsch também ainda é observável; porém, não mais exclusivo. E, com os netos, o grupo CbGII fala predominantemente em Hochdeutsch; no entanto, observa-se que, o uso do português é crescente. Um fator fundamental que contribui para o aumento da comunicação em português entre avós e netos é o crescimento de casamentos exogâmicos. Segundo a estatística realizada a partir dos dados obtidos por meio do jornal quinzenal da comunidade menonita *Bibel und Pflug*, em torno de 53% dos casamentos na comunidade menonita de Curitiba são exogâmicos.²¹²

Comparando os resultados dos diferentes grupos da comunidade de Curitiba, podemos constatar uma mudança em curso entre a geração dos velhos e jovens quanto ao uso do Plautdietsch, e um crescimento do uso do português, principalmente na geração mais nova (GI). O grupo CbGII é o que demonstra maior persistência no uso do Plautdietsch, comparado com o grupo CaGII. Este, por sua vez, tende a usar mais o Hochdeutsch na comunicação com os netos. Mesmo vivendo num período em que a língua de contato, o português, está cada vez mais presente na maioria das famílias da comunidade menonita de Curitiba, os informantes da GI sonham um dia ainda poderem comunicar-se com os netos em Plautdietsch – desejo que, na opinião dos próprios informantes, provavelmente permanecerá somente no sonho.

A seguir, apresentamos a síntese dos resultados de todos os grupos no que se refere ao uso das línguas em contato no contexto familiar:

²¹¹ No caso de falecimento deste(s) membro(s) da família, leia-se “usava”.

²¹² Foram analisadas todas as edições do *Bibel und Pflug* desde janeiro de 2000 até dezembro de 2010, no entanto, deve-se levar em conta que talvez nem todos anunciem seus casamentos através do referido jornal, especialmente de natureza exogâmica.

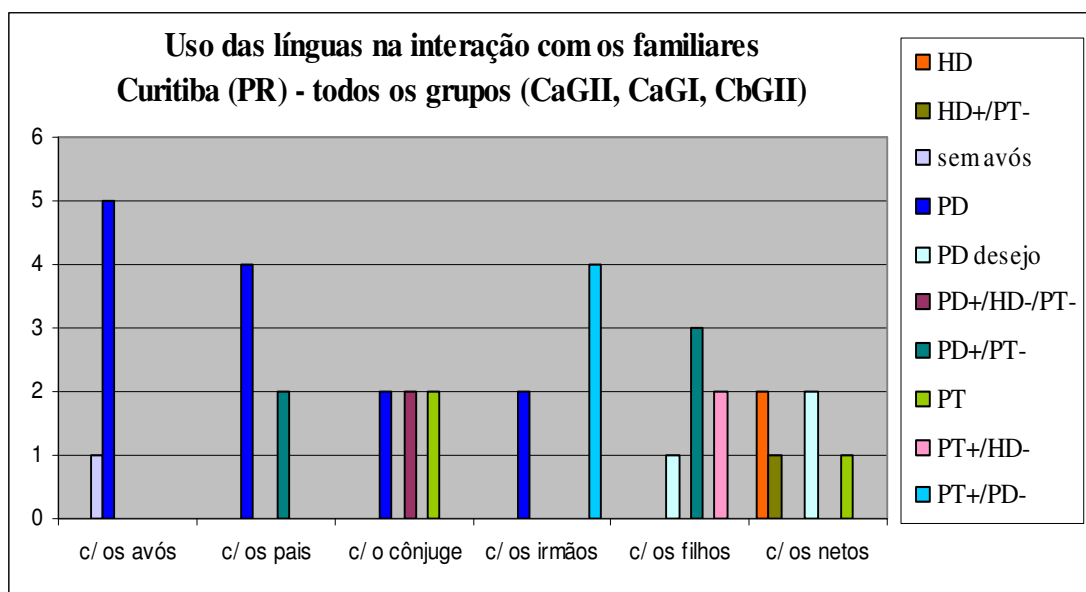


Gráfico 9 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: todos os grupos - Curitiba (PR)

Resumindo, o uso do Plautdietsch no ambiente familiar da comunidade menonita de Curitiba diminuiu bastante, a favor do uso crescente do português. Muitas famílias, no decorrer das últimas décadas, adotaram o Hochdeutsch na comunicação com os filhos; porém, o uso crescente do português, vem, sem dúvida, substituindo as variedades alemãs usadas no âmbito familiar.

4.1.2.2 A(s) língua(s) no contexto religioso

A comunidade menonita de Curitiba, através das suas igrejas, sempre ofereceu um grande leque de atividades religiosas, dentro das quais destacamos os cultos e a escola dominical aos domingos, os encontros para estudos bíblicos e oração durante a semana, as atividades para jovens e adolescentes, o encontro de senhoras e o ensaio do coral. Durante os primeiros anos de colonização, essas atividades eram oferecidas exclusivamente em língua alemã. A partir da década de 1950, os menonitas começaram a construir pequenos templos em sua vizinhança para ali pregar o evangelho também aos brasileiros de outras etnias. Naquela época, a comunidade menonita não tinha ainda a visão de abrir os seus próprios templos para essa obra. Mas, com o aumento do número de casamentos exogâmicos na comunidade, a igreja menonita sentiu a necessidade de revisar os conceitos teológicos e culturais existentes na própria comunidade. Essa mudança no

“santuário menonita” exigiu um tempo de adaptação ao novo contexto. Vários modelos foram experimentados, a fim de se manter os filhos com seus cônjuges, em muitos casos monolíngues, nas igrejas menonitas. Dentro destes modelos, citamos: a) cultos em alemão, com tradução simultânea; b) cultos em alemão, com parte do conteúdo traduzido ao português; c) cultos em português, com conteúdo diferenciado em alemão; d) cultos em português, em que uma síntese da pregação era traduzida para o alemão. Esses e outros modelos, contudo, foram abandonados após poucos meses, por reclamações de ambas as partes – falantes do alemão e falantes monolíngues em português –, pois a tradução quebrava o fluir ritualístico do culto.²¹³ Na época, ficou claro que os cultos deveriam ser realizados em uma só língua, para que os fiéis tivessem a opção de escolher em qual dos cultos preferissem participar. A partir de então, na década de 80, criaram-se os departamentos em português nas diversas igrejas menonitas de Curitiba.²¹⁴

Com a introdução de cultos em língua portuguesa, as igrejas menonitas, que eram constituídas tipicamente de imigrantes e descendentes de imigrantes russo-alemães, começaram a mudar para uma maior participação de “brasileiros” não ligados à etnia fundadora dessa comunidade. Segundo Friesen (2009, p. 308-309), a grande preocupação inicialmente – na introdução do departamento em português nas igrejas étnicas – não era missionária e proselitista, mas sim, a diferença cultural que poderia afastar os menonitas da fé.

Nos últimos vinte anos, pôde-se observar uma mudança no perfil dos membros das igrejas evangélicas menonitas de origem étnica alemã. Atualmente, o número de membros que não são de origem étnica alemã cresceu muito em todas as igrejas menonitas em Curitiba, ultrapassando, em várias delas, de 50% do número total de membros. Essa mudança na área da religiosidade com certeza contribuiu muito para uma maior aculturação brasileira dentro da comunidade menonita.

Dr. Albert Friesen, psicólogo e ex-pastor da comunidade menonita de Curitiba, em sua tese de doutorado sobre as igrejas menonitas de Curitiba, afirma:

“As igrejas, chamadas étnicas, estão em rápido processo de adaptação quanto à transição da língua alemã para a portuguesa e incorporação de práticas e modelos do exercício religioso copiados da vizinhança, como por exemplo, o movimento pentecostal, a teologia da prosperidade, a autonomização de algumas

²¹³ Friesen, A. (2009, p. 310)

²¹⁴ Nota-se um detalhe semântico: os departamentos eram e são designados segundo a língua, não segundo a nacionalidade (Friesen, 2009, p. 309).

comunidades deixando as associações (COBIM e AIMB²¹⁵), formando novas igrejas que não se denominam mais de menonitas, etc” (FRIESEN, 2009, p. 189-190).

De acordo com Friesen (2009, p.190), “as considerações acima deixam claro que existe um efervescente proselitismo na vizinhança, bem como um esforço de pregar o Evangelho em outros Estados, até nas últimas fronteiras do Brasil.”

Atualmente existem, em Curitiba, cinco igrejas menonitas consideradas de origem étnica alemã e inúmeras outras “igrejas-filhas brasileiras”, fundadas por uma das igrejas menonitas étnicas. Como esse estudo se propõe a analisar a vitalidade da língua alemã na comunidade, focalizaremos, a partir de então, as atividades que ainda são oferecidas em alemão pelas igrejas étnicas, bem como a participação dos seus membros nessas atividades.

Para uma melhor compreensão, relacionamos, no quadro abaixo, as cinco igrejas evangélicas menonitas de origem étnica alemã em Curitiba, o número total de membros em cada igreja, o número aproximado de membros de origem étnica alemã e as atividades que ainda são oferecidas em língua alemã em cada uma das igrejas:

²¹⁵ COBIM = Convenção Brasileira das Igrejas Irmãos Menonitas; AIMB = Associação das Igrejas Menonitas do Brasil.

Nome da igreja	Número total de membros (em nov. 2010)	Número aproximado de membros de origem étnica alemã	Atividades oferecidas pela igreja em Hochdeutsch
Igreja Evangélica Irmãos Menonitas do Boqueirão (IEIM Boq.)	698	± 450	Culto matutino Escola bíblica dominical para crianças (até 5 anos) Encontro para estudo bíblico e oração Encontro de senhoras Ensaio do coral
Igreja Evangélica Irmãos Menonitas do Xaxim (IEIM Xax.)	320	± 100	Culto matutino Encontro para estudo bíblico e oração Encontro de senhoras Ensaio do coral
Igreja Evangélica Irmãos Menonitas da Água Verde (IEIM A.V.)	70	± 50	Culto matutino Encontro para estudo bíblico e oração Encontro de senhoras
Igreja Evangélica Menonita de Curitiba (IEM Cur.)	310	± 180	Culto matutino Encontro para estudo bíblico e oração Encontro de senhoras Ensaio do coral
Igreja Evangélica Menonita da Água Verde (IEM A.V.)	193	± 88	Encontro de senhoras
Total	1591	± 868	

Tabela 8 - Principais atividades oferecidas pelas igrejas étnicas menonitas – em língua alemã (Hochdeutsch) – na comunidade menonita de Curitiba:

Analisando o quadro acima, verifica-se que mais de 50% dos membros das igrejas étnicas da comunidade menonita de Curitiba não são mais de origem étnica e que, em várias delas, a oferta de atividades realizadas na língua alemã está diminuindo. Na IEM A.V., por exemplo, não há mais o culto matutino em alemão e apenas na IEIM Boq. ainda há a escola bíblica dominical para crianças menores em língua alemã. De acordo com as informações recebidas dos pastores coordenadores das cinco igrejas, a faixa etária média dos participantes – na maioria das atividades em alemão – é de 60 anos de idade, ou seja, a grande maioria dos jovens da igreja, mesmo sendo de origem étnica alemã, não frequenta mais as atividades oferecidas pela igreja em língua alemã. Uma das causas prováveis é a falta de fluência na língua e a maior familiarização dos jovens com o português, inclusive em assuntos que abrangem a religiosidade.

Quanto ao aumento do uso do português nas atividades oferecidas pela igreja, a maioria dos membros da geração mais velha, segundo os pastores, age de forma compreensível e tem

consciência dessa necessidade, para que a igreja possa “manter-se viva”, ou melhor, para que os jovens permaneçam na igreja e outros, não pertencentes à etnia alemã, possam ter a oportunidade de conhecer o evangelho e frequentar as igrejas menonitas. Vejamos o seguinte depoimento:

“Ich würde sagen, die... die meisten ... nehmen es ... gut an ... weil es sind ja schließlich auch ihre Kinder oder Großkinder. Es war eine Zeit, in den neunziger Jahren, dann war es es noch ein bisschen ... warum Portugiesisch und so weiter ... aber ... [...] aber heutzutage, würde ich sagen, ist ... haben wir dieses überwunden schon. [...] Und das ist sehr gut, wegen Einigkeit ... sie unterstützen das, wir wollen mal zusammen mit denen haben und so, ja? ... Das ist möglich, dass in ihrem Herzen noch immer vielleicht ein Schmerz ist, dass es nicht auf Deutsch ist, das schon ... das würde ich auch sagen, ja ... aber sie begreifen es, das ist einfach die Entwicklung. [...] Es gibt nicht mehr diesen Druck. [...] Wenigstens ich ... ich würde sagen, das ist schon vorbei.”²¹⁶

Mesmo que uma parte dos membros de todas as igrejas étnicas, principalmente da faixa etária mais idosa, se entristeça ao ver que o número de participantes nas atividades realizadas em alemão está diminuindo, há, por outro lado, o consolo de que a igreja está crescendo e que a missão de evangelizar está sendo cumprida. A convivência entre membros de origem étnica alemã e de outras etnias (chamados, muitas vezes, pelos menonitas étnicos alemães de “brasileiros”) numa mesma igreja nem sempre foi muito fácil para ambos os lados; no entanto, observa-se que existe um grande esforço por parte da liderança para uma boa integração entre as duas culturas. Importante ressaltar que os líderes de todas as igrejas étnicas da comunidade de Curitiba fazem questão de organizar, em suas congregações, determinadas programações, nas quais ambos os departamentos – alemão e português – possam estar juntos. Como exemplo, citamos os batismos, que são comemorados em um único evento por ambos os departamentos de cada igreja.

Em relação à perspectiva dos cultos matutinos em língua alemã, a maioria dos pastores das igrejas menonitas étnicas de Curitiba é da opinião que esses cultos ainda poderão perdurar entre 10 a 20 anos; sendo que, durante esse período, o “departamento alemão” de todas as igrejas étnicas menonitas de Curitiba possivelmente formará um único grupo, tendo, portanto, um único culto matutino aos domingos em língua alemã. Tendo em vista que atualmente o número dos

²¹⁶ Tradução do depoimento do Pastor Coordenador da Igreja Evangélica Menonita de Curitiba Boqueirão /PR: “Eu diria, que ... a maioria ... aceita [a língua portuguesa] ... bem ... pois, a final de conta são os seus filhos ou netos [que participam desses cultos]. Existia uma época, nos anos noventa, em que ainda tinha um pouquinho ... porque português e assim por diante ... mas ... [...] hoje em dia, eu diria ... já superamos. [...] E isso é muito bom, em função da união ... eles nos apóiam, nós queremos ter em conjunto com eles e assim, não é? ... Isso é possível, que nos seus corações talvez ainda há uma dor, que não é em alemão, isso sim ... isso eu também diria, não é? ... Mas, eles entendem, isto simplesmente faz parte do desenvolvimento. [...] Não há mais essa pressão. [...] Pelo menos eu ... eu diria que isso já era.”

participantes do culto em alemão em todas as igrejas étnicas ainda é razoável (em torno de 30% do número total de membros) e que a grande maioria desses compreende melhor a linguagem religiosa em alemão, a liderança das respectivas igrejas é a favor de manter os cultos em língua alemã, conforme podemos ler no seguinte depoimento:

“Eu ... eu acho que enquanto que nós temos ... nós temos ainda clientela ... nós temos que preservar o alemão e eu ... eu sou a favor assim de ... de cultivar o alemão, ter os cultos em alemão, porque isso fala para um grupo de pessoas. Nós temos uma clientela a quem o alemão fala mais do que o português, aquilo toca mais no coração, principalmente a linguagem bíblica, a linguagem musical, né? Elas ... nós temos ... mesmo gente que não fale tão bem o alemão, ou que fala melhor na profissão o português, mas o culto, a forma, aquilo condiz mais ... o alemão. [...] Nós temos ainda um grupo de pessoas pra quem o alemão, a forma, aquilo toca mais. [...] Porque a gente nota, assim, também no culto em português, muitos dos nossos *Menist*, assim ... ou nós mesmos, não somos tão soltos, tão a vontade como no culto em português, então ... a gente é mais reservado.”²¹⁷

Entre os informantes selecionados para o nosso estudo, todos são membros de uma das igrejas étnicas em Curitiba e participam dos cultos matutinos aos domingos. O grupo CaGII relata que, em geral, participa do culto realizado em Hochdeutsch, mas que também gosta de estar no culto em português. Esse grupo prefere fazer a leitura bíblica e as orações em alemão; no entanto, quando necessário também o faz em português. O grupo CbGII já prefere participar somente do culto em alemão, como também ler a bíblia e orar em Hochdeutsch. A geração jovem (CaGI), mesmo quando falante do Hochdeutsch, participa em geral somente dos cultos realizados em português. Esporadicamente, quando há programações especiais, também assistem ao culto em alemão. A leitura bíblica e as orações feitas por essa geração também são, de preferência, em português. Um dos informantes da geração jovem ainda complementa, dizendo espontaneamente que acredita que Deus entende melhor a sua oração em português (*Etj gleew, Gott vesteht dann beta!* (CaGIfem).

Após os cultos, a maioria dos participantes gosta de permanecer em frente à igreja e conversar com amigos e conhecidos que também vieram para a igreja. Nesse momento, há uma pequena “torre de Babel”, pois há pessoas conversando em Plautdietsch; outras, em Hochdeutsch, e muitas, em português. Várias vezes por ano, há também visitantes do Canadá ou dos EUA, no culto em Hochdeutsch; nesse caso, ouve-se ainda “rodinhas” conversando em inglês.

²¹⁷ Depoimento de um dos pastores da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas do Xaxim/PR.

4.1.2.3 A(s) língua(s) no contexto escolar

Em Curitiba, a comunidade menonita mantém, através da Fundação Educacional Menonita (FEM), o Colégio Erasto Gaertner, localizado no bairro do Boqueirão. Além de ser reconhecido pela qualidade de ensino, um dos principais diferenciais do Colégio Erasto Gaertner é o ensino da língua alemã desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Nas primeiras décadas, após a fundação do Colégio em 1936, a grande maioria dos alunos eram filhos de imigrantes menonitas, ou melhor, de origem étnica germano-russa. Durante essa época, o colégio inclusive era conhecido no bairro como o “colégio dos alemães”. A partir da década de setenta, segundo Siemens (1992, p. 21), o número de alunos filhos de imigrantes menonitas caiu para 50% e, nos anos noventa, apenas 40% dos alunos são de origem alemã. Atualmente, 20 a 25% dos alunos do colégio são de origem étnica alemã, de um total de cerca de 850 alunos.²¹⁸ À medida em que a comunidade menonita de origem étnica alemã foi se inserindo na “sociedade brasileira”, principalmente através da vida profissional, um número cada vez maior de filhos destes menonitas frequentam outras escolas da cidade.

Desde sua fundação, o colégio oferece o ensino da língua alemã. Enquanto, nas primeiras décadas, o ensino de alemão era oferecido como língua materna para os alunos menonitas de origem étnica alemã, nos últimos 15 a 20 anos, o ensino da língua alemã é oferecido através de material didático para estrangeiros. Ou seja, a cada ano, o número de alunos bilíngues – falantes de Hochdeutsch e português – está se reduzindo consideravelmente (falantes do Plautdietsch praticamente são inexistentes).

Além de oferecer o ensino de alemão em diversos níveis, os alunos do Colégio Erasto Gaertner têm a oportunidade de obter um certificado de proficiência na língua alemã, exibido pelo governo alemão. Em média, apenas 3 a 5 alunos por ano conseguem alcançar o certificado C1, o qual corresponde ao nível de conhecimento de língua em nível superior. Para um melhor aprimoramento da língua alemã, os alunos têm a oportunidade de participar em projetos culturais, nos quais, por exemplo, são ensaiados teatros e músicas em alemão.

Em relação ao uso de uma das línguas no âmbito escolar, os informantes do grupo CbGII relatam que, na época em que frequentavam a escola, eram obrigados a falar em

²¹⁸ Informação obtida da direção do colégio no dia 10.12.2010.

português; mas que, no recreio, frequentemente usavam o Plautdietsch ou o Hochdeutsch com os seus colegas. Já os grupos CaGII e CaGI informaram ter usado quase exclusivamente o português durante a época escolar, inclusive com colegas falantes do Plautdietsch ou Hochdeutsch, exceto nas aulas de língua alemã.

4.1.2.4 A(s) língua(s) no contexto do trabalho e da saúde

Atualmente a comunidade menonita de Curitiba, sobretudo aqueles de faixa etária inferior a 50 anos de idade, está completamente ajustada aos seus respectivos meios sócio-culturais, tanto no exercício de suas profissões, quanto no envolvimento com a sociedade na qual convivem.²¹⁹ Segundo as informações dos informantes dos três grupos (CaGII, CbGII e CaGI), todos utilizam/utilizaram exclusivamente o português no âmbito do trabalho e da saúde.

4.1.2.5 A(s) língua(s) no contexto da vizinhança e das amizades

Em Curitiba, a maioria dos menonitas de origem étnica alemã concentra-se nos bairros do Boqueirão e Xaxim. Em ambos os bairros, existem ruas e condomínios residenciais, nos quais uma grande porcentagem de moradores são menonitas. Outros, no entanto, moram em locais cuja vizinhança não se difere dos cidadãos do entorno. A língua usada na comunicação entre vizinhos menonitas, cujas famílias são de origem alemã, varia de acordo com a idade, o assunto e o contexto. A geração GII frequentemente ainda faz uso do Plautdietsch e/ou Hochdeutsch, quando fala com pessoas da mesma faixa etária sobre o dia-a-dia, por exemplo. Quando o assunto é mais específico – trabalho, esporte ou política – o uso do português é mais comum, principalmente no grupo CaGII. A geração GI usa majoritariamente o português entre a vizinhança, mesmo esta sendo falante do alemão.

No âmbito da amizade, o grupo CaGII utiliza bastante o Plautdietsch ou o Hochdeutsch com pessoas da mesma geração; quando se comunica com pessoas da faixa etária jovem, o grupo CaGII faz mais uso do português. O grupo CbGII faz preferencialmente uso do Plautdietsch no

²¹⁹ Friesen, A. (2009, p. 189).

âmbito da amizade; no entanto, com pessoas jovens também usam mais o português. O grupo CaGII utiliza somente o português com os seus amigos, mesmo quando esses também são falantes do alemão. Segundo um informante do grupo CaGI, é comum fazer uso de algumas palavras isoladas em Plautdietsch (normalmente as que são engraçadas) entre os amigos menonitas de origem étnica alemã, mas, nas demais situações, usam primordialmente o português.

Interessante mencionar que, no âmbito do lazer (fazendo jogos de mesa, conversando sobre política, esportes ou programas de televisão), a comunidade menonita de Curitiba em geral (incluindo todas as gerações e grupos) faz maior uso do português, mesmo quando os amigos falam o alemão. O emprego do Hochdeutsch é bem restrito neste âmbito. Num jogo de cartas ou quando se conta uma piada, o uso do Plautdietsch é bastante comum na geração GII.

4.1.2.6 Frequência de uso do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na comunidade menonita de Curitiba

Abaixo relacionamos a frequência de uso das três línguas nos respectivos grupos:

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	Diariamente	diariamente	diariamente
CbGII	Diariamente	semanalmente	semanalmente
CaGI	raramente*	esporadicamente	diariamente

* Exceto quando é a língua usada na comunicação diária com os filhos, como é o caso de um dos informantes do grupo CaGI de Curitiba (PR).

Tabela 9 - Frequência de uso das línguas na comunidade menonita de Curitiba nos seus respectivos grupos:

Observamos que, no grupo CaGII, existe diariamente uma grande dinâmica no emprego das três línguas, ou seja, a escolha da língua varia de acordo com o local, o destinatário e o tópico da conversa. Já o grupo CbGII tende a usar diariamente mais o Plautdietsch; e o grupo CaGI, diariamente mais o português.

Em relação à preferência de uso de uma das línguas, as respostas dos informantes confirmam a questão anterior:

Grupo social	Preferência de uso de uma das línguas
CaGII	Varia de acordo com o local, o destinatário e o tópico da conversa.
CbGII	Plautdietsch
CaGI	português

Tabela 10 - Preferência do emprego de uma das línguas na comunidade menonita de Curitiba

Conforme a tabela 10, podemos concluir que o grupo CaGII é o único que de fato se sente à vontade em falar nas três línguas, ou seja, que não necessariamente tem preferência por uma ou outra língua, ou seja, é proficiente nas três. A geração mais jovem já está mais familiarizada com o português.

4.1.2.7 Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português

Ao perguntar sobre a competência linguística (uso ativo e passivo) nas três línguas, a grande maioria dos informantes reagiu um pouco insegura, pois os conceitos (ou intervalos) apresentados pela pesquisadora (muito bem, bem, médio, satisfatório e mal) podem ter uma interpretação individual diferenciada, ou melhor, o que x considera “muito bom”, y pode, eventualmente, considerar “bom” ou “médio”. Mesmo assim, acreditamos que os resultados da autoavaliação nas diferentes línguas são fundamentais na análise da atitude e do comportamento dos falantes destas línguas.

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	muito bem	bem	muito bem
CbGII	muito bem	médio	médio
CaGI	médio	médio	muito bem

Tabela 11 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português – uso ativo da língua

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	muito bem	muito bem	muito bem
CbGII	muito bem	muito bem	bem
CaGI	bem	bem	muito bem

Tabela 12 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português – uso passivo da língua

Enquanto, no uso passivo, todos os grupos acreditam ter uma “boa” ou até “muito boa” compreensão nas três línguas, no uso ativo das diferentes línguas, as opiniões divergem de forma mais marcada. Observamos que, na GII, ambos os grupos são da opinião que falam muito bem o Plautdietsch; já os informantes da GI sentem bem mais dificuldades ao falar o Plautdietsch. Em relação ao Hochdeutsch, os grupos CbGII e CaGI demonstraram maior insegurança, pois dizem “não saber tão bem a gramática alemã”; o grupo CaGII acredita falar bem o Hochdeutsch. Quanto ao uso do português, somente o grupo CbGII diz ter um “vocabulário restrito”; os outros dois grupos (CaGII e CaGI) declararam dominar muito bem o português.

O quadro a seguir apresenta os tópicos mencionados pelos informantes que, para cada língua, oferecem mais dificuldades de comunicação:

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	Português
CaGII	Assuntos religiosos, administrativos, política e esporte.	Assuntos técnicos; piadas.	Não há dificuldades.
CbGII	Assuntos religiosos, esportivos e noticiários da TV.	Piadas	Assuntos religiosos e piadas.
CaGI	Assuntos religiosos, técnicos e esportivos.	Assuntos técnicos, religiosos e esportivos.	Não há dificuldades.

Tabela 13 - Dificuldade de uso do Plautdietsch, Hochdeutsh ou português em determinados assuntos

Podemos observar que as principais dificuldades no Plautdietsch para todos os grupos são assuntos religiosos, administrativos e esportivos; no Hochdeutsch, somente a GI tem dificuldades quando se trata de assuntos religiosos, ao contrário do grupo CbGII, que apresenta dificuldades em falar o português quando o assunto é religiosidade.

Nos momentos de leitura, o grupo CbGII opta antes por livros ou revistas em língua alemã (Hochdeutsch); já o grupo CaGII, da geração mais velha, lê tanto em alemão quanto em português. Ambos os grupos admitem raramente ter lido algo em Plautdietsch. O grupo CaGI praticamente só faz leituras em português e eventualmente lê em Hochdeutsch pela Internet. Em relação a programas de rádio, todos os informantes, de ambas as gerações e de ambos os grupos, relatam ouvir somente em língua portuguesa.

Quanto à competência e frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português os informantes deram as seguintes respostas:

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	não escreve	semanalmente	diariamente
CbGII	não escreve	mensalmente	raramente
CaGI	não escreve	raramente	diariamente

Tabela 14 - Competência e frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na comunidade menonita de Curitiba:

Podemos observar que, na comunidade menonita de Curitiba, somente o grupo CaGII tem o hábito de escrever mais em Hochdeutsch e que o português é a língua que mais se usa na escrita no grupo Ca de ambas as gerações. O grupo Cb, quando necessário, prefere escrever em Hochdeutsch.

4.1.2.8 Função do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português na comunidade menonita de Curitiba

Para os informantes do grupo CaGII, o Plautdietsch é a língua materna na qual conseguem se expressar com maior rapidez. Além disso, o Plautdietsch representa para esse grupo a herança cultural recebida dos antepassados e a base da história da comunidade menonita, sem a qual a comunidade pode perder sua identidade, fatores que inclusive motivam esse grupo para a manutenção dessa língua. No entanto, os informantes alertam que não é mais a língua

principal, ou seja, o uso do Hochdeutsch e principalmente do português tornou-se mais frequente.

Vejamos os depoimentos desse grupo:

“[Daut Plautdietsche] es miene Muttsproack, enn wua etj mie daut schwienste kann utdretje, oba daut es nich mea de Hauptsproack ”²²⁰ (CaGII fem)

“Dee Plautdietsche Sproack es uck onse Jeschicht, enn wann wie onse Jeschicht feliere, dann send wie auck sou’s dee aundre ola ... enn dann ha wie entlich nuscht! Enn wann wie daut behaule tjenne, dann weet wie waut von onse Jeschicht enn daut gleew etj, es wichtig, daut wie weete, von wua wie kohme enn wau wie hangohne. ”²²¹ (CaGII masc)

O Hochdeutsch, para o grupo CaGII, representa uma língua e uma cultura a mais. Todavia, a “cultura alemã” é sentida mais distante que a “cultura menonita” e a própria cultura brasileira, principalmente quando se refere à língua, é atualmente mais próxima que a alemã. Ainda, segundo os informantes desse grupo, o Hochdeutsch é muito importante no mundo moderno, pois, através da globalização, os países cuja língua oficial é o alemão tornaram-se “vizinhos” do Brasil.

Para os informantes do grupo CbGII, o Plautdietsch é, sobretudo, a língua materna, usada no dia-a-dia. Chama atenção que o grupo não faz nenhum comentário em relação à importância do Plautdietsch como uma língua cultural ou que é uma herança cultural. Ao contrário, há antes um sentimento de que a língua materna é “apenas” um dialeto, portanto, inferior ao Hochdeutsch, não possuindo o *status* de uma língua *standard*. Quanto ao Hochdeutsch, o grupo tem uma postura diferente; é da opinião de que se trata de uma língua importante, usada mundialmente e que é mais fácil que o Plautdietsch. Vejamos os depoimentos:

“Daut [Hochdietsche] kann man oleweent broucke, meea auls daut Plautdietsche ”²²² (CbGII fem)

“Daut Dietsche haft’ne Sproack, daut Menische es schwierig.”²²³ (CbGII masc)

²²⁰ Tradução do depoimento do informante CaGII fem: “[O Plautdietsch] é a minha língua materna, na qual posso me expressar com maior rapidez, mas não é mais a língua principal.”

²²¹ Tradução do depoimento do informante CaGII masc: “A língua Plautdietsch é a nossa história, e se nós perdermos a nossa história, aí somos igual a todos os outros ... e aí na verdade não temos nada! E se nós pudermos manter isto, aí saberemos algo da nossa história e isto, acredito eu, é importante, para que saibamos de onde viemos e para onde iremos.”

²²² Tradução do depoimento do informante CbGII fem: “O [Hochdeutsch] pode-se usar em qualquer lugar, mais que o Plautdietsch.”

²²³ Tradução do depoimento do informante CbGII masc: “O alemão é uma língua, a variedade menonita é mais difícil.”

Para os informantes do grupo CaGI, o Plautdietsch representa uma língua exclusivamente familiar, ou seja, que lembra estar em casa, com os familiares mais próximos. Além disso, esses informantes dizem gostar da língua, que é um orgulho saber falar Plautdietsch e que é o melhor presente que poderiam ter recebido dos seus antepassados. Um deles até ousa dizer que, quando ouve alguém falar em Plautdietsch, sabe que esta pessoa é de confiança. Vejamos os depoimentos dos informantes do grupo CaGI:

*“Plautdietsch fe mie es ... dee Sproack von miene Ouma. [...] Etj gleew, daut es daut baste waut etj von miene Ouma jelielt ha, waut see mie kun jewe von ahr [...] man kann Stolz senne, daut man Plautdietsch weet [...]”*²²⁴ (CaGI_{fem})

*“Daut Plautdietsche heat seea no Tus. Wann man irjenwaut op Plautdietsch heat, man denkt emma no Tus. [...] Wann eene Persaun Plautdietsch ret, daut well bediede, daut daut eene goode Persaun es. [...] Etj mach dee Plautdietsche Sproack.”*²²⁵ (CaGI_{masc})

Importante ressaltar que as opiniões acima são de uma pequena minoria da GI que ainda fala o Plautdietsch; para a grande maioria da GI, essa língua não tem significado algum, pois não a aprenderam. Evidentemente, é preciso ponderar que se trata de depoimentos obtidos pela metodologia explícita, nem sempre comprováveis nas práticas linguísticas efetivas.

Quanto ao Hochdeutsch, o grupo CaGI o considera uma língua mais importante em relação ao Plautdietsch, dado seu alcance internacional e seu valor para a vida profissional e em viagens. Além disso, existe mais literatura em Hochdeutsch. No entanto, ela é considerada por esse grupo uma língua difícil e que é muito pouco usada por eles. Os seguintes depoimentos ilustram essa postura:

*“[...] Daut Hochdietsche daut kann die im Lewe fel meea halpe auls daut Plautdietsche. Welle mol saje, eene Oabet sehtje ouda irjenswo hanrese... Daut Hochdietch kann die meea halpe, wiels daut meea bekonnt es.”*²²⁶ (CaGI_{masc})

²²⁴ Tradução do depoimento do informante CaGI_{fem}: “Plautdietsch é para mim ... a língua da minha avó. [...] Eu acredito, que foi a melhor coisa que eu pude aprender com a minha avó, o que ela me pôde dar ... [...] podemos ter orgulho por saber Plautdietsch.”

²²⁵ Tradução do depoimento do informante CaGI_{masc}: “O Plautdietsch soa muito “estar em casa”. Quando a gente ouve qualquer coisa em Plautdietsch, lembramos de casa. [...] Quando uma pessoa fala em Plautdietsch, isto quer dizer, que é uma pessoa boa. [...] Eu gosto do Plautdietsch.”

²²⁶ Tradução do depoimento do informante CaGI_{masc}: “O Hochdeutsch pode te ajudar muito mais na vida que o Plautdietsch. Vamos dizer, na procura de um trabalho ou numa viagem qualquer ... O Hochdeutsch pode te ajudar mais, porque é mais conhecido.”

“Hochdietsch fe mie es ... eene Sproack waut ... es goot, oba etj ... fe mie es dee see schwoa, wiels etj ... niemols rede dau, see wenijch rede dau.”²²⁷ (CaGIfem)

O português é a língua do dia-a-dia da GI. Mesmo que em situações isoladas ainda façam uso do Hochdeutsch e do Plautdietsch, seu uso já é considerado mais difícil. O “mundo” da geração mais jovem gira em torno do português, e é nessa língua que se sentem de fato à vontade. Para o grupo CaGII, o português é igualmente a língua do dia-a-dia, pois é a língua do trabalho, do comércio e, em muitos casos, também a língua que frequentemente usam com familiares próximos. Esse grupo, se destaca pela capacidade de alternar entre o português e o alemão (Plautdietsch e Hochdeutsch) sem grandes dificuldades. Para o grupo CbGII, o português é antes uma necessidade do dia-a-dia, haja vista usá-lo em todas instituições públicas (supermercado, posto de saúde, farmácia, etc.), na convivência com a vizinhança e, em diversos os casos, também com os próprios familiares, principalmente quando na família já existem casamentos exogâmicos.

4.1.2.9 Vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch na comunidade menonita de Curitiba

Todos os informantes, em todos os grupos, manifestaram o desejo de que seria muito bom se os netos, ou futuros netos soubessem o Plautdietsch. Todavia, tanto o grupo CbGII, como o grupo CaGI deixam claro que melhor ainda é que saibam o Hochdeutsch e o inglês, que consideram ser línguas mais importantes.

Ao questionar se o Plautdietsch pode ser considerado uma língua, os informantes da GII, de ambos os grupos, são da opinião de que se trata antes de um dialeto, falado bem mais em outras épocas, mas que nunca teve reconhecimento como uma língua. Já os informantes do grupo CaGI acreditam no Plautdietsch como uma língua: argumentam que, a partir do momento em que uma língua pode ser falada, lida e escrita, torna-se uma língua. No entanto, observam que a inexistência de um país, onde o Plautdietsch seja língua oficial, dificulta o seu reconhecimento

²²⁷ Tradução do depoimento do informante CaGIfem: “Hochdeutsch para mim é ... uma língua que ... é bom, mas ... eu para mim ela é muito difícil, porque eu ... nunca falo, falo muito pouco.”

pelos próprios falantes como uma língua. Um informante do grupo CaGI ainda complementa: *“Wie motte daut blaus onnehme auls eene Sproack!”*²²⁸

Em relação à vitalidade do Plautdietsch na comunidade menonita de Curitiba, os informantes do grupo CaGII têm opiniões divergentes: o informante masculino é da opinião de que é muito provável que o Plautdietsch irá se perder nos próximos anos em Curitiba, uma vez que a geração GI praticamente não o fala mais. O informante feminino acredita que o Plautdietsch vai “diminuir bastante”, mas dificilmente será extinto. O grupo CbGII defende que a vitalidade do Plautdietsch está vinculada ao tempo de vivência da geração GII, ou seja, enquanto esta ainda estiver viva, o Plautdietsch também sobreviverá. Em vários momentos, observou-se que esse grupo (CbGII) expressa uma atitude de conformismo em relação à diminuição do uso do Plautdietsch, por defender que, no Brasil, se deve priorizar o português:

*“Wie ha daut Tus jeliel, enn ... es schohd, daut dee [Plautdietsche Sproack] ophiere woad ... oba wie sent even enn Bresilien enn dann soll man dee brasilianische Sproack tjenne, daut Portugiesische.”*²²⁹
(CbGIImasc)

O grupo CaGI também diverge nas opiniões: o informante masculino admite que a grande maioria dos jovens não sabe mais falar o Plautdietsch, tendo essa língua poucas chances de futuramente sobreviver na comunidade menonita de Curitiba. O informante feminino já acredita que sempre haverá falantes, mesmo que talvez em número reduzido.

Em relação à vitalidade do Hochdeutsch, todos os informantes, de ambos os grupos, acreditam que poderá perdurar por mais tempo que o Plautdietsch, na comunidade menonita de Curitiba, uma vez que ainda é ensinado nos lares e na escola. Alertam, contudo, que isso dependerá da própria comunidade menonita, se esta permanecerá unida socialmente ou não. Um informante do grupo CaGII ainda comenta que sente falta das programações culturais realizadas em alemão (tanto em Plautdietsch, como em Hochdeutsch), as quais costumavam ocorrer nas primeiras décadas após a chegada dos menonitas em Curitiba.

²²⁸ Tradução do depoimento do informante do grupo CaGIfem: “Nós deveríamos somente aceitar de que é uma língua!”.

²²⁹ Tradução do depoimento do informante CbGIImasc: “Nós aprendemos [o Plautdietsch] em casa, e ... é uma pena que vai parar de ser falado ... mas, nós estamos no Brasil, e aí deveríamos saber falar a língua brasileira, o português.”

A grande maioria do grupo CaGII ensinou aos seus filhos o Hochdeutsch, sendo um dos principais motivos a intenção de querer ensinar um “alemão correto”, como afirma um dos informantes:

“Nich daut ons daut Plautdietsche nich wichtijch es, oba... wie wulle leewa met dee Tjenja daut Hochdietsche rede, daut rechtje Dietsch, doamet dee irjentwaut meea hode nohea, jo?”²³⁰ (CaGII masc)

Outro motivo mencionado para ensinar o Hochdeutsch aos filhos é o objetivo de uma competência melhor no alemão-padrão, pois o Plautdietsch se poderia “aprender sozinho” (*“Wie wulle daut see daut Dietsche erhaule deede enn doawen red wie Hochdietsch. [...] Daut Plautdietsche liere’s se von selfst.”* (CaGII fem))

Quanto à localidade onde a vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch no Brasil é maior, os diferentes grupos de Curitiba têm a seguinte opinião:

Grupo social	Vitalidade do Plautdietsch é maior	Vitalidade do Hochdeutsch é maior
CaGII	Col.Nova	Col.Witmarsum e Curitiba
CbGII	Col.Witmarsum e Col.Nova	igual em todas as localidades
CaGI	Col. Nova	Col. Witmarsum

Tabela 15 - Atitude sobre a vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch

Observamos que todos os grupos acreditam que, nas colônias, a vitalidade do Plautdietsch é maior em relação à comunidade menonita urbana de Curitiba e que, na Colônia Nova, o Plautdietsch é ainda mais usado comparando com a Colônia Witmarsum. Tanto para o grupo CaGII, quanto para o grupo CaGI, a vitalidade do Hochdeutsch é maior na Colônia Witmarsum; já na opinião do grupo CbGII, o Hochdeutsch é usado com igual frequência nas três comunidades.

Quanto à existência de outros países nos quais se fala o Plautdietsch, os informantes – de ambas as gerações e dos dois grupos – tem consciência de seu uso no Paraguai, Uruguai, Bolívia, México, Canadá, Estados Unidos, e Alemanha, o que mostra uma comunicação entre as

²³⁰ Tradução do depoimento do informante CaGII masc: “[...] Não que para nós o Plautdietsch não seja importante, mas ... nós preferimos falar com os nossos filhos em alemão, o alemão correto, para que eles tivessem algo a mais.”

diferentes comunidades de menonitas. Além disso, o grupo CaGII cita ainda a Argentina, e o grupo CaGI, Holanda e Suíça.

A maioria da geração GII da comunidade de Curitiba mantém contato com parentes falantes do Plautdietsch que moram no Canadá, Paraguai e Alemanha, diferentemente da GI, que parece ter perdido esse contato com menonitas de outros países, exceto quando envolve familiares próximos. Nesse caso, usam o inglês ou o próprio português, pois, muitas vezes, se trata de famílias menonitas brasileiras (de origem étnica alemã) que emigraram para o exterior.

4.1.2.10 Resumo: contato linguístico em Curitiba

A comunidade menonita de Curitiba, por estar inserida e adaptada culturalmente no contexto urbano, diferencia-se cada vez menos do seu ambiente. No contexto familiar, o Plautdietsch é praticamente usado somente pela geração mais idosa e persiste apenas isoladamente em algumas famílias mais jovens. Pouquíssimos são os jovens até 35 anos que dominam o Plautdietsch e ainda mais raro é a sua transmissão geracional. Um fator significativo e que está contribuindo para o aumento do uso do português no ambiente familiar é o aumento do número de casamentos exogâmicos (aproximadamente 53% do total). A maioria dos jovens casais, quando optam em falar em alemão com os filhos, falam em Hochdeutsch; mas, à medida que estes crescem e vão para a escola, a comunicação passa para o português. Atualmente, o português faz parte do dia-a-dia da grande maioria das famílias da comunidade étnica menonita de Curitiba. No contexto familiar, constatamos que o uso do Plautdietsch tende a ser mais resistente no grupo CbGII e menos resistente no grupo CaGI.

No âmbito religioso, o uso do português tornou-se algo comum e benquisto pela grande maioria da comunidade menonita de Curitiba, de modo que a maioria dos cultos nas igrejas étnicas menonitas atualmente é realizada em português. Para a maioria da GII, no entanto, o Hochdeutsch continua sendo a língua religiosa, ou melhor, afirma compreender a linguagem religiosa melhor em Hochdeutsch. A leitura bíblica e a oração individual, a maioria da GII prefere realizar em Hochdeutsch; no entanto, quando necessário, o grupo CaGII também o faz em português. A GI faz essas atividades somente em português.

Em Curitiba, a comunidade menonita mantém – através da Fundação Educacional Menonita (FEM) – o Colégio Erasto Gaertner, no qual são oferecidas aulas de alemão. Enquanto, nas primeiras décadas após a chegada dos menonitas em Curitiba, o ensino do Hochdeutsch tinha mais a característica de aperfeiçoamento da língua materna, atualmente ele é oferecido a partir de material didático para estrangeiros, ou seja, a cada ano que passa, diminui não somente o número de alunos de origem étnica alemã, mas também o domínio da língua alemã dos mesmos no momento de ingressar no Colégio. Além das duas aulas semanais de alemão, a escola tenta, a partir de projetos paralelos (teatros, músicas, etc.), incentivar os alunos para o uso do alemão.

No âmbito do trabalho e da saúde, a comunidade menonita de Curitiba usa exclusivamente o português (exceto aqueles que trabalham em empresas multinacionais), pois tanto no contexto urbano de trabalho, como também nas instituições públicas brasileiras de saúde, o uso do português é praticamente uma condição para ser atendido.

Entre os amigos, a maioria da geração GII utiliza mais o Plautdietsch, seguido do Hochdeutsch; no entanto, dependendo do assunto, o português também é usado. A GI praticamente usa exclusivamente o português com seus amigos; o alemão nesse âmbito é somente utilizado em forma de palavras isoladas, geralmente para descontrair, enfatizar ou até ridicularizar uma situação.

Quanto à frequência e preferência de uma das línguas, observamos que a geração GII inclina-se mais ao uso do Plautdietsch, principalmente o grupo social Cb. Já o grupo CaGII mostra grande desenvoltura no emprego das três línguas (Plautdietsch, Hochdeutsch e português). Na geração GI, não resta dúvida que o português é a língua preferencial, e também usada com maior frequência.

No que se refere à competência linguística nas línguas em contato, a GII revela um bom domínio oral do Plautdietsch e do Hochdeutsch. O grupo CaGII também apresenta um bom domínio do português. Já entre os jovens, o português é a única língua na qual o grupo tem uma boa competência na fala. Ambas as gerações e grupos não escrevem em Plautdietsch; o grupo CaGII escreve tanto em português quanto em Hochdeutsch; o grupo CbGII prefere escrever em Hochdeutsch e o grupo CaGI praticamente somente usa o português para escrever.

Na comunidade de Curitiba, o Plautdietsch representa tanto a língua materna para a GII, como também uma herança cultural recebida dos seus antepassados. Mesmo assim, é uma língua

considerada de menor prestígio, pouco valorizada e que não tem função fora do grupo. Para a grande maioria da GI, o Plautdietsch não tem significado algum, pois não o aprenderam, exceto uma pequena minoria (como, por exemplo, os informantes do grupo CaGI desta pesquisa). Estes, no entanto, dizem ter orgulho de saber falar em Plautdietsch, mas limitam seu uso exclusivamente ao ambiente familiar.

O Hochdeutsch, que nas primeiras décadas após a imigração era usado somente em contextos formais (igreja, escola), nas últimas décadas, tem substituído o Plautdietsch também no ambiente familiar. Para a maioria da geração GII, o Hochdeutsch permanece a língua religiosa; no entanto, o português tem tido uma aceitação crescente por parte deste grupo no âmbito religioso. Para muitos jovens, o Hochdeutsch equivale à língua da infância; porém, na medida em que cresceram e frequentaram a escola, seu uso diminuiu bastante, a ponto de considerá-lo uma língua difícil e de uso restrito.

O português tornou-se a língua mais habitual nos grupos CaGII e CaGI na comunidade menonita de Curitiba. Para o grupo CbGII, o uso do português também se tornou uma necessidade do dia-a-dia; todavia, o uso do Plautdietsch e/ou Hochdeutsch ainda é mais frequente. O grupo CaGII não sente dificuldades em alternar entre uma língua e outra, porém, tende a usar cada vez mais o português. Para a grande maioria da GI, o português tornou-se praticamente a única língua usada de “livre espontânea vontade”.

No que concerne à vitalidade do Plautdietsch, tanto a geração mais velha, como a mais nova está ciente de que o seu uso está diminuindo muito e que a chance de sobrevivência, num futuro próximo, se restringe a algumas famílias isoladas da comunidade. Com a transmissão geracional do Plautdietsch praticamente estagnada, observa-se também pouca valorização de seu uso, não somente por parte dos membros da comunidade, mas também por parte dos seus líderes.

Quanto à vitalidade do Hochdeutsch, os informantes são da opinião que esta língua poderá perdurar por mais tempo que o Plautdietsch na comunidade menonita de Curitiba, pois, além de ser internacionalmente reconhecida, o conhecimento da língua *standard* pode trazer benefícios significativos na carreira profissional. No entanto, também o Hochdeutsch está entregando gradualmente seu posto de língua-teto ao português, a língua majoritária.

4.1.3 Colônia Witmarsum (PR)

Desde a fundação da Colônia, o Plautdietsch, o Hochdeutsch e o português fazem parte da vida social desta comunidade. Nas primeiras décadas (1951-1980) após a fundação da Colônia, o Plautdietsch era a principal língua de comunicação entre os colonizadores; atualmente essa língua está concorrendo com a língua-teto, o Hochdeutsch, e fortemente com a língua de contato, o português. Para a grande maioria dos moradores de origem menonita em Witmarsum, nascidos até 1975, os quais atualmente têm acima de 35 anos, o Plautdietsch constitui a primeira língua, ou seja, a “língua do berço”. Ao lado do Plautdietsch, sempre se manteve uma relação de diglossia com o Hochdeutsch, usado nas atividades na igreja, nas quais predominou como língua única, nas primeiras décadas da colonização. Para a maioria desse grupo, o primeiro contato com o português foi na escola, aos quatro ou cinco anos de idade. Através da televisão e do contato maior com famílias monolíngues, a grande maioria das crianças de origem menonita tem acesso ao português já bem antes da educação infantil.

A partir da década de oitenta, muitos casais passaram a ensinar o Hochdeutsch a seus filhos, mesmo que ambos fossem falantes do Plautdietsch. Essa mudança de atitude por parte de muitos pais levou a uma perda significativa do Plautdietsch, o qual foi substituído fortemente pelo Hochdeutsch, que hoje disputa seu lugar com o português. Desta forma, o Hochdeutsch – mesmo tendo a característica de língua *standard* e religiosa para a maioria da geração mais idosa – é usado como língua informal entre muitos jovens. Vale ressaltar que, desde sua fundação, a colônia sempre teve famílias que optaram pelo ensino do Hochdeutsch aos seus filhos. Este número era, no entanto, bem menor em relação ao dos que ensinavam o Plautdietsch. Além do uso do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português, a maioria dos informantes da geração mais jovem teve aulas de inglês como língua estrangeira na escola.

Em Witmarsum, o Plautdietsch continua sendo a língua do dia-a-dia para a maioria da geração mais velha da comunidade. Mas, para a maior parte dos jovens, o Hochdeutsch é a primeira língua, com a qual associam a comunicação entre familiares, e o português é a língua da interação com amigos e conhecidos. Desta forma, é comum observar, no pátio da cooperativa de Witmarsum, por exemplo, pessoas de origem menonita falarem entre si Plautdietsch ou Hochdeutsch, como também português.

Na comunicação diária, o Plautdietsch é falado principalmente por aqueles que trabalham nas suas próprias chácaras ou fazendas. Com os empregados, quando monolíngues em português, os proprietários usam exclusivamente o português. Já os funcionários da cooperativa ou aqueles que fazem parte da liderança da associação dos moradores de Witmarsum, na sua grande maioria, mesmo falantes do Plautdietsch e do Hochdeutsch, usam com maior frequência o português.

Devido ao fato de muitos moradores de Witmarsum serem multilíngues, é comum a ocorrência de *code-switching* e de empréstimos. Seguem alguns exemplos retirados das entrevistas realizadas com os informantes:

„*Dee termos, waut wie broucke, dee sent ... dee Sache sent jeeenlijch opp Portugiesisch, enn dann red sich daut soo schwoa, né ... opp Plautdietsch.*“²³¹ (CbGI₁asc.)

“*Daut es seea schwierijch nu jeworde, met dee gaunze avanços enn Tecknologie enn aules ... [...] Dee Traktor brouckt manchmol manutenção, jo?*”²³² (CbGI₁fem)

“*[...] Wie habe Fazendas enn onse Omjeent, waut nuscht produziere, ouda seea wenijch.*”²³³ (CaGI₁asc)

“*[...] Enn dann moat man ouck noch eene Sach, ditt wada toup ... sich agregiere enn Gruppe, daut es butajeweenlijch, daut es ... mees nich too erkläre.*”²³⁴ (CaGI₁asc)

“*[...] Dann dau wie seea mettorciere.*”²³⁵ (CbGI₁fem)

A seguir, analisamos as atitudes em relação às escolhas linguísticas dos informantes, falantes do Plautdietsch, no contexto familiar.

4.1.3.1 A(s) língua(s) no contexto familiar

Na Colônia Witmarsum, é comum o uso das três línguas no ambiente familiar: o Plautdietsch, usado mais pela geração mais velha; o Hochdeutsch, mais recentemente usado na

²³¹ Tradução: “Os **termos** que usamos, estes são ... as coisas geralmente são em português, e aí é difícil de falar, **né** ... em Plautdietsch.” (CbGI₁asc)

²³² Tradução: “Isto ficou bastante difícil agora, com todos os **avanços** na tecnologia e assim por em diante ... [...] O trator precisa de vez em quando de **manutenção**, não é?” (CbGI₁fem)

²³³ Tradução: “[...] Nós temos **fazendas** na nossa região, que não produzem nada, ou então muito pouco.” (CaGI₁asc)

²³⁴ Tradução: “[...] E aí notamos ainda outra coisa, isto de se ... de se **agregar** em grupo, isto é excepcionalmente, isso é ... quase não dá para explicar.” (CaGI₁asc)

²³⁵ Tradução: “[...] “Aí nós **torcemos** muito junto.” (CbGI₁fem)

comunicação com os filhos e netos; e o português, falado prioritariamente pela geração mais nova.

A seguir, apresentamos os resultados das atitudes dos diferentes grupos de informantes referentes à escolha linguística no contexto familiar:

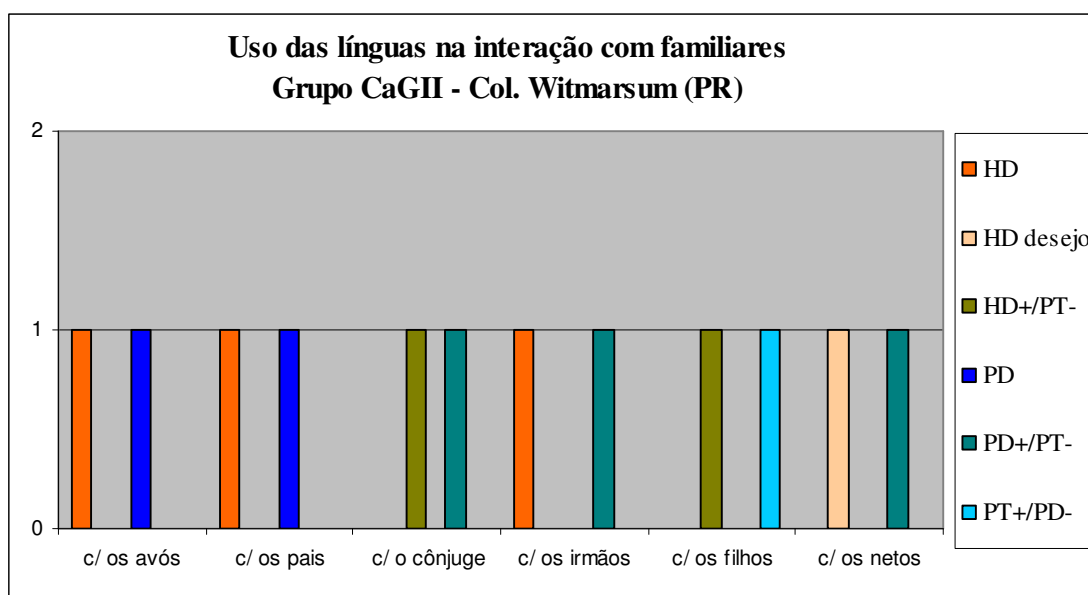


Gráfico 10 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGII - Col. Witmarsum (PR)

Ao comunicar-se com avós e pais, o grupo CaGII usa (ou usava)²³⁶ uma das variedades do alemão: Plautdietsch ou Hochdeutsch. Vale destacar, novamente, que há na Colônia Witmarsum um número considerável de famílias que, desde a sua imigração para a comunidade, usam a variedade *standard* no cotidiano da vida familiar. Todavia, essas famílias representavam, nas primeiras décadas após a fundação da colônia, antes uma minoria entre os falantes do Plautdietsch. Nos dias atuais, como veremos posteriormente, esse tipo de situação linguística familiar se difundiu. Por outro lado, conta também com a companhia do português, cada vez mais presente na interação social das famílias.

Como mostra o gráfico 10 acima, o grupo CaGII tende a usar com o cônjuge e os irmãos uma das variedades do alemão (Plautdietsch ou Hochdeutsch), contudo admitindo já o emprego do português, diferentemente da interação com pais e avós, que se dá ainda exclusivamente em

²³⁶ No caso de falecimento deste(s) membro(s) da família, leia-se “usava”.

Plautdietsch e Hochdeutsch. Na comunicação com os filhos, cresce a presença do português e se reduz o uso do Plautdietsch e do Hochdeutsch. Cabe lembrar que este grupo falou quase exclusivamente Hochdeutsch com os filhos até estes chegarem na adolescência. À medida que os filhos cresceram e foram para o ensino médio ou superior, o português tornou-se mais habitual no contexto familiar. Com os netos, o grupo CaGII usa, na medida do possível, o Plautdietsch; porém, quando se trata de famílias exogâmicas, o uso do português supera o uso do alemão. É importante mencionar que, de acordo com as observações da pesquisadora, a grande maioria da geração mais velha fala mais em Hochdeutsch com os netos, uma vez que esta também é a variedade escolhida pela maioria dos pais da GI para a interação com os filhos, condicionando a escolha linguística da maioria da GII a favor do uso do Hochdeutsch com os netos. Como consequência, torna-se cada vez mais raro o uso do Plautdietsch na interação entre avós e netos. Nos casos, onde o grupo CaGII ainda não possui netos, muitos já acenam com a decisão de falar com estes, futuramente, o Hochdeutsch.

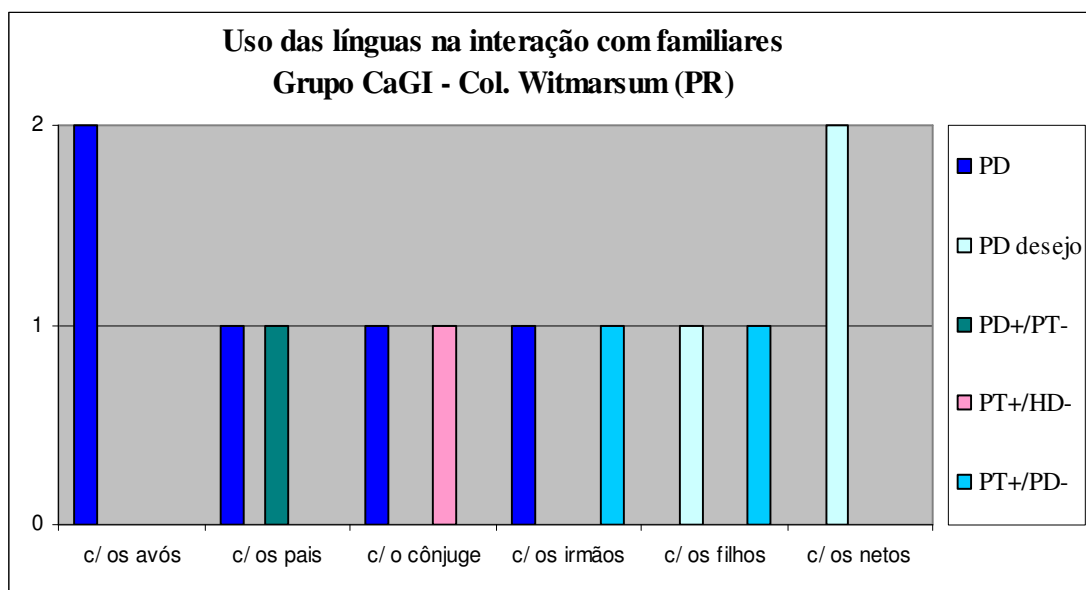


Gráfico 11 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CaGI - Col. Witmarsum (PR)

Na geração mais nova representada pelo grupo CaGI de falantes do Plautdietsch, usa-se (ou usava-se)²³⁷ com os avós, exclusivamente, o Plautdietsch. Na comunicação com os pais, o

²³⁷ No caso de falecimento deste(s) membro(s) da família, leia-se “usava”.

uso do Plautdietsch não é mais exclusivo; no entanto, ainda prevalece. Segundo os depoimentos coletados neste grupo, o uso do Plautdietsch é mais frequente com a mãe, enquanto na interação com o pai prevaleça o português. A comunicação entre cônjuges, neste grupo, varia conforme as línguas de cada um: quando ambos, marido e mulher, são falantes do Plautdietsch, prevalece, via de regra, o Plautdietsch; já quando somente um deles é falante do Plautdietsch e o outro bilíngue Hochdeutsch-português, predomina o uso do português. Quando um dos cônjuges é monolíngue em português, a comunicação entre o casal dá-se exclusivamente em português. Com os irmãos, o grupo CaGI geralmente usa o Plautdietsch, embora haja uma tendência em curso de substituição pelo português, principalmente na interação entre os irmãos homens. Com os filhos, os informantes selecionados para este grupo, tendem a falar mais em português e menos em Plautdietsch.

A partir da observação participante, pode-se dizer que a maioria dos pais pertencentes à GI e, em muitos casos, também falantes do Plautdietsch, tendem ao uso do Hochdeutsch com os seus filhos. Uma das razões apontadas para tal comportamento é a questão do prestígio da língua: enquanto o Hochdeutsch é considerado uma língua *standard*, o Plautdietsch é visto como “apenas um dialeto”, ou seja, uma língua minoritária sem reconhecimento oficial. Essa mudança de comportamento na escolha da língua no ambiente familiar teve como consequência a perda do Plautdietsch na geração da maioria das crianças e jovens até 25 anos. Surpreendentemente, o grupo CaGI manifesta o desejo de falar o Plautdietsch com os netos, futuramente, o que pode ser visto como reflexo de um processo de conscientização linguística em andamento na comunidade.

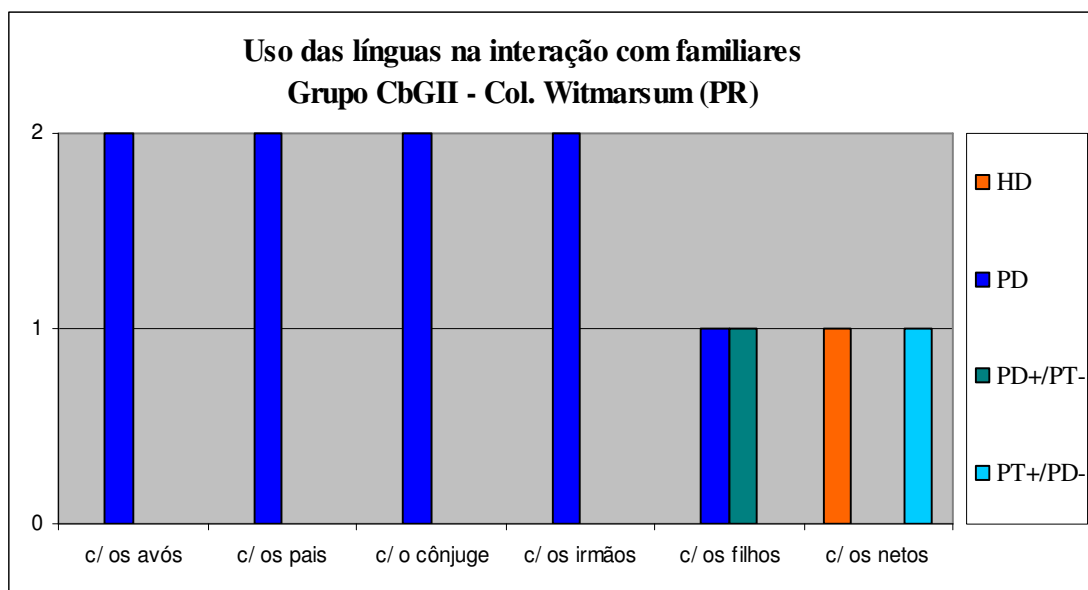


Gráfico 12 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGII - Col. Witmarsum (PR)

O grupo CbGII chama atenção pelo uso ainda bastante forte do Plautdietsch, não apenas com os avós e pais, mas também com o cônjuge e irmãos. O Plautdietsch predomina também na interação com os filhos, exceto porém quando estes casam com pessoas monolíngues em português. Segundo o relato de um informante desse grupo, a comunicação com os filhos dá-se em português somente na presença da nora ou do genro monolíngue. Mas, quando a conversa ocorre entre mãe e filho, a preferência recai sobre o Plautdietsch. Com os netos, a GII utiliza via de regra o Hochdeutsch, em virtude do fato de a maioria dos netos não falar mais o Plautdietsch. O uso do Plautdietsch ocorre, frequentemente em alternância com o português. No caso de famílias exogâmicas, inclusive os avós frequentemente se valem do português na interação com os netos.

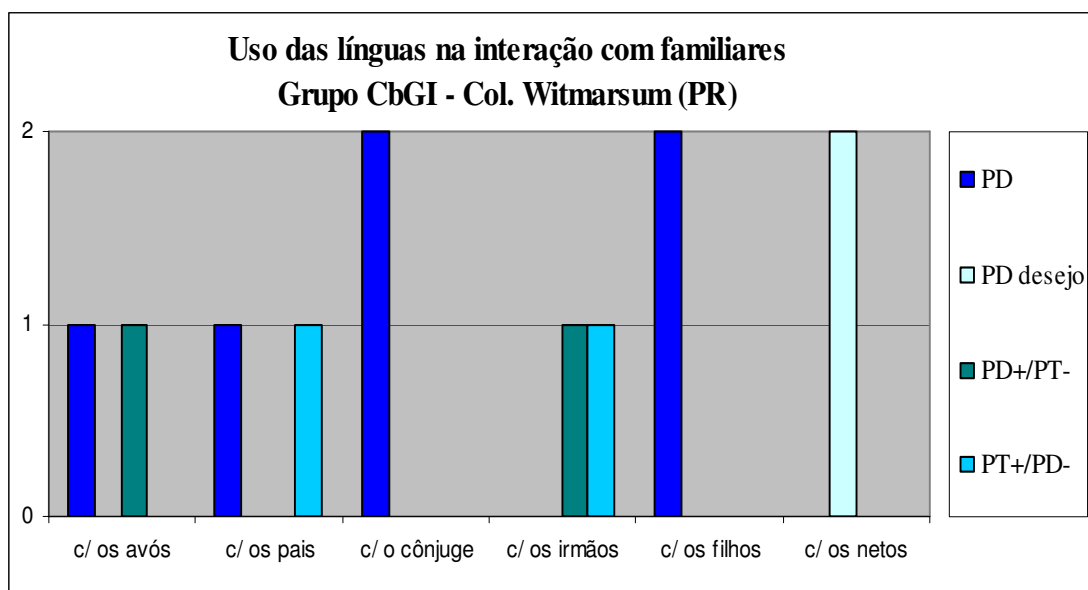


Gráfico 13 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGI - Col. Witmarsum (PR)

No grupo CbGI, os informantes seguem a tendência de uso do Plautdietsch com os avós, a não ser nos casos em que há casamentos entre famílias multilíngues e monolíngues, onde prevalece o português. Na comunicação com os pais, o uso da língua também depende de vários aspectos: quando a mãe e o pai são falantes do Plautdietsch, este predomina, como no caso de um de nossos informantes. Por outro lado, quando o pai ou a mãe é monolíngue em português, a comunicação com os pais se dá em português. Observações feitas pela pesquisadora mostram, conforme, aliás, já descrevemos acima, que o uso do Hochdeutsch ampliou-se significativamente, nas últimas décadas, na comunicação entre pais e filhos pertencentes à GI, em detrimento inclusive do Plautdietsch. Como um dos critérios para a seleção dos informantes consistia em que esses fossem falantes de Plautdietsch, evidentemente que as respostas obtidas tem de ser vistas na sua relação com a vitalidade do Plautdietsch, onde ele ainda é falado, e não em termos genéricos na comunidade como um todo. Daí a importância de complementar a análise dos gráficos com a observação participante da pesquisadora.

Assim, no tocante à interação entre cônjuges, as respostas dos informantes do grupo CbGI indicam o uso exclusivo do Plautdietsch. A partir das observações feitas pela pesquisadora, constata-se, porém, entre a geração mais nova, uma mudança em curso na direção da perda gradual do Plautdietsch, com aumento do uso do português na interação entre os cônjuges.

Com os filhos, os informantes do grupo CbGI fazem questão de usar o Plautdietsch. Segundo eles, há por parte de diversos casais mais jovens, a conscientização da importância do Plautdietsch como “língua cultural”, razão por que muitos optaram por falar essa variedade com seus filhos, ou seja, como tentativa de resgate da língua das origens. Este grupo, contudo, constitui, de acordo com as observações feitas pela pesquisadora, uma minoria na comunidade. Com os netos, os informantes do grupo CbGI ainda manifestam esperança de poder comunicar-se em Plautdietsch – fato, que se pode concretizar eventualmente, se os filhos tiverem a mesma conscientização e seguirem o comportamento linguístico dos pais.

Em suma, a comparação dos diferentes grupos da Colônia Witmarsum aponta para uma mudança em curso de perda do Plautdietsch, da geração GII para a GI e, conseqüentemente, uma substituição gradual pelo Hochdeutsch e pelo português, sobretudo em casamentos exogâmicos, em que um dos cônjuges é monolíngue em português. Em virtude de a maioria dos jovens não falar mais o Plautdietsch, o uso do Hochdeutsch entre familiares tomou o seu lugar, recebeu, porém a concorrência do português, de uso cada vez mais crescente no cotidiano da GI. Na dimensão diastrática, observa-se que o uso do Plautdietsch aparece com mais frequência no grupo Cb, de ambas as gerações, do que na Ca.

A fim de visualizarmos melhor esses resultados no seu conjunto, observemos o seguinte gráfico:

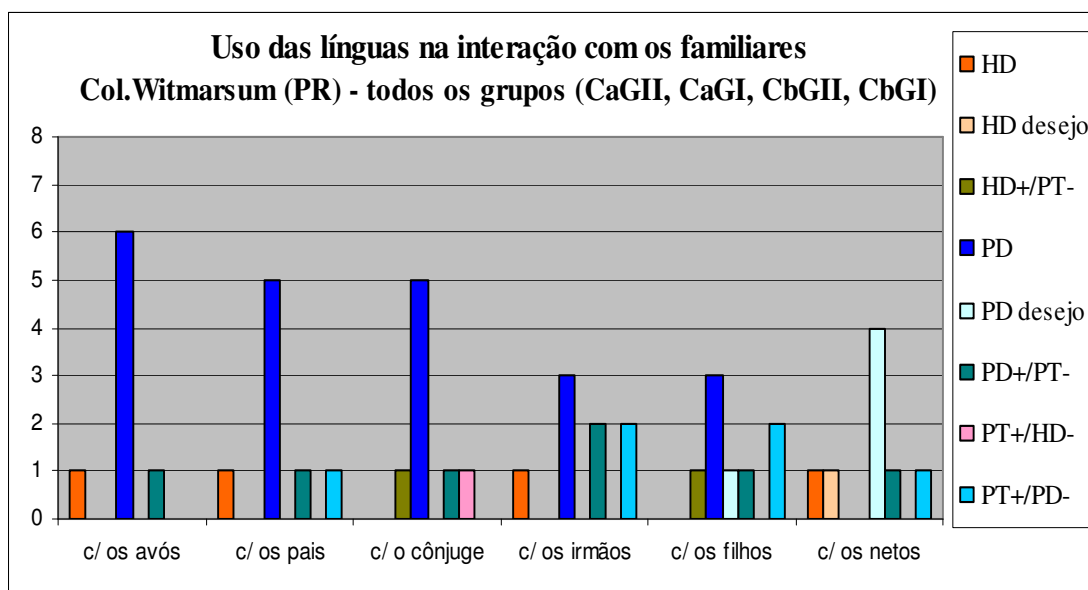


Gráfico 14 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: todos os grupos - Col. Witmarsum (PR)

4.1.3.2 A(s) língua(s) no contexto religioso

A vida religiosa, sem dúvida, é uma das principais forças motoras da Colônia Witmarsum. Na comunidade, a maioria dos menonitas pertence a uma das duas denominações: Igreja Evangélica Menonita (IEM) ou Igreja Evangélica Irmãos Menonitas (IEIM). As duas funcionam em templos separados, mas com cultos e atividades bastante parecidos. Segundo o pastor e presidente da Associação de Moradores de Witmarsum, “ambas as denominações menonitas convivem em perfeita harmonia”.

Respeitando as crenças de funcionários e empregados que moram nas propriedades, templos de outras religiões também foram construídos na colônia. Além da Igreja Menonita, existem atualmente na comunidade as igrejas Luterana, Assembleia de Deus, Igreja Católica, a 2ª Igreja Evangélica Menonita e a Comunhão Cristã ABBA, na qual todas as atividades são exclusivamente em português.

A IEM conta atualmente 360 membros e a IEIM, 219. Em ambas as igrejas, a liderança está sob a responsabilidade de um pastor, o qual conta com a ajuda de vários diáconos e de membros líderes voluntários. Aos domingos, estas igrejas – tanto a IEM, como também a IEIM –

oferecem dois cultos: um, pela manhã, exclusivamente em língua alemã (Hochdeutsch) e outro, à noite, em português. Durante o culto, as crianças, em ambas as igrejas, têm a possibilidade de participar da Escola Bíblica Dominical (EBD), na qual a maioria dos estudos nas classes são dados em português. Na IEIM, os jovens e adultos também podem participar de um estudo bíblico, o qual é realizado antes do início dos cultos – em português e em Hochdeutsch, respectivamente. Ambas as igrejas mantêm um coral, que canta músicas em Hochdeutsch durante o culto, como também canta em português quando há programas especiais com a congregação do culto em português. A faixa etária da maioria dos participantes nos cultos matutinos – em ambas as igrejas – é acima de 45 anos, enquanto que, no culto da noite, a maioria possui menos de 40 anos. Devido ao fato de o culto em Hochdeutsch, em ambas as igrejas, ser em horário diferente do culto em português, não há resistência por parte dos membros em relação ao uso do português na igreja; exceto quando “se misturam as línguas”, informa o pastor da IEIM, ou quando, numa programação especial, no culto matutino, a língua oficial é o português, e o Hochdeutsch é excluído.

Todos os domingos, os participantes do culto matutino recebem um folheto informativo escrito em língua alemã, no qual há uma breve meditação sobre um texto bíblico, no qual são anunciados os aniversariantes da semana e pedidos de oração e é divulgada a agenda das atividades oferecidas pela igreja durante a semana.

Apresentamos, a seguir, um quadro semelhante ao da igreja menonita em Colônia Nova (RS), no qual podem ser visualizadas as inúmeras atividades oferecidas pelas igrejas étnicas menonitas de Witmarsum e o uso das línguas nessas atividades.

Igreja	Atividade	Encontro	Faixa etária	Língua usada
IEM e IEIM	Culto matutino	semanal	todas em conjunto	Hochdeutsch
IEM e IEIM	Culto à noite	semanal	todas em conjunto	português
IEIM	Escola bíblica dominical	semanal	adultos jovens crianças	Hochdeutsch português predomínio do português
IEM e IEIM	Encontro para estudo bíblico e oração	semanal	adultos	Hochdeutsch
IEM e IEIM	Encontro de senhoras	quinzenal	todas em conjunto todas em conjunto	Hochdeutsch
IEIM		mensal		português
IEM e IEIM	Encontro de jovens	semanal	entre 15 e 25 anos	português
IEM e IEIM	Encontro de adolescentes	semanal	entre 12 e 15 anos	português
IEM e IEIM	PG's (Pequenos grupos)	semanal	todas em conjunto	português
IEM e IEIM	Ensaio do coral	semanal	todas em conjunto	Hochdeutsch por parte do maestro e Plautdietsch, Hochdeutsch e português entre os participantes
IEM e IEIM	Reunião do conselho diretor da igreja	mensal	diversas	português
IEM e IEIM	Assembleia da igreja	Em média, a cada três meses	todas em conjunto	Predomínio do Hochdeutsch, mas com partes em português

Tabela 16 - Principais atividades oferecidas pelas igrejas étnicas menonitas na Colônia Witmarsum

Em relação à perspectiva de uso do Hochdeutsch nos cultos matutinos, o pastor da IEIM é da opinião que “ainda vai permanecer nos próximos vinte anos”, pois

“A nossa vantagem é que nós estamos em colônia ... então nós temos um certo domínio né, muito mais do que cidade, né? Cidade grande é difícil, mas aqui nós ... como a maioria entende alemão, por isso que nós mantemos também; mas quando a maioria ao nosso redor no dia-a-dia não entende, aí nós vamos perder, né?”²³⁸

Outro fator que também contribui para a manutenção do Hochdeutsch nos cultos matutinos é a falta de domínio do português, em assuntos religiosos, por uma grande parte dos membros da igreja. De acordo ainda com o pastor da IEIM, a maioria das pessoas da faixa etária acima de 55 anos tem certa dificuldade em entender a linguagem bíblica em português. Um casal, por exemplo, entre 50 e 60 anos de idade, que nunca tinha lido anteriormente a bíblia em português, começou a fazê-lo, para poder “melhor responder em português, quando alguém perguntar”.

²³⁸ Depoimento do pastor coordenador da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas da Colônia Witmarsum – PR.

Na visão da liderança de ambas as igrejas menonitas da comunidade, a evangelização em português é muito importante e necessária para que a igreja possa se expandir. Mas, ao mesmo tempo, “não devemos parar com o culto em alemão ou com a língua materna, ao contrário, devemos cultivá-la ou até promovê-la, usando os cânticos e leituras, pois há uma riqueza muito grande na língua alemã”.²³⁹

É importante mencionar que alguns cultos matutinos especiais durante o ano nas igrejas étnicas menonitas são bilíngues. Neles, se comemora, por exemplo, a festa de Ação de Graças ou o batismo junto com os membros monolíngues em português.

Entre os informantes selecionados para o nosso estudo: todos participam do culto matutino aos domingos e também gostariam que o Hochdeutsch fosse mantido neste culto. O grupo CaGI diz inclusive preferir o culto em alemão, pois “sente-se mais em casa” e é algo que conhece desde a sua infância, como podemos constatar nos seguintes depoimentos:

“Etj mach daut leewa ... [...] man feelt sich doa ... doala Tüs, daut es ... daut, waut du von emma jehot hast. Enn daut Portugiesische ... daut jefällt mie nich soo ...”²⁴⁰ (CaGI fem)

„Etj wud daut auck so saje ... daut es irjenswau ... post daut beta!”²⁴¹ (CaGI masc)

A leitura bíblica diária nos lares é feita, pela maioria dos mais idosos, em Hochdeutsch; já entre os jovens, o grupo CbGI prefere ler a bíblia em português e o grupo CaGI tende a ler bastante em português, mas também gosta de ler em Hochdeutsch. A oração individual é feita – pela grande maioria de ambas as gerações e de ambos os grupos de preferência – em Hochdeutsch. A língua usada nas conversas após um culto matutino, por exemplo, varia de acordo com a idade, mas também com a classe social: o grupo CaGII e CaGI usa o Plautdietsch com pessoas mais idosas e, geralmente o português com os mais jovens; o grupo CbGII usa preferencialmente só o Plautdietsch e o grupo CbGI mais o português.

²³⁹ Depoimento do pastor coordenador da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas da Colônia Witmarsum – PR.

²⁴⁰ Tradução do depoimento do informante CaGI fem: “Eu gosto mais assim ... [...] a gente se sente ... mais em casa, pois ... pois é algo que você desde sempre teve. E o português ... eu não gosto tanto.”

²⁴¹ Tradução do depoimento do informante CaGI masc: “Eu também diria isto ... isto de alguma forma ... combina melhor!”

4.1.3.3 A(s) língua(s) no contexto escolar

O Colégio Fritz Kliewer é considerado um dos pilares da comunidade e destaca-se, principalmente, pela excelência no ensino da língua alemã (Hochdeutsch). A escola da comunidade oferece turmas do ensino fundamental e médio e é ministrada pela rede pública municipal e estadual. Durante décadas, o colégio também manteve turmas de educação infantil bilíngues português/alemão, nas quais as atividades eram realizadas majoritariamente em Hochdeutsch. Por conta da mudança de idade de ingresso no Ensino Fundamental pelo Governo Federal, o colégio atualmente não oferece grupos de educação infantil.

A partir do ensino fundamental, os alunos bilíngues português/alemão e monolíngues em português compartilham a mesma sala de aula, tendo quatro aulas semanais de alemão, divididos em dois níveis (língua estrangeira e língua materna).

Além de oferecer o ensino de alemão em diferentes níveis, os alunos do Colégio Fritz Kliewer têm a oportunidade de obter um certificado de proficiência na língua alemã, exibido pelo governo alemão. Em média, cinco alunos por ano conseguem adquirir o certificado C1, o qual corresponde ao nível de conhecimento de língua em nível superior.²⁴²

O Colégio Fritz Kliewer não atende somente os alunos que moram na colônia, mas também das fazendas vizinhas da comunidade. Em 2010, o colégio encerrou o ano letivo com praticamente 400 alunos. Destes, aproximadamente 130 são de origem étnica alemã.

A maioria da GII da Colônia Witmarsum cursou a escola primária no Vale do Krauel, quando ainda morava no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Naquela época, como também durante as primeiras décadas no Colégio Fritz Kliewer em Witmarsum (PR), a comunicação entre os colegas, principalmente no momento do recreio, era em Plautdietsch. Alguns alunos conversavam mais em Hochdeutsch, principalmente quando essa também era a língua do dia-a-dia da família. No grupo CbGII, os informantes confirmam ter usado mais o Plautdietsch durante os poucos anos de escola primária; já no grupo CaGII, o uso do Plautdietsch na escola foi diminuindo na medida em que avançavam nos estudos. Alguns, inclusive, para continuar com os estudos, cursaram o ensino médio em escolas públicas em centros urbanos maiores – como, por

²⁴² Informação recebida pela Coordenação de Língua Alemã do Colégio Fritz Kliewer em 14/12/2010.

exemplo, Ponta Grossa ou Curitiba – nos quais eram obrigados a se comunicar com monolíngues em português.

Conforme o grupo GI, o uso do Plautdietsch e do Hochdeutsch entre colegas no Colégio Fritz Kliewer ainda era comum na sua época de escola. No entanto, a maioria relata que o português era a língua mais frequente, principalmente nos últimos anos do ensino fundamental e do ensino médio. Atualmente são poucas as rodas de conversa nas quais os alunos ainda usam o Hochdeutsch e, mais raro ainda, o Plautdietsch. Após o Ensino Médio, a grande maioria, ou seja, 85% dos jovens da comunidade, mudam-se hoje para as grandes cidades em busca de uma formação superior.

Desde a sua fundação, a escola desempenha um papel fundamental na manutenção do bilinguismo (Hochdeutsch e português). Além do ensino formal em sala de aula, os alunos são estimulados a usar o alemão em diversos programas culturais organizados pela escola, nos quais, por exemplo, são apresentadas peças teatrais e músicas em Hochdeutsch. É também do interesse da comunidade a manutenção das tradições e cultivo dos valores por meio do colégio. Para isso, as atividades diárias iniciam com uma breve meditação bíblica e oração, sendo o ensino religioso parte integrante do currículo.

4.1.3.4 A(s) língua(s) no contexto do trabalho e da saúde

O local de trabalho da maioria das famílias de origem menonita na comunidade situa-se na própria chácara ou fazenda. Praticamente todas as propriedades necessitam de empregados, que, em geral, são monolíngues em português. Desta forma, a comunicação entre patrões menonitas de origem alemã e seus empregados ocorre necessariamente em português. São pouquíssimos os casos nos quais o empregado aprende o Plautdietsch ou o Hochdeutsch para então se comunicar com o patrão em uma dessas línguas.

No comércio em geral, como também no Posto de Saúde de Witmarsum, a grande maioria dos funcionários é igualmente monolíngue em português. Tanto a geração GI, como também a GII, em ambos os estratos sociais (Ca e Cb), usa majoritariamente o português nestes locais, exceto quando o(a) funcionário(a) é falante do Plautdietsch e/ou Hochdeutsch.

4.1.3.5 A(s) língua(s) no contexto da vizinhança e das amizades

Nos primeiros anos após a fundação da Colônia Witmarsum, as casas entre uma propriedade e outra tinham uma distância de aproximadamente 1 km e, em alguns casos, até 1,5 km. Com o aumento do número das famílias de origem menonita na comunidade, principalmente através dos casamentos dos filhos, como também com o crescimento do número de empregados e funcionários na colônia, esta distância reduziu-se bastante, principalmente no centro da comunidade, onde a maioria conta com vizinhos bem próximos. No caso de haver uma vizinhança falante de Plautdietsch ou de Hochdeutsch, a geração GII, de ambos os estratos sociais, usa preferencialmente uma dessas línguas ao invés do português. O mesmo vale para a GI, principalmente quando a interação envolve vizinhos pertencentes à geração mais velha.

No âmbito das amizades, em ambas as gerações e estratos sociais, a grande maioria dos amigos é de origem menonita e falante do Plautdietsch e/ou Hochdeutsch. Na geração GII, o grupo Cb prioriza o uso do Plautdietsch com os amigos mais próximos, enquanto o grupo Ca dessa mesma geração usa tanto o alemão como o português com a maioria dos amigos, dependendo do tópico e do contexto da interação. Como é de se esperar, a geração GI prefere usar, em geral, o português com os amigos mais próximos, embora não descarte o Plautdietsch. Um dos principais motivos de usar mais o português com os amigos, segundo o grupo Cb, é a presença de casais exogâmicos na roda de amigos. É importante ressaltar que, entre amigos falantes do Plautdietsch em ambas as gerações e em ambos os grupos, o Hochdeutsch é muito pouco usado na comunidade.

4.1.3.6 Frequência de uso do Plautdietsch, Hochdeutsch e português em Colônia Witmarsum

A partir das respostas dos informantes, relacionamos a frequência de uso das três línguas nos respectivos grupos:

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	diariamente	diariamente	diariamente
CbGII	diariamente	semanalmente	semanalmente
CaGI	diariamente	diariamente	diariamente
CbGI	diariamente	semanalmente	diariamente

Tabela 17 - Frequência de uso das línguas na Colônia Witmarsum

O Plautdietsch é usado diariamente pela grande maioria dos falantes em ambas as gerações e em ambos os estratos sociais. Os falantes fluentes de Plautdietsch fazem, conseqüentemente, um uso menor de Hochdeutsch, o qual é utilizado apenas semanalmente. O português, por sua vez, é usado diariamente em todos os grupos, exceto no grupo CbGII, que o utiliza apenas semanalmente. De acordo com os informantes do grupo CbGII, a proporção de uso de uma das línguas poderia ser representada da seguinte maneira, no que se refere aos falantes de Plautdietsch: 70% de uso do Plautdietsch; 20%, do Hochdeutsch; e 10% de uso do português.

Entre os jovens, de ambos os grupos sociais, os depoimentos apontam que o uso do Plautdietsch e do português é diário. Já o uso do Hochdeutsch é mais frequente no grupo Ca.

Em relação à preferência de uso de uma das línguas houve uma grande unanimidade entre as respostas dos informantes:

Grupo social	Preferência de uso de uma das línguas
CaGII	Plautdietsch
CbGII	Plautdietsch
CaGI	Plautdietsch
CbGI	Plautdietsch

Tabela 18 - Preferência do emprego de uma das línguas na Colônia Witmarsum

Entre a geração mais velha, o Plautdietsch constitui a língua preferida, o que é corroborado pelos depoimentos dos informantes do grupo Ca e Cb:

*“Mie es daut aum leechsten ... etj moatj daut emma vada, wann etj afens kann, tratj etj daut nohm Plautdietschen.”*²⁴³ (CaGIImasc)

*“Aum leevsten red etj Plautdietsch!”*²⁴⁴ (CbGIIfem)

²⁴³ Tradução do depoimento do informante CaGIImasc: “Para mim é o mais fácil ... eu sempre percebo isso novamente, assim que eu posso, eu puxo para o Plautdietsch.”

Ao perguntar para a geração GI em qual língua prefere falar, a maioria de ambos os grupos também opta – surpreendentemente – pelo Plautdietsch. Um informante do grupo Ca inclusive se justifica, dizendo que, na maioria das situações, é “obrigado” a falar o português, pois o contexto em que vive “funciona” em português: *“Etj red entlich portugiesisch, wiels etj mot, emma ...[...]Joba aum leevsten wuad etj Plautdietsch rede”*²⁴⁵. Quando há a opção entre falar o Plautdietsch ou o Hochdeutsch, todos os falantes do Plautdietsch, de ambas as gerações e de ambos os grupos, têm preferência pelo Plautdietsch.

4.1.3.7 Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português

Na comunidade de Witmarsum, a grande maioria dos moradores de origem menonita acima de 40 anos pode ser considerada trilingue, ou seja, domina com fluência o Plautdietsch, o Hochdeutsch e, em certa medida, também o português. Em relação ao uso ativo e passivo das línguas, os informantes deram as seguintes respostas:

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	muito bem	muito bem	bem
CbGII	muito bem	médio	médio
CaGI	bem	bem	muito bem
CbGI	bem	bem	muito bem

Tabela 19 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso ativo da língua

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	muito bem	muito bem	muito bem
CbGII	muito bem	bem	médio
CaGI	bem	bem	muito bem
CbGI	muito bem	bem	muito bem

Tabela 20 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso passivo da língua

²⁴⁴ Tradução do depoimento do informante CbGIIfem: “De preferência falo Plautdietsch.”

²⁴⁵ Tradução do depoimento do informante CaGIImasc: “Eu falo na verdade português, pois eu sou obrigado, sempre ... [...] mas de preferência eu falaria em Plautdietsch.”

Todos os informantes da geração mais velha confirmam compreender e falar muito bem o Plautdietsch. Ambas as gerações do grupo Cb, ao falarem sobre a competência em Plautdietsch, afirmam sentir-se em casa nessa língua: “*Dann säwie Thus!*”²⁴⁶; o informante do grupo CbGII ainda complementa, afirmando enfaticamente: “primeiro lugar!” Como o Hochdeutsch representa antes uma língua de uso formal, é compreendido bem, mas não falado tão bem e tranquilamente pelo grupo CbGII. Segundo os informantes do grupo Cb, quando falam o Hochdeutsch fazem uso de muitos empréstimos, ou seja, utilizam palavras do Plautdietsch ou do português. O grupo CaGII já apresenta uma proficiência muito boa em Plautdietsch e em Hochdeutsch. O português é compreendido muito bem e falado bem pelo grupo CaGII. Para o grupo Cb, por outro lado, o português oferece ainda dificuldades, embora seja compreendido e falado satisfatoriamente pela maioria (“*Daut es nich seea fliessend, oba ... etj hab aul fel gelieht doaderch ... met miene Schwiesähns*”²⁴⁷). Quando vão a uma consulta médica, por exemplo, muitos idosos preferem levar um dos filhos para auxiliar no uso do português.

Na geração mais jovem, o Plautdietsch é compreendido muito bem e falado bem pela maioria. O Hochdeutsch – para a maioria dessa geração – também é compreendido e falado com boa proficiência. Por fim, o português é declarado pelos informantes jovens como a língua na qual apresentam uma proficiência muito boa na compreensão e na oralidade.

Em geral, a maioria dos falantes do Plautdietsch, mesmo tendo uma boa proficiência em Hochdeutsch, ao escolher entre o português e o *Hochdeutsch*, prefere falar em português. Um informante do grupo CbGI, ao falar sobre as línguas que domina, expõe claramente este conflito:

„[...] *Mie fällt daut ouck seea schwoa ... daut Hochdietsche. Etj ... red onjirn Hochdietsch, wiels etj ouck nich ... well'mol saje ... nich lese ... ouda wiels wie niemols Dietsch rede, praktisch moa krait wann wea tjemmt ouda soo ... too Ondach ... oba etj ... les dee Bibel opp Portugiesisch enn wie moake onse ... Morgenondach ouck opp Portugiesisch [...] einmol wiels ons daut leichta ess; bäde doo wie oft opp Dietsch, daut es irjenswie ondasch. Oba sonst meea Portugiesisch. Oba mie fällt daut Dietsch seea schwoa [...] etj red Plautdietsch ouda Portugiesisch. Dietsch moa wann'et needich es!*”²⁴⁸ (CbGI masc)

²⁴⁶ Tradução do depoimento de ambos os informantes do grupo CbGII: “Aí nós estamos em casa!”

²⁴⁷ Tradução do depoimento do informante CbGII fem: “[o português] não é muito fluente, mas ... eu já aprendi muito através ... com os meus genros”).

²⁴⁸ Tradução do depoimento do informante CbGI masc: “[...] Tenho bastante dificuldade ... com o Hochdeutsch. Eu ... não gosto de falar Hochdeutsch, pois eu também não ... vamos dizer ... não leio ... ou porque nunca falamos em Hochdeutsch, praticamente só quando alguém chega ou assim ... no culto ... mas eu ... leio a bíblia em português e nós fazemos a nossa ... devocional também em português [...] primeiro porque é mais fácil para nós; orar, oramos

Ao perguntar se existem assuntos nos quais sentem dificuldade de se expressar em uma das línguas, o tema “assuntos religiosos” foi citado pela geração mais velha como um domínio associado ao Hochdeutsch. O grupo CaGII manifestou contudo preferir, neste caso, o português, o mesmo valendo para assuntos bancários ou de contabilidade, contrariamente a tópicos relativos ao ambiente familiar, preferencialmente tratados em Plautdietsch ou, também em Hochdeutsch, quando na família se fala a variedade *standard*. A geração mais nova destacou as mesmas dificuldades em falar sobre assuntos religiosos em Hochdeutsch e, principalmente, também sobre assuntos mais técnicos ou então, sobre negócios, onde a preferência recai sobre o português.

Nos momentos de leitura, o grupo CbGII opta antes por livros ou revistas em língua alemã (Hochdeutsch); já o grupo Ca da geração mais velha lê tanto em alemão, como em português. De acordo com os informantes do grupo CbGII, “ler em Plautdietsch não é fácil e necessita de muito treino”. Entre os jovens, há uma diferença bastante perceptível no que se refere à leitura: os homens afirmam ler pouco, em comparação com as mulheres. A língua mais usada nas leituras é o Hochdeutsch, no caso das mulheres, e o português, no caso dos homens. Um informante jovem do grupo Cb gosta de ler em Plautdietsch, mas como o acesso à literatura em Plautdietsch é mais difícil, lê pouco e mais por curiosidade.

Em relação a programas de rádio, todos os informantes, de ambas as gerações e de ambos os grupos, relatam ouvir muito pouco, pois preferem assistir, por exemplo, ao noticiário pela televisão. Entre a geração jovem, um informante diz ouvir, às vezes, a Rádio ZP30, transmitida pela comunidade menonita do Chaco Paraguaio, inclusive com partes em Plautdietsch.

Quanto ao domínio e à frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português os informantes deram as seguintes respostas:

em Hochdeutsch, isto é de alguma forma diferente. Mas, em geral, mais português. Mas, eu tenho grande dificuldade com o Hochdeutsch [...] eu falo Plautdietsch ou português. Hochdeutsch somente quando necessário!”

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português
CaGII	não escreve	semanalmente	diariamente
CbGII	não escreve	mensalmente	raramente
CaGI	não escreve	raramente	diariamente
CbGI	não escreve	raramente	diariamente

Tabela 21 - Domínio e frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na Colônia Witmarsum

O grupo CaGII escreve semanalmente em Hochdeutsch e diariamente em português, contrariamente ao grupo Cb dessa geração, que escreve apenas semanalmente em Hochdeutsch e raramente em português. Os informantes da faixa etária jovem, de ambos os grupos sociais (Ca e Cb), afirmam escrever raramente em Hochdeutsch, mas diariamente em português. Quanto a “escrever em Plautdietsch”, apenas um informante do grupo CaGI diz fazê-lo como diversão, em mensagens via telefone celular, por exemplo.

4.1.3.8 Função do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português em Colônia Witmarsum

Para a geração mais velha na Colônia Witmarsum, o Plautdietsch é a língua do dia-a-dia, que melhor compreendem e na qual também preferem se comunicar, ou melhor, é a “língua do coração”. Além disso, o Plautdietsch, segundo os informantes dessa geração, é a língua dos antecedentes, ou seja, a base da cultura menonita. Ao conversar em Plautdietsch, o falante da geração GII se “sente em casa” e não necessita de esforço para falar. Um informante do grupo CaGII, ao falar sobre o Plautdietsch, diz que é a língua que “mexe mais emocionalmente”: “*Daut es dee Sproack waut eenem daut dichste one Jefeele nohntjemmt, jo?*”²⁴⁹ Um fato interessante relatado pelo mesmo informante foi quando, durante uma viagem para o exterior, por acaso, encontrou pessoas falantes do Plautdietsch. A sensação que ele tinha é que estava em casa, conversando com familiares, e não com pessoas estranhas; ou seja, o Plautdietsch proporcionou um sentimento de que estas pessoas eram de confiança e que pertenciam ao mesmo grupo. Um episódio semelhante também é contado por um dos informantes do grupo CbGII. Ao perceber

²⁴⁹ Tradução do depoimento do informante CaGIImasc: “É a língua que mais próximo chega aos nossos sentimentos, não é?”

que as pessoas desconhecidas também falavam Plautdietsch, o informante reagiu aliviado e disse: “*Dit send’je von onse Mensche! Dit es een Menist!*”²⁵⁰(CbGII masc)

Para a grande maioria dos informantes da geração GII, o Plautdietsch é a língua materna, ou seja, a língua que os acompanha desde o berço e que continua sendo a língua na qual sentem maior “aconchego”, proximidade e confiabilidade.

Para a maioria dos informantes da geração mais jovem, também falantes do Plautdietsch, esta é a língua que “pertence” aos menonitas, que é aprendida com a família e que desperta o sentimento de estar em casa, conforme relatam os informantes do grupo CaGI e CbGI, respectivamente:

„*Daut [Plautdietsche] jeheet too ons!*”²⁵¹ (CaGI masc)

„*Daut es soo ... Thus!*”²⁵²(CaGI fem)

“*Daut Plautdietsche daut bringt mie emma sea no Familie dentje ... wiels daut eene Sache es, waut von Tus tjemmt ... daut bringt mie emma no Familie soo [...].*”²⁵³ (CbGI fem)

O Hochdeutsch, para os falantes do Plautdietsch pertencentes à faixa etária mais velha, representa uma língua de grande valor simbólico e usada em situações mais formais, em especial no âmbito religioso, como enfatiza um informante do grupo CbGII:

„*Daut es ’ne wichtje Sproack, daut ha wie enne Ondach, daut sing wie met enne Leeda, enn ... daut es fe ons doa selfsferständig, wann wie too Toatj gonne, ouda wann wie ons irjendwoa een Froenvereen habe, doa woat Dietsch jeret, enn nich Plautdietsch, jo?*”²⁵⁴ (CbGII fem)

Além disso, o Hochdeutsch, por ter o reconhecimento de uma língua oficial, representa para essa geração uma língua muito importante social e profissionalmente, conforme lemos no depoimento do informante CaGII:

“*Daut Hochdietsche es fe mie seea wichtig, wiels daut ’ne ... ’ne ofzielle Sproack es, enn dee bringt ons seea fel Begünstigungen wann wie dise Sproack rede tjenne. [...]. Dee dietsche Kultur es seea ritj, haft seea*

²⁵⁰ Tradução do depoimento do informante CbGII masc: “Estas pessoas pertencem a nós! Este é um menonita!”

²⁵¹ Tradução do depoimento do informante CaGI masc: “O [Plautdietsch] faz parte da gente.”

²⁵² Tradução do depoimento do informante CaGI fem: “O [Plautdietsch] é como ... em casa!”

²⁵³ Tradução do depoimento do informante CbGI fem: “O Plautdietsch sempre me leva a pensar muito na família ... porque é algo que vem de casa ... isso me lembra a família [...].”

²⁵⁴ Tradução do depoimento do informante CbGII fem: “O [Hochdeutsch] é uma língua importante, isso nós temos no culto, isso nós cantamos com os hinários, e ... isso para nós é automaticamente, quando vamos para a igreja, ou quando temos em algum lugar o encontro de mulheres, ali se fala alemão, e não Plautdietsch, não é?”

*fel to beede, haft eenen seea grauten Wortschatz, enn fel umfangreicher auls feele aundre Sproacke, enn moackt ons uck Däare op fe fele Sache en dee Welt, selst no Dietschlaund to räase.*²⁵⁵ (CaGIImasc)

Esta visão de que o Hochdeutsch é uma língua muito importante, reconhecida oficialmente, usada principalmente em situações mais formais, e que posteriormente, também se tornou interessante profissionalmente, também é sustentada pela geração mais nova, CaGI e CbGI, como lemos nos seguintes depoimentos, respectivamente:

*“Weetst ... daut Hochdietsche ... daut es soo ... Hochdietsch brock wie je houptsächlich wiel wie opp Dietsch too Tjoatj gone oola, jo? Enn nohhea es ons Dietsch wichtig jeworde, wiels wie doaderch ... wiels ons daut emm Beruf leechta muack nohea ouda enn eenem eventuellen Beruf weens, jo?”*²⁵⁶ (CaGIImasc)

*„Daut Dietsche bringt mie emma een sozial Lewe, soo jo ... weents daut ouck meea soo formell es enn aules, jo ... tweeschen Frind es ouda soo, jo ... selfst enne Jemeende manchmol soo, eene Predig ouda soo, jo?”*²⁵⁷ (CbGIIfem)

O português, a língua de contato principalmente com pessoas monolíngues, está assumindo um espaço cada vez maior na comunidade. Se, nas primeiras décadas, havia poucas famílias na comunidade que não eram de origem menonita, atualmente o número dessas famílias pode chegar até 40% do total das famílias que moram em Witmarsum. Esse crescimento do número de famílias monolíngue em português – sem dúvida – contribui substancialmente para o aumento do uso do português na comunidade.

Como a grande maioria dos empregados nas chácaras e a grande maioria dos funcionários da cooperativa e do comércio na comunidade é monolíngue em português, o uso do português torna-se praticamente obrigatório para todos os moradores da comunidade. Além de ser a língua de contato com pessoas monolíngues em português, o português é a única língua usada nas reuniões da cooperativa e da Associação dos Moradores da Colônia.

²⁵⁵ Tradução do depoimento do informante CaGIImasc: “O Hochdeutsch é para mim muito importante, porque é uma ... uma língua oficial e que nos traz muitas vantagens quando sabemos falar essa língua. [...] A cultura alemã é muito rica, tem muito a oferecer, tem um vocabulário muito amplo, é bem mais volumoso que muitas outras línguas, e nos abre as portas para muitas coisas no mundo, mesmo para viajar para a Alemanha.”

²⁵⁶ Tradução do depoimento do informante CaGIImasc: “Sabe ... o Hochdeutsch ... isto é assim ... Hochdeutsch nós usamos principalmente quando nós todos vamos em alemão para a igreja, não é? E depois o alemão nos tornou importante, porque através disto ... porque nos facilitou em uma profissão ou eventualmente em uma das profissões, sabe, não é?”

²⁵⁷ Tradução do depoimento do informante CbGIIfem: “O Hochdeutsch sempre me leva à uma vida social, assim não é ... porque isso é mais formal e tudo, não é ... entre amigos e assim, não é ... mesmo na igreja às vezes, uma pregação ou assim, não é?”

O português também se tornou, para a grande maioria da geração mais jovem, a “língua social”, ou seja, a língua usada quando se encontra com amigos da mesma idade. Ao comparar as funções do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português, um informante do grupo CbGI conclui: “*Plautdietsch .. fe mie es daut Kultur ... daut Hochdietsche enn Portugiesische es dann sozial.*”²⁵⁸ De acordo com esse informante, o uso do Plautdietsch representa a manutenção da cultura menonita, já o uso do Hochdeutsch e do português representam o contato fora do ambiente familiar, podendo esse ser inter- e intraétnico.

4.1.3.9 Vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch em Colônia Witmarsum

A grande maioria da geração mais velha manifesta o desejo de que os seus netos saibam falar alemão, conforme verificamos no depoimento do grupo CbGII: “[...] *Daut see ola Dietsch kuhne*”, ou seja, “[...] Que todos soubessem alemão”. Ao perguntar qual alemão, a pesquisadora recebe uma resposta que parece ser evidente para ambos os informantes: “*Hochdietsch*”. “E por que não o Plautdietsch?”, pergunta a pesquisadora surpreendida. Em seguida, a informante CbGII explica: “*Daut fällt den noch schwanda Plautdietsch rede ... oba daut dee wuade Dietsch tjene, daut ... [wuad ons Wensch senne]*”.²⁵⁹ Verificamos que é dada uma preferência para a língua oficialmente reconhecida, o Hochdeutsch, sendo considerada, inclusive, mais importante em relação ao Plautdietsch. Essa opinião é também reforçada em outro depoimento do mesmo grupo (CbGII), ao falar que a língua importante é o alemão, ou melhor, o Hochdeutsch! („*Daut Dietsch es wichtig ... etj sie seea Dietsch jesohne.*”²⁶⁰). Por outro lado, a GII quer permanecer fiel a sua língua materna, dizendo que ama o Plautdietsch e gostaria de mantê-lo („*Daut es miene Muttsproack, enn dee mach etj noch behoule.*”²⁶¹).

Entre a geração jovem, todos os informantes de ambos os grupos alimentam o desejo de que seus filhos e futuros netos saibam falar o Plautdietsch, como também o Hochdeutsch e o

²⁵⁸ Tradução do depoimento do informante CbGI masc: “Plautdietsch ... para mim é cultura ... o Hochdeutsch e o português é mais social.”

²⁵⁹ Tradução do depoimento do informante CbGII fem: “O Plautdietsch é ainda mais difícil para eles falar ... mas que soubessem o alemão, isso ... [seria o nosso desejo].”

²⁶⁰ Tradução do depoimento do informante CbGI masc: “O alemão é importante ... eu simpatizo com o alemão!”

²⁶¹ Tradução do depoimento do informante CbGII fem: “Esta é a minha língua materna, a qual também gostaria de manter.”

inglês. Ressaltamos que três dos quatro informantes da geração jovem possuem filhos pequenos, com os quais falam Plautdietsch. Essas famílias, no entanto, representam antes uma minoria entre a GI da colônia.

Ao questionar se o Plautdietsch pode ser considerado uma língua, a maioria dos informantes, de ambas as gerações e de ambos os grupos, concorda. Um informante do grupo CaGII ainda faz questão de realçar a grande diferença que há entre o Plautdietsch e o Hochdeutsch, alegando que os menonitas não falam duas línguas, mas sim três!

“Etj wuad saje, daut es ’ne Sproack. [...] Dee Unjascheed tweeschen Spanisch enn Portugiesisch es klanda auls tweeschen Hochdietsch enn Plautdietsch, no mien beseene. [...] Wann wie saje, wie rede twee Sproacke, nee, wie rede dree!”²⁶² (CaGIImasc)

Outros informantes da geração mais velha (CaGII), todavia, são da opinião de que o Plautdietsch é antes um dialeto e que se trata de uma variedade do alemão, como podemos ler no seguinte depoimento: *“Etj wuad meene, daut es een Dialekt ... daut es .. daut es eene ... eene Abzweigung von dem Dietschen.”*²⁶³(CaGIIfem)

Para a geração jovem, de ambos os grupos, o Plautdietsch pode ser considerado uma língua, pois já existe literatura a respeito; ele não é reconhecido oficialmente, nem ensinado em escolas. No entanto, trata-se, segundo eles, de uma língua importante, que tem suas peculiaridades.

Em relação à vitalidade do Plautdietsch, os informantes do grupo CaGII afirmam que é complicado dizer, mas que, essa preocupação já existe há muito tempo e, apesar de tudo, o Plautdietsch ainda persiste, em grau maior ou menor. Ainda segundo esses informantes, talvez seria interessante fazer algo para promover mais o Plautdietsch, mas que não há motivo para ter medo de que seja extinto, pois os menonitas são um grupo que mantém fortemente as suas tradições.

“[...] Wann wie onse gaunze Vorfahrenjeschichte betrachte daune, betjitje daune, dee send je von Nuade Dietschlaund utjewondat no Preußen, von Preußen no Rußlaund, von Rußlaund no Bresilien, enn soo ...

²⁶² Tradução do depoimento do informante CaGIImasc: “Eu diria, que [o Plautdietsch] é uma língua. [...] A diferença entre o espanhol e o português é menor do que entre o Hochdeutsch e o Plautdietsch, na minha opinião. [...] Quando nós dizemos que falamos duas línguas, não, nós falamos três.”

²⁶³ Tradução do depoimento do informante CaGIIfem: “Eu sou da opinião, que isto é um dialeto ... isto é ... isto é uma ... uma variedade do alemão.”

240 Joah onjefea enn Preußen jeblewe, 150 Joa enn Rußlaund, nu 80 Joah enn Bresilien, enn daut Plautdietsche es emma noch doa. [...] Etj gleew, daut woat emma ... emma noch bliewe, wiels wie eene seea stoatje Konservationsjesalschoft send, waut onse ... onse urprünjliche ... Traditione enn seea feelet fördere. Aulso daut es mien ... mien Ennblick davon. Wau feele nu Plautdietsche rede woare, daut es ... daut woat wenja woare, daut es secha, oba ütstoawe, gleew etj nich soo leecht, daut woat seea lang diere noch, jo? [...]”²⁶⁴ (CaGIImasc)

Os informantes do grupo CbGII acreditam, por outro lado, que existe uma probabilidade de o Plautdietsch futuramente ser extinto na colônia. Justificam essa opinião, dizendo que os seus netos preferem falar o português e que esse processo é automático, ou seja, se os filhos e netos abdicam do Plautdietsch, não há como essa língua se manter na comunidade. Vejamos o depoimento de um informante desse grupo:

“Vorläufig gleew etj noch nich krait, oba ... noch no fele Joare, wel’we mol saje, fleecht tien, twintijch Joa wieda, wea weet ... wann wie nich meea woare senne. [...] Daut es automatisch ... dee [Tjeenja] woare aul mees brasilianisch jebore.”²⁶⁵ (CbGIImasc)

Esse grupo, mesmo tendo consciência do Plautdietsch como “língua materna dos menonitas”, parece não se intimidar com a diminuição ou eventual perda do Plautdietsch na comunidade e conclui que “não há o que fazer”.

O grupo CbGI compartilha da opinião de que o Plautdietsch poderá ser extinto na comunidade, alegando vários motivos: a) o número de falantes do Plautdietsch na comunidade está diminuindo rapidamente; b) as crianças falantes do Plautdietsch, no momento da brincadeira, em geral, “brincam” em português; c) o número de alunos falantes do alemão (Plautdietsch ou Hochdeutsch) por turma, no colégio, é bem menor em relação ao número de alunos monolíngues em português; d) o número de casamentos exogâmicos está aumentando; e) a probabilidade das crianças falantes do Plautdietsch da comunidade, no futuro, casarem-se com falantes do Plautdietsch é muito pequena, pois o número de falantes é bem reduzido e, em sua maioria, são

²⁶⁴ Tradução do depoimento do informante CaGIImasc: “[...] Quando nós observarmos toda história dos nossos antepassados, olharmos bem, ele emigraram do Norte da Alemanha para a Prússia, da Prússia para a Rússia, da Rússia para o Brasil, e assim ... 240 anos aproximadamente ficaram na Prússia, 150 anos na Rússia, agora 80 anos no Brasil, e o Plautdietsch sempre ainda está aí. [...] Eu acho que sempre vai ... sempre vai permanecer, pois nós somos uma sociedade conservadora muito forte, que ... que promove nossas ... tradições em muitas coisas. Bem, isso é minha ... minha visão. Quantos de fato vão falar Plautdietsch, isso é ... com certeza vai diminuir, mas extinguir, acredito que não tão fácil, isso vai demorar muito ainda, não é?”

²⁶⁵ Tradução do depoimento do informante CbGIImasc: “Por enquanto acredito que não ainda, mas ... após muitos anos, digamos, talvez daqui a dez, vinte anos, quem sabe ... quando nós não estaremos mais aí ... [...] Isto é automático ... os [filhos] já quase nascem falando brasileiro.”

pertencentes da mesma família. Abaixo, ambos os depoimentos, comprovam a opinião desse grupo (CbGI):

“[...] Dee Ehes waut nu kliene Tjeenja habe, sent moa seea wenig waut Plautdietsch rede daune. [...] Daut kann man enne Finjasch tale, daut sent wenig.”²⁶⁶ (CbGI fem)

“Etj dentj daut [Plautdietsche] woat utstoawe ... met dee Joare ... daut woat noch ... aulso, etj kaun mie daut nich feastalle, daut well wie saje, Bruno sich woat befrie mat jemand dee noch Plautdietsch rede det. Etj ... did es 'ne Sach, dee etj mie nich emm Kop daune woa enn ... dentje, daut woat pessiere!”²⁶⁷ (CbGI masc)

O grupo CaGI também acredita que o Plautdietsch corre risco de se extinguir na colônia, pois trata-se “apenas” de um dialeto que não é mais falado por muitas pessoas na comunidade:

“Daut [Plautdietsche] es aul eene [Sproack] waut nich fel jeret woat, fele Mensche rede dee je aul nich meea; daut es aul moa een Dialekt, aulso woat daut noch eea [utstoawe] auls eene Sproack soo's Dietsch ouda Portugiesisch.”²⁶⁸ (CaGI fem)

Em relação à vitalidade do Hochdeutsch, os informantes do grupo CaGII acreditam que é uma língua que poderá perdurar ainda por muito tempo. Um dos maiores motivos é a possibilidade de trabalho que os jovens têm através do conhecimento do Hochdeutsch para trabalhar em empresas multinacionais. Esse tipo de oportunidade é reconhecido pela maioria desse grupo como um “trampolim” para um futuro mais tranquilo. E, ainda, segundo a visão de um dos informantes do grupo CaGII, “no momento que é interessante ficar com o Hochdeutsch, também se faz algo para mantê-lo.” A escola tem, de acordo com a maioria dessa geração, um papel fundamental para a manutenção do Hochdeutsch na comunidade. Vale ressaltar que os informantes desse grupo (CaGII) admitem que a comunidade menonita de Witmarsum investe mais na promoção do Hochdeutsch em relação ao Plautdietsch. A manutenção do Plautdietsch, de acordo com esse grupo, teria antes uma relação com o sentimento de querer assegurar algo

²⁶⁶ Tradução do depoimento do informante CbGI fem: “[...] Os casais que agora têm filhos pequenos, são muito poucos que falam Plautdietsch. [...] Pode-se contar nos dedos, são muito poucos.”

²⁶⁷ Tradução do depoimento do informante CbGI masc: “Eu penso que [o Plautdietsch] vai diminuir ... através dos anos ... isto ainda vai ... bem, eu não consigo imaginar, digamos, que o Bruno (filho do inf.) vai se casar com alguém que ainda fale Plautdietsch. Eu ... isto é uma coisa, que eu não vou colocar na minha cabeça e ... pensar, que vai acontecer!”

²⁶⁸ Tradução do depoimento do informante CaGI fem: “O [Plautdietsch] já é uma [língua] que não é muito falada, muitas pessoas não a falam mais; isto já é somente um dialeto, por isso também pode [extinguir-se] antes que uma língua como o alemão ou o português.”

familiar e que, a vitalidade dessa variedade, depende predominantemente de cada família. Já o Hochdeutsch, além de ser a língua religiosa para a grande maioria da geração mais velha, é promovido pela comunidade através da escola, que anualmente recebe verbas do Ministério de Educação da Alemanha. Para o grupo CaGII, o Plautdietsch é mantido “naturalmente” pela comunidade (por alguns até inconscientemente); já o Hochdeutsch, além de ser fomentado, principalmente por professores e líderes, conta com um suporte institucional organizado.

Os informantes do grupo CbGII são da opinião de que o alemão em geral, isto é, tanto o Plautdietsch como o Hochdeutsch, corre risco de ser extinto futuramente na colônia. No entanto, segundo eles, enquanto a escola valorizar e manter o ensino do Hochdeutsch, essa língua poderá auxiliar também na vitalidade do Plautdietsch.

O grupo CaGI acredita que o Hochdeutsch poderá diminuir bastante, uma vez que os casamentos exogâmicos na comunidade estão aumentando e, por outro lado, as crianças, em muitos casos, preferem falar o português com os seus pais, mesmo quando estes são falantes do alemão. Além disso, segundo o grupo CaGI, as crianças vivem num contexto no qual a língua principal é o português (assistindo à TV, por exemplo).

O grupo CbGI segue a mesma opinião de que o Hochdeutsch ainda terá uma vida mais longa na colônia, comparado com o Plautdietsch. Porém, o grupo alerta para dificuldades crescentes para manter o Hochdeutsch na igreja, por exemplo.

Outra questão relevante apontada pelo grupo CbGI diz respeito à probabilidade de haver um aumento do número de falantes do Plautdietsch em Witmarsum, uma vez que esses informantes – pais de filhos pequenos – fazem questão de falar com os mesmos em Plautdietsch, mesmo que a maioria dos jovens casais na comunidade prefira o Hochdeutsch. Os informantes deste grupo CbGI não acreditam, contudo, nessa probabilidade, mas alertam que a manutenção vai depender de cada falante, e não de uma instituição oficial em particular, uma vez que o Plautdietsch nunca foi ensinado formalmente. Segundo esses informantes, um dos principais motivos que levam atualmente algumas famílias a ensinar o Plautdietsch aos seus filhos é o fato de acreditarem na sua importância como língua e como valor cultural, bem como a pouca oportunidade que os filhos terão de aprendê-lo fora de casa. O Hochdeutsch, segundo os informantes desse grupo, mesmo talvez podendo trazer um benefício maior profissionalmente no futuro dos filhos, pode ser aprendido em muitas escolas como qualquer outra língua, mas o

Plautdietsch constitui um capital simbólico e um bem cultural único, visto como “língua especial dos menonitas”. Um dos informantes do grupo CbGI sente-se orgulhoso por poder ensinar Plautdietsch ao seu filho e com um sorriso conclui: *“Etj ha mien Deil jedone enn ha’ daut wiedajebrocht ... ‘ne Sach waut feer, etj weet nich, fer waufel duzent Joa onjefonje haft, jo, daut Plautdietsche”*, ou seja, “Eu fiz a minha parte e levei isto adiante ... algo que iniciou, eu não sei, quantos mil anos atrás, sim, o Plautdietsch”.

Os casais jovens que falam Plautdietsch com os seus filhos, segundo o grupo de informantes CbGI, não se incomodam por serem a minoria e sentem-se antes privilegiados, como afirma um dos informantes:

*“Etj finj daut noch soo schmoacka daut Plautdietsche auls daut Dietsche soo met Tjeenja. Man sitt, wau dee aundre daut uck jern wuade fe den siene Tjeenja. ... oba dee tjenne daut manchmol nich jewe, wiels see daut manchmol nich tjenne rede, daut Plautdietsch, jo, ouda wiels see daut enne Familie nich soo ha’, jo?”*²⁶⁹ (CbGIfem)

Mesmo acreditando no privilégio de poder ensinar Plautdietsch aos filhos, os informantes do grupo CbGI alertam que os mesmos talvez não falem um Hochdeutsch “tão correto” em relação àqueles que aprendem o Hochdeutsch com os pais, ou seja, que os seus filhos falam antes um Hochdeutsch “misturado” com Plautdietsch. No entanto, esses pais são da opinião de que os filhos não se queixam, brincam sem constrangimento com outras crianças não falantes do Plautdietsch e acompanham bem a aula de alemão na escola.

Levando em consideração as quatro comunidades menonitas no Brasil, a geração mais velha, de ambos os grupos, é da opinião de que a vitalidade do Plautdietsch é maior nas colônias (Nova e Witmarsum) e que o Hochdeutsch é falado mais pela comunidade menonita de Witmarsum e de Curitiba. Na percepção do grupo CbGII, o Hochdeutsch é pouquíssimo falado em Colônia Nova devido ao grande número de casamentos exogâmicos existentes nessa comunidade.

A geração jovem de Witmarsum, de ambos os grupos, acredita que o Plautdietsch é mais falado pela sua própria comunidade; em seguida, viria a Colônia Nova e, por último, a

²⁶⁹ Tradução do depoimento do informante CbGIfem: “Eu acho ainda mais bonito o Plautdietsch que o Hochdeutsch com as crianças. A gente vê, como os outros também gostariam isto para os seus filhos, ... mas eles às vezes não podem dar, pois também não sabem falar o Plautdietsch, não é, ou porque eles não tem este hábito na família, não é?”

comunidade menonita de Curitiba, na qual o uso do Plautdietsch fica praticamente restrito à geração mais velha. Em relação ao uso do Hochdeutsch, o grupo CaGI é da opinião de que, nas comunidades rurais (Colônia Witmarsum e Colônia Nova), seu uso é mais frequente do que em Curitiba. Diferente é a posição do grupo CbGI, o qual acredita que, entre os menonitas de Curitiba e da Colônia Witmarsum, o Hochdeutsch é mais usado do que na Colônia Nova, no Rio Grande do Sul.

Quanto à existência de outros países nos quais se fala o Plautdietsch, os informantes de ambas as gerações e estratos sociais menciona seu uso no Paraguai, Uruguai, Bolívia, México, Canadá, Estados Unidos, Rússia e Alemanha. Além disso, o grupo CaGII cita Belize e o grupo CaGI, a Costa Rica.

Vale frisar que a maioria da geração GII de Witmarsum mantém contato com parentes falantes do Plautdietsch que moram no Paraguai e, ou na Alemanha. A geração GI mantém mais contato com falantes do Plautdietsch do Paraguai e do Canadá. No Brasil, a grande maioria dos menonitas da Colônia Witmarsum possui familiares que moram em Curitiba e em Colônia Nova, havendo assim um constante intercâmbio entre os moradores das três comunidades do sul do Brasil.

4.1.3.10 Resumo: contato linguístico em Colônia Witmarsum

Na Colônia Witmarsum, o uso do Plautdietsch e do Hochdeutsch faz parte da comunicação diária. Na dimensão diageracional, observa-se um uso mais acentuado do Plautdietsch na GII que contrasta com uma mudança em curso a favor do português, na GI, tendo em vista a preferência e familiaridade cada vez mais perceptível dos jovens pelo português.

O Hochdeutsch acompanha essa mudança, tomando em larga escala o lugar do próprio Plautdietsch, dado seu *status* de língua internacional do ensino das relações de trabalho. Basta observar que, até mesmo no âmbito familiar, a GII faz uso principalmente do Plautdietsch. No entanto, com os netos, é mais comum o uso do Hochdeutsch. A GI faz maior uso do Plautdietsch com pais e avós, mas com o cônjuge e irmãos, usam mais o português. Com os filhos, esta geração tende a falar mais em Hochdeutsch. São poucas as famílias da GI que atualmente na

Colônia usam o Plautdietsch com os seus filhos. Esta atitude trouxe uma mudança na situação diglósica da comunidade: ao invés do Plautdietsch (variedade *substandard*), muitos jovens atualmente usam o Hochdeutsch (variedade *standard*) em contextos informais.

Na dimensão diastrática, comparando os grupos Ca e Cb, o uso do Plautdietsch, no contexto familiar, parece restringir-se mais ao grupo Cb, de ambas as gerações.

No contexto religioso, as duas igrejas menonitas de origem étnica alemã oferecem cultos em língua alemã e em português. A grande maioria dos falantes do Plautdietsch/Hochdeutsch, de ambas as faixas etárias (GI e GII), frequentam o culto em Hochdeutsch. A maioria da GII também prefere realizar a leitura bíblica e a oração individual em Hochdeutsch, ao passo que a GI tende a ler a bíblia mais em português, embora os jovens ainda prefiram fazer a oração individual em Hochdeutsch.

Na escola da comunidade, todos os alunos têm a oportunidade de aprender ou aprimorar o alemão *standard* até níveis avançados. Além do ensino formal do alemão, a escola organiza diversos programas culturais durante o ano para estimular e valorizar o uso do Hochdeutsch entre os alunos. Mesmo que na escola exista, entre os alunos, o prestígio de “eu sei falar Hochdeutsch”, a maioria da GI (falante do Plautdietsch/Hochdeutsch) usou mais o português com os colegas durante a época escolar.

No contexto do trabalho, comércio e saúde, a língua mais usada é o português, uma vez que a grande maioria dos empregados das propriedades, como também os funcionários da cooperativa são monolíngues em português.

Entre os amigos, o grupo CbGII prefere falar em Plautdietsch; o grupo CaGII, além do Plautdietsch, também usa o Hochdeutsch e o português, dependendo a escolha de uma das línguas do tópico e do contexto da interação. A GI prioriza já o uso do português com os amigos mais próximos. O Plautdietsch e o Hochdeutsch ocorrem igualmente nesse contexto, porém em proporção menor.

Em relação à frequência de uso das línguas, o grupo social Ca, de ambas as gerações (GII e GI), destaca-se por um comportamento trilíngue diário: diariamente usa o Plautdietsch, o Hochdeutsch e o português, contrariamente ao grupo Cb, de ambas as gerações, que usa apenas o Plautdietsch e o português diariamente.

Quanto à competência linguística, a GII de ambos os grupos (Ca e Cb) tem uma proficiência oral muito boa em Plautdietsch e também um bom domínio no Hochdeutsch. O grupo CaGII, além disso, apresenta um bom domínio do português, que é ainda maior entre os informantes da GI. Por sua condição de língua essencialmente oral, a grande maioria dos falantes não escreve em Plautdietsch. Tal função é assumida ou pelo Hochdeutsch (na geração GII), ou pelo português (sobretudo na GI e no grupo CaGII).

Para a grande maioria da GII na Colônia Witmarsum, o Plautdietsch representa a língua materna, a língua do coração, do aconchego e a língua que transmite confiabilidade. Para os falantes de Plautdietsch da GI, essa variedade desperta o sentimento de estar em casa.

Observa-se que, para ambas as gerações (GII e GI) e para ambos os estratos sociais (Ca e Cb), o Plautdietsch exerce uma função importante no ambiente familiar e em outros contextos informais (encontro com amigos, por exemplo). Em contextos formais, todavia, não há uma boa aceitação quando se fala em Plautdietsch.

O Hochdeutsch é considerado tanto pela GII como pela GI, de ambos os grupos (Ca e Cb), uma língua de prestígio, usada no contexto religioso que, desde as últimas décadas, estendeu seu uso ao ambiente familiar. Por seu *status* de variedade *standard*, a maioria dos jovens prioriza a aprendizagem do Hochdeutsch, a fim de, por exemplo, ter melhores chances na carreira profissional, eventualmente fora da colônia.

Paralelamente, a comunidade assiste ao avanço do português nos mais diversos níveis e contextos. Com o crescimento do número de empregados, funcionários e moradores monolíngues na colônia, o uso do português praticamente tornou-se uma obrigatoriedade inclusive para a GII. O grupo CbGII faz uso do português praticamente só com pessoais monolíngues; o grupo CaGII, no entanto, dependendo do tópico da conversa, prefere falar o português mesmo com falantes bilíngues Plautdietsch-português. Já nos grupos CaGI e CbGI, o português é a língua mais usada fora do ambiente familiar.

Em relação à vitalidade do Plautdietsch, todos os informantes – de ambas as gerações e de ambos os grupos sociais – têm consciência de que o número de falantes está diminuindo rapidamente. O principal motivo apontado para tal situação é a falta da transmissão diageracional, ou seja, são pouquíssimas as famílias jovens que atualmente falam em Plautdietsch com seus filhos. A grande maioria das famílias está optando em falar com os seus filhos o Hochdeutsch,

considerado o “alemão mais correto”. Além disso, o Plautdietsch é considerado pela maioria dos grupos como “apenas” um dialeto que não tem função fora da comunidade. Somente os grupos CaGII e CbGI acham interessante fazer algo para promover mais o Plautdietsch na colônia; os outros reagem mais conformados com a situação e alegam que infelizmente “não há o que fazer”.

Quanto à vitalidade do Hochdeutsch na Colônia Witmarsum, a maioria dos informantes acredita que essa língua ainda poderá perdurar por muito tempo na comunidade, pois se trata de uma língua oficial, que conta com prestígio e suporte institucional, além de ser usada no ambiente familiar por muitas famílias da GI. Além disso, o conhecimento do Hochdeutsch pode trazer benefícios na carreira profissional, principalmente daqueles que gostariam de trabalhar fora da comunidade, em empresas multinacionais. No entanto, mesmo ciente de todos esses argumentos positivos, a maioria dos jovens prefere falar o português. Na opinião da maioria dos informantes, a vitalidade do Hochdeutsch dependerá, em grande parte, da manutenção da língua na igreja e na escola.

4.1.4 Comunidade Rural de Rio Verde (GO)

A comunidade rural de Colônia Rio Verde (GO) tem aproximadamente 300 habitantes, dos quais aproximadamente 70% são bilíngues em inglês e português. Além disso, há falantes da variedade do *Pennsylvania Dutch*.²⁷⁰ Os falantes de Plautdietsch, pelo contrário, constituem uma minoria absoluta na comunidade: foi possível encontrar apenas quatro falantes, todas da faixa etária mais velha. Os antecedentes desses falantes são de origem étnica russo-alemã, os quais emigraram, na década de 1870, da Ucrânia para Manitoba, no Canadá. A partir de 1970, algumas destas famílias (canadenses) vieram para a comunidade rural de Rio Verde, Goiás, para se juntar às famílias americanas que haviam se instalado na colônia.

Relevante mencionar que, embora a pesquisadora ter sido informada por um dos líderes da comunidade de que não haveria jovens falantes do Plautdietsch em Rio Verde, decidimos fazer uma entrevista com esse grupo. A partir das informações obtidas deste grupo, constatamos que, o

²⁷⁰ De acordo com as informações recebidas de um dos líderes da comunidade rural de Rio Verde em março de 2010, apenas 14 pessoas são falantes do *Pennsylvania Dutch* – uma variedade falada por aproximadamente 300.000 pessoas, em sua maioria, menonitas residentes na Pensilvânia, Estados Unidos.

conhecimento em Plautdietsch, de fato, era insuficiente para usá-lo na interação com a pesquisadora. Mesmo assim, o grupo GI desta comunidade não foi excluído da pesquisa, uma vez que ele existe, porém, com a ressalva de não falar mais o Plautdietsch.

Quanto ao Hochdeutsch, os informantes do grupo CbGII relatam que, somente durante a sua infância nos EUA ou Canadá, tiveram contato com essa variedade e que, após a migração para o Brasil, praticamente deixaram de falá-la. Para a grande maioria dos membros da comunidade, no entanto, tem no inglês sua língua principal, que usam com maior frequência.

O inglês aparece inclusive no ambiente familiar, como língua de interação do dia-a-dia. Tal prática se estende a encontros entre as famílias de ambas as descendências, americana ou canadense. Além disso, a comunidade mantém um forte vínculo com familiares e amigos mais próximos nos Estados Unidos ou Canadá. A cada dois ou três anos, muitas famílias da comunidade viajam para esses países ou então recebem familiares ou amigos de lá. Esse intercâmbio constante com o exterior também é um grande incentivo para os jovens da comunidade manterem o inglês. Vale acrescentar que, por serem filhos de imigrantes americanos ou canadenses, a grande maioria da comunidade menonita da Colônia Rio Verde possui dupla nacionalidade, ou seja, são brasileiros e americanos (ou canadenses).

No âmbito religioso, tem-se os cultos matutinos aos domingos, na maioria das vezes, nas duas línguas, inglês e português. E a escola particular da comunidade oferece ambos os currículos: o brasileiro e o americano.

Mesmo sendo o inglês a língua do dia-a-dia para a maioria da comunidade, observamos que há – tanto por parte dos jovens como também por parte dos mais idosos – uma postura bastante positiva em relação à língua portuguesa: na comunidade, são pouquíssimos os imigrantes ou filhos destes que não são falantes fluentes do português. Apesar do uso quase exclusivo do inglês no ambiente familiar, observa-se uma ampliação do uso do português fora da família (no contexto público, sobretudo em situações formais).

A grande maioria das famílias da colônia tem funcionários ou empregados monolíngues em português que auxiliam no trabalho das fazendas. A presença dessas pessoas nas chácaras contribuiu, com certeza, para que muitos imigrantes, falantes do inglês, aprendessem mais rapidamente o português, desde os primeiros anos após a chegada no Brasil (na década dos 70). Com o aumento do número de trabalhadores monolíngues na comunidade, cresceu também o

número de casamentos exogâmicos. Desde a vinda dos primeiros imigrantes, calcula-se que 44 casamentos eram de natureza exogâmica, o que perfaz um percentual de cerca de 40% do total dos casamentos realizados na colônia.²⁷¹

Em relação à mistura de línguas na Colônia Rio Verde, verifica-se uma tendência maior da GII de misturar o Plautdietsch com o inglês, ao invés do Plautdietsch com o português ou Hochdeutsch – como é o caso dos menonitas do Rio Grande do Sul e do Paraná. Observamos os dois seguintes casos:

*“Englisch es fell noda to mie auls **Portuguese**, but wie sent enn eea Laund.”*²⁷² (CbGIImasc)

*“Etj ha **never** Tweeback jemoackt.”*²⁷³ (CbGIIfem)

Relembramos que, na comunidade menonita de Rio Verde, não foram encontrados informantes do grupo Ca, uma vez que existe uma grande resistência em relação a uma formação escolar mais completa. Segundo a liderança da igreja, a qualificação poderia “levar o indivíduo a ser arrogante e ter orgulho de si próprio”. Além disso, uma formação superior é vista antes como um perigo para a continuidade de uma vida religiosa. Diante desse quadro, tivemos que restringir o número de informantes nesta comunidade para apenas dois grupos, ou seja, foram selecionados dois informantes do grupo CbGII e outros dois do grupo CbGI, sendo que os informantes da geração GI não falam o Plautdietsch e Hochdeutsch.

A seguir, analisamos as atitudes em relação às escolhas linguísticas dos informantes, falantes do Plautdietsch, no contexto familiar.

4.1.4.1 A(s) língua(s) no contexto familiar

No contexto familiar, as línguas mais utilizadas na comunidade rural de Rio Verde são o inglês e o português. Famílias endogâmicas (americanas/canadenses) usam quase exclusivamente o inglês, enquanto que em famílias exogâmicas (americanas/canadenses e brasileiras) normalmente

²⁷¹ Informação recebida da Publicadora Menonita de Rio Verde no dia 24/04/2010.

²⁷² Tradução do depoimento do informante CbGIImasc: “O inglês é muito mais próximo para mim que o **portuguese**, **but** nós estamos no país deles!”

²⁷³ Tradução do depoimento do informante CbGIIfem: “Eu **never** fiz Tweeback!” (pãozinho menonita)

prevalece a tendência de uso do português. Isso não impede que algumas famílias exogâmicas optem pelo uso do inglês com os filhos, principalmente quando o pai é americano. A esposa, neste caso brasileira, afirma-se que faz questão de aderir aos costumes do marido, buscando ela própria aperfeiçoar seus conhecimentos de inglês, para então poder falar nessa língua com os filhos. O depoimento a seguir, de uma jovem mãe, serve para ilustrar esse comportamento em famílias exogâmicas da comunidade:

“Sou brasileira e na minha infância e juventude sempre falei somente o português. Casei com um “americano” daqui da comunidade e como a minha sogra na época somente falava o inglês, me propus a aprender o inglês. Quando tive o meu primeiro filho, falei só português com ele, mas a partir do segundo filho fiz questão de falar apenas o inglês com todos eles.”²⁷⁴

Esse depoimento reforça a atitude de monolíngues em português na direção do uso do inglês, tanto na relação mãe-filhos, quanto na intenção de se integrar aos hábitos e costumes da comunidade. Mesmo aqueles jovens de origem “brasileira”, que falam majoritariamente o português, frequentemente se tornam bilíngues em português e inglês por meio das interações sociais com outros jovens de fala inglesa. Por este viés, pode-se perceber o papel do prestígio da língua de imigração inglês no comportamento linguístico da comunidade.²⁷⁵

Em seguida, apresentamos, os resultados das atitudes dos diferentes grupos de informantes referentes à escolha linguística dentro do contexto familiar:

²⁷⁴ Depoimento de uma jovem mãe pertencente à comunidade menonita rural de Rio Verde.

²⁷⁵ Veja-se, para tanto, o estudo de Kaufmann (1997), ao comparar a dinâmica do contato de línguas de comunidades menonitas dos EUA e do México.

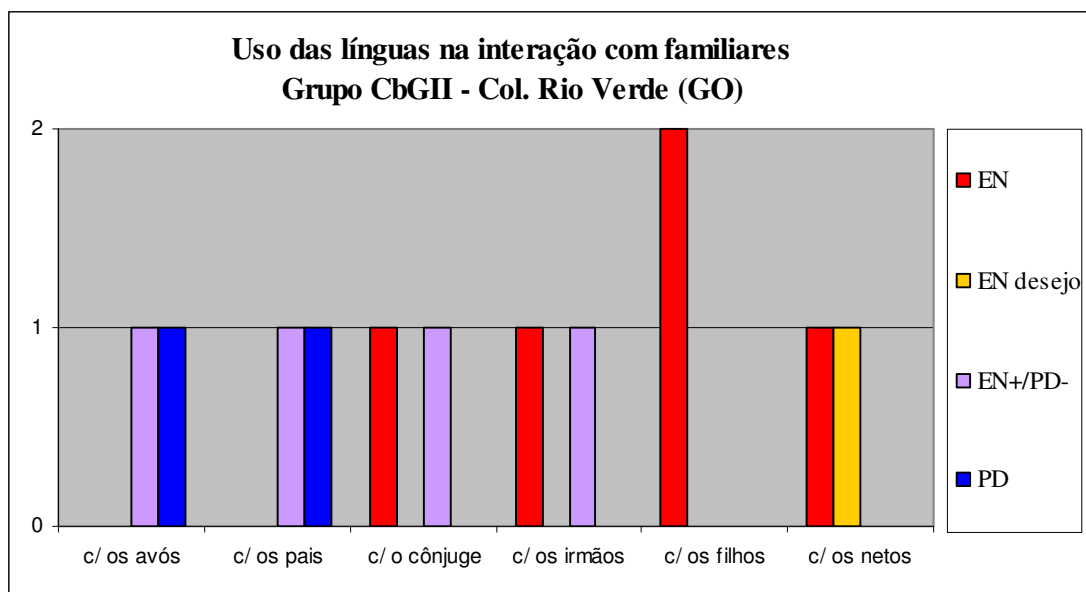


Gráfico 15 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGII - Colônia Rio Verde (GO)

A grande maioria do grupo CbGII, da comunidade rural de Rio Verde, viveu a sua infância e juventude nos EUA ou Canadá. Convém lembrar que, entre a GII somente quatro pessoas são falantes do Plautdietsch e 14 do Pennsylvania Dutch.²⁷⁶ Os falantes do Plautdietsch ainda usaram essa variedade com os seus avós e pais. No entanto, à medida que foram para a escola, o uso do inglês superou o do Plautdietsch. Com o cônjuge e irmãos, os informantes do grupo CbGII usam quase exclusivamente o inglês e raras vezes o Plautdietsch.²⁷⁷ Com os filhos, os informantes falam apenas o inglês. A imigração para o Brasil acentuou nesta geração o desejo de manter o inglês nas relações familiares.

²⁷⁶ Informação recebida do coordenador da Publicadora Menonita de Rio Verde em março de 2010.

²⁷⁷ Em alguns casos, o cônjuge não é falante do Plautdietsch e, portanto, a comunicação entre o casal é exclusivamente em inglês.

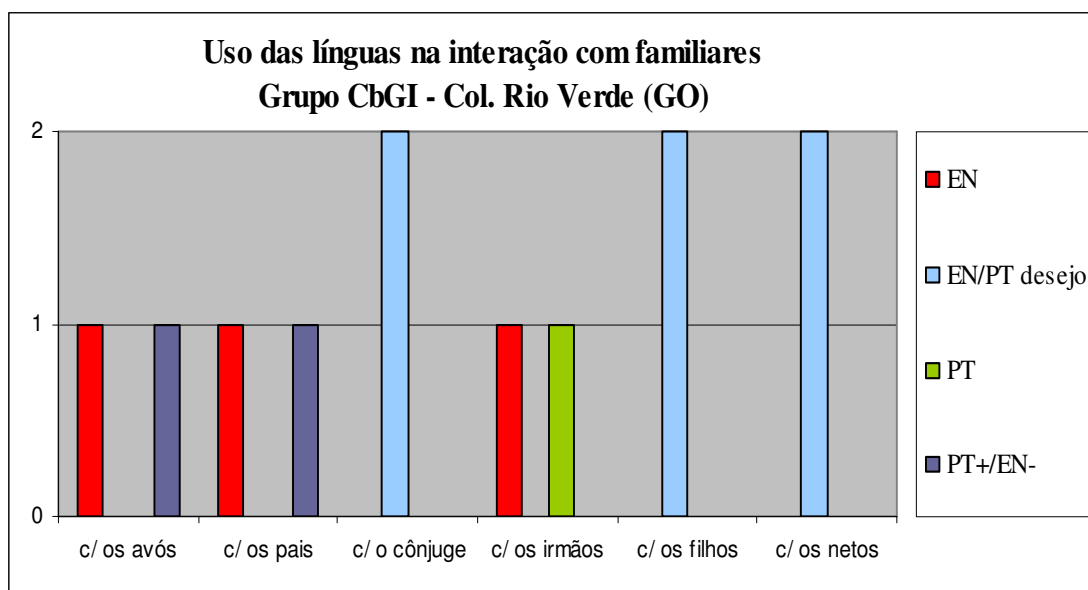


Gráfico 16 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: grupo CbGI - Colônia Rio Verde (GO)

A grande maioria da GI, da comunidade rural de Rio Verde, é bilíngue português-inglês. O Plautdietsch não é falado por este grupo. Com os avós e pais, a maioria dos jovens comunica-se em inglês ou então em português/inglês, quando se trata de famílias exogâmicas. Com o cônjuge, os informantes mostram-se a favor de falar ambas as línguas: inglês e português. Por meio da observação participante, constatamos que, entre irmãos, a GI de famílias endogâmicas (americanas/canadenses) comunica-se exclusivamente em inglês. Em famílias exogâmicas (americanas/canadenses e brasileiras), pelo contrário, a interação se dá nas duas línguas, porém ainda com predomínio do português, segundo os dados coletados.

A fim de visualizarmos melhor o resultado compacto de ambos os grupos sobre o uso das línguas no contexto familiar, apresentamos o seguinte gráfico:

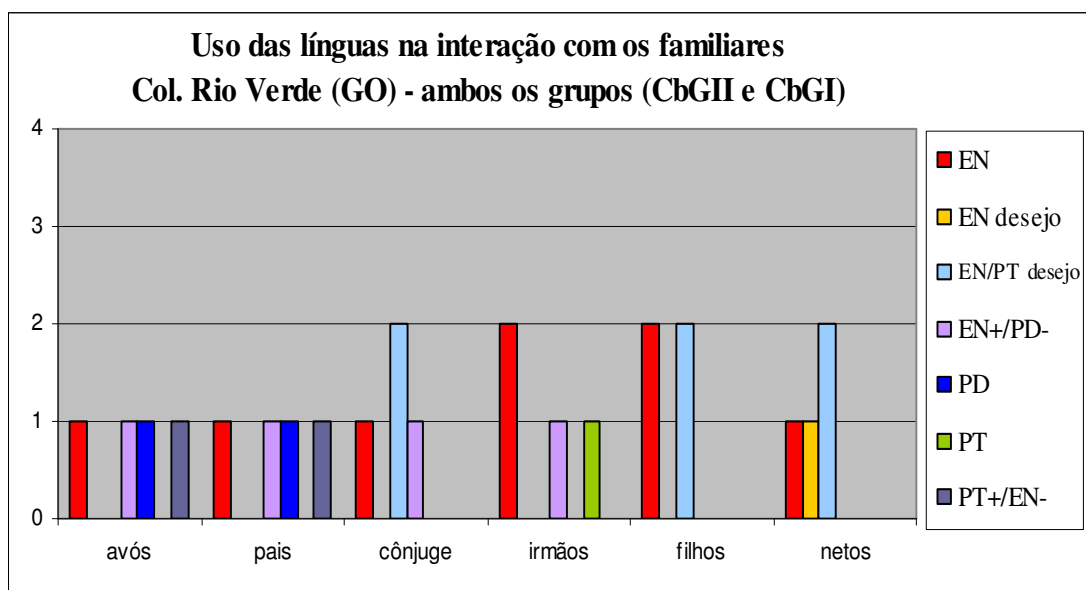


Gráfico 17 - Uso das línguas no contexto familiar, conforme os participantes da interação: todos os grupos - Colônia Rio Verde (GO)

Resumindo, pode-se dizer que o Plautdietsch está praticamente ausente da comunidade. Os poucos casos de falantes (da GII) ainda proficientes nessa variedade não dão conta de uma possível revitalização da mesma. Devem ser vistos, antes, como remanescente de migrações anteriores. A geração mais nova não fala mais esta variedade. Além disso, é preciso contrapor o forte prestígio do inglês que, como é de se esperar, domina as relações sociais na comunidade, ou seja, quem cogita de falar outra língua além do português pensa necessariamente no inglês. Na percepção dos membros da comunidade, existe a consciência de que os antecedentes nos EUA falaram o Pennsylvania Dutch ou então o Plautdietsch, no caso dos imigrantes do Canadá.

4.1.4.2 A(s) língua(s) no contexto religioso

Na comunidade rural de Rio Verde, a grande maioria dos moradores pertence à “Igreja de Deus em Cristo – Menonita”. Logo após a chegada dos primeiros imigrantes, em 1970, construiu-se a congregação “Monte Alegre” e, com a vinda de mais imigrantes dos EUA, fundou-se, em 1987, a congregação “Rio Verdinho”. Além dessas duas, existe a congregação “Rio Verde” na própria cidade de Rio Verde, localizada a 30 km da Colônia.

Ambas as congregações na colônia fazem uso do inglês e do português durante as suas atividades. Já na cidade, portanto em contexto urbano, a congregação de Rio Verde realiza suas atividades exclusivamente em português.

Aproximadamente 150 a 180 pessoas participam semanalmente dos cultos matutinos aos domingos nas igrejas da colônia. Destas, 70% são bilíngues, ou seja, falam português e inglês, e 30% são monolíngues em português. Como a maioria dos participantes entende e fala o inglês, tem-se cultos bilíngues, ou melhor, são realizados em português com tradução simultânea para o inglês. Em geral, esses cultos seguem a seguinte ordem litúrgica:

- a) Um hino cantado pela congregação em PT ou em EN;
- b) Introdução do culto em PT com tradução simultânea em EN;
- c) Estudo bíblico separado por diversos grupos: sexo, língua e idade²⁷⁸;
- d) Dois hinos cantados pela congregação: um em EN e o outro em PT;
- e) Anúncios: em PT;
- f) Um hino cantado pela congregação em PT ou em EN;
- g) Pregação em PT com tradução simultânea em EN;
- h) Um hino cantado pela congregação em PT ou em EN;
- i) Oração final em PT.

Vale lembrar novamente que a comunidade segue uma linha mais conservadora na prática da religião. Neste sentido, chama atenção que, durante os cultos, homens e mulheres sentam separados, ou melhor: do lado direito da igreja, estão os homens, e do lado esquerdo, as mulheres com as crianças. Todas as mulheres – em respeito ao homem e a Cristo – cobrem a sua cabeça com um véu preto. Além disso, como já se aludiu no cap. 1, sempre utilizam vestidos, preferencialmente de cores pastéis e de manga comprida. Todos os homens usam barba, pois creem que faz parte da ordem da criação de Deus. De preferência, vestem uma camisa de manga

²⁷⁸ Durante os estudos bíblicos, homens, mulheres e crianças formam grupos separados. Além da divisão por idade e sexo, cada participante tem a opção de escolher em qual língua prefere participar. Aproximadamente 80% da congregação escolhem o inglês e 20% participam do grupo no qual o estudo é realizado integralmente em português.

comprida e não usam gravata.²⁷⁹ Durante os cultos, os hinos são cantados em diferentes vozes, mas sem o acompanhamento de instrumentos musicais.

Após o culto, os participantes têm o costume de conversar com amigos e familiares. Conforme as observações da pesquisadora, o uso do inglês nessas “rodinhas” se sobressai ao de português. Tal é corroborado pelo depoimento dos informantes da geração GII, que afirmam usar mais o inglês nas conversas informais após o culto, a não ser quando um dos participantes da interação é monolíngue em português. O mesmo comportamento é atestado pela geração GI que, no entanto, acredita que o uso do português supere o de inglês. Segundo um membro da igreja indagado pela pesquisadora, os homens seriam os que, nesse momento, preferem usar mais o português.

Quanto à manutenção da língua inglesa durante os cultos, a geração GII tem opiniões divergentes: o informante masculino expressa firmemente sua postura aberta ao português e ousa dizer que ainda se mantém o inglês na igreja somente “em função de apenas dois membros mais idosos que não dominam o português”. Esse mesmo informante não se conforma com a situação, argumentando o seguinte:

*“Wie sent enn dit Laund. [...] Englisch es fell noda to mie auls Portugies, **but** wie sent enn eea Laund. Woo woa wie onse Sproack opp äare oppschuwe?? We woare äare Sproack liere met dee tiet, enn dann woat Englisch gonne! **But**, em Hus woat daut Englisch bliewe, enne School woat’et bliewe. Dee Tjinja wann dee noh dee Stäts, Kanada foare, dann tjenne dee meet äah Frindschaft dort’in rede.”*²⁸⁰
(CbGIImasc)

O depoimento acima mostra a consciência do papel da língua oficial no contexto brasileiro em que se encontram, razão por que o informante defende o uso da língua portuguesa, a ponto de dizer que é obrigação dos falantes do inglês aprender o português, “pois estão em território brasileiro e que logo o inglês também se perderá na área da religiosidade da comunidade”. Apesar disso, reconhece a função do inglês nas relações familiares e no contato com os parentes nos EUA e no Canadá.

²⁷⁹ Publicadora Menonita *Fundamento Doutrinário da Igreja de Deus em Cristo – Menonita* (2006, p.32-34).

²⁸⁰ Tradução do depoimento do informante CbGIImasc: “Nós estamos neste país. [...] O inglês é muito mais próximo para mim que o português, *but* nós estamos no país deles. Como nós poderíamos transpor a nossa língua sobre a deles? Nós devemos aprender a língua deles com o tempo e aí o inglês se vai! *But*, nas casas o inglês ainda se manterá, na escola também. As crianças quando vão para os EUA, Canadá, poderão aí conversar com os seus parentes por lá.”

O informante feminino (CbGII), por outro lado, gostaria que se mantivesse o inglês nos cultos, por razões de intercompreensão, uma vez que entende a linguagem bíblica melhor nessa língua. A geração GI acredita que é importante manter o inglês, principalmente enquanto houver pessoas de mais idade que não entendem tão bem o português.

Além do culto matutino, as congregações da comunidade organizam estudos bíblicos e encontros para jovens. Ambas as atividades são realizadas quase integralmente em português, com exceção de alguns cânticos em inglês.

Para a leitura bíblica e a oração individual, a GII dá preferência ao uso do inglês; a GI diverge neste ponto: a informante CbGI feminina (cujo pai e mãe são de origem norte-americana) prefere usar o inglês tanto no momento da leitura bíblica, como também na oração individual. O informante CbGI masculino (cujo pai é monolíngue em português e a mãe é de origem norte-americana) prefere realizar ambas as atividades em português.

4.1.4.3 A(s) língua(s) no contexto escolar

Na comunidade rural de Rio Verde, a comunidade menonita fundou, nos primeiros anos de colonização, a “Escola Menonita Monte Alegre” localizada no centro da colônia, ao lado da igreja e próximo ao estabelecimento da publicadora da comunidade. Em março de 2010, a escola tinha 65 alunos, contando desde a educação infantil até a 8ª série do Ensino Fundamental. Nessa mesma época, onze professores²⁸¹ atuavam na escola. Como a escola é mantida pelos próprios moradores, todos os professores são da comunidade, a maioria bilíngue em inglês e português, porém sem formação superior. Tradicionalmente ninguém da comunidade dá sequência aos estudos, uma vez que os conhecimentos básicos na leitura e na escrita são tidos como suficientes para a pessoa vencer na vida. Por outro lado, para um jovem poder frequentar o Ensino Médio e posteriormente a universidade, o mesmo teria que sair da comunidade e vir a morar num centro urbano maior, onde, segundo muitos, haveria “o grande perigo de se perverter espiritualmente, além de se tornar orgulhoso e arrogante”.

²⁸¹ Estão incluídos aqui também os professores auxiliares.

Como a escola segue às tradições americanas, as aulas iniciam às 9h e terminam às 15h30. Para o almoço, tanto os alunos, como também os professores, trazem seu próprio lanche.

A escola oferece dois currículos: o americano e o brasileiro, ou seja, todos os conteúdos são dados em inglês, para os alunos falantes do inglês (em geral, de origem americana), e em português, para os alunos monolíngues em português. Como o número de alunos em cada série é bastante reduzido, costuma-se ter multisséries, ou seja, reunir séries na mesma sala, sob os cuidados de um único professor. A partir do 3º ano fundamental, todos os alunos do currículo brasileiro recebem diariamente aulas de inglês como língua estrangeira, e todos os alunos participantes do currículo americano iniciam com a aprendizagem formal do português. O material didático usado no currículo americano é editado nos EUA. Contudo, como este não é atualizado anualmente, também são usadas edições bem antigas.

Com a presença dos dois currículos, tanto o português, como o inglês, fazem parte do dia-a-dia dos alunos na escola. Antes de entrar nas salas de aula, os alunos e professores ouvem uma breve meditação bíblica, realizada geralmente em português por um(a) professor(a) ou líder da comunidade. Em seguida, ainda são cantados alguns cânticos em inglês ou português. Ao perguntar sobre o relacionamento diário entre alunos monolíngues em português e alunos de origem americana, uma professora de 19 anos respondeu:

“Os alunos são bem integrados entre eles. À medida que os professores são nascidos aqui no Brasil e os pais também, os filhos acabam aprendendo o português antes de chegar à escola, ajudando assim, a amenizar as dificuldades entre “americanos” e “brasileiros”, termos, aliás que eu não gosto de usar!”²⁸²

É preciso enfatizar, por fim, que a Escola Menonita Monte Alegre constitui um dos pilares da comunidade rural de Rio Verde. Sua contribuição fundamental reside no papel que desempenha para a manutenção e expansão da língua inglesa na própria comunidade, bem como para manter suas tradições e costumes.

Entre os informantes da GII, ambos frequentaram a escola quando ainda moravam no Canadá, ou melhor, fizeram somente uso do inglês. A GI já frequentou a escola na própria colônia: o informante feminino, participante do currículo americano, usou evidentemente mais o

²⁸² Depoimento de uma das professoras da *Escola Menonita Monte Alegre*.

inglês na sala de aula e o português mais no recreio com colegas monolíngues; já o informante masculino usou mais o português e menos o inglês, pois fez parte do currículo brasileiro.

4.1.4.4 A(s) língua(s) no contexto do trabalho e da saúde

A grande maioria das famílias que moram na colônia de Rio Verde trabalha na sua lavoura e possui empregados monolíngues em português. A comunicação entre os donos da fazenda e seus empregados dá-se exclusivamente em português; já com os próprios filhos, quando estes têm idade para poder auxiliar nas fazendas, os “patrões” comunicam-se em inglês. As esposas dos donos das fazendas, geralmente de origem americana, cuidam mais do serviço da casa e têm contato com pessoas fora da comunidade somente quando vão à cidade para fazer as compras do mês. Por isso, fazem mais uso do inglês no seu dia-a-dia e utilizam o português somente quando precisam comunicar-se com empregados monolíngues em português, ou na igreja, quando encontram amigos monolíngues em português.

Sendo assim, os informantes masculinos de ambas as gerações (GI e GII) fazem uso maior do português, no âmbito de trabalho. E as mulheres, também de ambas as gerações, utilizam com mais frequência o inglês.

4.1.4.5 A(s) língua(s) no contexto da vizinhança e das amizades

A distância entre a maioria das fazendas na colônia de Rio Verde é muito grande, ou seja, há um mínimo de 2 km entre uma propriedade e outra. Desta forma, grande parte dos contatos entre vizinhos se dá por telefone ou através de atividades organizadas pela igreja.

No âmbito da amizade, o grupo CbGII utiliza mais o inglês do que o português. Mesmo os falantes de Plautdietsch do grupo CbGII utilizam quase exclusivamente o inglês na interação entre eles,²⁸³ contrariamente à geração jovem (CbGI), que independentemente de sua origem (americana ou “brasileira”) faz largo uso do português no âmbito das amizades. Nos encontros de

²⁸³ Exceto os dois informantes casados, os quais esporadicamente fazem uso de algumas palavras do Plautdietsch entre si no dia-a-dia.

jovens, por exemplo, tanto o inglês como o português são usados na interação. Na percepção da informante feminina do grupo CbGI, o uso do português supera o de inglês. O informante CbGI masculino acrescenta que o português é mais usado entre os rapazes; porém, quando esses se dirigem às moças, frequentemente utilizam o inglês. Como se vê, o bilinguismo parece se constituir em marca diagenérica, na medida em que o português é mais difundido e usado entre o gênero masculino, e o inglês é associado ao gênero feminino.

4.1.4.6 Frequência de uso do Plautdietsch, do Hochdeutsch e do português na comunidade rural de Rio Verde

Abaixo, relacionamos a frequência de uso das três línguas nos respectivos grupos:

Grupo social	Plautdietsch	inglês	português
CbGII masc/fem	mensalmente* / raramente	diariamente / diariamente	diariamente / mensalmente
CbGI masc/fem	--- / ---	semanalmente / diariamente	diariamente / semanalmente

*Este informante diz utilizar esporadicamente algumas frases ou expressões em Plautdietsch com a sua esposa.

Tabela 22 - Frequência de uso das línguas na comunidade rural de Rio Verde nos seus respectivos grupos

Como se pode depreender das observações feitas acima, o uso do inglês domina as relações diárias da comunidade; entre os jovens, entretanto, percebe-se já um uso crescente do português. A tabela a seguir representa essa tendência, que ainda precisa ser complementada pela variável sobre o tipo de casamento (exogâmico ou endogâmico):

Grupo social	Preferência de uso de uma das línguas
CbGII masc / fem	inglês / inglês
CbGI masc / fem	português / inglês

Tabela 23 - Preferência do emprego de uma das línguas na comunidade rural de Rio Verde

4.1.4.7 Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português

Os informantes entrevistados avaliam suas competências nas diferentes variedades da comunidade da seguinte maneira:

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	inglês	português
CbGII masc / fem	bem / médio	médio / mal	muito bem / muito bem	bem / mal
CbGI masc / fem	--- / ---	--- / ---	bem / muito bem	muito bem / médio

Tabela 24 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português - uso ativo da língua

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	inglês	português
CbGII masc / fem	muito bem / médio	bem / mal	muito bem / muito bem	bem / mal
CbGI masc / fem	---	---	bem / muito bem	muito bem / bem

Tabela 25 - Competência linguística em Plautdietsch, em Hochdeutsch e em português – uso passivo da língua

Os informantes da GII declaram que dominam melhor o inglês, seguido do Plautdietsch e do português. Em relação ao Hochdeutsch, ambos os falantes da GII dizem ter dificuldades de falá-lo, o que aponta para uma constatação muito interessante, ou seja: a substituição do Hochdeutsch pelo inglês como língua-teto deve ter sido concluída já na matriz de origem, nos EUA ou Canadá. Esse processo foi, neste caso, comparativamente, mais rápido do que o que observamos na relação Hochdeutsch-português nas comunidades menonitas do sul do Brasil, onde o Hochdeutsch ainda resiste com mais força.

Nos dados da GI, é preciso considerar adicionalmente a descendência dos jovens, ou seja: nas famílias endogâmicas americanas, os jovens tendem a ter um domínio linguístico melhor do inglês; já nas famílias exogâmicas com brasileiros, prevalece o domínio do português.

Observemos agora o quadro das habilidades escritas em Plautdietsch, Hochdeutsch, inglês e português, segundo os dados coletados nos dois grupos:

Grupo social	Plautdietsch	Hochdeutsch	português	inglês
CbGII	não escreve	não escreve	raramente	semanalmente
CbGI	não escreve	não escreve	semanalmente	semanalmente

Tabela 26 - Domínio e frequência na escrita do Plautdietsch, Hochdeutsch e português na comunidade rural de Rio Verde:

Os falantes do Plautdietsch de Rio Verde, bem como a maioria dos falantes do Plautdietsch no sul do Brasil, não aprenderam a escrever na variedade *substandard*. O grupo CbGII tem preferência de escrever em inglês, pois sente maior segurança neste idioma, enquanto o português ainda representa uma língua estrangeira. A geração GI, por outro lado, escreve sem maiores dificuldades em português e em inglês.

4.1.4.8 Função do Plautdietsch, do Hochdeutsch, do inglês e do português na comunidade rural de Rio Verde

Para os informantes do grupo CbGII, o Plautdietsch foi a primeira língua aprendida. Quando ambos ouvem alguém falar nessa língua, desperta-lhes o sentimento de “pertencer a esse grupo”. O informante masculino ainda complementa e diz: “*Doa feel etj mie Welkohm*”, ou seja, “ali me sinto bem-vindo”. No entanto, embora o Plautdietsch tenha sido a língua de berço para esses informantes, atualmente ele representa apenas uma “lembrança da infância”, sem função na comunidade em que hoje moram.

O Hochdeutsch, por ser uma língua oficialmente reconhecida, é visto pelo grupo CbGII como uma língua mais importante que o Plautdietsch, mas igualmente ausente da comunidade, falado apenas por um dos quatro falantes de Plautdietsch. Em seu lugar, está o inglês.

O inglês representa, para a maioria da comunidade – imigrante ou descendente de imigrantes americanos – a língua principal da comunidade. Para a maioria dos jovens de descendência americana, o inglês continua a língua de maior proficiência, como relata a informante feminina do grupo CbGI:

“Uai, pra mim ... assim ... eu penso em inglês ... é a minha primeira língua ... eu sinto mais confortável falando inglês ... as piadas e coisas assim, isso .. entendo melhor em inglês.” (CbGI fem)

O português, para esses jovens, tem antes a função de uma segunda língua usada principalmente no contato com jovens monolíngues em português que participam das atividades

organizadas pela igreja. Além disso, sentem necessidade de usar o português quando vão à cidade de Rio Verde para fazer compras, por exemplo.

Diversas famílias exogâmicas também consideram o inglês como uma das “ferramentas linguísticas” mais importantes no seu dia-a-dia. Para a maioria, contudo, o português persiste como língua principal. Para alguns jovens dessas famílias, o uso do inglês restringe-se à comunicação com parentes e amigos de descendência americana, ao passo que o português representa a língua de comunicação do dia-a-dia, conforme enfatiza o informante masculino do grupo CbGI:

Uai, o português é tudo assim... em termos de comunicação é tudo. Assim é ... é minha língua originária, né... nesse país que eu to ... é a língua que meu pai conversa comigo livremente. (CbGI masc)

4.1.4.9 Vitalidade do Plautdietsch e do Hochdeutsch na comunidade rural de Rio Verde

O informante CbGII masc admite que a chance de sobrevivência do Plautdietsch na comunidade é mínima, a não ser que mais famílias americanas ou canadenses, falantes do Plautdietsch, venham morar em Rio Verde. A informante feminina do grupo CbGII já afirma, com toda convicção, de que o Plautdietsch está prestes a ser extinto na colônia, pois ela (pertencente a GII) é a falante mais jovem na comunidade rural de Rio Verde:

“Hiea waut daut [Plautdietsche] utstoawe; because etj sie dee Jingste waut daut kann vestohne ... enn etj sie aul ault!”²⁸⁴ (CbGII fem)

Diferente é a percepção acerca da manutenção do inglês. Segundo os informantes da GII e da GI, pode-se projetar uma longa duração do inglês na comunidade, visto que é também do interesse dos moradores “brasileiros” da comunidade falar esta língua. Além disso, o inglês conta com o suporte institucional, especialmente através de seu ensino na escola. Vejamos o seguinte depoimento:

²⁸⁴ Tradução do depoimento do informante CbGII fem: “Aqui ele [o Plautdietsch] vai ser extinguido; pois eu sou a pessoa mais jovem que consegue entender ... e eu já sou de mais idade!”

*“[Daut Englische] daut woat hiea noch bliewe. Daut woa wie nich veliere. Because even the portugies Mensche, dee welle Englisch liere. Enn soo’s even in the Darp, dee Tjinja doa doone some Englisch liere. Enn onse School uck, wie ha beid: Englisch enn Portugies.”*²⁸⁵ (CbGIIifem)

Na opinião do grupo CbGI, o alemão ocupa posição marginal na comunidade, restrito a alguns representantes da geração mais velha. Como comenta o informante masculino, “somente alguns velhos que falam”. Ao perguntar que tipo de alemão é falado na comunidade, esse informante explica que alguns falam o Pennsylvania Dutch e outros, o Plautdietsch. No entanto, “os dois dialetos estão morrendo”, diz o informante, referindo-se ao uso reduzido dessas línguas na comunidade.

4.1.4.10 Resumo: contato linguístico na comunidade rural de Rio Verde

Na Colônia de Rio Verde, a grande maioria dos moradores é bilíngue em inglês e português. Além disso, há também algumas famílias falantes do Pensilvânia Dutch e quatro indivíduos (todos pertencentes à GII) falantes do Plautdietsch menonita. A grande maioria da comunidade rural de Rio Verde possui a dupla nacionalidade (americana e brasileira) e mantém um vínculo estreito com familiares e amigos mais próximos nos Estados Unidos ou Canadá.

No ambiente familiar, os imigrantes e os seus descendentes dão preferência para o uso do inglês. No caso de famílias exogâmicas (americanas e brasileiras), além do português, frequentemente também se usa o inglês nos lares. Devido ao Plautdietsch existir apenas como remanescente de alguns falantes isolados da GII e estes não terem transmitido essa língua aos seus filhos, não há falantes do Plautdietsch na GI na comunidade rural de Rio Verde. Com o cônjuge, filhos e netos, o grupo CbGII fala quase exclusivamente em inglês; exceto quando os netos são filhos de famílias exogâmicas. Neste caso, também se usa o português. A grande maioria da GI também usa mais o inglês na interação com seus avós, pais e irmãos. Em famílias exogâmicas, a GI tende a usar mais o português.

No contexto religioso, mesmo que o uso do inglês ainda seja algo comum, existe um rápido crescimento do uso do português. Com exceção do culto bilíngue aos domingos pela

²⁸⁵ Tradução do depoimento do informante CbGIIifem: “[O inglês] este ainda vai permanecer. Este nós não vamos perder. Porque outras pessoas brasileiras também querem aprender o inglês. Como também na comunidade, as crianças ali aprendem o inglês. E na escola também, nós temos os dois: inglês e português.”

manhã, a maioria das atividades religiosas na igreja atualmente já é realizada em português. A leitura bíblica e a oração individual são feitas pela GII preferencialmente em inglês. No grupo CbGI, a grande maioria de famílias endogâmicas prefere usar o inglês nessas atividades; por outro lado, os jovens de famílias exogâmicas usam mais o português para a leitura bíblica e oração individual.

A Escola Menonita Monte Alegre na comunidade rural de Rio Verde desempenha um papel fundamental na manutenção do inglês na comunidade. Além do currículo brasileiro, também oferece o currículo americano, no qual todos os conteúdos são ministrados exclusivamente em inglês. A grande maioria dos alunos que participa do currículo americano é de famílias endogâmicas. Visando um melhor relacionamento entre alunos bi e monolíngues, a escola oferece, a partir do terceiro ano fundamental, aulas de inglês para todos os alunos monolíngues português e aulas de português para todos os alunos falantes do inglês. Um dos principais objetivos da escola é tornar todos os alunos em bilíngues fluentes em português e inglês. A GII usou exclusivamente o inglês durante a sua escolaridade nos EUA ou Canadá. A GI, que frequentou a escola na comunidade rural de Rio Verde, usou tanto o inglês como o português com os colegas.

No âmbito do trabalho, os informantes masculinos de ambas as gerações (GI e GII) utilizam mais o português, pois a grande maioria dos empregados das propriedades são monolíngues português. A grande maioria das mulheres da GII e GI não trabalha fora do lar e faz mais uso do inglês no seu dia-a-dia, exceto na comunicação com os empregados monolíngues português ou quando vão à cidade de Rio Verde para fazer compras.

No âmbito da amizade, o grupo CbGII utiliza mais o inglês e pouco o português – contrariamente à geração jovem que, independente de sua origem (americana ou brasileira), faz maior uso do português no âmbito das amizades.

A língua preferida e usada com maior frequência entre a GII é o inglês. Na geração GI, porém, o uso de uma ou outra língua está antes vinculada à questão familiar, ou seja: se esta é endogâmica, o uso do inglês é maior; no caso de ser exogâmica, os jovens geralmente preferem e usam mais o português.

Quanto à competência linguística, a língua que a GII melhor domina é o inglês, seguido do Plautdietsch e do português (quando falantes do Plautdietsch). Na GI, a competência

linguística está novamente relacionada com a descendência do jovem: nas famílias endogâmicas americanas, os jovens tendem a ter um domínio linguístico melhor no inglês; já nas famílias exogâmicas américo-brasileiras os jovens apresentam um domínio linguístico melhor no português. Ambos os grupos, CbGII e CbGI, não escrevem em Plautdietsch e em Hochdeutsch. Quando necessário, o grupo CbGII usa somente o inglês para escrever; o grupo CbGI escreve tanto em português, como em inglês.

Em relação à função das línguas, o Plautdietsch representa, para os informantes do grupo CbGII, antes uma “lembrança da infância” que, desde a chegada ao Brasil, praticamente perdeu a sua função de comunicação, pois não é usado entre aqueles que o falam. O Hochdeutsch também raramente foi falado entre os falantes do Plautdietsch do grupo CbGII. Entre as famílias endogâmicas americanas o inglês continua sendo a principal língua de comunicação e entre famílias exogâmicas o português toma este lugar.

Devido ao Plautdietsch existir apenas como remanescente de alguns falantes isolados da GII, ambas as línguas – a variedade *substandard* e a variedade *standard* (Hochdeutsch) – estão prestes a serem extintas na comunidade rural de Rio Verde. O inglês, por outro lado, poderá persistir por muito tempo na colônia: pois, além de ser a principal língua de comunicação para a maioria dos moradores, usufrui prestígio dentro e fora da comunidade e tem apoio institucional.

No que segue, será analisado como as línguas de imigrações (o Plautdietsch, o Hochdeutsch e o inglês) se representam nas quatro comunidades em estudo.

4.2 O PLAUTDIETSCH FALADO NAS QUATRO COMUNIDADES MENONITAS

Após descrever a situação do contato linguístico entre o *substandard* e o as variedades *standard* das comunidades em estudo, cabe analisar mais aprofundamente a configuração linguística do Plautdietsch face a esses contatos e o que isso revela sobre sua vitalidade linguística. Para tanto, passamos à análise dos dados coletados por meio do questionário referente ao léxico de quatro áreas de atividade que tradicionalmente refletem o cotidiano dos menonitas, ou que pudessem apontar mudanças em seu comportamento linguístico. Referimo-nos ao léxico

do vestuário, da alimentação, de atividades técnicas e agrícolas, assim como também do parentesco.

Uma das características marcantes dos menonitas é a sua forma de viver em comunidades, ou seja, o estabelecimento de grupos ou colônias. Mesmo na cidade de Curitiba, a grande maioria dos menonitas (de origem étnica) está estabelecida em apenas dois bairros (Boqueirão e Xaxim). Neste sentido, é preciso também considerar nessa análise as correspondências entre o seu agrupamento tradicional numa localidade e a sua unidade linguística, como um todo. Na época da migração para o Brasil, a grande maioria dos menonitas das comunidades em estudo falava o Plautdietsch. Ao longo dos anos, esta situação, como vimos, sofreu mudanças consideráveis. O grau de manutenção e perda do Plautdietsch é, no momento sincrônico deste estudo ao menos bastante variável. Constitui, por isso, um dos objetivos desta parte do trabalho, averiguar se a unidade linguística, que um dia existiu, ainda corresponde com a forma de viver em agrupamentos, existente até ainda hoje.

4.2.1 Grau de manutenção de traços do Plautdietsch

A partir das respostas espontâneas (uso da língua) dadas pelos informantes e através das opções sugeridas pela pesquisadora (conhecimento passivo ou desconhecimento), é possível fazer uma comparação quantitativa a respeito do grau de manutenção do Plautdietsch nas quatro comunidades em estudo. Ressaltamos que essa análise estatística não revela a quantidade proporcional de empréstimos no vocabulário do Plautdietsch usado pelos menonitas. No entanto, como este estudo prevê verificar a presença de elementos exógenos no Plautdietsch, as áreas escolhidas são propícias para tal, pois tratam do “dia-a-dia tradicionalmente menonita”, no qual pode haver uma quantidade maior ou menor de uso de empréstimos (eslavismos, anglicismos e lusismos). Através da aplicação de um questionário padronizado em todas as comunidades, essas análises quantitativas podem fornecer um referencial adequado sobre a situação linguística sincrônica das comunidades em estudo, como também possibilitam uma comparação do comportamento linguístico entre os diferentes grupos.

Logo a seguir, apresentamos um gráfico que nos dá uma visão geral sobre o grau de manutenção dos falantes do Plautdietsch das quatro comunidades menonitas em estudo, sendo que: a letra **u** representa as respostas espontâneas dadas pelos informantes em Plautdietsch (isto é, o informante **u**sa efetivamente essa forma); a letra **c** refere-se ao conhecimento passivo (isto é, o informante **c**onhece, mas não usa ativamente a forma sugerida pela entrevistadora); e, por fim, a letra **d** marca o **d**esconhecimento da respectiva forma (do Plautdietsch) sugerida pela entrevistadora:

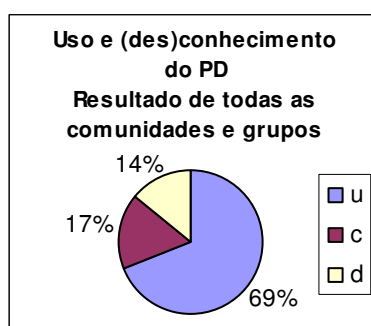


Gráfico 18 - Uso e (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch nas comunidades menonitas em estudo (u = usa PD; c = conhece PD; d = desconhece PD)

A partir dos resultados acima, constatamos um grau de manutenção de traços do Plautdietsch relativamente alto dos informantes, pois responderam a 69% dos itens lexicais de forma espontânea em Plautdietsch, além do conhecimento passivo em 17% do léxico analisado. Somente 14% das formas sugeridas são desconhecidas dos informantes.²⁸⁶ Vale ressaltar que, com exceção do grupo CbGI de Rio Verde, esses dados se referem ao conjunto dos informantes, que ainda falam o Plautdietsch, os quais se constituem em maioria na comunidade de Colônia Nova e Colônia Witmarsum, porém tendem a minoria em Curitiba e representam, por fim, em Rio Verde, apenas alguns casos isolados.

²⁸⁶ Salientamos que, durante a análise do Plautdietsch falado, percebemos uma certa divergência entre as respostas dos informantes. No entanto, devido à complexidade da presente Tese, não pudemos diferenciar, por exemplo, sistematicamente entre as formas alocutivas e delocutivas. Deixaremos, portanto, a análise das diferentes formas e variáveis para um trabalho futuro, no qual estas divergências poderão ser estudadas detalhadamente.

4.2.1.1 Dimensão diatópica: contexto geográfico

Analisando o uso do Plautdietsch na dimensão diatópica, equivalente às quatro comunidades menonitas em estudo, temos os seguintes resultados:

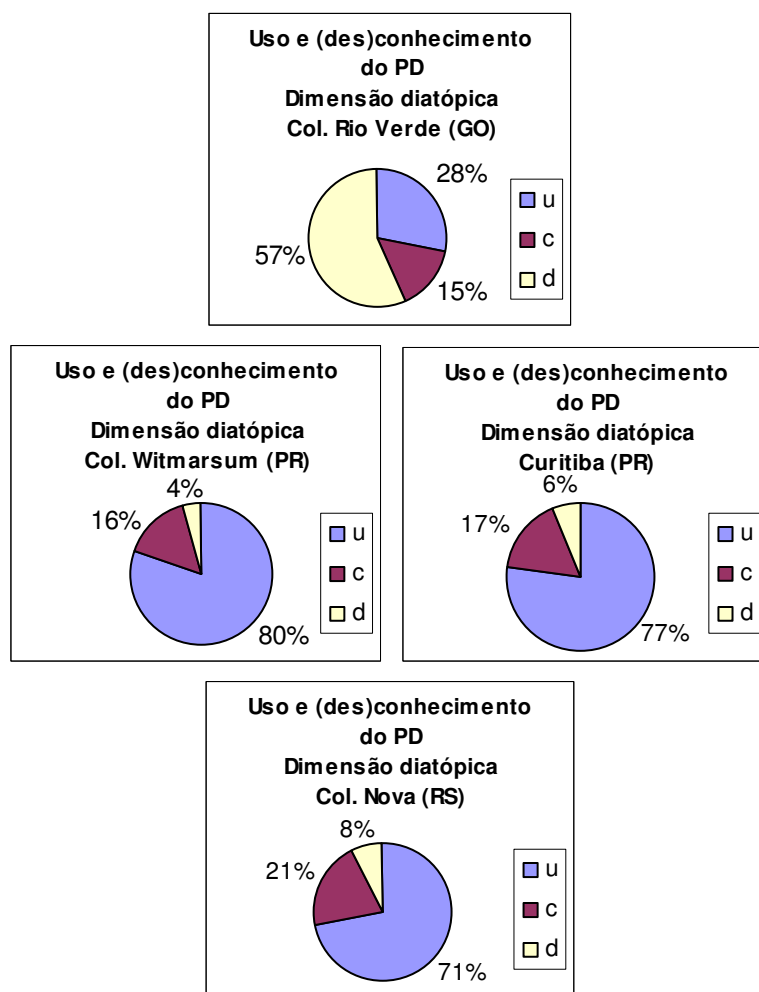


Gráfico 19 - Uso e (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch nas comunidades menonitas em estudo

Todos os informantes das comunidades menonitas do RS e PR responderam, de modo geral, sem dificuldades à maioria das questões lexicais em Plautdietsch. Como é de se esperar, em Rio Verde existem apenas alguns remanescentes, pois o grupo de falantes do Plautdietsch se reduz a alguns casos isolados. Mas, curiosamente, a manutenção de traços do Plautdietsch é maior em Witmarsum (80%) e Curitiba (77%), onde o Hochdeutsch tende a substituir o

Plautdietsch, do que em Colônia Nova (77%), onde o Plautdietsch é a variedade dominante. Isso mostra, a nosso ver, que a configuração da variedade minoritária muda muito mais pelos padrões coletivos de seu uso, e menos pela competência individual dos falantes mais resistentes à perda, em um contexto onde seu uso está até mesmo se reduzindo drasticamente.

Esses resultados relativos ao nível lexical do Plautdietsch sugerem que, ao menos na configuração interna, o Plautdietsch mantém, nas comunidades menonitas do RS e PR, uma vitalidade que permite identificá-lo como marca de identidade que os diferencia de outros grupos de descendência alemã. Evidentemente, como descrevemos nas seções de 4.1, o Plautdietsch não é a única língua/variedade utilizada entre os membros dessas comunidades.

A diferença do maior ou menor uso do Plautdietsch entre as comunidades menonitas – do RS e PR e de Goiás – pode ter, além disso, sua justificativa na história: os falantes do Plautdietsch, membros da comunidade rural de Rio Verde, formam, já há aproximadamente 200 anos, um grupo específico, o qual permaneceu na Rússia apenas por um breve período, preferiu emigrar para a América do Norte e, posteriormente, para o Brasil. A permanência de aproximadamente um século nos Estados Unidos/Canadá provavelmente contribuiu para que muitas famílias menonitas fizessem menor uso do Plautdietsch e boa parte do seu léxico fosse substituída pelo inglês (anglicismo).

4.2.1.2 Dimensão diastrática: papel da escolarização

A dimensão diastrática tem por objetivo averiguar a tendência de uso de uma das línguas em dois diferentes estratos sociais nas comunidades menonitas: Ca (informantes com escolaridade profissionalizante ou superior) e Cb (informantes com máximo 11 anos de escolaridade). Convém lembrar que, em ambas as comunidades rurais do RS e PR (Colônia Nova e Colônia Witmarsum), foram selecionados dois informantes em cada grupo. Em Curitiba, no entanto, não foram encontrados informantes da GI pertencentes ao grupo Cb, pois todos os falantes do Plautdietsch (entre 18 e 35 anos) com quem entramos em contato têm mais de 11 anos de escolaridade. Na comunidade rural de Rio Verde, foram encontrados somente informantes do grupo Cb, ou seja, informantes que têm, no máximo, oito anos de escolarização. Uma formação

escolar mais completa não é bem vista pela liderança da igreja, nem pelos líderes dessa comunidade. Mesmo que nessas duas últimas comunidades (Curitiba e Rio Verde) não puderam ser encontrados todos os informantes pertencentes aos grupos Ca e Cb, julgamos relevante verificar essa dimensão nos locais e gerações existentes, pois tal aspecto pode estar contribuindo na manutenção ou perda da(s) língua(s) de imigração.

Seguem, abaixo, os resultados sobre o uso e/ou (des)conhecimento do Plautdietsch nos grupos sociais Ca e Cb de todas as quatro comunidades:

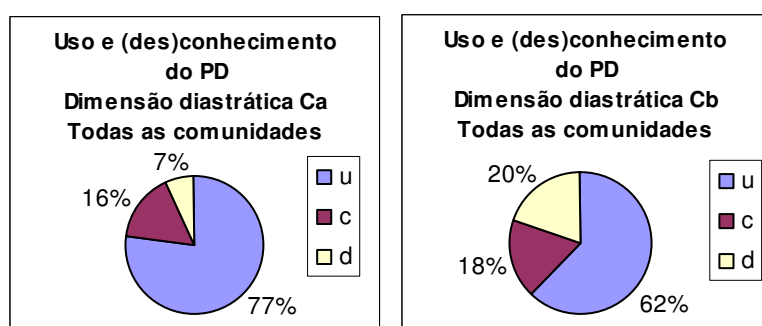


Gráfico 20 - Uso e (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos Ca e Cb selecionados nas comunidades menonitas em estudo

Ao analisarmos os gráficos acima, verificamos, contrariamente a nossa expectativa, que, no grupo Ca, o percentual de uso espontâneo do Plautdietsch é 15% maior que no grupo Cb. Mesmo que o conhecimento passivo do Plautdietsch, entre o grupo Ca (16%) e Cb (18%) não se diferencie muito, o desconhecimento do léxico em Plautdietsch, no entanto, chega a 13% a mais no grupo Cb. Diante desses resultados verificamos que, os informantes Ca entrevistados mantêm mais traços do Plautdietsch na sua fala em Plautdietsch. Ou seja, o Plautdietsch do grupo Cb já deve estar com o processo de lusitanização mais avançado, na comunidade, isto é, no âmbito coletivo. O que as entrevistas registraram foram usos individuais de informantes mais ou menos conscientes dessas diferenças. No caso, em Witmarsum, esses informantes são os que resistem mais à perda do *substandard*.

Convém mencionar que, ao selecionarmos apenas as comunidades menonitas do RS e PR, a diferença entre o resultado dos grupos Ca e Cb não são relevantes, como mostram os gráficos abaixo:

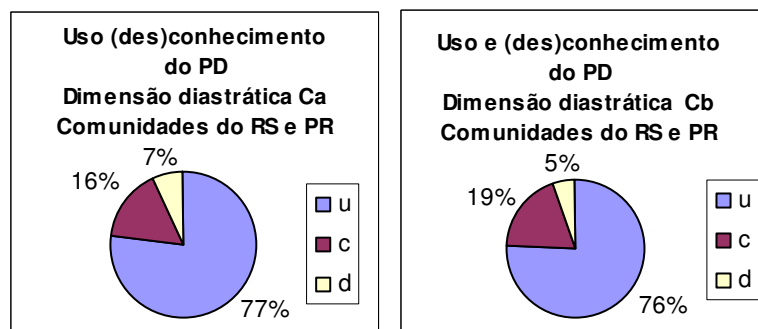


Gráfico 21 - Uso e (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos Ca e Cb selecionados nas comunidades menonitas do RS e PR

Nas comunidades do RS e PR, onde se registra uma presença mais acentuada do Plautdietsch, o percentual do uso espontâneo do Plautdietsch no grupo Cb aumenta 15%, ou seja, o grupo Cb usa 76% dos léxicos perguntados. A partir desse dado, conclui-se que praticamente não há diferença entre os grupos sociais Ca e Cb em relação ao uso do Plautdietsch nas comunidades menonitas do RS e PR.

Analisando as quatro comunidades separadamente na dimensão diastrática, temos os seguintes resultados:

Dimensão diastrática – Grupo Ca

Dimensão diastrática – Grupo Cb

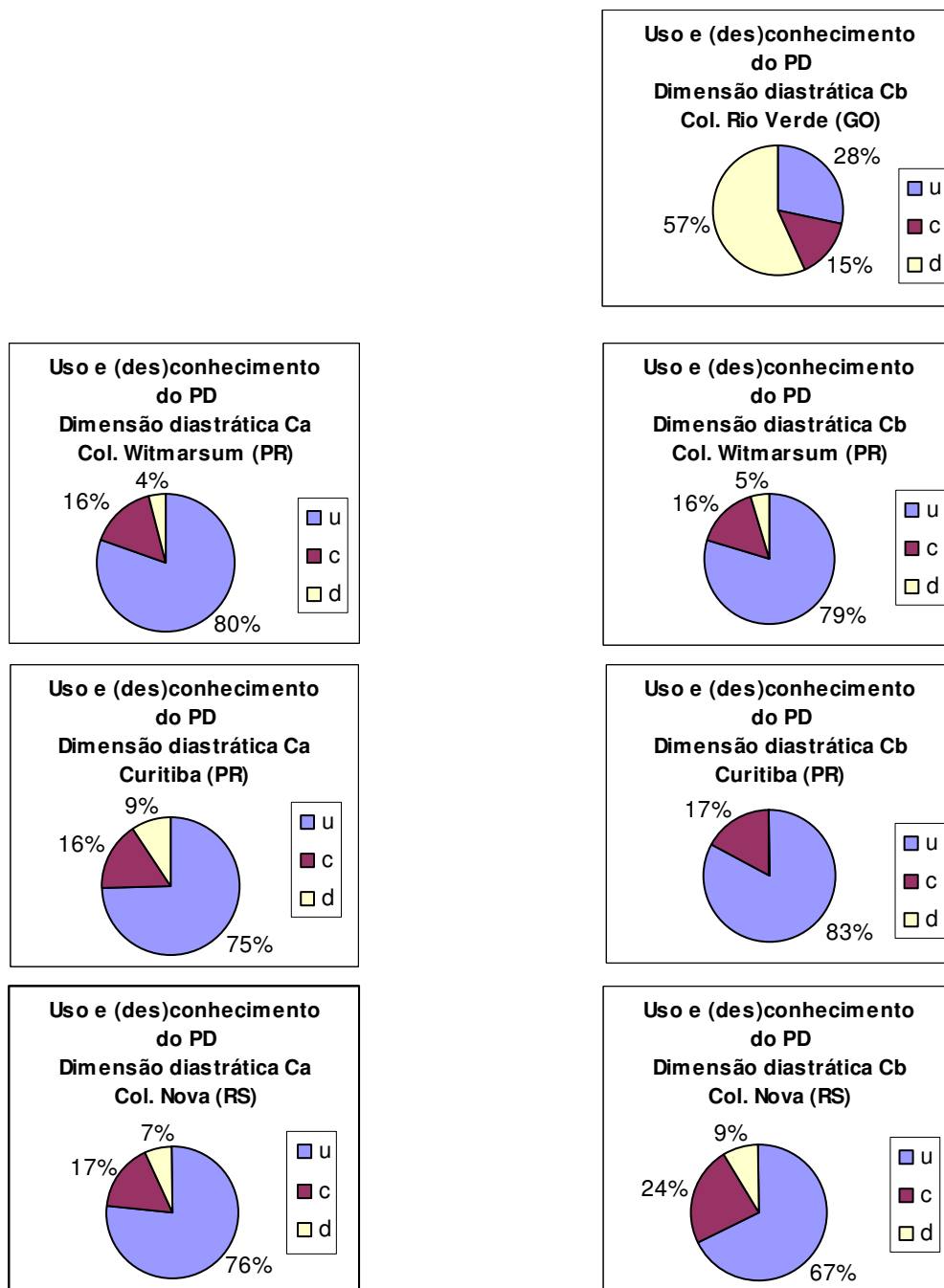


Gráfico 22 - Quadro geral do uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos Ca e Cb selecionados nas comunidades menonitas em estudo

O grupo Cb da comunidade rural de Rio Verde respondeu espontaneamente a 28% do léxico em Plautdietsch. Na Colônia Witmarsum, os grupos sociais Ca e Cb praticamente não se diferenciam em relação à manutenção de formas lexicais do Plautdietsch. Sua ocorrência chega a 80% e 79%, respectivamente. Na comunidade menonita urbana de Curitiba, o grupo Cb superou o uso do Plautdietsch (83%) em relação ao grupo Ca (75%). Importante ressaltar que, em Curitiba, foi encontrado apenas o grupo Cb na GII, ou seja, todos os falantes do Plautdietsch da GI (entre 18 e 35 anos) dessa comunidade têm escolaridade superior. Esse fator pode ter contribuído para que a porcentagem do uso do Plautdietsch no grupo Cb, em Curitiba, superasse a das outras comunidades menonitas. Na Colônia Nova, o grupo Ca respondeu espontaneamente a 76% das palavras em Plautdietsch, enquanto o grupo Cb atingiu 67%. Diante desses resultados verificamos que, os falantes do grupo Ca das comunidades rurais tendem a usar mais o Plautdietsch ao falar nessa variedade e que o grupo Cb tem maior influência de lusismos e, ou anglicismos. Contrariamente, em Curitiba, o grupo Cb resiste mais fortemente à perda do *substandard*.

4.2.1.3 Dimensão diageracional: mudança em tempo aparente

A dimensão diageracional serve para identificar mudanças em tempo aparente de um comportamento ou variável linguística. A partir da comparação dos resultados das diferentes faixas etárias, pode-se, por exemplo, averiguar o nível atual de manutenção/perda da língua de imigração, bem como analisar o grau de lusitanização na comunidade. Esse processo é especialmente perceptível na comparação do uso e (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch entre as duas gerações (GI e GII), como se pode ver no gráfico a seguir:

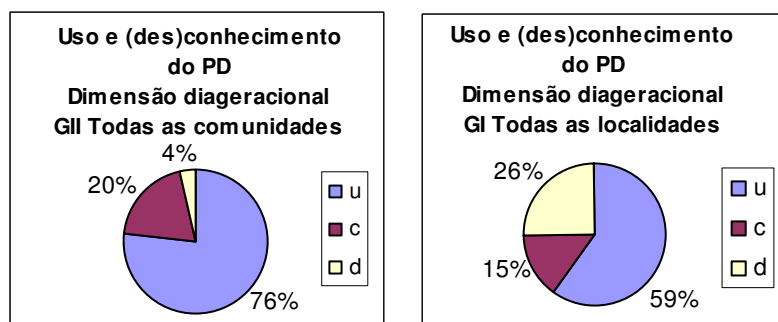


Gráfico 23 - Uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos GI e GII selecionados nas comunidades menonitas em estudo

Verifica-se, pelo gráfico acima, uma drástica diminuição no uso e conhecimento de formas lexicais típicas do Plautdietsch da geração mais velha (GII) para a geração jovem (GI). Isso denota uma mudança em curso na direção tanto da perda do Plautdietsch, quanto da sua lusitanização, como poderemos atestar mais adiante. Mesmo que a GI tenha um conhecimento passivo do Plautdietsch (15%) semelhante ao da GII (20%), a diferença do uso ativo da língua chega a 17% entre ambas as gerações; além disso, o desconhecimento do Plautdietsch tende a aumentar na GI. A partir desses dados, é possível projetar um declínio rápido do conhecimento do Plautdietsch para as próximas gerações, uma vez que estas ouvirão bem menos as variantes do Plautdietsch em função de sua substituição crescente por empréstimos.

Ao selecionarmos apenas as comunidades menonitas do RS e PR, verificamos que a diferença em relação ao uso do Plautdietsch entre os grupos GII e GI também está em *dégradé* (degradação), como mostram os gráficos abaixo:

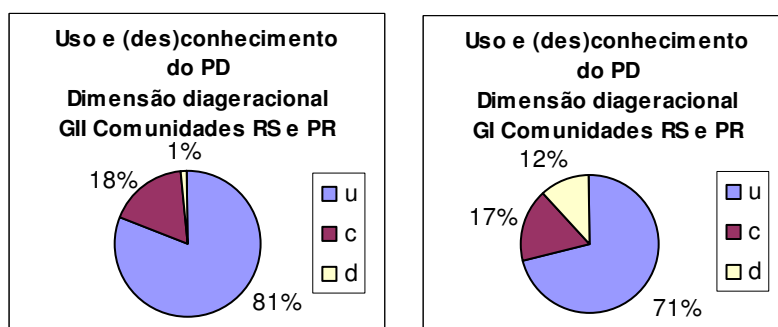


Gráfico 24 - Uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos GI e GII selecionados nas comunidades menonitas do RS e PR

Como se vê, na GII, o uso do Plautdietsch aumenta de 76% para 80%. No entanto, mesmo que na GI a porcentagem aumente de 56% para 66%, a diferença do uso espontâneo de palavras do Plautdietsch entre a GI e a GII chega a 14%. Este dado reflete que também há, nas comunidades menonitas do RS e PR, um declínio crescente do conhecimento de formas do Plautdietsch na GI.

Analisando as quatro comunidades separadamente, quanto à dimensão diageracional, obtém-se os seguintes resultados:

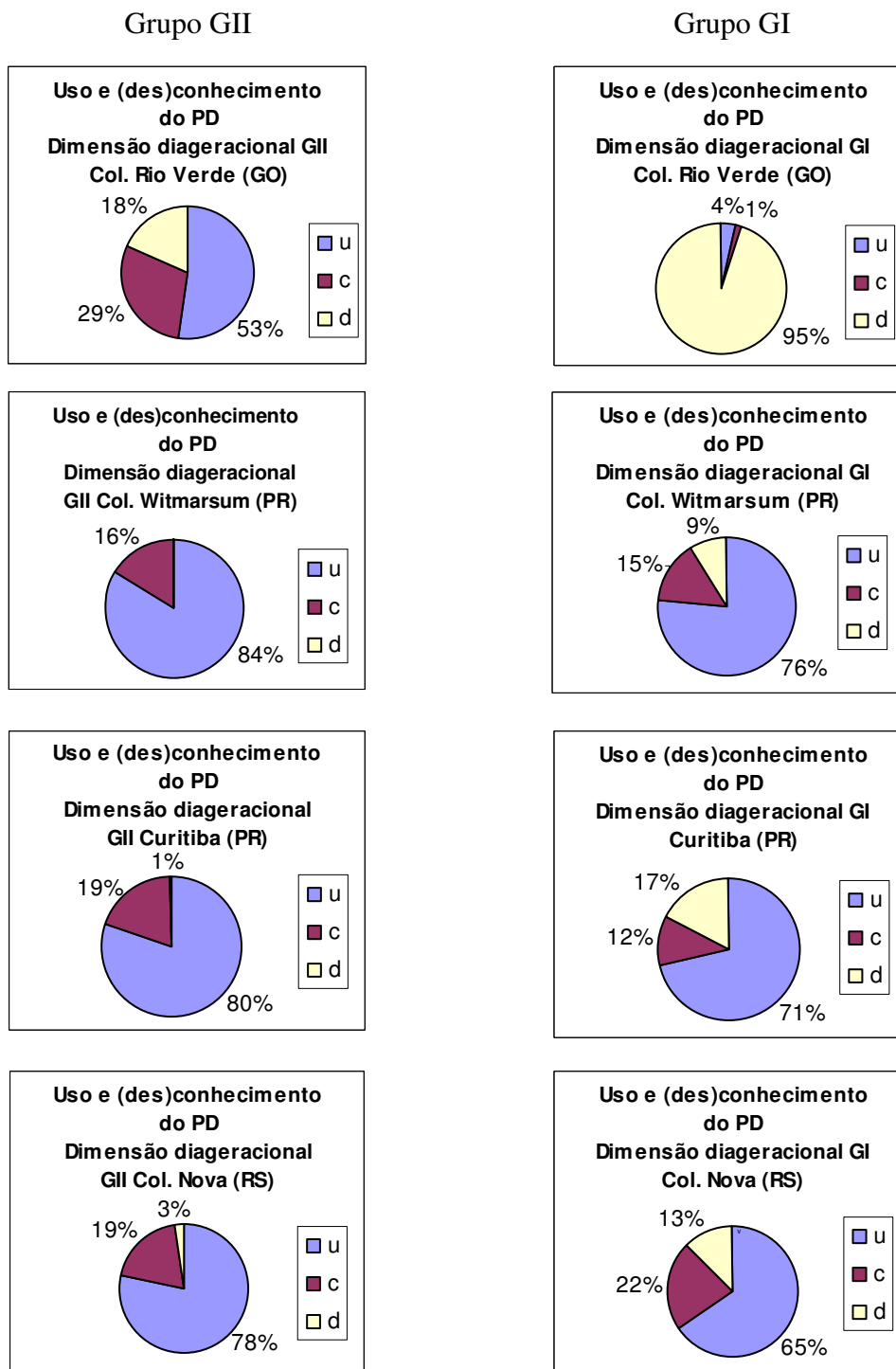


Gráfico 25 - Quadro geral do uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nos grupos GI e GII selecionados nas comunidades menonitas em estudo

É preciso considerar novamente que, em Rio Verde, o Plautdietsch é falado apenas por alguns falantes isolados e que o grupo GI sequer fala o Plautdietsch. Mesmo assim, é interessante observar que, embora mínimo em comparação com as comunidades menonitas do RS e PR, há um percentual de 5% dos itens lexicais conhecidos em Plautdietsch pelo grupo GI. A GII dessa comunidade respondeu a 53% do léxico em Plautdietsch e 18% das palavras chegam a ser desconhecidas para esse grupo.

Em Witmarsum, a GII atingiu o maior valor em relação ao léxico perguntado em Plautdietsch: 84% das respostas foram dadas espontaneamente em Plautdietsch e nenhuma forma é totalmente desconhecida. A mesma tendência se observa na GI dessa comunidade que deu respostas espontâneas em 76% do léxico perguntado. Uma alta porcentagem de uso do Plautdietsch também é constatada entre a GII em Curitiba: 80% é usado espontaneamente e apenas 1% do léxico é desconhecido. Na GI dessa comunidade, no entanto, verificamos um declínio em relação ao uso do Plautdietsch: 71% do léxico é usado espontaneamente e 17% é desconhecido. Em Colônia Nova, constatamos a maior diferença de uso do Plautdietsch entre as gerações: há um decréscimo de cerca de 10% da geração GII para a GI. Todavia, há um conhecimento passivo relativamente alto por parte da GI da Colônia Nova (22%), ou seja, esse grupo não usa, mas conhece a maior parte do léxico perguntado.

Comparando os dados das gerações GII e GI, nas comunidades em estudo, constata-se a relevância da dimensão diageracional, que aponta uma mudança em curso na direção da perda de léxico em Plautdietsch.

4.2.1.4 Resumo

Ao cruzar todos os resultados relativos à análise do léxico em Plautdietsch ainda conhecido ou usado pelos informantes, nas três dimensões básica – diatópica, diastrática e diageracional (CaGII, CaGI, CbGII, CbGI) – chega-se ao seguinte gráfico geral:

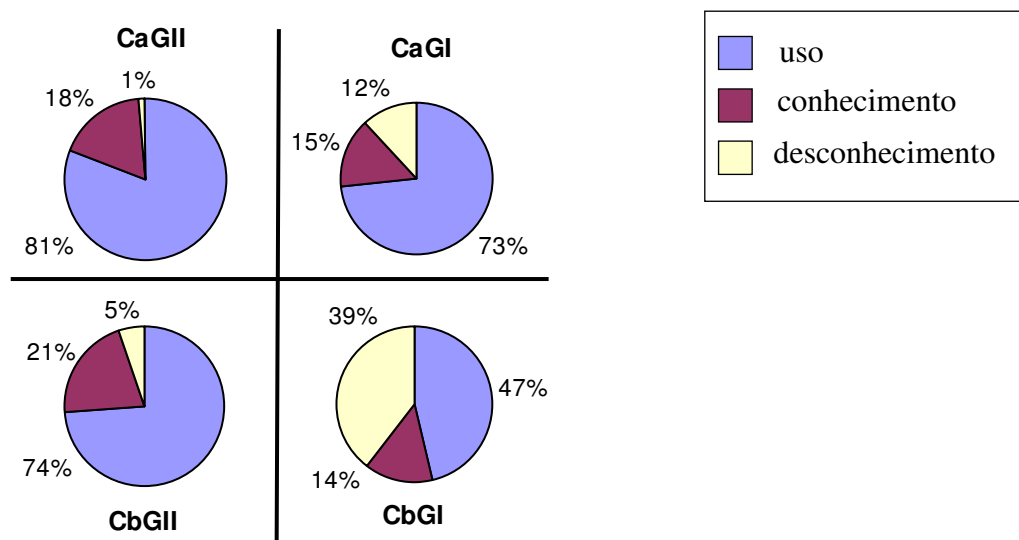


Gráfico 26 - Uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, no cruzamento das três dimensões selecionadas (diatópica, diastrática e diageracional)

O grupo CaGII respondeu espontaneamente a 81% dos léxicos questionados em Plautdietsch, seguido dos CbGII e CaGI, que responderam a 74% e 73%, respectivamente. O grupo CbGI respondeu espontaneamente a apenas 47% dos léxicos perguntados e, ao mesmo tempo, apresenta o menor valor (14%) de léxicos conhecidos passivamente e o maior valor (39%) de léxicos desconhecidos no Plautdietsch. O gráfico mostra, desta maneira, que o grupo CaGII apresenta a maior competência linguística no Plautdietsch, seguido pelos grupos (em ordem decrescente) CbGII, CaGI e CbGI. Também fica evidente a perda de conhecimento e uso do léxico em Plautdietsch da geração mais velha, com escolaridade mais alta, para a geração mais nova, com escolaridade mais baixa.

Os gráficos a seguir complementam e corroboram essas tendências:

Uso e (des)conhecimento do Plautdietsch nas quatro comunidades menonitas em estudo

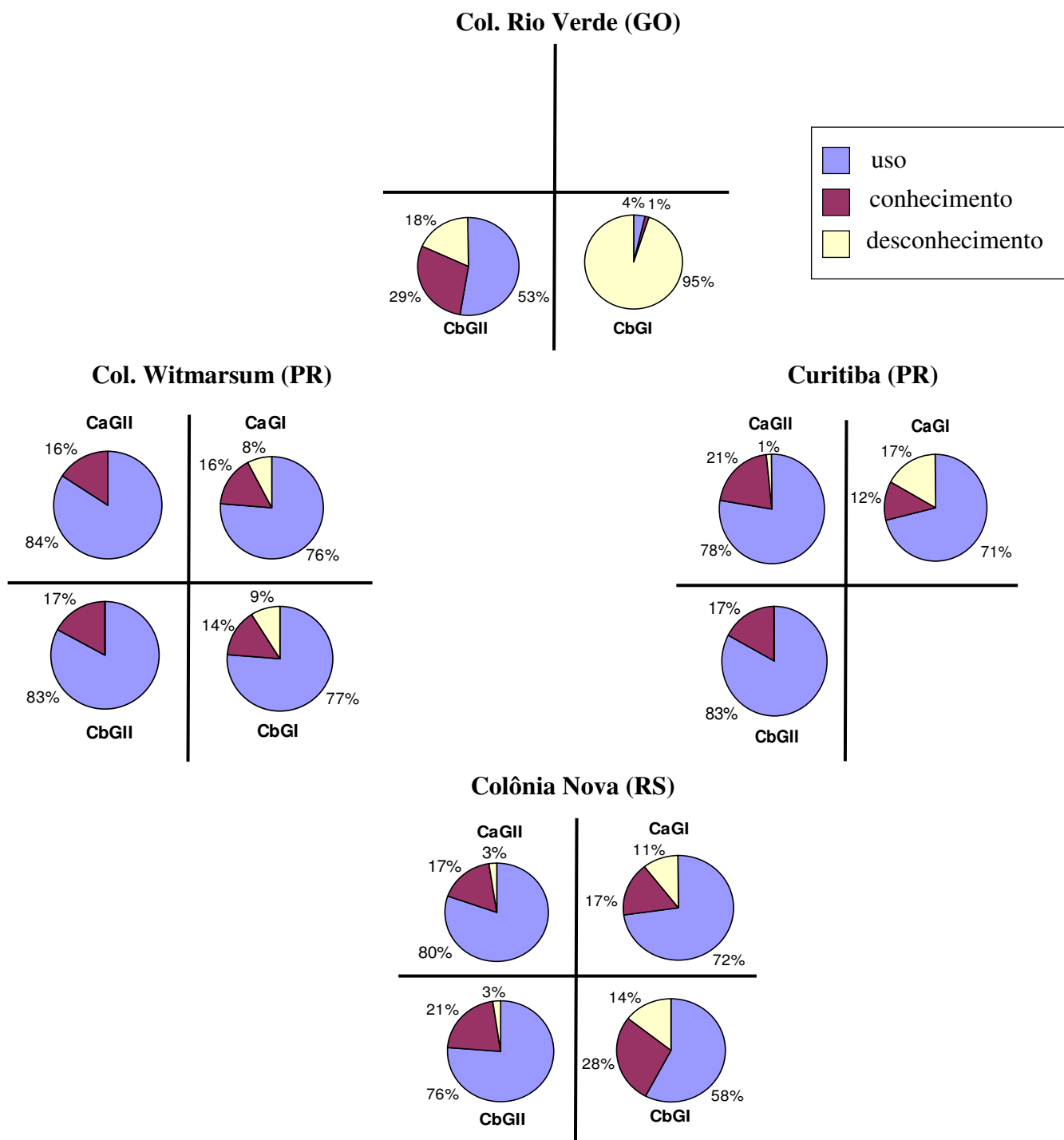


Gráfico 27 - Quadro geral do uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nas quatro comunidades menonitas em estudo

De acordo com os resultados acima, verifica-se que a grande maioria dos diferentes grupos (Ca, Cb, GII e GI) das três comunidades do RS e PR apresenta um alto grau de manutenção das formas lexicais ao falar o Plautdietsch. Na **dimensão diatópica**, a comunidade rural de Rio Verde é a única comunidade menonita que foge desse paradigma, ou melhor, onde o Plautdietsch é falado por pouquíssimos, restringindo-se a alguns falantes da GII. Em Curitiba era de se esperar que a comunidade tivesse um grau maior de perda da variedade *substandard*, uma vez que está situada na capital do estado. A Colônia Nova, contrariamente a nossa expectativa, apresenta uma perda maior do Plautdietsch, comparado com a Colônia Witmarsum que está localizada mais perto de um grande centro urbano.

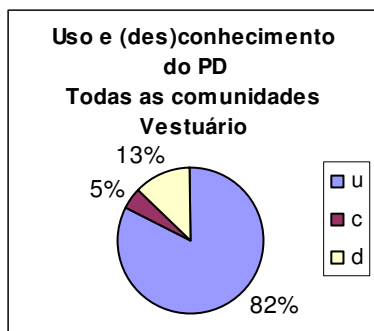
Na **dimensão diastrática**, os grupos das comunidades do RS e PR não apresentam uma diferença significativa, exceto o grupo da geração GI da Colônia Nova, no qual os informantes com maior escolaridade (Ca) apresentam um grau maior de manutenção das formas lexicais em Plautdietsch, comparado com o grupo Cb.

Na **dimensão diageracional**, a perda das formas lexicais do Plautdietsch torna-se mais perceptível: em todas as localidades a GI segue a mesma tendência, ou seja, apresenta um grau menor de manutenção do Plautdietsch, comparado com a GII.

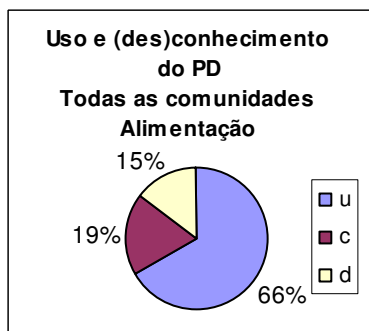
4.2.2 Vitalidade do Plautdietsch em distintas áreas do léxico

Conforme já aludimos, foi aplicado a cada grupo de informantes um questionário de 76 perguntas sobre variantes do léxico, com o objetivo de identificar graus de manutenção de formas do *substandard* do Plautdietsch tendo em vista níveis de ocorrência: resposta espontânea (= uso ativo), aceitação de forma sugerida pela entrevistadora (= conhecimento passivo) ou não-aceitação de sugestão (= desconhecimento e conseqüente desuso da respectiva variante). A série de gráficos a seguir resume, neste sentido, os índices de ocorrência de cada tipo de resposta nas quatro áreas do léxico selecionadas:

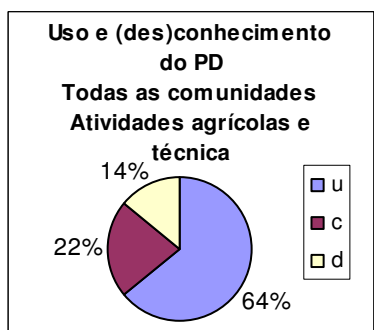
Área do vestuário



Área da alimentação



Área das atividades agrícolas



Área do parentesco e família

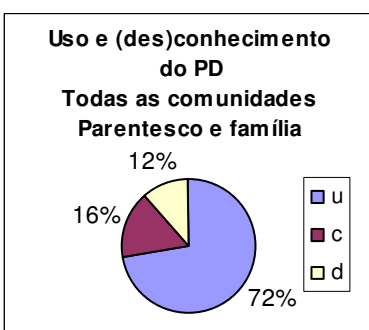


Gráfico 28 - Quadro geral do uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, nas quatro áreas do léxico selecionadas (vestuário, alimentação, atividades agrícolas e parentesco)

De acordo com os gráficos, no vestuário parece manter-se o maior número de formas do Plautdietsch ainda ativas no vocabulário dos menonitas, ou seja, 82% do léxico em Plautdietsch; enquanto 5% das formas sugeridas são conhecidas passivamente e apenas 13%, desconhecidas. Este resultado chama atenção se considerarmos que o vestuário, nas sociedades, costuma renovar-se através do tempo. No caso de uma sociedade tradicional como a dos menonitas, é, no entanto, compreensível esse conservadorismo. O que novamente chama atenção é que a manutenção de formas *substandard* no vestuário supera até mesmo o da área de alimentação, que poderia ser vista como ainda mais identificada com a cultura (hábitos alimentares) do grupo. Ressalte-se, porém, que os menonitas, há vários séculos, normalmente adaptam a sua culinária ao contexto onde moram, bem como usam os nomes dados aos respectivos pratos típicos das

diferentes culturas.²⁸⁷ Registraram-se, neste terreno, 66% das palavras selecionadas como sendo ainda usadas ativamente em Plautdietsch, portanto uma diferença de quase 20%, além de 19% das formas de conhecimento passivo, e 15%, totalmente desconhecidas.

Do mesmo modo, poderíamos pensar na influência da cultura majoritária, p.ex. através dos casamentos exogâmicos, na área do parentesco e da família. Mesmo aqui, contudo, os informantes mostram um alto percentual de uso ativo de formas do Plautdietsch (72%). Apenas 12% do léxico desta área é desconhecido, sendo 16% das formas ainda conhecidas, apesar de estarem caindo em desuso. Estes resultados podem ser vistos como um sinal da importância que as comunidades menonitas em geral atribuem a laços familiares e encontros, nos quais o uso da variedade *substandard* é mais comum.

Na área das atividades agrícolas e da técnica, encontra-se a menor porcentagem de uso do Plautdietsch (64%), mas, ao mesmo tempo, a maior porcentagem de conhecimento passivo (22%). Este fator não deve causar estranheza, uma vez que, no setor das atividades agrícolas, é comum o uso de novas tecnologias, como por exemplo, a compra de novas máquinas agrícolas, para as quais os menonitas geralmente adotam o nome dado pela sociedade majoritária (português).

Resumindo, nas áreas do vestuário e do parentesco, o uso do Plautdietsch permanece mais estável, enquanto nas áreas da alimentação e das atividades agrícolas/técnica o Plautdietsch já apresenta maior influência das demais variedades em contato, certamente da língua majoritária, como veremos adiante.

A seguir, analisamos o uso e o (des)conhecimento do Plautdietsch em cada uma das áreas do léxico em particular, considerando variações de comportamento nas diferentes dimensões de análise.

4.2.2.1 Área do vestuário

Analisando o uso e o (des)conhecimento de formas do léxico associado ao Plautdietsch na área do vestuário nas diferentes dimensões, temos os seguintes resultados:

²⁸⁷ A tese de Joachim Steffen (2006), que trata do uso do Plautdietsch nas comunidades menonitas em Belize, também confirma esta constatação.

Uso e (des)conhecimento do Plautdietsch na área do VESTUÁRIO

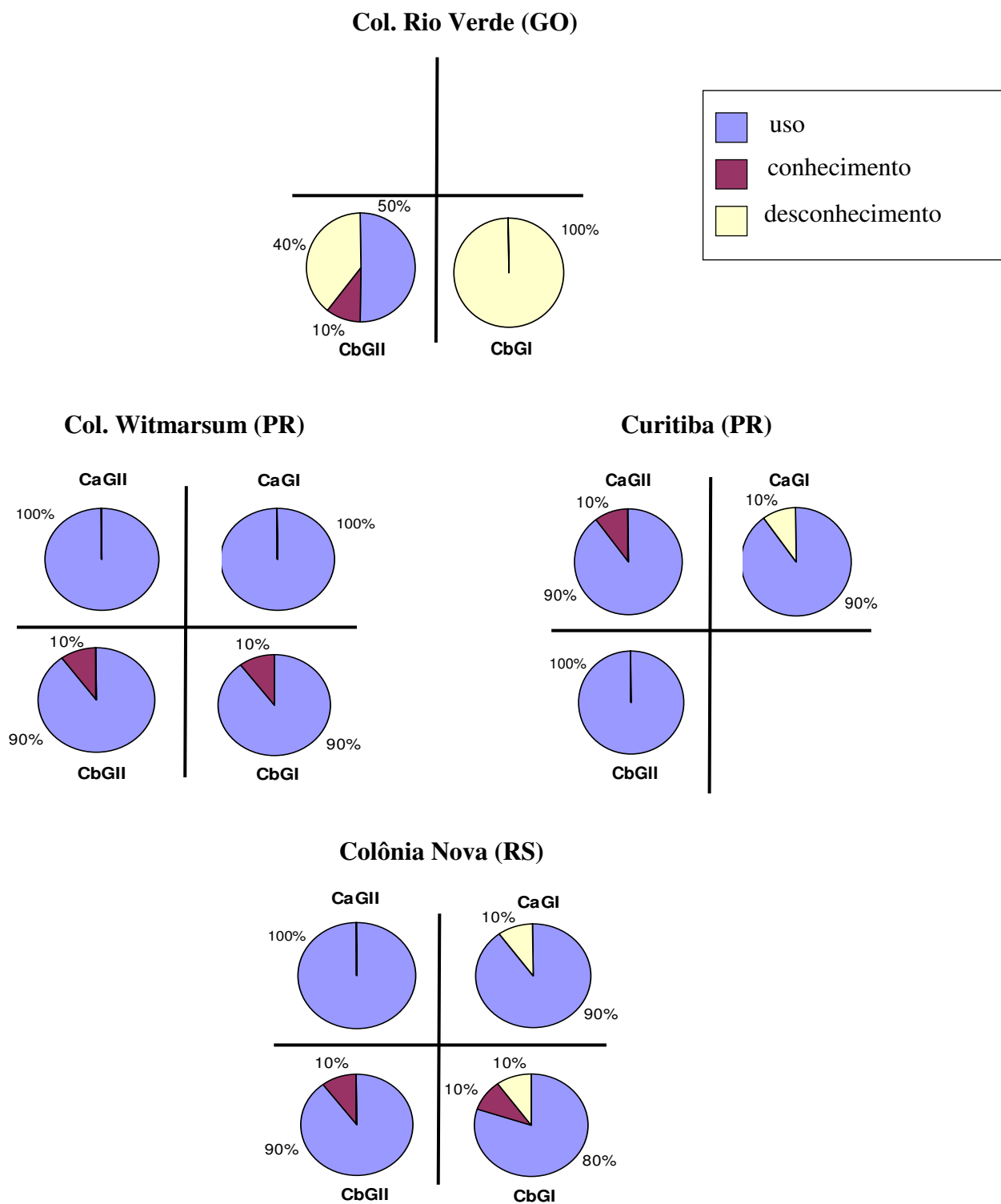


Gráfico 29 - Uso e/ou (des)conhecimento de formas lexicais do Plautdietsch, na área do vestuário

Dimensão diatópica: na área do vestuário, o uso do Plautdietsch atinge a sua maior porcentagem nas comunidades menonitas do RS e PR; ou seja, nessas localidades, os grupos CaGII, CaGI, CbGII responderam espontaneamente a 90% ou mais das perguntas sobre itens lexicais em Plautdietsch. Apenas o grupo CbGI de Colônia Nova apresenta um índice inferior (80%), mesmo assim ainda considerável. Esses dados comprovam que o uso do Plautdietsch, na área do vestuário, ainda permanece bastante resistente às influências do português (e espanhol) nas comunidades menonitas do RS e PR.

Na comunidade rural de Rio Verde, o grupo CbGII respondeu a apenas 50% dos itens lexicais do vestuário em Plautdietsch, ou seja, constata-se uma perda de metade do léxico em Plautdietsch, nessa área, o que sugere que, provavelmente, foi substituído por empréstimos do inglês e/ou português (anglicismos e lusismos). O grupo CbGI, que não fala mais a variedade Plautdietsch, precisa neste caso ser desconsiderado.

Dimensão diastrática: nas comunidades rurais (Colônia Witmarsum e Colônia Nova), o grupo Ca supera o grupo Cb em 10% no uso do Plautdietsch; na comunidade urbana de Curitiba, no entanto, o grupo Cb faz maior uso do Plautdietsch na área do vestuário.

Dimensão diageracional: nas comunidades do Paraná (Colônia Witmarsum e Curitiba), não há diferença quanto ao uso do Plautdietsch entre a GI e GII. Na Colônia Nova, no entanto, em ambos os grupos Ca e Cb, os jovens responderam a 10% do léxico em Plautdietsch a menos em relação à GII. Na comunidade rural de Rio Verde, como já mencionamos acima, a GII respondeu a 50% do léxico em Plautdietsch, enquanto a GI desconhece todas as formas sugeridas, da área do vestuário em Plautdietsch.

4.2.2.2 Área da alimentação

A análise do uso e/ou (des)conhecimento de formas do léxico do Plautdietsch na área da alimentação, nas diferentes dimensões, aponta para os seguintes resultados visualizados através dos gráficos:

Uso e (des)conhecimento do Plautdietsch na área do ALIMENTAÇÃO

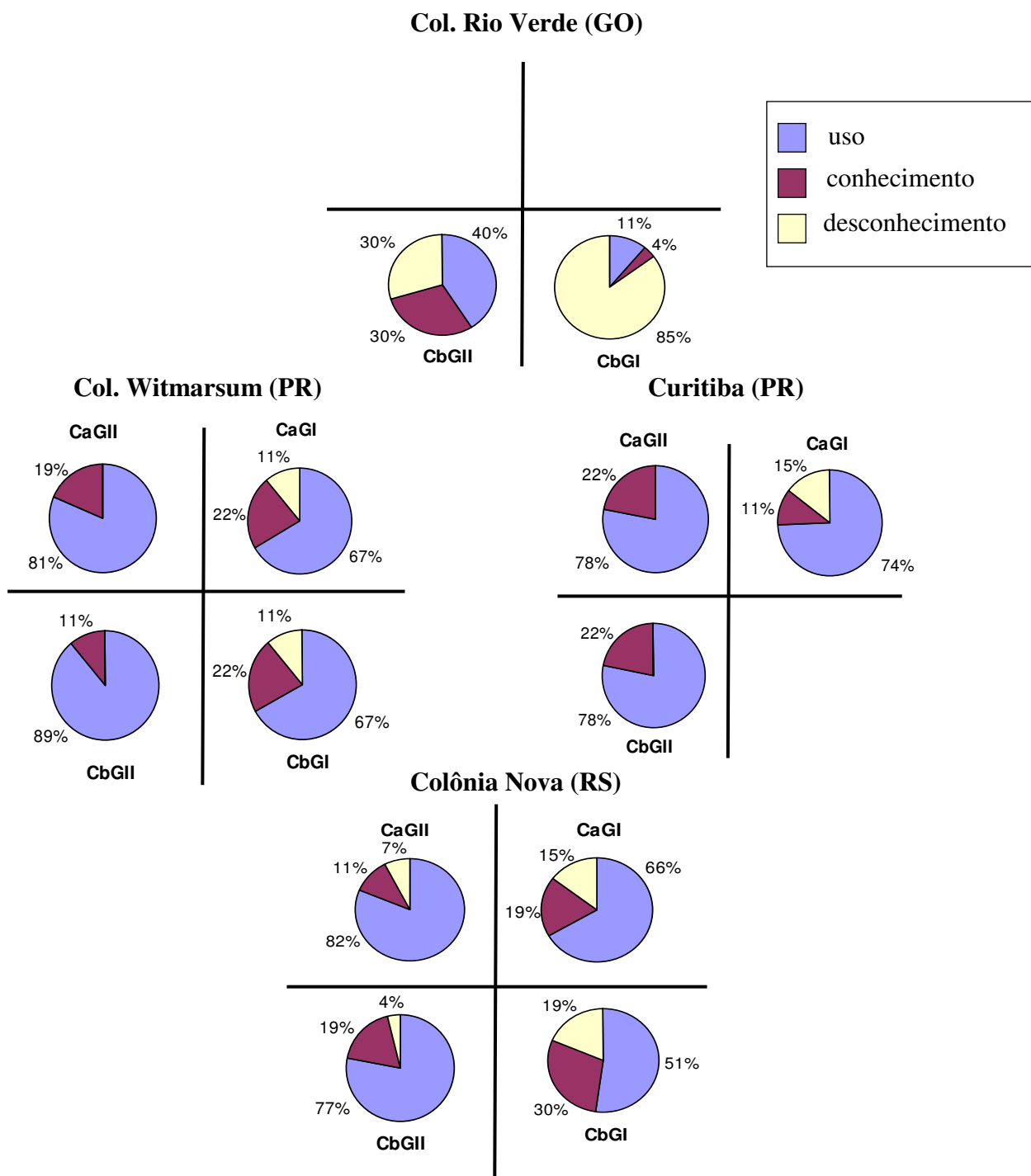


Gráfico 30 - Uso e/ou (des)conhecimento de variantes lexicais do Plautdietsch, na área da alimentação

Dimensão diatópica: na área da alimentação, as formas lexicais do Plautdietsch alcançam seu maior percentual de uso nos grupos CaGII e CbGII da Colônia Witmarsum e no grupo CaGII da Colônia Nova, superando os 80%. Na comunidade de Curitiba, os grupos CaGII e CbGII também atingem um valor alto de uso do Plautdietsch, com respostas espontâneas em 78% dos casos. Na comunidade rural de Rio Verde, o grupo CbGII usa 40% do léxico selecionado em Plautdietsch, enquanto, por razões já vistas, o grupo CbGI desconhece a maior parte do léxico inquirido (85%).

Dimensão diastrática: na dimensão diastrática, não se apresentam diferenças significativas entre os resultados de Ca e Cb, com exceção talvez entre os informantes da CbGII e CaGII de Colônia Nova, porém, neste caso, com percentual muito pequeno, variando entre 4 e 7% respectivamente. Cabe acrescentar que entre os jovens em Colônia Nova a perda se dá no sentido inverso, ou seja, aumenta entre o grupo CbGI.

Dimensão diageracional: em todas as localidades, observa-se, novamente, uma perda considerável do léxico em Plautdietsch da geração mais velha (GII) para a geração jovem (GI), especialmente em Witmarsum, Colônia Nova e Rio Verde, ou seja, nas comunidades rurais, e ambos os estratos sociais.

4.2.2.3 Área das atividades agrícolas e técnica

Analisando o uso e o (des)conhecimento das variantes do Plautdietsch na área das atividades agrícolas e técnica, nas diferentes dimensões, chegou-se aos seguintes resultados, representados nos gráficos a seguir:

Uso e (des)conhecimento do Plautdietsch na área das ATIVIDADES AGRÍCOLAS / TÉCNICA

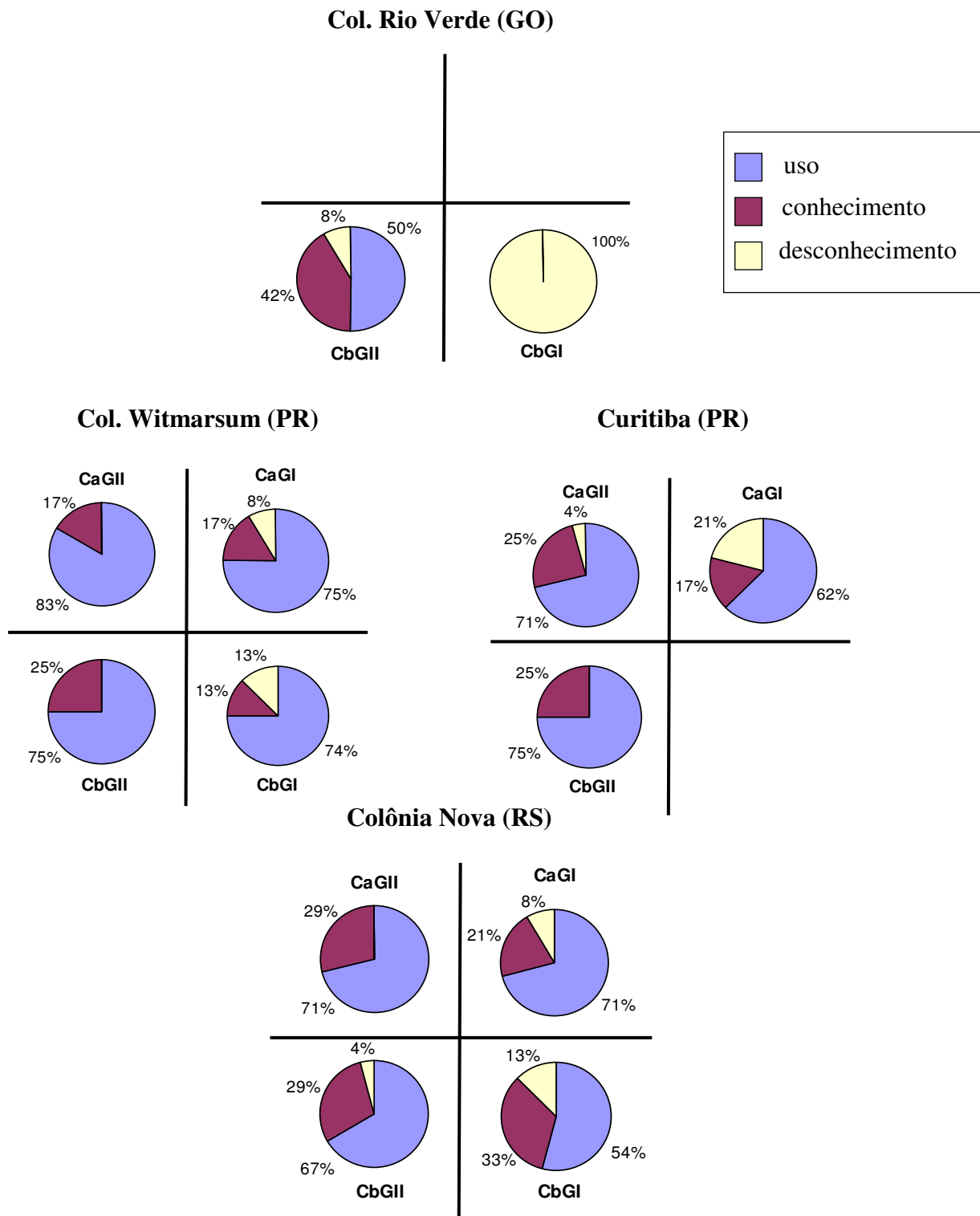


Gráfico 31 - Uso e/ou (des)conhecimento de variantes lexicais do Plautdietsch, na área das atividades agrícolas e técnicas

Dimensão diatópica: em relação ao léxico da área de atividades agrícolas e técnica, repete-se a mesma tendência anterior de manutenção de variantes do Plautdietsch sobretudo nos dados dos informantes de Witmarsum e Curitiba e perda maior em Rio Verde. Os informantes de todos os grupos da Colônia Witmarsum responderam espontaneamente a 74% ou mais do léxico em Plautdietsch. Cabe ressaltar que o grupo CbGII de Curitiba ainda participou da época em que o sustento familiar provinha da área rural, o que deve explicar a manutenção em Plautdietsch de 75% do léxico das atividades agrícolas e técnicas. Na comunidade rural de Rio Verde, o uso do Plautdietsch na área das atividades agrícolas restringe-se ao grupo CbGII, o qual respondeu a 50% do léxico em Plautdietsch.

Dimensão diastrática: com exceção da localidade de Curitiba, todos os grupos Ca das outras localidades tiveram um percentual maior do léxico nessa área agrícola respondido em Plautdietsch, comparado com o grupo Cb. Chama atenção, no entanto, a diferença de resultados entre a geração mais nova de Ca e Cb de Colônia Nova, de 17%: sendo no grupo Ca 71% do léxico em Plautdietsch, e no grupo Cb, apenas 54%. Esse resultado surpreende pelo fato de, em geral, o grupo Cb ter maior afinidade e ligação com as atividades agrícolas, porém mostra, ao mesmo tempo, que o grupo está mais aberto para usar lusismos e, ou anglicismos nesta área.

Dimensão diageracional: os dados representados por meio dos gráficos acima reiteram a relevância da dimensão diageracional, na área das atividades agrícolas e técnica. Em todas as comunidades – nas respostas tanto de Ca quanto de Cb registra-se uma mudança em curso na direção da perda de léxico do Plautdietsch da geração GII para a GI. Em Curitiba, essa perda de uso e conhecimento de elementos do léxico do Plautdietsch chega a 21% de itens desconhecidos na CaGI, que nos demais pontos, gira em torno de 8-9%, sendo que na CbGI de Witmarsum e de Colônia Nova atinge 13%. Estes dados sugerem que, na Colônia Nova, os empréstimos no Plautdietsch são usados há mais tempo que nas duas comunidades do Paraná, ou seja o processo de relexificação aparece em fase mais avançada, ou concluída, especialmente no grupo Cb, uma vez que a GII dessa comunidade apresenta a menor porcentagem de uso do Plautdietsch, entre as três comunidades da região Sul. Na comunidade rural de Rio Verde, como já mencionamos anteriormente, somente a GII faz uso do Plautdietsch na área das atividades agrícolas e técnica.

4.2.2.4 Área do parentesco e da família

Para finalizar esta parte, analisemos o uso e o (des)conhecimento do léxico do Plautdietsch na área do parentesco e da família, nas três dimensões básicas (diatópica, diastrática e diageracional):

Uso e (des)conhecimento do Plautdietsch na área do PARENTESCO / FAMÍLIA

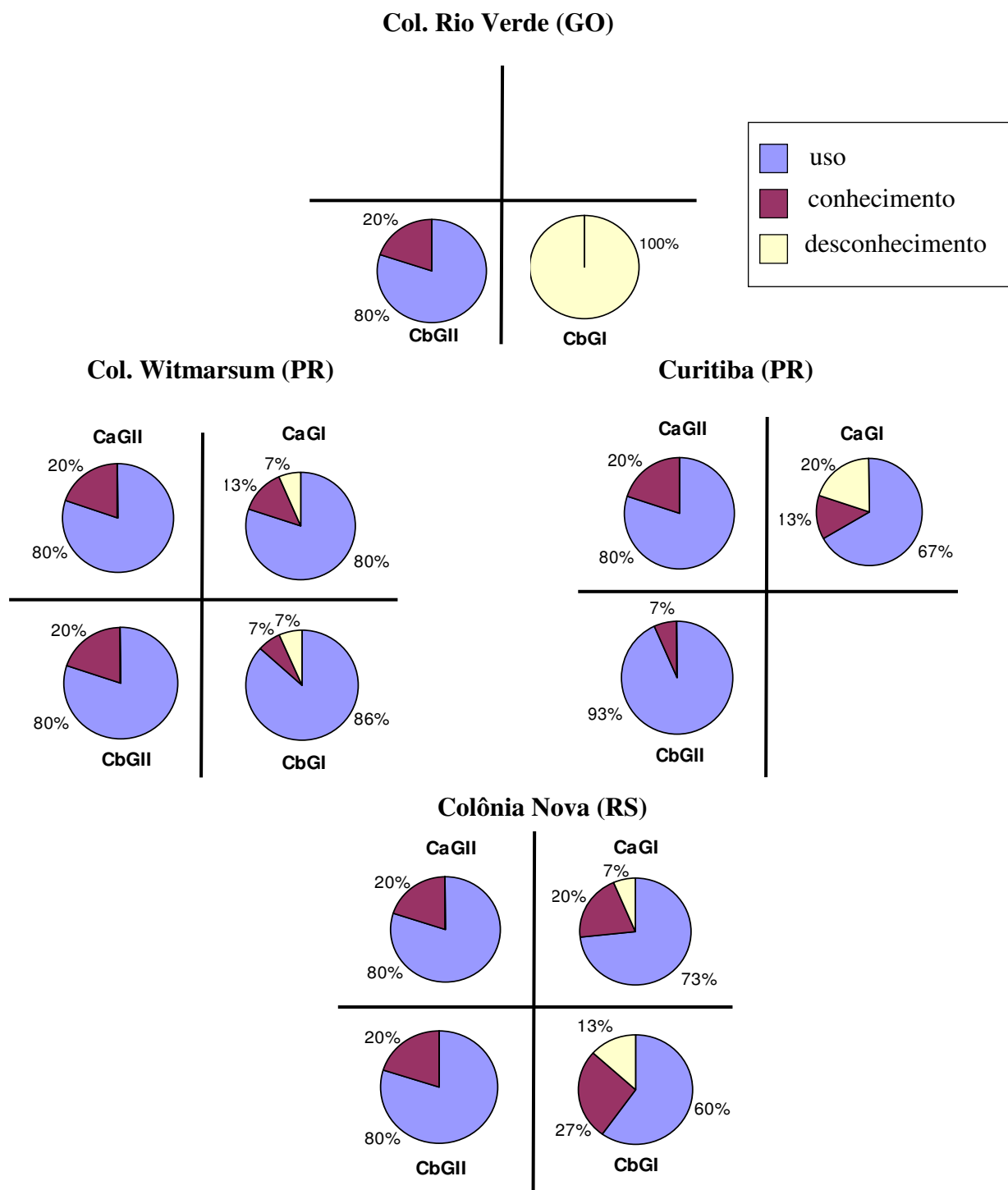


Gráfico 32 - Uso e/ou (des)conhecimento de variantes lexicais do Plautdietsch, na área do parentesco e da família

Dimensão diatópica: chama a atenção que, em todos os informantes da geração mais velha (GII) de todas as localidades, inclusive de Rio Verde, o total de designações do parentesco e da família em Plautdietsch ainda seja usado ativamente (resposta espontânea – em média 80%) ou conhecido (sugestão aceita – 20%). No grupo CbGII de Curitiba, o índice de uso ativo chega a 93%, mas também neste contexto se registra a maior perda de léxico na geração jovem CaGI (20% das formas são desconhecidas). Essa tendência de perda de léxico do parentesco e da família ocorre igualmente entre os jovens (GI) da Colônia Witmarsum e de Colônia Nova. Em Rio Verde, como já sabemos, não se encontrou mais jovens falantes de Plautdietsch.

Dimensão diastrática: pelas mesmas razões apontadas acima, não houve diferença significativa no comportamento linguístico de informantes da Ca e da Cb, onde isso poderia ser o caso. Registra-se, porém, em Colônia Nova, uma perda maior entre os jovens CbGI em relação a CaGI, da ordem de 6-7%, tanto no léxico desconhecido, quanto no conhecimento passivo.

Dimensão diageracional: como já se frisou acima, o léxico do parentesco e da família em Plautdietsch apresenta uma situação bastante estável na geração mais velha. Na comparação com a GI, registra-se novamente perda de léxico, em todos os grupos entrevistados.

4.2.3 Influências exógenas no Plautdietsch

Na parte anterior, analisamos, por assim dizer, o grau de manutenção ou perda dos elementos do léxico identificados com o Plautdietsch como variedade *substandard* particular. Nas seções que seguem, passamos a analisar a influência das línguas com as quais entrou em contato, ao longo das distintas migrações pela Rússia (eslavismos), pelos EUA e Canadá (anglicismos) e, por fim, no próprio território brasileiro (lusismos ou brasileirismos). Nossas variáveis (“termômetros” de medição dessas influências) novamente partem do léxico. Convém observar, de antemão, que muitas dessas palavras, usadas no cotidiano, no entanto, não são mais percebidas como “estranhas” (ou como empréstimos), e sim profundamente identificadas como parte do vocabulário do Plautdietsch.

4.2.3.1 Eslavismos

Em virtude de a grande maioria dos antecedentes menonitas ter vivido aproximadamente 150 anos na Rússia (1788-1930), se incorporaram no vocabulário do Plautdietsch dos menonitas muitas palavras eslavas (tanto do russo, quanto do polonês e ucraniano), as quais caracterizamos como *eslavismos*. Grande parte desses eslavismos provém, de acordo com Thun (1999, p.169-180), da área da alimentação e é considerada pelos seus falantes como parte integrante dessa variedade e cultura dos menonitas. Entre os eslavismos selecionados para o presente estudo, os mais usados e conhecidos nas comunidades menonitas no Brasil são os seguintes: *Wrennetje* (pirogue), *Arbus* (melancia), *Glomms* (requeijão), *Schouble* (feijão), *Borscht* (sopa de repolho), *Pojass* (cinto), *Knaut* (corda), *Preeschti* (trouxinha de ruibarbo e maçã), *Schisnitj* (alho), *Wrenj* (doce, geleia), *Pastje* (colomba pascal), *Bocklezhan* (tomate) e *Bultje* (pão).

Para analisar o uso e o (des)conhecimento dos eslavismos no Plautdietsch, consideramos as respostas dadas pelos informantes a 21 questões, para as quais os menonitas tradicionalmente usam palavras eslavas, ao falar em Plautdietsch. O gráfico 33 apresenta o percentual de eslavismos ainda s usado, c conhecido (poder-se-ia dizer em vias de arcaização) ou já d desconhecido:

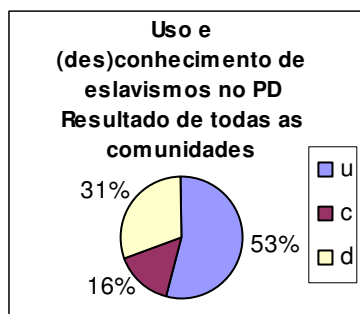


Gráfico 33 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: média geral

Das 21 questões que incluíam palavras eslavas, 53% são de uso ativo, 16% são conhecidas passivamente e 31% já não são mais conhecidas pelos informantes.

Na análise da dimensão diatópica, apresentada nos gráficos abaixo, observa-se um comportamento bastante semelhante entre as três comunidades do sul do Brasil, onde o índice de uso dos eslavismos pesquisados gira em torno de 60%. Mesmo assim, constata-se uma perda

relativa desses empréstimos do uso ativo, ou seja, dá para dizer que de cada 10 palavras, pode-se esperar que 4 já foram ou estão em vias de se perder.

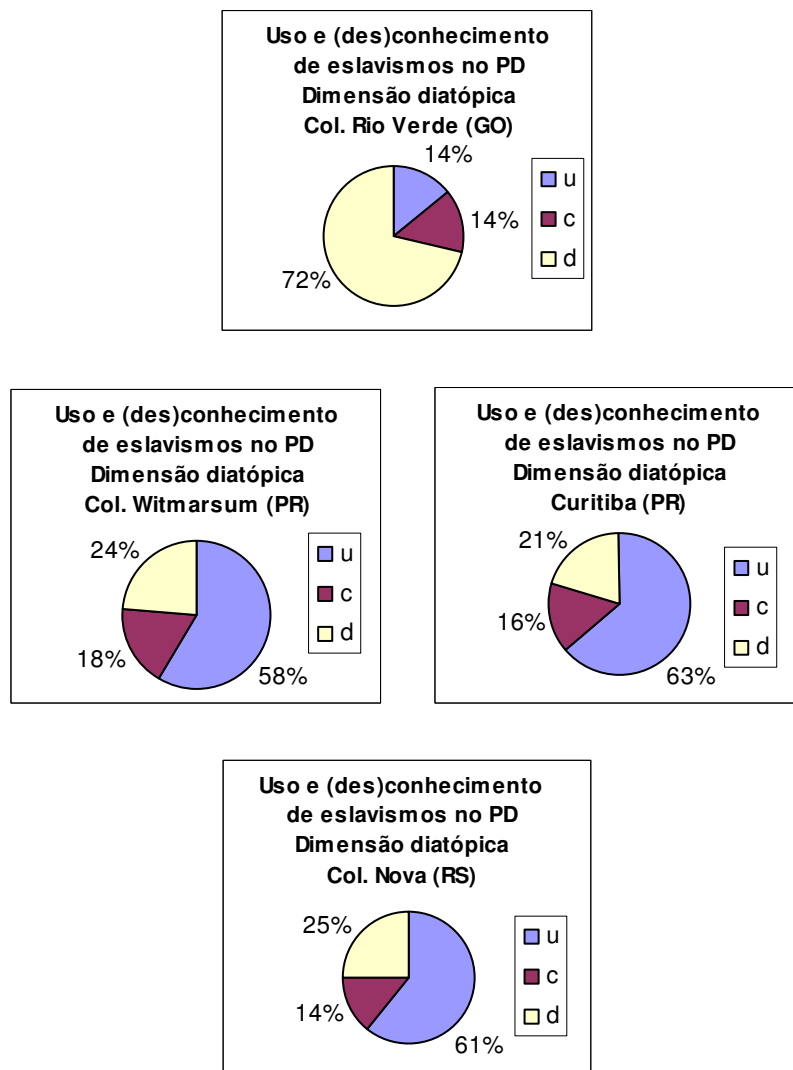


Gráfico 34 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: índice geral por localidade

Na comunidade menonita de Curitiba (PR) e na Colônia Nova (PR), os números revelam um uso maior de eslavismos no Plautdietsch: 63% e 61%, respectivamente. Em Witmarsum, o uso do eslavismo no Plautdietsch é de 58% e, na comunidade rural de Rio Verde, a grande maioria dos léxicos eslavos (72%) é desconhecida.

Com isso, fica a pergunta sobre quais grupos sociais (Ca e Cb) e etários (GII e GI) estão mais propensos à manutenção ou perda desses eslavismos, em cada localidade. No que se refere à análise da dimensão diastrática, tem-se os seguintes resultados, que levam em conta apenas as comunidades do sul do Brasil, tendo em vista que os jovens em Rio Verde não são falantes de Plautdietsch:

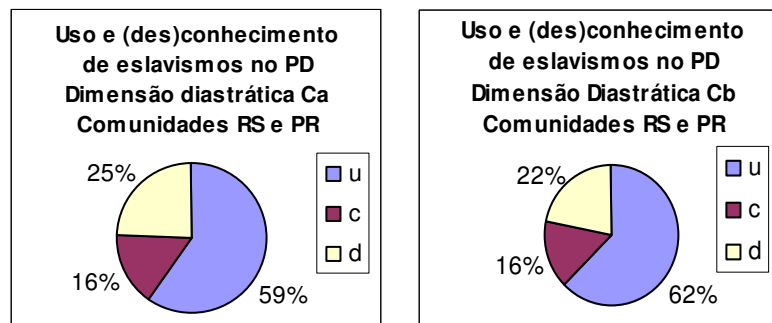


Gráfico 35 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: dimensão diastrática

Conforme os gráficos acima, há um número maior de uso de eslavismos no Plautdietsch dos grupos Cb, mas não chega a ser uma diferença significativa (62% contra 59%). Em todo caso, a perda desse léxico tende mais para se iniciar pelo lado do grupo Ca.

Vejamos agora se essa relação entre Ca e Cb quanto á presença de eslavismos no Plautdietsch dos menonitas varia conforme as quatro comunidades que estamos estudando:

Grupo Ca

Grupo Cb

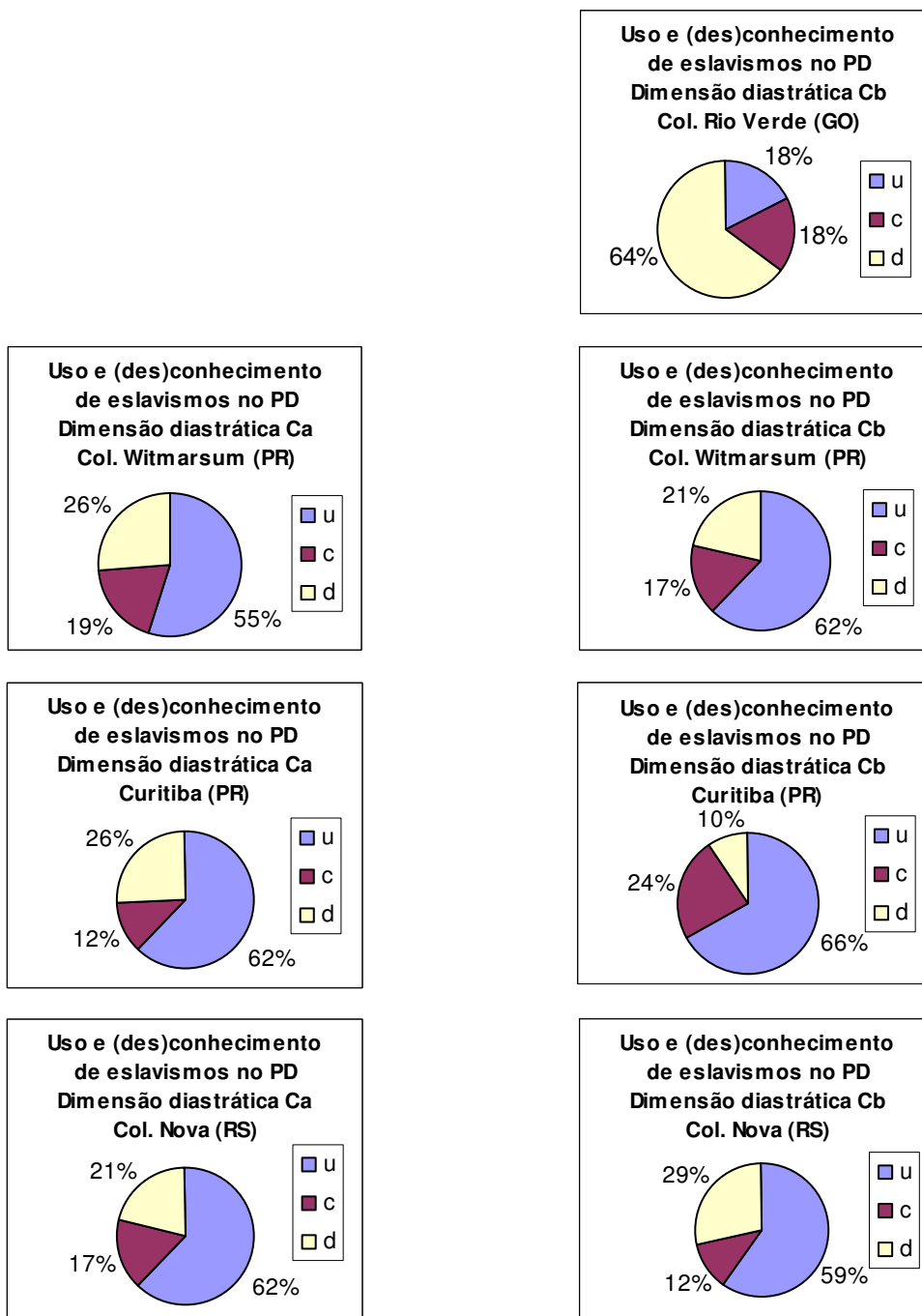


Gráfico 36 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: dimensão diastrática / quadro geral por localidade

Na Colônia Witmarsum e na comunidade de Curitiba, o uso de eslavismos no Plautdietsch é marcado mais expressivamente pelo grupo Cb (62% e 66%, respectivamente); já na Colônia Nova, o grupo Ca (62%) usa com mais frequência eslavismos no Plautdietsch. Chama atenção que, na Colônia Witmarsum, o grupo Ca faz relativamente pouco uso de eslavismos (55%) no Plautdietsch, comparado com as comunidades menonitas de Curitiba e de Colônia Nova. Uma das razões pode ser a substituição das palavras eslavas por germanismos (ou lusismos) nesta comunidade. Em suma, não se percebe, em uma das comunidades em particular, um comportamento muito desviante do que já tínhamos constatado mais acima.

Ao contrário, na dimensão diageracional, como podemos observar nos gráficos a seguir, verificamos que existe uma diferença bastante perceptível entre os falantes de ambas as gerações: o uso de eslavismos na GII (65%) é bem maior em relação à GI (42%).

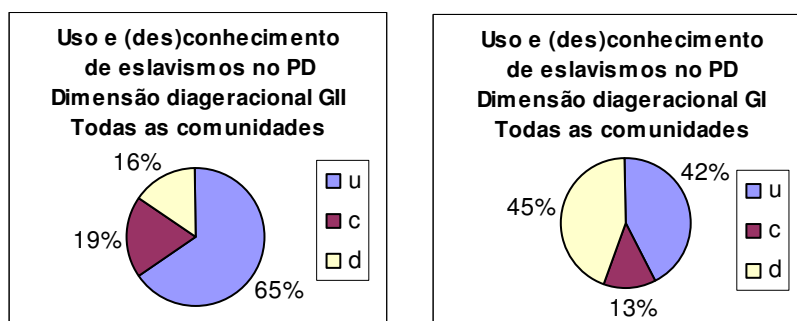


Gráfico 37 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: dimensão diageracional

Um fato que se destaca é o alto índice de desconhecimento das palavras de origem eslavas entre os informantes da GI (45%), ou seja, praticamente a metade dos eslavismos pesquisados não é mais conhecida pelos jovens.

Analisando o uso e o (des)conhecimento desses eslavismos em ambas as gerações nas diferentes comunidades da pesquisa, temos os seguintes resultados:

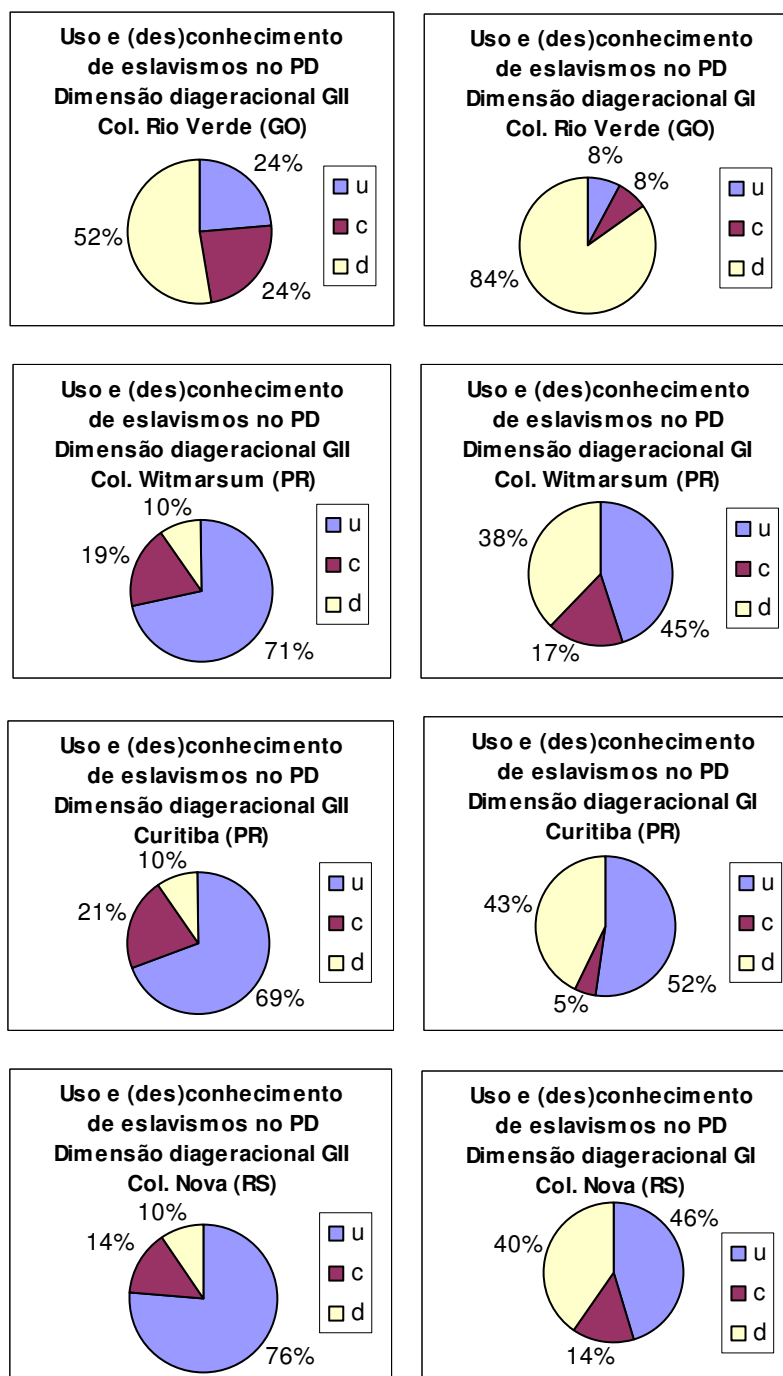


Gráfico 38 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: dimensão diageracional / quadro geral por localidade

Verificamos que, em todas as comunidades, se registra uma perda do léxico de origem eslava no Plautdietsch falado pela GI. Na Colônia Nova (RS), a GII apresenta o maior índice

(76%) de uso de eslavismos. Por outro lado, a GI dessa comunidade apresenta um índice bastante alto de desconhecimento dos eslavismos analisados (40%). Essa situação, aliás, se repete na Colônia Witmarsum e na comunidade menonita de Curitiba (PR), na qual a GI desconhece 38% e 43%, respectivamente, do vocabulário eslavo tradicionalmente usado no Plautdietsch.

Com a série de gráficos a seguir, queremos verificar se uma comunidade em particular se diferencia nesse comportamento:

Uso e (des)conhecimento de eslavismos nas quatro comunidades menonitas em estudo

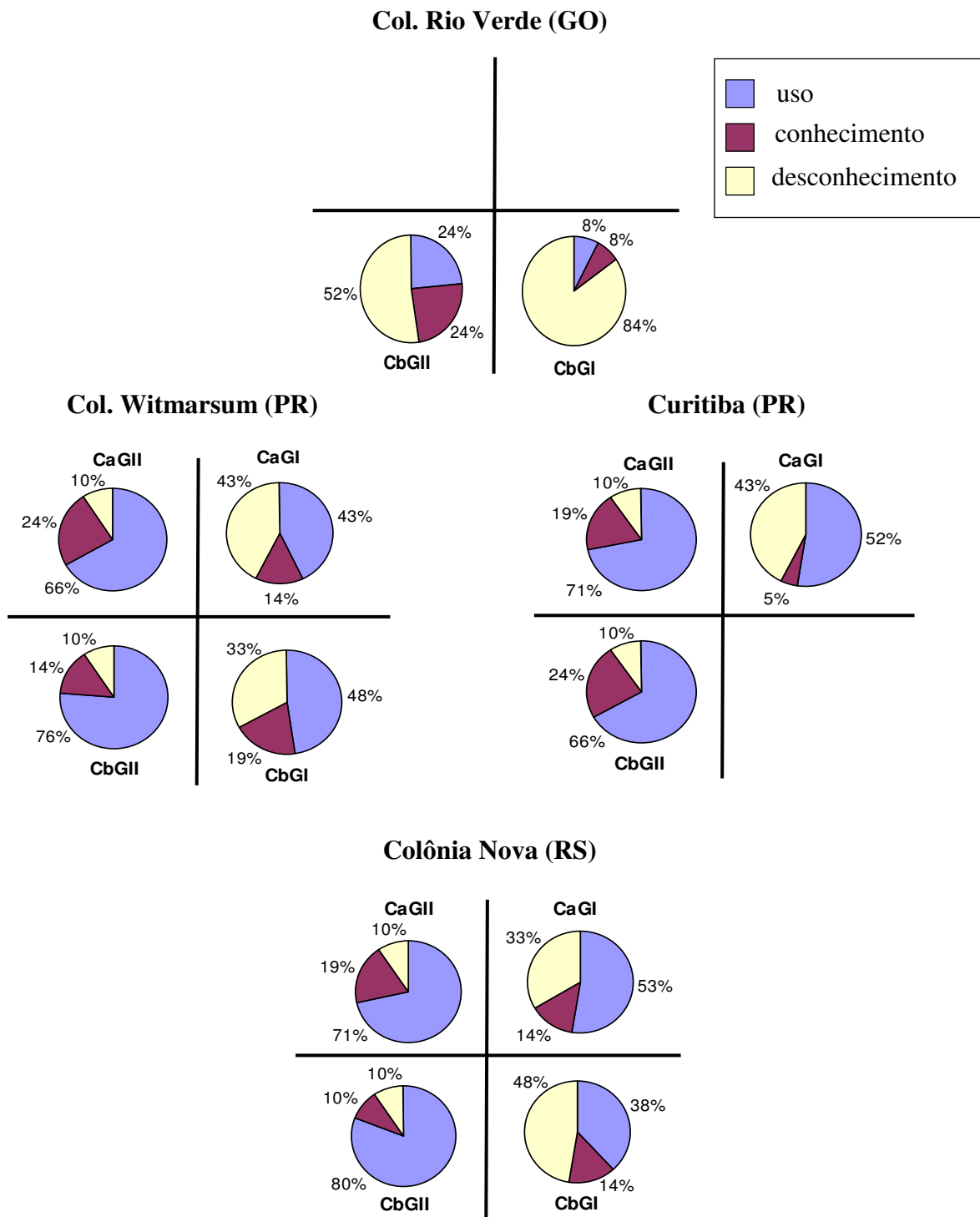


Gráfico 39 - Presença de eslavismos no Plautdietsch: resumo geral por grupo de entrevista

Na **dimensão diatópica**, verificamos que a comunidade de Curitiba e de Colônia Nova são as localidades com maior uso de eslavismos no Plautdietsch, seguido da Colônia Witmarsum e, por fim, Rio Verde, onde apenas falantes isolados de CbGII ainda falam Plautdietsch.

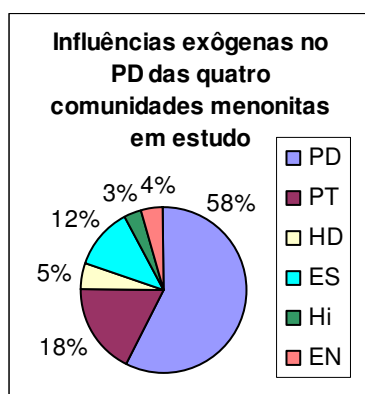
Na **dimensão diastrática**, o uso de eslavismos tende a ser marcado mais fortemente pelo grupo Cb, na maioria das comunidades. Porém, em Colônia Nova, o grupo Cb da geração mais nova desconhece 48% dos eslavismos tradicionalmente usados pelas comunidades menonitas, segundo nosso levantamento.

Na **dimensão diageracional**, constata-se que todos os grupos da GII, exceto de Rio Verde, fazem uso ativo de 66% ou mais dos eslavismos testados. Constata-se, contudo, uma perda significativa desse léxico entre os informantes da GI – que, em todas as localidades, não usou mais que 53% do léxico eslavo.

4.2.3.2 Anglicismos, lusismos, germanismos e hibridismos no Plautdietsch

A fim de analisar a amplitude da presença de elementos do léxico de outras línguas e variedades em contato no Plautdietsch falado nas quatro comunidades em estudo, consideramos somente a primeira resposta dada pelos informantes, uma vez que esta reflete, na maioria dos casos, o uso autêntico da palavra no dia-a-dia. É importante mencionar que os informantes foram solicitados a responder às perguntas do questionário (pré-selecionadas pela autora desta Tese) nas várias línguas (Plautdietsch, Hochdeutsch e português), estabelecendo com os informantes um diálogo “franco e aberto” sobre as denominações dadas na comunidade, lembrando que, com a pluralidade de informantes com o mesmo perfil, também se procurou fomentar a interação entre eles, visando controlar divergências e convergências de respostas, ou mesmo aumentar a representatividade e confiabilidade dos dados. Em alguns casos, quando a primeira resposta já tinha sido dada por um dos informantes em Plautdietsch, o outro informante seguia em frente, “traduzindo” a mesma palavra para o Hochdeutsch ou para o português. Mesmo conscientes que este fator pode ter influenciado os resultados da primeira resposta espontânea, acreditamos que, com os dados obtidos, podemos ter uma referência do uso ou não de palavras exógenas no Plautdietsch, usada como língua principal da entrevista.

Devido às inúmeras migrações dos menonitas para diversos países e continentes, o Plautdietsch falado nas quatro comunidades em estudo não é, como dissemos, marcado apenas por esclavismos, mas contém também inúmeros empréstimos do inglês (anglicismos), do português (lusismos) e do alemão *standard* (germanismos). Além disso, registra-se a presença de palavras “híbridas”, ou hibridismos, isto é, palavras do léxico compostas por elementos de mais de uma língua, os quais se formam de uma parte, por exemplo, de origem latina, e outra, germânica ou inglesa. A seguir, apresentamos um gráfico que resume os percentuais gerais de cada elemento constituinte do léxico do Plautdietsch falado ainda hoje pelos menonitas, nas comunidades em estudo, conforme sua origem ou procedência:



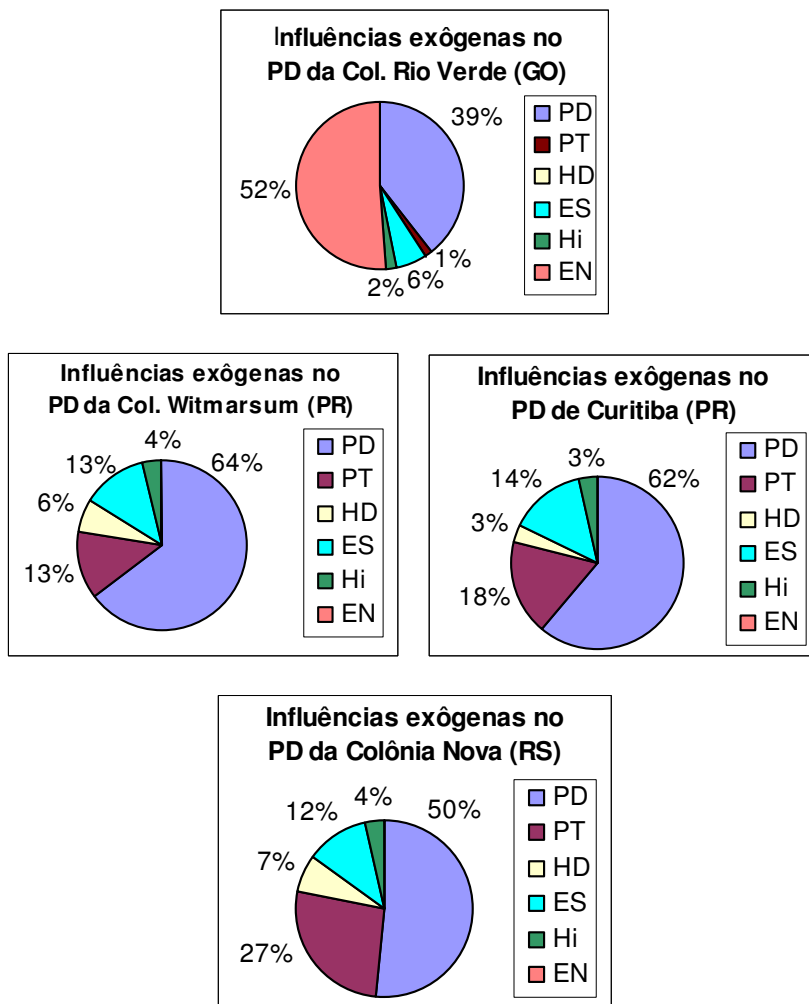
(PD = Plautdietsch, PT = Português, HD = Hochdeutsch, ES = Eslavo, Hi = Hibridismo, EN = Inglês)

Gráfico 40 - Percentuais de presença de elementos de outras línguas/variedades em contato, no léxico do Plautdietsch

De acordo com os dados acima, verificamos que o léxico do português presente no Plautdietsch falado no Brasil já supera em número de empréstimos (18%) o de contatos anteriores, p.ex. de esclavismos (12%). Ao que tudo indica, o uso dos esclavismos, como constatado na seção anterior, parece decrescer na mesma proporção em que aumenta o emprego de lusismos no Plautdietsch, apontando assim para processos de relexificação de elementos do léxico, em função do contato e do meio em que vivem os menonitas. Cabe lembrar que o percentual de anglicismos (4%) está atrelado especificamente aos dados da comunidade de Rio Verde, que tem no inglês sua língua de comunicação principal. Além dessas influências exôgenas, é preciso acrescentar o uso de empréstimos do alemão *standard* (Hochdeutsch) na fala

em Plautdietsch, como no exemplo da palavra *Flugzeug* no lugar da variante específica do Plautdietsch, *Loftschepp*.

Para que possamos ter uma visão melhor do índice de presença de elementos exógenos no léxico do Plautdietsch, nas diferentes comunidades, vale observar o seguinte quadro comparativo:



(PD = Plautdietsch, PT = Português, HD = Hochdeutsch, ES = Eslavo, Hi = Hibridismo, EN = Inglês)

Gráfico 41 - Influências exógenas no léxico do Plautdietsch, de acordo com os dados das quatro comunidades em estudo

Os gráficos acima mostram, especificamente na colônia de Rio Verde, um alto percentual de presença de anglicismos no Plautdietsch dos informantes CbGII (52%). Este fato já

era esperado, pois a grande maioria dos moradores da GII da colônia de Rio Verde (GO) morou até os seus 30 anos de vida na América do Norte e, após a migração para o Brasil, ainda continuam fazendo uso do inglês diariamente. É curioso notar que, em alguns casos, os informantes chegavam a acreditar que determinada palavra fazia parte do Plautdietsch, embora na verdade se tratasse de uma palavra do vocabulário inglês. A seguir, citamos alguns exemplos de palavras inglesas empregadas, como resposta espontânea ao questionário, pelos falantes do Plautdietsch, em Rio Verde:

- a) Vestuário: *barefoot* (descalço), *zipper* (fecho, zíper), *T-shirt* (camiseta), *belt* (cinto), *socks* (meia), *neck tie* (gravata);
- b) Alimentação: *popcorn* (pipoca), *pop* (refrigerante), *gum* (goma de mascar), *ice cream* (sorvete), *tomato* (tomate), *jam / jelly* (doce);
- c) Atividades agrícolas e técnica: *combine* (colheitadeira), *pastor* (pasto), *trailer* (reboque), *scythe* (gadanha), *hose* (mangueira), *fertilizer* (adubo), *land mower* (cortador de grama), *bicycle* (bicicleta), *television* (televisão), *airplane* (avião), *motorcycle* (motocicleta);
- d) Parentesco e família: *brother-in-law* (cunhado), *sister-in-law* (cunhada), *cousin* (primo, prima), *nephew* (sobrinho), *niece* (sobrinha).

Outra constatação que se pode fazer, a partir dos gráficos acima, é de que os lusismos no Plautdietsch aparecem em número significativo em todas as comunidades do sul do Brasil e de modo especial na Colônia Nova (27%) e na comunidade menonita de Curitiba (18%). Este resultado denota um processo de lusitanização comparativamente mais avançado, que pode afetar a vitalidade linguística da língua minoritária. Chama atenção que, neste caso, Colônia Nova, que representa a ilha linguística rural, supere nesse processo, pelo menos por estes dados do léxico, a comunidade urbana de Curitiba, onde é de se esperar uma influência bem mais acentuada do português. Como a comunidade de Witmarsum se destaca pelo uso da variedade *standard Hochdeutsch* (como veremos na seção 4.3), é provável que os falantes do Plautdietsch recorram com mais frequência ao Hochdeutsch na falta de uma palavra em Plautdietsch, bloqueando assim a integração de variantes do português.

A seguir, apresentamos os lusismos usados com maior frequência, durante as entrevistas nas quatro comunidades:

- a) Vestuário: *camiseta, guarda-pó (jaleco)*;
- b) Alimentação: *pipoca, churrasco, refrigerante (ou refri), bala para chupar, goma de mascar/chiclete (ou chiclets), alho*;
- c) Atividades agrícolas e técnica: *silo (silagem), roçadeira, reboque, carroça, televisão, automotriz, adubo, inseminação*;
- d) Parentesco e família: *sobrinho(a), primo(a), sogro(a), genro, nora*.

Por fim, os hibridismos não representam um tipo de léxico muito numeroso, no vocabulário do Plautdietsch. Durante as entrevistas, coletaram-se exemplos sobretudo na área das atividades agrícolas e técnicas, a saber: *Kolonist* (colono), *Plautenj* (plantação), *Bast* (pasto), *Gramameschin* (cortador de grama), *reboca* (reboque), *televisón* (televisão), e *Keross* (carroça).

4.2.3.3 Resumo

Os gráficos a seguir resumem as tendências quanto à influência de outras línguas ou variedades no léxico do Plautdietsch, considerando o comportamento dos falantes nas diferentes dimensões de análise:

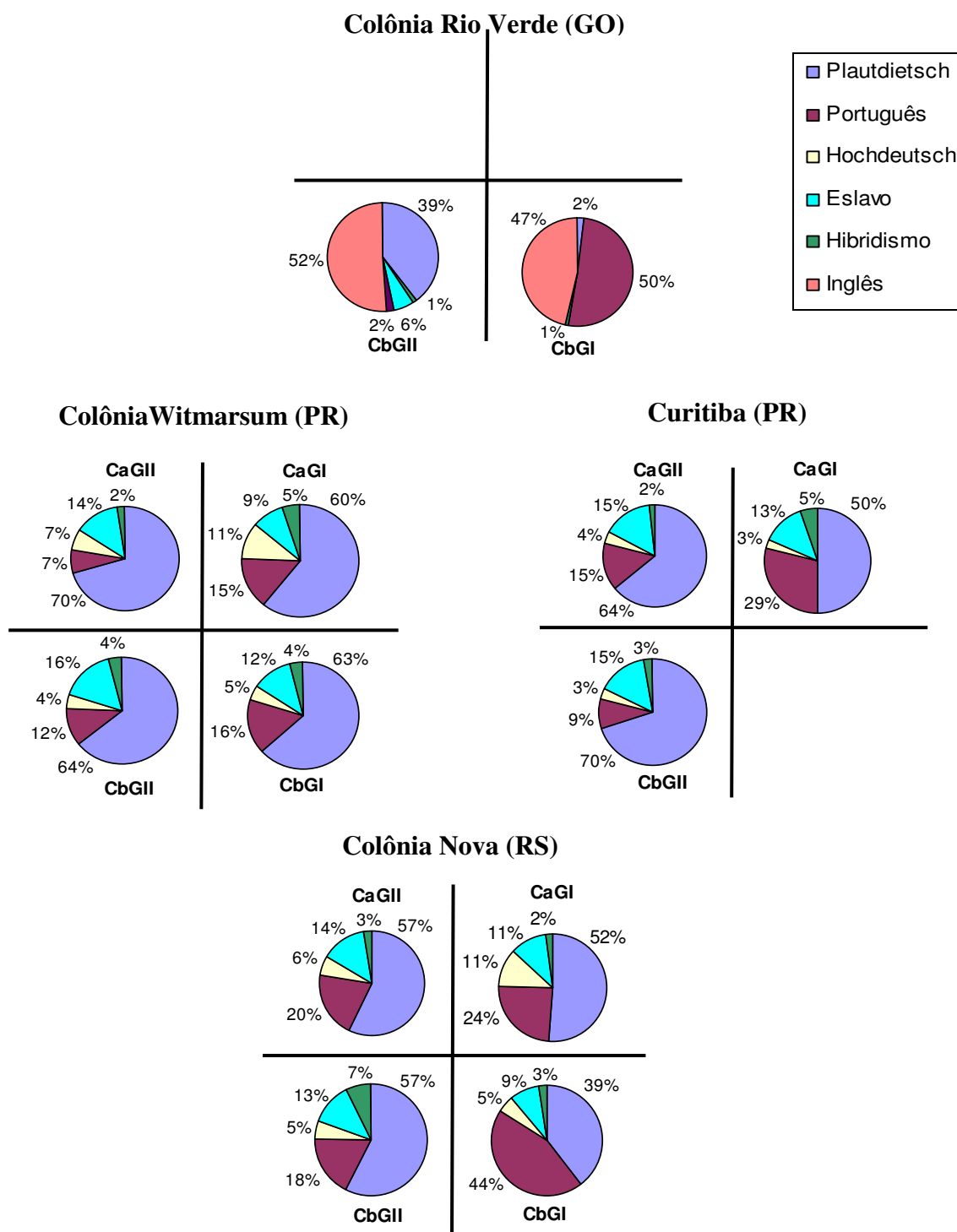


Gráfico 42 - Influências exógenas no léxico do Plautdietsch, nas dimensões diageracional e diastrática

De acordo com os resultados acima, verificamos que todos os grupos (CaGII, CaGI, CbGII e CbGI) das comunidades do RS e PR, exceto o grupo CbGI da Colônia Nova, usaram uma palavra do Plautdietsch no mínimo 50% ou mais, na primeira resposta espontânea. Esse resultado confirma o alto grau de competência relativa da maioria dos informantes em Plautdietsch nestas comunidades.

Na **dimensão diatópica**, os gráficos revelam a) uma presença maciça do inglês em Rio Verde, com o Plautdietsch reduzido a remanescentes de alguns poucos falantes isolados; b) uma situação relativamente estável em Witmarsum, permanecendo o Plautdietsch com mais de 50% de uso ativo também na geração mais jovem e c) uma mudança em curso em Curitiba e Colônia Nova, com perda de léxico do Plautdietsch e, em contrapartida, aumento de lusismos entre os mais jovens (GI). Em Colônia Witmarsum, todos os grupos responderam a 60% ou mais do léxico em Plautdietsch. A comunidade que fez o maior uso de palavras exôgenas no Plautdietsch é a comunidade rural de Rio Verde, ou seja, 52% das primeiras respostas do grupo CbGII eram anglicismos. Os lusismos predominaram no grupo CbGI da Colônia Nova e no grupo CaGI de Curitiba, onde ocorreram, respectivamente, 44% e 29% de primeira resposta espontânea em português.

Na **dimensão diastrática**, parece não haver uma correlação entre o estrato social e a presença maior ou menor de empréstimos, visto que em Colônia Nova a Cb supera a Ca no número de lusismos, e não o inverso, como seria de esperar. Tal ocorre em Curitiba na comparação entre CaGII e CbGII, mas não chega a configurar uma diferença significativa. O que é mais perceptível é a ocorrência maior de Hochdeutsch justamente nos grupos CaGI das duas comunidades rurais Colônia Nova e Witmarsum.

Outro aspecto que vale destacar é a presença mais forte do Hochdeutsch (germanismo) no Plautdietsch nos grupos Ca em comparação com os grupos Cb de todas as localidades. Esse resultado pode ter a influência da maior escolaridade do grupo Ca.

Na **dimensão diageracional**, conforme já frisamos, há de fato uma mudança em curso na direção da perda de traços do Plautdietsch em favor de maior presença de elementos exógenos em todas as comunidades, porém com diferença mais significativa na GI de Witmarsum, de Colônia Nova e de Rio Verde. A GI da Colônia Witmarsum e da Colônia Nova, além disso,

registra um aumento da presença do Hochdeutsch no Plautdietsch, comparado com a GII. Em Curitiba, curiosamente não se confirma este mesmo comportamento, como seria de esperar.

4.3 AMPLIAÇÃO DO USO DO HOCHDEUTSCH

Além do Plautdietsch, a grande maioria dos menonitas faz uso da variedade *standard* Hochdeutsch. Durante muitas décadas, o uso do Hochdeutsch era praticamente restrito ao contexto formal, sendo usado somente na igreja e na escola. No entanto, já desde a emigração da Rússia, algumas famílias, geralmente pertencentes a líderes e professores da comunidade, passaram a estender o uso do Hochdeutsch ao ambiente familiar. Com isso, o Hochdeutsch passou, em outras palavras, a ocupar espaços tradicionalmente ligados ao Plautdietsch. Em função de seu prestígio, fez-se cada vez mais frequente no dia-a-dia de muitas famílias menonitas. Muitos casais jovens, ao invés de falarem o Plautdietsch com seus filhos, optaram então pela variedade *standard*. Essa mudança na escolha da “língua para as relações familiares” fez com que o Hochdeutsch se deslocasse de um contexto formal de uso essencialmente passivo para um contexto informal de uso ativo. Em muitas famílias, portanto, tal mudança teve por consequência a interrupção do processo de transmissão geracional do Plautdietsch. As perguntas que ficam para nosso estudo são as seguintes:

- a) em que medida o Hochdeutsch realmente substituiu as funções do Plautdietsch nas escolhas linguísticas das comunidades menonitas, no Brasil? (grau de substituição do Plautdietsch variedade *substandard* pelo *standard*)
- b) em que medida o Hochdeutsch de fato faz parte do repertório linguístico efetivo dos falantes de Plautdietsch? (grau de competência relativa em Hochdeutsch)

A pergunta a) foi abordada na descrição da situação linguística de cada uma das quatro comunidades menonitas de nossa pesquisa, quando analisamos o contato e a relação diglósica entre as variedades *standard* e *substandard*. Agora, queremos focar a segunda questão, analisando o grau de competência relativa em Hochdeutsch daqueles que, em seus lares,

aprenderam a falar Plautdietsch e que, além da variedade *substandard*, também falam a variedade *standard*.²⁸⁸

4.3.1 Grau de competência relativa em Hochdeutsch

A partir das respostas espontâneas (uso ativo da língua) dadas pelos informantes, bem como através das sugestões, isto é, das variantes sugeridas pela pesquisadora em Hochdeutsch (conhecimento passivo ou desconhecimento), é possível fazer uma comparação quantitativa a respeito do grau de competência relativa em Hochdeutsch entre os informantes das quatro comunidades em estudo. Vale ressaltar que esses dados também foram obtidos por meio da aplicação do questionário (ver em anexo). Para tanto, iniciemos com o gráfico da média geral de ocorrências em relação ao uso do Hochdeutsch:

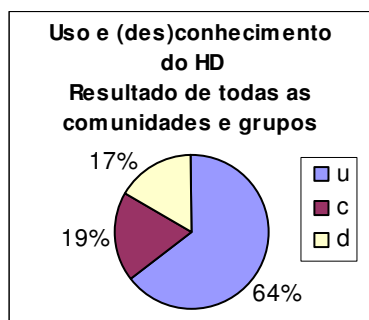


Gráfico 43 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch nas comunidades menonitas: média geral

Analisando os resultados do gráfico acima, verificamos que 64% dos dados do léxico selecionados para o presente objetivo podem ser vistos como sendo de uso ativo pelos falantes do Plautdietsch em Hochdeutsch, pois equivalem à resposta espontânea a uma pergunta da pesquisadora. Além disso, 19% do léxico selecionado, em Hochdeutsch, subsiste como conhecimento passivo, sendo apenas 17% totalmente desconhecido aos falantes do Plautdietsch dessas comunidades.

²⁸⁸ Com exceção de dois informantes (um informante do grupo CaGI da Colônia Nova (RS) e um informante do grupo CaGII da Colônia Witmarsum, PR), todos os outros 24 falam o Plautdietsch desde a sua primeira infância.

4.3.1.1 Dimensão diatópica: urbanização *versus* isolamento

Analisando o uso do Hochdeutsch na dimensão diatópica, nas quatro comunidades menonitas em estudo, chegamos aos seguintes resultados:

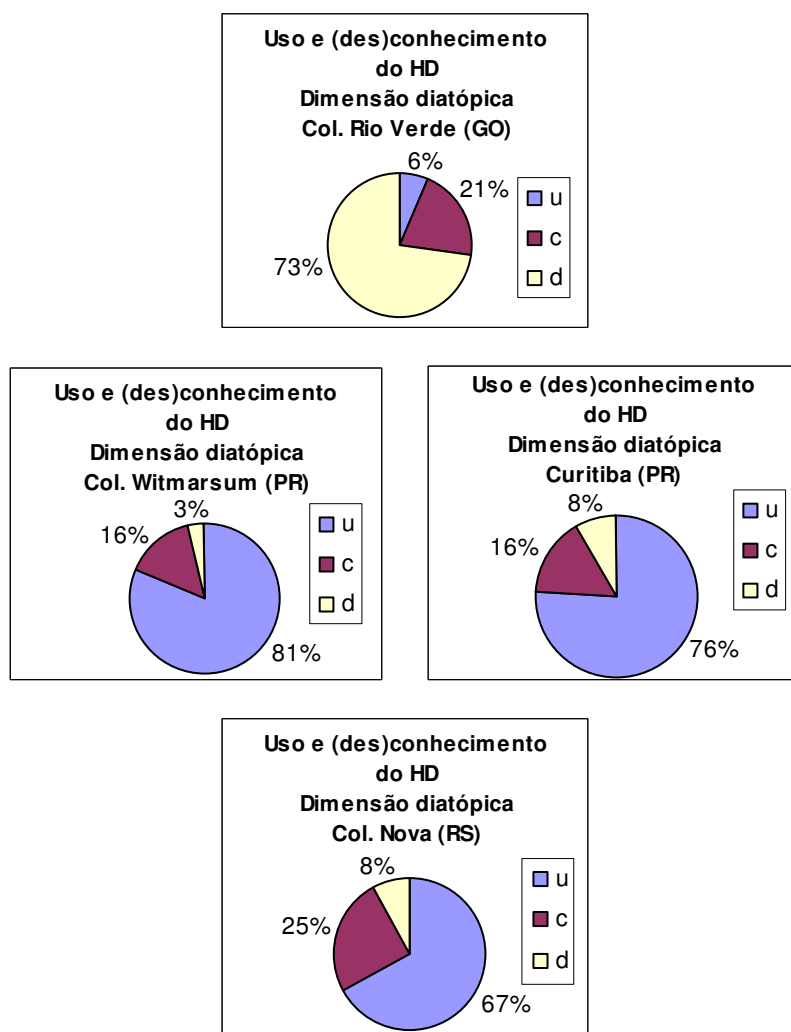


Gráfico 44 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diatópica

De modo geral, registra-se um alto grau de uso do Hochdeutsch nas comunidades menonitas do RS e PR. Em Curitiba e Witmarsum, vimos que seu uso na comunidade encontra-se já bastante difundido, bem mais do que em Colônia Nova. Por isso, esperava-se uma diferença

até bem maior na competência em Hochdeutsch entre esta comunidade e as do Paraná. A comunidade de Witmarsum atingiu um valor máximo de 81% (superando, inclusive, o uso do Plautdietsch com 80%); seguida pela comunidade menonita de Curitiba, com 76%, e de Colônia Nova, com 67%. Esses resultados mostram que as comunidades menonitas demonstram interesse na manutenção da variedade *standard* e que, na falta de uma palavra para um objeto em Plautdietsch, comumente é utilizada uma denominação do Hochdeutsch. Pelo fato de a língua alemã ser usada, há várias décadas, no âmbito religioso – inclusive nos dias atuais pela maioria das igrejas étnicas menonitas – a comunidade sempre pôde usufruir da experiência de “uso real” da língua neste contexto. Neste sentido, é importante ressaltar o esforço por parte de pastores e líderes das igrejas em utilizar uma “variedade mais atual e mais próxima” do Hochdeutsch, utilizando, por exemplo, uma versão da “Bíblia na linguagem de hoje”. Além disso, é comum a distribuição de folhetos informativos semanais em língua alemã, na maioria das igrejas étnicas das comunidades.

Outro fator que contribui para a difusão e manutenção do Hochdeutsch nas comunidades do RS e PR é a publicação do jornal quinzenal “*Bibel und Pflug*” (Bíblia e Arado), editado integralmente em Hochdeutsch e lido por muitas famílias da comunidade. Um dos principais motivos para o alto índice do uso do Hochdeutsch na Colônia Witmarsum (81%) deve ser creditado à importância que essa comunidade atribui ao uso do da variedade *standard* no ambiente familiar e na escola.

Diferentemente dos menonitas do sul do Brasil, na comunidade de Rio Verde (GO), o uso do Hochdeutsch aparece de forma muito restrita: de acordo como nossos dados, mal chega a 6% de uso (ativo), e em contrapartida o desconhecimento do léxico do Hochdeutsch atinge 73% dos itens perguntados. A explicação reside no fato de que, em seu lugar, aparecem o inglês e o português, como línguas usadas no âmbito religioso. O uso do inglês estende-se, ao mesmo tempo, até mesmo para os contextos informais.

4.3.1.2 Dimensão diastrática

Seguem, abaixo, os resultados sobre o uso e o (des)conhecimento do Hochdeutsch nos grupos sociais Ca e Cb, nas quatro comunidades da pesquisa:

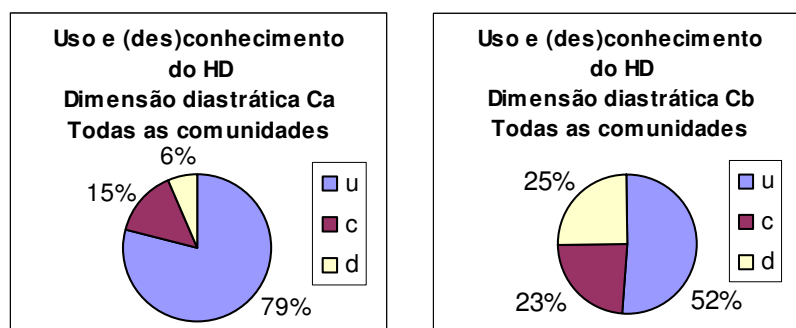


Gráfico 45 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diastrática

Observando os gráficos acima, verificamos um uso espontâneo maior do Hochdeutsch entre os falantes de Plautdietsch da Ca (79%) do que da Cb (52%), confirmando a hipótese que tínhamos a respeito do comportamento desses dois grupos em relação ao alemão *standard*. O desconhecimento de elementos do léxico em Hochdeutsch diferencia-se na mesma proporção, apenas 6% na Ca, e 25% na Cb. Essas diferenças nos diversos grupos revelam que a vitalidade do Hochdeutsch nas comunidades menonitas é maior no grupo Ca, ou melhor, no grupo de maior escolaridade. (Esse resultado certamente era esperado, pois o grupo Ca teve acesso a uma educação formal do Hochdeutsch durante um período mais prolongado.)

Ao incluirmos nos gráficos apenas as comunidades menonitas do RS e PR, a diferença entre os grupos Ca e Cb diminui, conforme vemos abaixo:

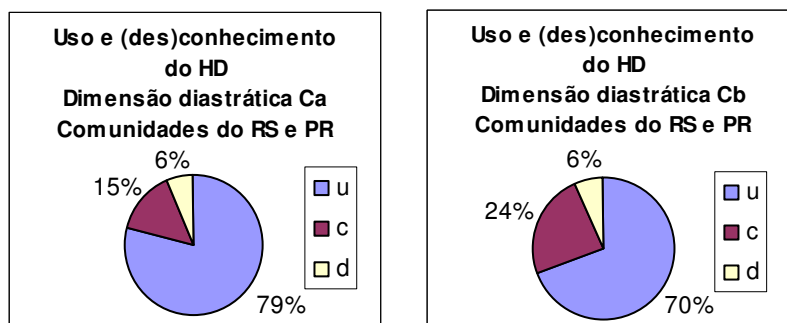


Gráfico 46 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diastrática / região sul

No grupo Ca, mantêm-se os mesmos 79%. No entanto, no grupo Cb, esse índice de uso do Hochdeutsch se eleva de 52% para 70%, valor que mesmo assim ainda é superado pelo grupo dos informantes com maior escolaridade (Ca).

Na série de gráficos a seguir, comparamos o uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch na dimensão diastrática, em cada uma das comunidades em estudo:

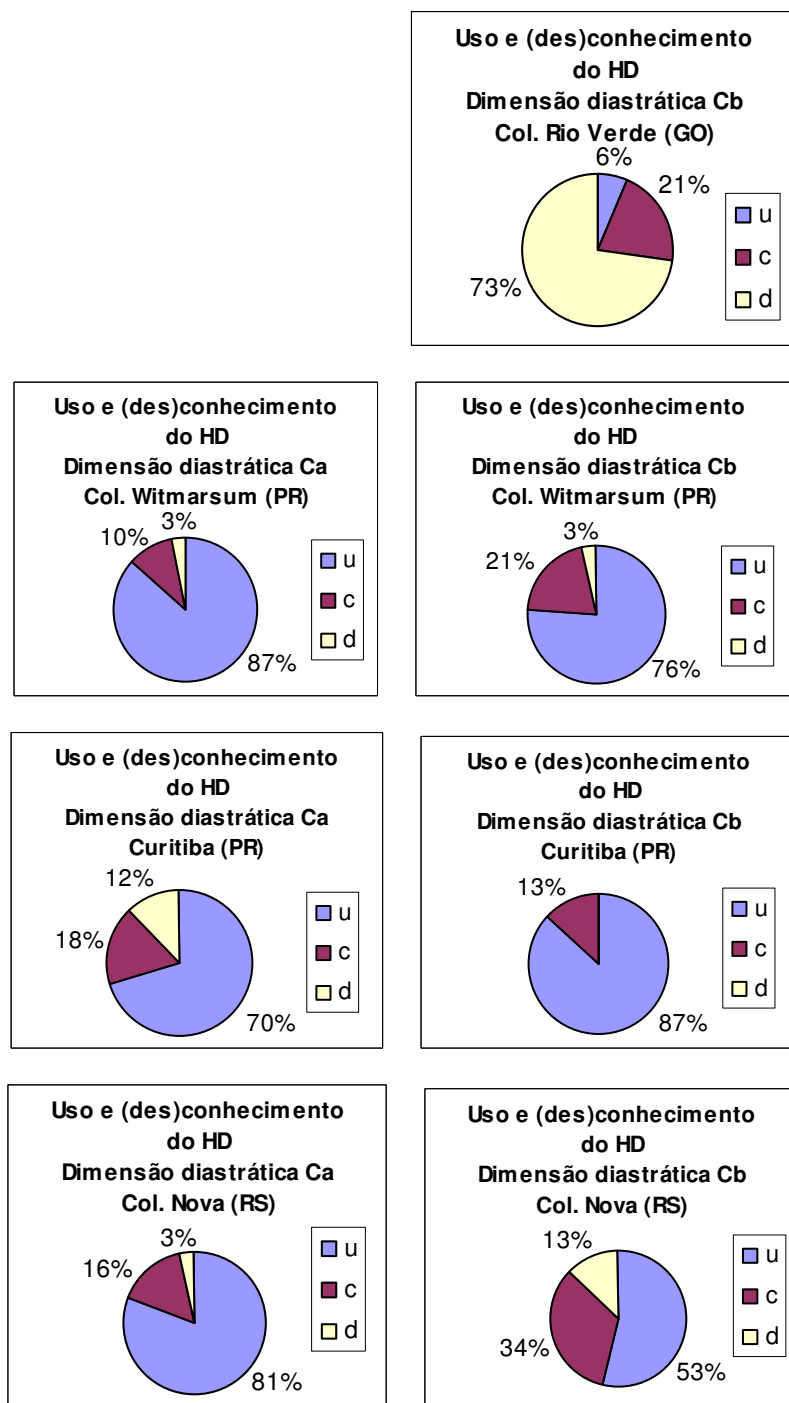


Gráfico 47 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diastrática e diatópica

O uso ativo de léxico do Hochdeutsch no grupo social Ca atingiu nas comunidades rurais de Colônia Nova e Colônia Witmarsum um índice relativamente alto, respectivamente 81% e 87%. Em Curitiba, curiosamente, o grupo Ca mostra um uso espontâneo inferior de Hochdeutsch (70%). No grupo Cb, o uso espontâneo de elementos do Hochdeutsch nas comunidades rurais é menor, se comparado com o grupo Ca, principalmente na Colônia Nova, localidade onde o grupo Cb registrou apenas 53% das respostas em Hochdeutsch. Na comunidade menonita urbana de Curitiba, o percentual do uso do Hochdeutsch no grupo Cb chama atenção pelo seu alto índice (87%). Porém, é necessário ponderar que essas respostas espontâneas provêm exclusivamente do grupo CbGII, pois, nessa localidade, não encontramos informantes para o grupo CbGI. O mesmo problema de ortogonalidade deve ser considerado nos dados de Rio Verde, onde não tivemos informantes Ca. O uso espontâneo de Hochdeutsch é bastante reduzido (6%), como também o conhecimento passivo dessa língua (21%).

Concluindo, os dados coletados permitem aferir que, no que se refere à dimensão diastrática, o uso e conhecimento do Hochdeutsch está mais difundido entre os falantes da Ca, em função até de seu prestígio como língua internacional e língua da escrita.

4.3.1.3 Dimensão diageracional

A comparação dos dados entre as gerações GII e GI no conjunto das comunidades pesquisadas mostra, conforme os gráficos abaixo, uma perda significativa na competência em Hochdeutsch pelos mais jovens. Enquanto o uso ativo e espontâneo dos itens do léxico selecionados reduziu-se em 20%, na fala da GI, registrou-se, inversamente, um aumento de 15% dos itens lexicais do Hochdeutsch que são desconhecidos dos mais jovens, ou seja, de 9% na GII passou-se para 26%, na GI.

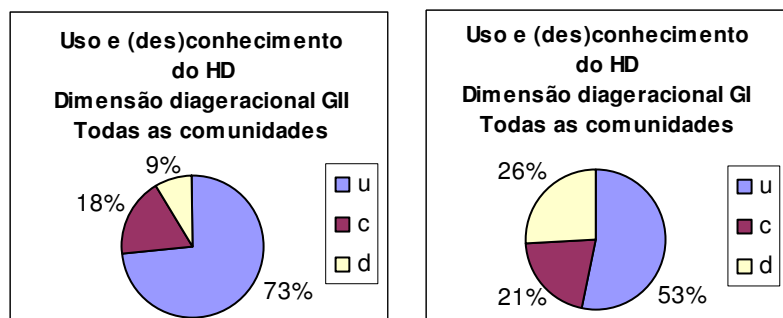


Gráfico 48 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diageracional

Ao selecionarmos apenas as comunidades menonitas do RS e PR, verificamos a mesma tendência, porém não tão acentuada, o que pode ser visto como reflexo da presença maior do Hochdeutsch nas relações sociais da comunidade:

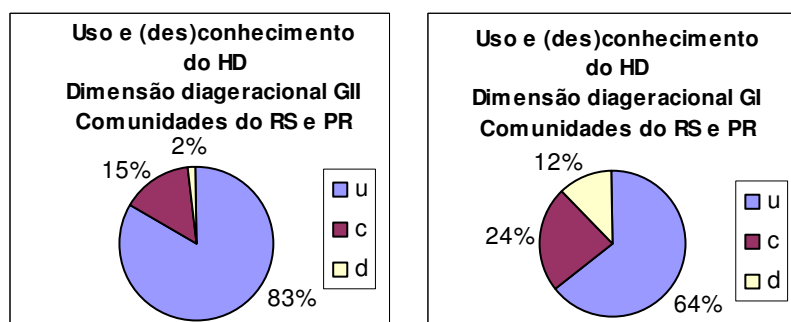


Gráfico 49 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diageracional / região sul

Nas comunidades do RS e PR, o grupo GII apresenta um domínio relativamente alto do Hochdeutsch, respondendo a 83% do léxico em Hochdeutsch de forma espontânea; apenas 2% é vocabulário desconhecido. Já no grupo GI, constata-se uma redução de 19% de uso espontâneo do Hochdeutsch comparado com o grupo GII. Contrariamente, o conhecimento passivo aumenta no grupo GI (24%), assim como o desconhecimento de palavras do Hochdeutsch (12%).

Cabe averiguar agora o que acontece em cada comunidade em particular, se considerarmos a relação entre a competência em Hochdeutsch de velhos e jovens. Vejamos os resultados dos gráficos a seguir:

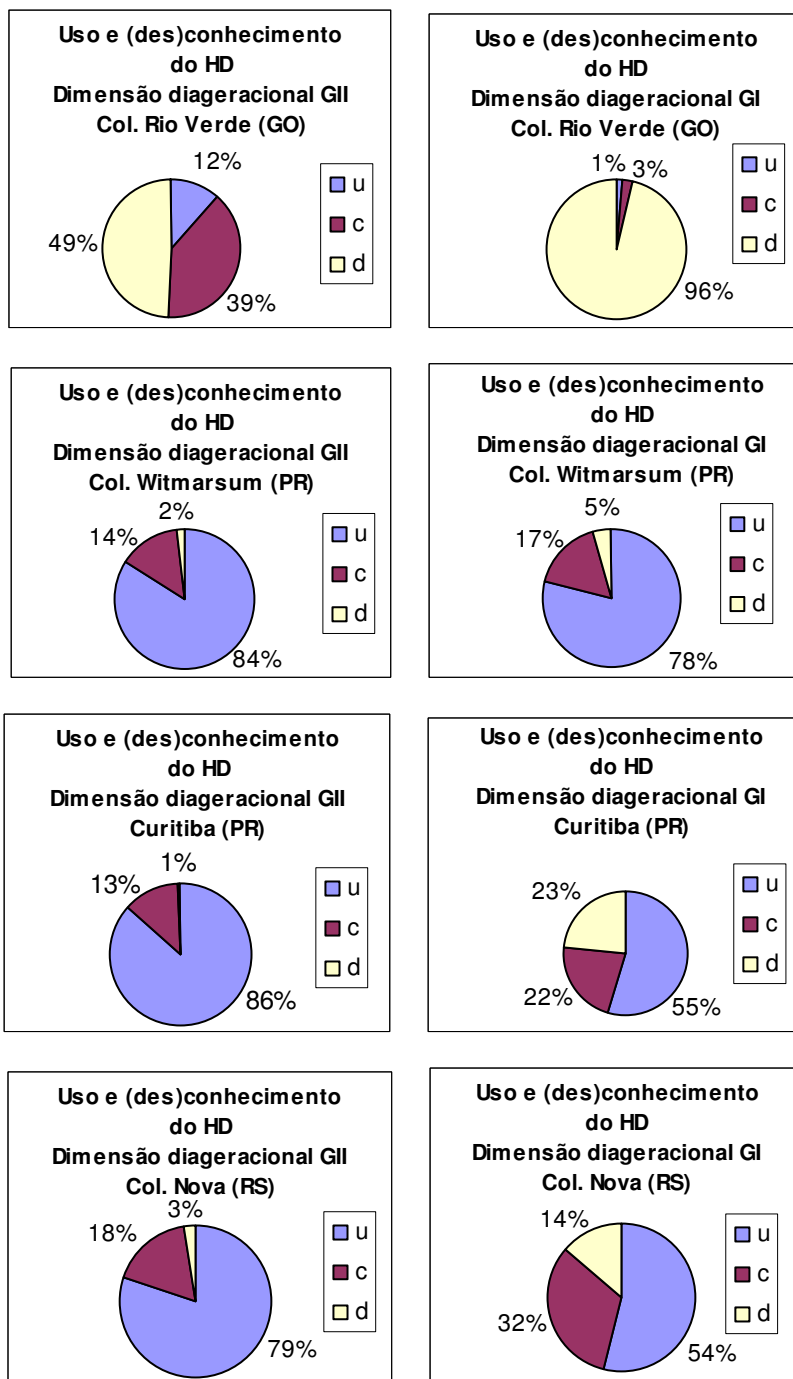


Gráfico 50 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensão diageracional e diatópica

Na dimensão diageracional, é possível verificar uma nítida diminuição do uso do Hochdeutsch na GI, nas comunidades de Rio Verde, Curitiba e Colônia Nova. Com exceção da comunidade rural de Rio Verde, verificamos – em todos os outros grupos da GII – um alto grau

de uso espontâneo do Hochdeutsch, ou seja, a GII das comunidades do RS e PR apresenta uma boa competência e fluência no Hochdeutsch. Por outro lado, nos grupos da GI de Colônia Nova e de Curitiba, existe uma tendência progressiva de desuso do Hochdeutsch. Em ambas as comunidades, obteve-se nas entrevistas com a GI respostas espontâneas em pouco mais da metade dos itens do léxico em Hochdeutsch constantes do questionário (54% e 55%, respectivamente). A GI da comunidade rural de Rio Verde praticamente não tem nenhum conhecimento em Hochdeutsch, exceto algumas palavras que coincidem com o inglês (p.ex. *jeans* e *popcorn*). Por fim, na Colônia Witmarsum, registrou-se o índice mais elevado de respostas espontâneas em Hochdeutsch, na GI: 78%.

Comparando os dados das gerações GII e GI, confirma-se uma mudança em curso na direção da perda parcial de elementos do léxico do Hochdeutsch, na competência plurilíngue dos falantes jovens (GI). Nessa comparação, é possível observar que o Hochdeutsch, a língua-teto do Plautdietsch, encontra-se cada vez mais em desuso, principalmente nas comunidades menonitas de Rio Verde, Colônia Nova e Curitiba.

4.3.1.4 Resumo

Ao analisar os resultados sobre os graus de competência relativa em Hochdeutsch dos quatro grupos sociais (CaGII, CaGI, CbGII, CbGI) das quatro comunidades em estudo, chegamos ao seguinte resultado final:

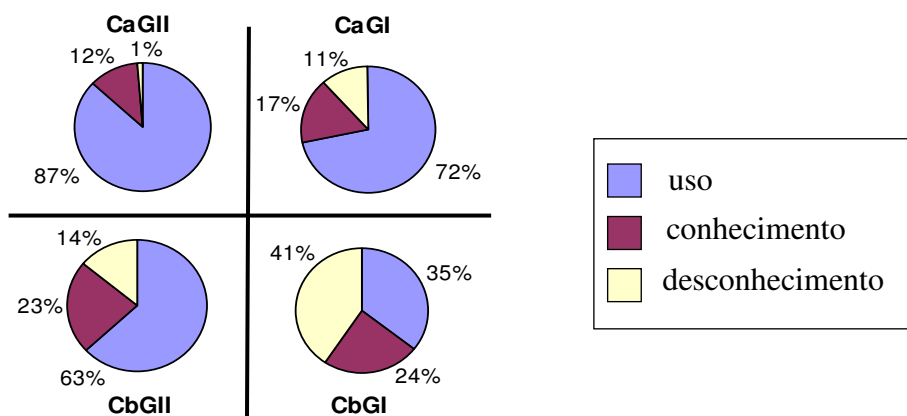


Gráfico 51 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: cruzamento das dimensões diastrática e diageracional

O grupo CaGII respondeu espontaneamente a 87% do léxico, selecionado pelo questionário, em Hochdeutsch, seguido dos grupos CaGI e CbGII (com 72% e 63%, respectivamente). O grupo CbGI forneceu respostas espontâneas a apenas 35% do léxico perguntado e, ao mesmo tempo, apresenta o maior índice (41%) de léxico desconhecido, do Hochdeutsch. Com isso, o grupo CaGII apresenta-se como o grupo com maior competência relativa em Hochdeutsch, seguido na ordem pelos grupos CaGI, CbGII e CbGI. Em outras palavras, informantes da geração mais velha e com escolaridade mais alta apresentam o maior grau de competência relativa em Hochdeutsch. Pelo contrário, informantes da geração mais nova e com escolaridade mais baixa apresentam, de acordo com os dados, o menor grau de competência relativa em Hochdeutsch.

Para verificarmos os resultados de todos os grupos nas diferentes dimensões, analisemos sumariamente os gráficos a seguir:

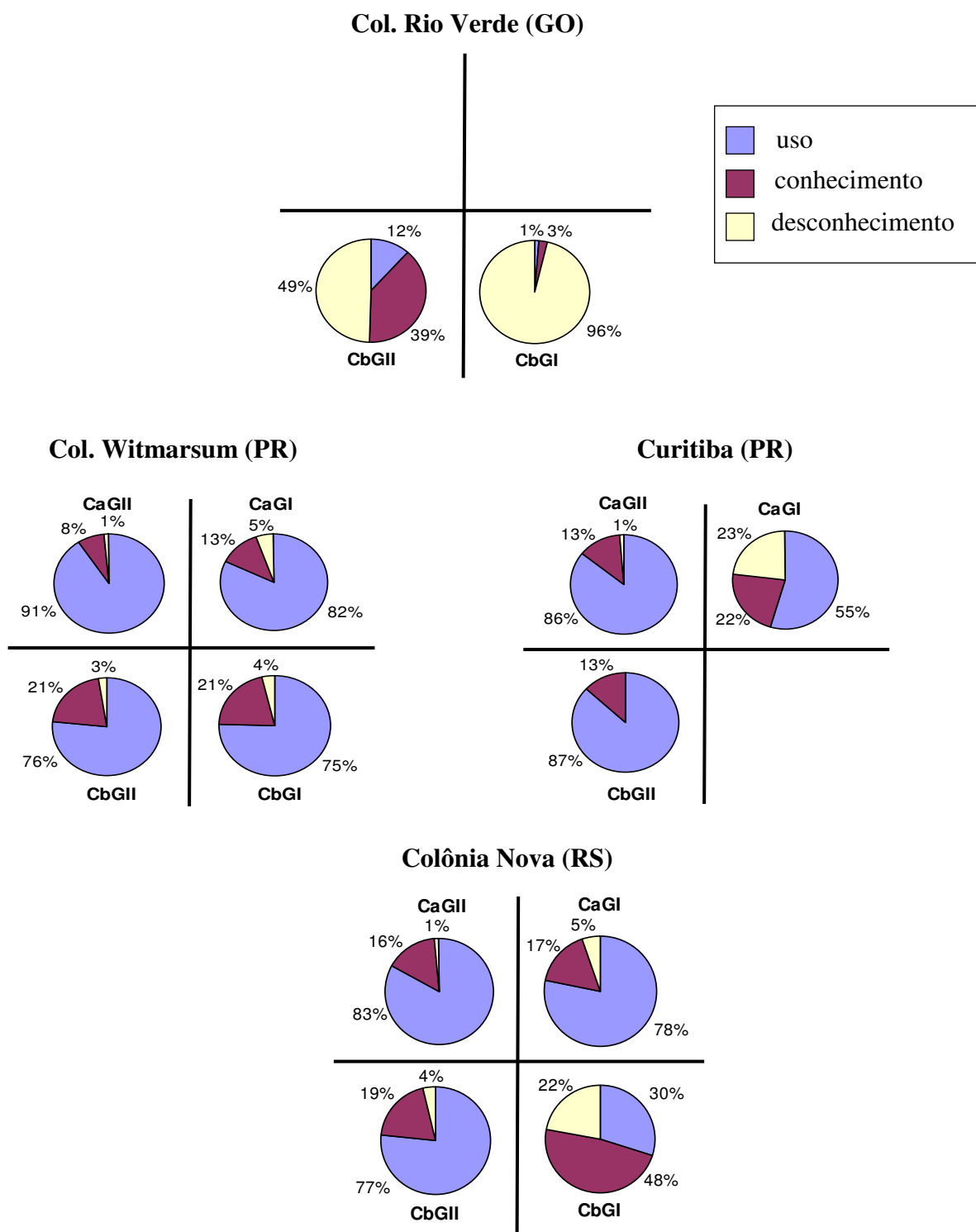


Gráfico 52 - Uso e (des)conhecimento do Hochdeutsch: dimensões diageracional e diastrática nas quatro comunidades da pesquisa

Considerando variações de comportamento na **dimensão diatópica**, os gráficos revelam que a grande maioria dos falantes das três comunidades do RS e PR – exceto os grupos CaGI de Curitiba e CbGI de Colônia Nova – apresenta um alto grau de competência relativa em Hochdeutsch, ou melhor, a maioria dos informantes forneceu resposta espontânea às perguntas sobre os itens lexicais em Hochdeutsch. A comunidade rural de Rio Verde é a única comunidade menonita na qual o alemão *standard* é desconhecido na GI e na qual a GII respondeu a apenas 12% do léxico inquirido. De modo geral, a Colônia Witmarsum apresenta o grau mais elevado de competência relativa em Hochdeutsch, seguido pela comunidade de Curitiba, depois pela Colônia Nova e, por último, pela comunidade rural de Rio Verde.

Na **dimensão diastrática**, os grupos Ca das comunidades da Colônia Witmarsum e da Colônia Nova apresentam um maior grau de competência relativa, se comparados aos grupos Cb. Na comunidade de Curitiba, os resultados entre os grupos Ca e Cb são praticamente idênticos.

Na **dimensão diageracional**, por fim, observa-se diferença significativa na competência linguística em Hochdeutsch manifestada pelo uso ativo e espontâneo do léxico pela GII, em relação à GI, em todas as comunidades.

4.3.1.5 Substituição da língua-teto (*Dachsprachenwechsel*)

Por *língua-teto* entendemos a variedade *standard* determinada para servir de referência para as situações formais de escrita e de intercomunicação entre falantes de variedades *substandard*. Neste sentido, por exemplo, a variedade *standard* Hochdeutsch tem a função de “teto” para inúmeras variedades alemãs *substandard*. Nas comunidades menonitas em estudo, o Hochdeutsch desempenha a função de língua-teto para a variedade *substandard* Plautdietsch. Todavia, existem situações, em que uma língua ou variedade pode tornar-se uma língua “sem-teto”. Kloss (1978, p. 60) denominou este tipo de variedades de “*dachlose Außenmundarten*”. Na sua definição, trata-se de variedades *substandard*, cujos falantes não têm mais a possibilidade de aprender, no local onde vivem, a respectiva variedade *standard*. Consequentemente, a variedade *substandard* permanece sem a proteção da respectiva língua-teto e, fica exposta, diretamente, a

uma outra variedade *standard*, muitas vezes sem parentesco linguístico. Esta circunstância pode levar a uma troca de língua-teto (*Dachsprachenwechsel*), como no caso do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul, que na ausência da norma *standard* do moderno alto-alemão (*neuhochdeutsche Standardsprache*) ocupou esta função pelo menos na oralidade,²⁸⁹ na interação entre falantes de variedades distintas, mas que em tempos recentes foi substituída pelo português como norma-teto (*Überdachungsnorm*).²⁹⁰

Nas comunidades menonitas em estudo, podemos constatar que a variedade *standard* Hochdeutsch também está sendo gradualmente substituída pelo português. Durante as primeiras décadas, as línguas de imigração e a língua de contato tinham papéis bem definidos nas comunidades menonitas do RS e PR: o Hochdeutsch, a variedade *standard*, usado na comunicação intra-étnica formal (igreja, escola, ler e escrever); o português, usado praticamente apenas para a comunicação inter-étnica; o Plautdietsch, a variedade *substandard*, usado para a comunicação intra-étnica informal. Essa situação diglössica estável, no entanto, no decorrer do tempo, sofreu alterações: de um lado, como vimos, substituiu-se em muitas famílias o Plautdietsch pelo Hochdeutsch, variedade *standard* de maior prestígio, que deixou de ser de uso exclusivo das situações formais e passou a ser usado também no contexto familiar. De outro lado, o português, a língua usada sobretudo para a comunicação inter-étnica, que, no entanto, atualmente vem se estendendo cada vez mais às situações do cotidiano e, em muitos casos, também do ambiente familiar. Ao se alterar a relação de diglossia entre as variedades em contato, ocorreram também mudanças na língua-teto das diferentes comunidades.

No quadro a seguir, tentamos resumir todas essas constatações sobre o uso e substituição das variedades *standard* e *substandard*, nas comunidades menonitas pesquisadas:

²⁸⁹ Na percepção de muitos falantes de variedades do baixo-alemão, o Hunsrückisch muitas vezes chegou até a ser confundido como Hochdeutsch (ou *Hochdeitsch*), por sua proximidade maior à nhd. *Standardsprache* (Altenhofen 1996, p. 6).

²⁹⁰ Ver Altenhofen, C.V. (2011, no prelo).

COMUNIDADE	Línguas	Línguas usadas pelos imigrantes e descendentes menonitas nas primeiras décadas após a imigração no Brasil	Línguas usadas atualmente pela geração mais velha (GII)	Línguas usadas atualmente pela geração mais nova (GI)
COL. NOVA (RS)	<i>standard</i> <i>substandard</i>	HD / (PT) PD	HD / PT PD	PT / (HD) PD
CURITIBA (PR)	<i>standard</i> <i>substandard</i>	HD / (PT) PD	HD / PT PD	PT / (HD) (PD)
COL. WITMARSUM (PR)	<i>standard</i> <i>substandard</i>	HD / (PT) PD	HD / PT PD	PT / HD (PD)
COL. RIO VERDE (GO)	<i>standard</i> <i>substandard</i>	EN / (PT) (PD)	EN / (PT) ---	PT / EN ---

Tabela 27 - Uso e substituição das variedades *standard* e *substandard* nas quatro comunidades menonitas em estudo

Legenda:

HD = Hochdeutsch (variedade *standard* local)

PD = Plautdietsch (variedade *substandard*)

EN = Englisch (inglês *standard* local)

() = pouco uso da língua

Nas comunidades menonitas em estudo, não se pode ver como consolidada, até agora, uma substituição da língua-teto Hochdeutsch ou da língua-teto inglês. Todavia, é incontestável o aumento do uso do português, comparado com a situação linguística nas primeiras décadas após a imigração no Brasil. Nas comunidades menonitas do RS e PR, o Hochdeutsch ainda é usado pela GII como língua *standard* e o Plautdietsch como variedade *substandard*. Na comunidade rural de Rio Verde (GO), a geração GII ainda usa preferencialmente a variedade *standard* do inglês.

Na geração mais nova da Colônia Nova e da comunidade menonita de Curitiba podemos constatar uma substituição gradual em curso da língua-teto Hochdeutsch pelo português. Em ambas as comunidades, o Hochdeutsch é pouquíssimo usado entre membros da GI e, conforme vimos na seção 4.3.1.4, o domínio desta língua pelos falantes mais jovens é cada vez menor. Além disso, os jovens de Colônia Nova não têm mais a oportunidade de aperfeiçoar o seu Hochdeutsch na escola da comunidade, pois a mesma foi fechada em 1999 e, na rede pública de ensino, a língua alemã não é oferecida como disciplina. Consequentemente, à medida que os falantes do Plautdietsch não têm mais o Hochdeutsch como língua-teto, ficam diretamente expostos ao português, cuja influência na variedade *substandard* (o Plautdietsch) foi comprovada pelos dados analisados em 4.2.3. Em Curitiba, muitos jovens de origem étnica-alemã também

frequentam escolas, nas quais não são ministradas aulas de língua alemã. A variedade *standard* Hochdeutsch, portanto, está sendo substituída gradualmente pelo português nestas duas comunidades. Como em Curitiba a grande maioria dos jovens de origem étnica-alemã não fala mais o Plautdietsch e o Hochdeutsch está sendo gradualmente substituído pelo português, a comunidade trilingue tende, num futuro próximo, não se diferenciar mais linguisticamente do seu entorno monolíngue em português.

Em Colônia Witmarsum, a maioria da geração jovem convive mais intensamente com a variedade *standard* do alemão no ambiente familiar, a qual está gradualmente substituindo o uso do Plautdietsch. Os falantes do Plautdietsch, mesmo em número decrescente, pode-se dizer que veem a variedade *standard* Hochdeutsch como língua-teto correspondente.

Retomando, por fim, os dados e conclusões sobre a comunidade rural de Rio Verde, o português está substituindo gradualmente a língua-teto inglês no contexto informal. No ambiente familiar, todavia, o uso do inglês persiste ainda forte, devido em parte ao prestígio que carrega.

4.4 PAPEL DO PLAUTDIETSCH NA IDENTIDADE E COESÃO DO GRUPO

Um aspecto muito importante no uso de uma variedade *substandard* é a segurança que esta proporciona ao falante, quando falada dentro de um limite geográfico, tornando-se, assim, um símbolo primário da sua identidade. O uso de uma variedade *substandard* pode transmitir ao seu falante um sentimento de proteção e de aconchego, que resulta da consciência de se sentir “em casa” neste limite geográfico – geralmente representado por uma localidade menor, como por exemplo, uma vila ou colônia. Nestes casos, conforme Esser (1983, p. 126), o uso da variedade *substandard* proporciona um sentimento de intimidade com a comunidade original.²⁹¹ Neste sentido, uma variedade *substandard* auxilia na criação de uma consciência de identidade de grupo, que atua na coesão intra-grupal e, ao mesmo tempo, também serve para delimitar outros grupos, falantes de outras línguas.

²⁹¹ É incrível como, por exemplo, o Plautdietsch desperta em mim – falante dessa variedade e autora desta tese – uma alta proporção de confiança, a tal ponto de, no momento de ouvir uma única frase nesta variedade por alguém totalmente desconhecido, caracterizar esta pessoa como simpática e merecedora de minha confiança – experiência também confirmada pelos próprios informantes deste estudo.

Com o objetivo de averiguar qual o papel que a variedade *substandard* Plautdietsch desempenha na identidade e coesão dos menonitas, apresentamos primeiramente as características específicas do “menonita protótipo”, citadas pelos próprios informantes. A partir desse “modelo”, verificar-se-á se os informantes identificam o “menonita atual” com as características do “menonita protótipo” ou se houve mudanças, no decorrer do tempo, que influenciaram o perfil linguístico da comunidade. No modelo pluridimensional, esse tipo de dado faz parte, em certo sentido, do escopo de análise da dimensão diarreferencial e pode ser captado especialmente através da análise de comentários metalinguísticos e depoimentos.

4.4.1 Percepção dos membros da comunidade sobre o “menonita protótipo”

Ao solicitar aos informantes uma descrição de um “menonita protótipo”, a maioria (80%) referiu-se a este como alguém que fala o Plautdietsch, ou seja, para a maioria a variedade *substandard* aparece ainda como a primeira condição para poder ser caracterizado como um “menonita original”. A seguir, apresentamos as opiniões dos informantes com relação à pergunta “*Wea es een aichta Menist?*” (“Quem é um menonita de verdade?”)

Grupo	Localidade	Comentário
CaGII	Col. Nova (RS)	F: “ <i>Dee kon Plautdietsch.</i> ” (É aquele que sabe falar <i>Plautdietsch.</i>)
CaGI	Col. Nova (RS)	M: “É aquele que faz parte da cultura e língua menonita [<i>Plautdietsch.</i>]”
CbGII	Col. Nova (RS)	M: “ <i>Etj weeit nich ... derwaich dee waut Dietsch send, gaunz Plautdietsch sent ... een Menist es je bloos een Plautdietscha</i> “ (Não sei ... mas em geral são aqueles que são alemães, que falam <i>Plautdietsch</i> ... um <i>Menist</i> é somente aquele que fala <i>Plautdietsch</i>).
CbGI	Col. Nova (RS)	F: “[Menonita é] ... um povo, eu acho, sei lá ... que fala alemão [...] <i>Plautdietsch</i> ou <i>Hochdietsch!</i> ”
CaGII	Curitiba (PR)	M: ... <i>Etj sie een aichta Menist, wiels etj auls Menist jebore sie. ... Etj jehea to dee Grupp, waut von dee Meniste ofstomme. ... Dee Plautdietsch rede, dee de Jebräuche ha von dee Plautdietsche oba daut es noch nich onbedingt een Tjrist.</i> (Eu sou um menonita original, pois nasci como <i>Menist</i> ... Eu pertencço àquele grupo, que é de descendência menonita, ... que fala <i>Plautdietsch</i> , que tem os costumes dos que falam <i>Plautdietsch</i> ... mas que não é necessariamente um cristão.)
CaGI	Curitiba (PR)	F: “ <i>Een aichta Menist red Plautdietsch</i> “.[...] “ <i>Dee moakt een eichta Riebelplauts ...</i> “ (Um puro <i>Menist</i> fala <i>Plautdietsch</i> . [...] Ele faz uma cuca original).
CbGII	Curitiba (PR)	M: ... <i>Een Plautdietscha Menist.</i> “ (Um <i>Menist</i> que fala <i>Plautdietsch.</i>)
CaGII	Col. Witmarsum (PR)	M: ... „ <i>Jeburne ofstaum von Menonite ... doa tjemmt krait Sproack doatau!</i> “ (... Descendência menonita ... aí entra exatamente a língua!)
CaGI	Col. Witmarsum (PR)	M: ...” <i>wann du von een Menist redst ... dann redst du von Sproacke!</i> [<i>Plautdietsch enn Hochdietsch</i>]“ (... quando o assunto é <i>Menist</i> ... você está falando de línguas [<i>Plautdietsch e Hochdeutsch.</i>].)
CbGII	Col. Witmarsum (PR)	F: “ <i>Mennonit ess wahna getoft ess ... dann esse't een Mennonit</i> “ (Menonita é quando alguém é batizado na igreja ... aí é um menonita).
CbGI	Col. Witmarsum (PR)	F: “ <i>Mennonit haft met dee mennonitische Sproack to doone</i> [<i>Plautdietsch!</i>]” (Menonita tem haver com a língua menonita!)
CbGII	Col. Rio Verde (GO)	M: „ <i>Mie moackt daut</i> [<i>Plautdietsch</i>] <i>tjeen Unjascheet!</i> “ (Para mim [o <i>Plautdietsch</i>] não faz a diferença).
CbGI	Col. Rio Verde (GO)	F: “Não tem nada a ver com línguas!”

Tabela 28 - Respostas à pergunta “*Wea es een aichta Menist?*”

A partir das respostas acima, podemos constatar que apenas um informante do grupo CbGII da Colônia Witmarsum e os informantes de Rio Verde não apontam o *Plautdietsch* (ou *Hochdeutsch*) como pré-requisito para a definição/aceitação do “menonita protótipo”. Vale destacar que, na Colônia Witmarsum, o grupo CbGII admitiu que a opinião dada era referente ao que o pastor falou na igreja, ou seja, fica evidente que essa postura teve influência da fala do pastor e que nem sempre se trata de uma convicção dos informantes. Em outro momento, o informante masculino do grupo CbGII de Witmarsum afirma que seu irmão, falante do *Plautdietsch*, é um “*Menist*”. Neste caso, fica claro que, para esse grupo, o “menonita protótipo”

também fala a variedade *substandard*. Em Rio Verde, o “ser menonita” não está mais ligado às variedades linguísticas do alemão, uma vez que a GI não fala mais o *Plautdietsch* (pois não houve transmissão geracional) e a GII, falante dessa variedade, relaciona o “menonita protótipo” antes com alguém que é fiel aos ensinamentos de Menno Simons. Chamou nossa atenção, que em nenhum momento alguém dos informantes desta comunidade relaciona o inglês com o “ser menonita”, dado a importância que essa língua ainda tem no âmbito religioso da colônia.

Vale lembrar que, outros atributos, como a culinária e as tradições, que caracterizam o menonita protótipo, foram citadas pelos informantes, assim como características do tipo, “menonitas são trabalhadores, disciplinados, econômicos, reservados, materialistas, etc”. No entanto, diante da complexidade do assunto, restringimo-nos a analisar a questão a partir de três critérios, como veremos a seguir.

4.4.2 Percepção dos membros da comunidade sobre o “menonita atual”

A pergunta “*Wea es een Menist ouda een Mennonit?*” (quem é um *Menist* ou um menonita?) foi uma das questões que exigiu, para a maioria dos informantes menonitas, uma reflexão não muito fácil, uma vez que os termos “menonita (em port.), *Mennonit* (em alemão *standard*) e *Menist* (variedade *substandard*)” não necessariamente são tratados como sinônimos pela comunidade e, em alguns casos, até interpretados diferentemente, como veremos a seguir. Em vários momentos, observou-se, entre os informantes, certa insegurança: “será que estamos falando de um grupo étnico ou de uma religião? Menonitas são aqueles que falam *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou inglês? Ou estamos falando de um grupo religioso? Quem é um *Menist*? Aquele que tem o costume de comer *Borscht* (sopa de repolho e legumes) ou *Wrennetje* (pirogue) e conhece *Tweeback* e *Riebelplauts* (pãezinhos duplos e cuca)?” Entre todos os informantes, foi perceptível a grande vontade de definir com precisão quem, afinal, pode ser chamado de menonita, *Mennonit* ou de *Menist*. Para um melhor entendimento da percepção dos informantes sobre o “menonita atual”, organizamos as respostas dos informantes em três diferentes temas: a etnicidade, a religião e a língua como critérios da identidade menonita.

4.4.2.1 A etnicidade como critério da identidade menonita

Na literatura, costuma-se relacionar o termo *etnia*, muitas vezes, com o grupo minoritário, raça ou nação. Segundo Devetak (1996, p. 203), o termo *ethnicity* origina-se do grego *éthnos* e refere-se – nos dias de hoje – a um número relativamente grande de pessoas que socialmente pertencem juntas, pois acreditam na orientação que receberam dos seus antepassados em comum, como também compartilham do mesmo senso de identidade e de sentimento de solidariedade. Uma das peculiaridades do grupo étnico, ainda de acordo com Devetak (1996, p. 206), é a sua própria perpetuação, ou melhor, a criação da consciência e importância da sua perpetuação de uma geração para outra. Em suma, o termo *grupo étnico*, de acordo com Hutnik (1991, p. 18), é designado para uma população que: (1) compartilha valores culturais fundamentais em formas culturais positivas; (2) faz da comunidade um campo de comunicação e interação; (3) se perpetua biologicamente; (4) se identifica e é identificado por outros para constituir uma categoria distinta de outras categorias. Um dos pré-requisitos estruturais para a formação de um grupo étnico é a sua concentração territorial e a sua mobilização. Levando em consideração as características citadas acima, podemos caracterizar a comunidade menonita como uma comunidade étnica.

Ao refletir sobre a própria autodenominação, todos os informantes responderam, com unanimidade, que os menonitas formam um grupo étnico, ou seja, “um grupo que tem uma língua própria, cultura e costumes que os diferenciam de outros grupos”. Segundo os informantes, além do menonita étnico religioso, estão incluídos aqui também aqueles menonitas ou descendentes de menonitas que não se filiaram a nenhuma igreja menonita, mas que fazem parte da comunidade, pois compartilham as mesmas características: nasceram num “berço menonita”, falam o Plautdietsch/Hochdeutsch e aderiram aos mesmos costumes e tradições da comunidade étnica. Via de regra, essas pessoas identificam-se como *Meniste* e também são identificados pela comunidade menonita como tal, pois fazem parte do grupo étnico da comunidade e vivem sem maiores problemas na comunidade. Os comentários abaixo, dos informantes, comprovam tais afirmações:

Grupo	Localidade	Comentário
CaGII	Col. Nova (RS)	M: “ <i>Etj gleew, onse Herkunft enn onse Tradition, dee moackt ons uck noch, butre Glaubensgemeinschaft, to eene Jemeenschaft, jo?</i> ” (Acredito que a nossa origem e a nossa tradição nos caracterizam, além de uma comunidade religiosa, também como étnica, não é?) F: “ <i>Etj hab een Brouda waut nich enne Jemeende es, enn wann etj dem wud saje, hee wea tjeen Menist, daut wud hee mie nich jleewe.</i> ” (Eu tenho um irmão que não é membro de uma igreja e, se eu dissesse a ele que não é menonita, isso ele não iria acreditar).
CaGI	Col. Nova (RS)	M: “Antigamente, na Colônia Nova, viviam somente menonitas, mas atualmente aprox. 50% não são mais menonitas étnicos, ou seja, são <i>Brasiliana</i> (brasileiros)”.
CbGII	Col. Nova (RS)	F: ... “ <i>Wiels wie habe eene Jeschicht, von dort ... von 1500 onjefeah, ha wie eene Jeschicht ... enn dee Brasiliana haje tjenne Jeschicht nich!</i> ” (Porque nós temos uma história, desde lá ... de 1500 aproximadamente, nós temos uma história ... e os brasileiros não têm uma história!)
CbGI	Col. Nova (RS)	M: “Menonita é um povo ... um povo que ... era uma colônia, um grupo de uma região e aí veio para cá e trouxe junto o nome.” F: “[Menonita é] ... um povo, eu acho, sei lá ... que fala alemão [...] <i>Plautdietsch</i> ou <i>Hochdietsch!</i> ”
CaGII	Curitiba (PR)	F: “ <i>Mennonit senne bediet fe mie Jeschicht ... enn dee Grund waut wie habe von dee gaunze Kultur.</i> ” (Ser menonita significa para mim história ... e a base da nossa cultura.) “ <i>Daut es eene waut enn onse Jemeenschaft oppjewossse es, ...</i> ” (... é aquele que cresceu na nossa comunidade menonita, ...) M: ... “ <i>Dee offstoaming von ,Mennonit senne’, daut bediet fe mie Jeschichte enn dee Grund waut we habe von aul onse gaunze Kultur.</i> ” (... A descendência de ‘ser menonita’ significa para mim história e a base de toda nossa cultura).
CaGI	Curitiba (PR)	M: “ <i>Daut es mol ‘ne Grupp jewese, dee stomme □on Dietsche of, oba dee sent von Russlaund jekomme, enn sent doa utjekleft vom Tjreech – welle saje – enn vom comunismo, enn sent no Brasilien jekomme, no Kanada, enn no Paraguay ... ha’sich in miere Stede vekroppe.</i> ” (Foi certa vez um grupo de descendência alemã, mas que veio da Rússia, e que fugiram da guerra – vamos dizer – e do comunismo, e vieram para o Brasil, para o Canadá, e para o Paraguai ... e que se escondem em vários lugares.) F: ... “ <i>Een Mennonit mot eene Jeschicht habe ... etj kann saje, daut miene Ouma ... send Mennoniten.</i> ” (... Um menonita deve ter uma história ... eu posso dizer, que a minha avô ... são menonitas.) “ <i>Menist es eene Kultur.</i> ” (<i>Menist</i> é uma cultura.)
CbGII	Curitiba (PR)	M: “ <i>Dee Menist jeheat to dee Jemeenschaft.</i> ” (O <i>Menist</i> pertence a uma comunidade.)
CaGII	Col. Witmarsum (PR)	M: “ <i>Wie sent eene ethnisch-religiöse Grupp, jo?</i> ” (Somos um grupo étnico-religioso, não é?) F: ... “ <i>Daut es een Voltj ...</i> ” (Isto é um povo ...)
CaGI	Col. Witmarsum (PR)	M: “ <i>... wann du von een Menist redst, dann redst du von eene Sache waut een betsjje ... waut een betsjje ... jrata es ... aus bloos dee Bereich von’e Tjoatj ... dann reds du von Sproacke, eva ... eva eene jewese Benehmungsaut ... waut etj nich gaunz jenoah weit waut daut es, oba ... dee es een bestje ondasch ... etj gleew wenst!</i> ” (... quando você fala a respeito de um <i>Menist</i> , aí você fala de uma coisa que é um pouco ... que é um pouco ... maior ... do que somente a área religiosa ... aí você está falando de línguas, de ... de uma determinada maneira de se comportar ... que eu não sei como dizer, mas ... que é um pouco diferente ... eu acho pelo menos!)

CbGII	Col. Witmarsum (PR)	M: ... [<i>Meniste habe</i>] ... „ <i>mennischet Bloot!</i> ” [Os Meniste têm ... sangue menonita!]
CbGI	Col. Witmarsum (PR)	F: “[<i>Daut</i>] <i>haft met dee mennonitische Sproack ... enn dee Tradition soo ... waut Borscht mach äte ...</i> ” ([Isto] tem haver com a língua menonita ... e com a tradição ... com comer Borscht ...). “ <i>Menonita ...es eene Kultua!</i> ” (Menonita é ... uma cultura!)
CbGII	Col. Rio Verde (GO)	M: „ <i>Well, daut es nich meea eene Relijoon ... daut es `ne Sort Mensche nu jeworde! Daut haft nuscht to doone met Goot!</i> ” (Well, isto não é mais uma religião ... isto agora é um tipo de pessoas! Isto não tem nada a ver com Deus!)
CbGI	Col. Rio Verde (GO)	F: “Menonita veio por ... por esses ... americanos e da Europa, sabe?” M: “Menonitas quase significa uma linhagem ... a gente tirou o nome de uma linhagem que a gente tem.”

Tabela 29 - Comentários sobre a definição de “menonita”: papel da etnicidade

Conforme os comentários acima, verifica-se que há uma grande consciência, entre os informantes, de que a comunidade é formada por um grupo étnico, que inclui todas as pessoas de origem étnica menonita, independente se é ou não religiosa. Em sua dissertação sobre os menonitas, Maske (1999, p. 11) conclui que “isto ocorre em função dos laços que os unem e que não incluem apenas a religião, mas também a língua, a tradição, o nome e o sangue.”

4.4.2.2 A religião como critério da identidade menonita

O critério de que o termo *menonita* está relacionado com a religião, ou melhor, de que o menonita é bíblico também aparece como um dos critérios mais citados nos depoimentos dos informantes:

Grupo	Localidade	Comentário
CaGII	Col. Nova (RS)	M: “ <i>Mennoniten ess eene Glaubensgemeinschaft</i> ” (Menonitas são uma comunidade religiosa).
CaGI	Col. Nova (RS)	M: “Na teoria, é aquele que adere à filosofia de Menno Simons ... aquele que é batizado em uma igreja Menonita faz parte da denominação menonita.”
CbGII	Col. Nova (RS)	F: “ <i>Wer een Menonit es, der ist wiedergeboren! Daut hab etj mol enn eene Prädijcht jeheat. ... Meniste send moa dee waut wiedergeboren sind, ... dass sind Mennoniten, ... die anderen nicht, das sind Deutsche. ... não sei ...</i> ”. (Um menonita é aquele que é renascido! Isto eu ouvi uma vez numa pregação ... <i>Menisten</i> são somente aqueles que são renascidos, ... estes são menonitas, ... os outros não, estes são alemães ... não sei ...)
CbGI	Col. Nova (RS)	M: “É ... esse negócio de menonita isso dá ... um lado da muito conflito, né? Principalmente negócio de igreja. [...] Eu digo, que <u>menonita não seria negócio de religião</u> . Menonita é um povo ... um povo que ... era uma colônia, um grupo de uma região e aí veio para cá e trouxe junto o nome. [...] Eu vejo que

		os menonitas ... eles com o tempo, como eles eram cristãos e tudo ... aí se juntou as duas coisas ... a religião com um povo ... acabou se juntando as duas coisas. <u>Mas, eu não vejo assim que ... menonita é uma religião ... só religião, eu digo que é um povo.</u> ”
CaGII	Curitiba (PR)	F: „ <i>Menonit auls Religion ouda so ... es wea werkllich ewazeugt es, enn betjiet es, enn jetauft es in eine mennonitische Gemeinde</i> ”. (Menonita como religião ou assim ... é aquele que de fato está convicto, é convertido e batizado numa igreja menonita)
CaGI	Curitiba (PR)	M: “ <i>Mennonit, daut es dee religião ...</i> ” (Menonita é a religião ...) F: “... <i>mot eene tjrstliche Persoun senne, daut es een Mennonit fe mie.</i> ” (... deve ser uma pessoa cristã, esse é um menonita para mim.)
CbGII	Curitiba (PR)	F: “ <i>Mennonit ... dee getoft enn eene Jemeinde es, jo?</i> ” (Menonita ... é aquele que é batizado e está em uma igreja, não é?) M: ... “ <i>wann man den Jlauwe ohnemmt enn betjiet es enn jetauft, es man een Mennonit, dann jeheet man to dee Jemeinde.</i> ” (... quando a gente aceita a fé, se converte e se batiza, a gente é menonita, aí pertence para uma igreja.)
CaGII	Col. Witmarsum (PR)	F: “ <i>Mennonit sene haft met dee Tjoatj to daune.</i> ” (Menonita tem a ver com igreja.) M: “ <i>Enne Theorie es fe mie een Mennonit ... aulso Kirchenangehörige von dee Rechtung waut Nachfolge von Menno Simons sent.</i> ” (Na teoria um menonita para mim é ... um membro de igreja, o qual segue a direção de Menno Simons.) [„ <i>Mennonit es ehntlich</i>] ... <i>waut Kirchengänger ouda dee Kirchengemeinschaft habe ... enn dee aundre sent even ... soone agregados!</i> (Menonita na verdade são ... frequentadores de igreja ou que são membros de igreja ... e os outros são agregados!)
CaGI	Col. Witmarsum (PR)	M: “ <i>Mennonita ... sau aus wie daut habe ... es eene waut to dee Toatj jeheat ...</i> ” (Menonita ... assim como é comum ... aquele que pertence à igreja ...) F: ... <i>Menno Simons ...</i>
CbGII	Col. Witmarsum (PR)	F: “ <i>Mennonit ess wahna getoft ess ... dann esse't een Mennonit</i> ” (Menonita é quando alguém é batizado na igreja ... aí é um menonita).
CbGI	Col. Witmarsum (PR)	F: „ <i>Menonita es nich eene Religiaun. Daut es eene Kultua!</i> ” (Um menonita não é uma religião. Isto é uma cultura!) M: “ <i>Een jeedra kaun Menist woare, wiels hee gleewt on ... daut waut Menno Simons ons leahre deet!</i> ” (Qualquer um pode vir a ser um <i>Menist</i> , porque ele acredita... naquilo que Menno Simons nos ensinou!)
CbGII	Col. Rio Verde (GO)	M: “ <i>Dee Bresiliana waut ne onse Tjoatj kohme, daut sent aula Menonite nu!</i> ” (Os brasileiros que agora vêm para as nossas igrejas são todos menonitas!) F: “ <i>Jeweelijch saj etj dee Mensche hia, daut etj sie een cristão ... nich Menonit ouda Holdeman!</i> ” (Geralmente eu digo às pessoas aqui, que eu sou um cristão ... não um menonita ou holdeman!)
CbGI	Col. Rio Verde (GO)	F: “[Menonita] seria a pessoa que ... acredita nos ensinamentos de Menno Simons.” M: “Uai ... menonita pra mim não assim ... é um nome da ... é um dos nomes da religião, né?! [...] É só um nome ... pra mim isso não é tão ... mais importante é a religião!”

Tabela 30 - Comentários sobre a definição de “menonita”: critério da religião

Como podemos ver acima, a grande maioria dos informantes relacionam a identidade do menonita com religião ou com uma vida religiosa. Apenas o informante masculino do grupo

CbGI de Colônia Nova e o informante feminino do grupo CbGI de Colônia Witmarsum preferem associar a identidade menonita mais com etnia (cultura, povo); no entanto, o informante de Colônia Nova admite que, de alguma forma, a religião faz parte do conceito de menonita. A constatação de que a religiosidade provavelmente é a base da comunidade e cultura menonita também é confirmada na tese de Siemens (1992, p. 22-23). Segundo o autor, quando um menonita descreve suas características principais, ele invariavelmente começa enfatizando a natureza religiosa da comunidade; mesmo os menonitas não afiliados a nenhuma igreja, geralmente são favoráveis a essa influência exercida pela religião.

Um aspecto que chama atenção e aparece em diversos comentários acima é a identificação de um terceiro tipo de menonita: o prosélito. Em outras palavras, além do menonita étnico (mais conhecido por “*Menist*”) e o menonita étnico-religioso, existe o menonita prosélito que se converteu à doutrina menonita. Vale destacar que o último tipo forma atualmente o maior grupo de menonitas no Brasil, ou seja, aproximadamente 6.000 pessoas (conforme relatamos em 1.3.2).

Como já mencionamos acima, nem sempre os termos *menonita* ou *Menist* são diferenciados pelos membros da comunidade. Alguns informantes os usam como sinônimos; outros, todavia, fazem questão de diferenciá-los, como evidenciam os comentários abaixo:

Grupo	Localidade	Comentário
CaGII	Curitiba (PR)	F: „ <i>Na, wer es <u>Mennonit</u>?! Etj wud wada doa den Unjascheid saje von ‚Mennonit‘ auls Religion, enn ‚<u>Menist</u>‘ auls Kultur.</i> “ (Bem, quem é um menonita?! Eu iria fazer uma diferença entre menonita como religião e <i>Menist</i> como cultura.) M: “ <i>Daut es seea schwierig to saje, waut “Menisch” enn “Mennonit” es, wiels ... entlich „Mennoniten Brüdergemeinde“ daut es bloos een Nohme, den wie brucke. Wie sent aules Tjriste. Daut es daut wijtjichste enn daut es waut talt, jo?! Saje daut etj een “Menonita” sie, haft entlich tjeen Senn!</i> (“É bem difícil de dizer o que é “ <i>Menist</i> ” e o que é “menonita”, porque ... na verdade “Irmãos Menonitas” é apenas um nome que utilizamos. Nós todos somos cristãos. Isto é o mais importante e é isto que conta, não é? Dizer que sou um “menonita”, na verdade não faz sentido!”
CaGI	Curitiba (PR)	M: <i>Daut jeft Veschiedenehte tweschen <u>Menist</u> enn <u>Mennonite</u>. ... <u>Mennonit</u>, daut es dee religião, enn <u>Menist</u> es daut Voltj.</i> ” (Existem diferenças entre <i>Menist</i> e menonita. ... Menonita é a religião e <i>Menist</i> é o povo.) F: “ <i>Menist es ‘ne Kultur ... daut sent Meniste ... enn wann man auls Tjoatj sit, sent Menonitas ... daut sent Mennoniten ... dann es’t een bestje ondasch.</i> (<i>Menist</i> é uma cultura ... esses são <i>Meniste</i> ... e quando se olha conforme igreja, são menonitas --- esses são menonitas ... aí é um pouco diferente.)
CbGII	Curitiba (PR)	M: ... „ <i>Freia woard jesagt, we were <u>Meniste</u>, wann man den Jlauwe ohnemmt enn betjiet es enn jetauft, es man <u>Mennonit</u> ...</i> “ (... antigamente nós éramos <i>Meniste</i> , mas ao aceitar a fé, se converter e se batizar, tornamo-nos menonita).
CaGII	Col. Witmarsum (PR)	M: ... “ <i>Wann daut Wuat Menist jebrouckt woat, es’t fe dee ethnische Ofstammung, enn Mennonit es fe mie aul meia formella, es meia Tjoatjonjehierichtjeit.</i> ” (... Quando se usa a palavra <i>Menist</i> , refere-se à descendência étnica, e menonita é para mim mais formal, no sentido de pertencer à igreja.) “ <i>Een Mennonit jeheet enn’e Tjoatj nenn, enn Menist es mau daut Foltj ... aulso ... enn Witmarsum send wie ola Meniste, oba Mennonite send bloos dee janse woat too dee Tjoatj jeheere ... mais ou menos isto!</i> ” (Um menonita pertence à igreja e <i>Menist</i> é somente um povo ... ou seja ... em Witmarsum somos todos <i>Meniste</i> , mas menonitas são somente aqueles que pertencem a igreja ... mais ou menos isto!).

Tabela 31 - Comentários sobre a definição de “menonita”: diferenciações em relação ao termo *menonita*

No grupo CaGII de Curitiba, verificou-se que o informante masculino não aprecia muito o termo *menonita* e que prefere usar a palavra *cristão*. Devido aos outros informantes das demais localidades e grupos não comentarem explicitamente a diferença entre os termos *menonita* e *Menist*, decidimos não mencioná-la acima.

Outro fator muito interessante a ser observado: as diferentes atitudes dos informantes perante o termo *menonita* aplicado aos prosélitos. Para a grande maioria dos informantes, o termo *menonita* soa estranho quando usado àquele que não é de origem étnica. Outros são da opinião de que qualquer indivíduo que aceita a doutrina menonita também deve ser chamado de *menonita*. Os comentários abaixo exemplificam tais afirmações:

Grupo	Localidade	Comentário
CaGII	Col. Nova (RS)	F: „ <i>Daut jefst ouck aul schwoate Mennonite, jo? ... Daut well ons nich enneme ... Meniste send wie, wann dann dee Schwoatasch ouck meniste sent, daut tjlinnt ons een bet framd.</i> “ (Já existem menonitas negros, não é? ... Isso não é muito compreensível ... <i>Meniste</i> somos nós e, se estes negros também são <i>Meniste</i> , soa um tanto estranho).
CaGI	Col. Nova (RS)	F: “Menonita está vinculado à igreja ... hoje em dia já tem muita igreja menonita ... como é que eu vou dizer ... portuguesa, então pra mim menonita sempre foi aquele que fala o alemão.”
CbGII	Col. Nova (RS)	M: “ <i>Dee Tjoatj ees mennonitisch enn dee (brasiliana) send doa bene, oba see send bie ons tjenne Mennonite nich!</i> ” (a igreja é menonita e eles (os brasileiros) fazem parte, mas eles <u>não</u> são menonitas para nós!)
CbGI	Col. Nova (RS)	M: “Eu acho que não ... só por se batizar na igreja menonita não ... [é menonita] ... a religião sim, seria menonita, mas ...
CaGII	Curitiba (PR)	F: ... “ <i>wie habe oba ouck vel Bresiliana, waut daut Wuat Gottes jeheat habe, onjenomme ha’, enn jetoft sent, enn eene Mennoniten Gemeinde sent, daut sent bie mie ouck Mennoniten. See sent nicht Meniste, von Kultur opp, oba see sent Mennoniten, fon Glaube.</i> ” (... nós também temos muitos brasileiros, que ouviram a Palavra de Deus, aceitaram, foram batizados, pertencem a uma Igreja Menonita, estes para mim também são menonitas. Eles não são <i>Meniste</i> considerando sua cultura, mas são menonitas a partir da sua fé.)
CaGI	Curitiba (PR)	M: ... “ <i>Menonita es dee, waut enne Tjoatj metmoakt.</i> ” (... Menonita é aquele que participa da igreja.) F: “ <i>Enn onse Tjoatj sent so väle Bresiliana ... dee tjene saje, daut see Mennonite sent.</i> ” (Na nossa igreja existem tantos brasileiros ... eles podem dizer, que são menonitas)
CbGII	Curitiba (PR)	F: “... <i>wiels dee Bresiliana nu uck Mennonite sent, wann dee enne Jemeinde sent, jo?</i> ” (... porque os brasileiros agora também são menonitas, quando estão numa igreja, não é?) M: “[<i>Dee Bresiliana</i>] ... <i>dee ha den Jlauwe onjenohme, enn heite ... dee Jemeende heit so.</i> ” ([O brasileiro] ... ele aceitou a fé, e se chama ... a igreja se chama assim.)
CaGII	Col. Witmarsum (PR)	F: “ <i>Dee waut blous Portugiesisch kon, kon uck een Mennonit senne ... ouda irjenst eene aundre Sproack.</i> ” (Aquele que somente sabe português também pode ser um menonita ... ou qualquer outra língua.)
CaGI	Col. Witmarsum (PR)	M: “... <i>Du finjst Tjoatje, du finjst “Igrejas Menonitas” wua tjen Menist es!</i> ” (... Você pode achar Igrejas Menonitas nas quais não existe nenhum <i>Menist!</i> ”)
CbGII	Col. Witmarsum (PR)	M: “... <i>Schwote Afrikona sent Meniste!</i> ” (... “Africanos negros são <i>Meniste!</i> ”)
CbGI	Col. Witmarsum (PR)	M: “[<i>Dee Bresiliana</i>] <i>es een Menist ut Gloowe, oba nich een Menonit auss im Bloot – daut es ne’ aundre Sach, jo?!</i> ” ([O brasileiro] é um <i>Menist</i> através da fé, mas não um menonita de sangue ... isto é uma outra coisa, não é?)
CbGII	Col. Rio Verde (GO)	M: “ <i>Dee Bresiliana wuat no onse Tjoatj kohme, daut sent aula Mennonite nu!</i> ” (Todo brasileiro que vem à nossa igreja é agora menonita!)
CbGI	Col. Rio Verde (GO)	F: [Menonitas são] “... os membros da Igreja Menonita.”

Tabela 32 - Comentários sobre a definição de “menonita”: atitudes em relação aos prosélitos

Observamos que há uma diferença de atitude entre a comunidade urbana e as comunidades rurais. Em Curitiba, todos informantes parecem aceitar chamar os prosélitos de

menonitas. Nas comunidades rurais, no entanto, esta questão divide opiniões: os informantes da Colônia Nova – de ambos os grupos – tendem antes a não chamar o prosélito de *menonita*. Já na Colônia Witmarsum, todos os informantes – de ambos os grupos – admitem que os monolíngues em português, por exemplo, podem pertencer à comunidade menonita de fé, mas que não fazem parte do grupo étnico. O informante masculino do grupo Cb desta localidade ainda complementa e diz que “africanos negros são *Meniste*” – nessa afirmação, contudo, o tom de voz usado pelo informante refletia antes indignação, ao invés de convicção. Na comunidade rural de Rio Verde, também prevalece a opinião de que todos os prosélitos são menonitas, pois são membros da Igreja Menonita.

Janzen, professor e reconhecido pastor entre os menonitas, ao escrever sobre a fé, sociedade e cultura menonita, afirma que:

Ser “menonita” deveria ser, antes de mais nada, uma característica de um grupo de fé, uma denominação cristã, uma definição de doutrina e prática, mas as circunstâncias contribuíram para que houvesse quase que uma sociedade, ou melhor, uma etnia que desenvolveu seus valores, seus princípios e sua forma de ser para agora ter características muito próprias. [...] Menno Simons nunca quis que uma denominação fosse reconhecida pelo seu nome, mas muito menos gostaria de ver um grupo étnico que usasse o seu nome como sua denominação. (JANZEN, 2010, p. 118)

Segundo Janzen (2010), para os menonitas que atualmente moram em cidades, a questão de chamar os prosélitos de menonitas já não é relevante, mas nas comunidades rurais isto ainda causa desconforto.

A seguir, vamos analisar a percepção dos informantes sobre a(s) língua(s) na identidade do menonita.

4.4.2.3 A língua como critério da identidade menonita

Se, como vimos, a identidade de menonita deriva da soma de três componentes básicos (etnicidade, religião, língua), coloca-se a pergunta se, com as mudanças sociais na comunidade, um desses componentes se torna dispensável ou pode ser substituído por outro critério. Em nosso estudo, isso implica perguntar, em outras palavras, se a língua, no caso o Plautdietsch – que representou uma marca fundamental da identidade do menonita-protótipo, como vimos acima –

está perdendo esta função, nos dias atuais, tornando-se, conseqüentemente, dispensável (poderíamos dizer “descartável”) e, portanto, enfraquecendo sua vitalidade linguística. Para tanto, analisemos os depoimentos que coletamos nas diversas entrevistas:

Grupo	Localidade	Comentário
CaGII	Col. Nova (RS)	M: “ <i>Etj gleew em graunten enn gauzen onertjan wie auls Menonit, wea Plautdietsch rede det, joh?</i> ” (Acredito que, em geral, reconhecemos como menonita aquele que fala o <i>Plautdietsch</i> , não é?)
CaGI	Col. Nova (RS)	F: “ <i>Menist es wea Plautdietsch enn Hochdietsch red ...</i> M: “ <i>...meea Plautdietsch</i> ”. (F: Menonita é aquele que fala <i>Plautdietsch</i> e <i>Hochdeutsch</i> ... M: ... mais <i>Plautdietsch</i> !)
CbGII	Col. Nova (RS)	M: “ <i>... een Menist es je bloos een Plautdietscha, dennj etj!</i> ” (... um menonita é somente aquele que fala <i>Plautdietsch</i> , penso eu.) F: <i>Eene waut Plautdietsch red, daut es een Menist!</i> (alguém que fala <i>Plautdietsch</i> , é um Menist!)
CbGI	Col. Nova (RS)	F: “[Menonita é] ... um povo, eu acho, sei lá ... que fala alemão [...] <i>Plautdietsch</i> ou <i>Hochdietsch!</i> ”
CaGII	Curitiba (PR)	F: “ <i>Etj jehea to dee Grupp, waut von dee Meniste ofstomme. ... Dee Plautdietsch rede, dee de Jebräuche ha’von dee Plautdietsche ...</i> ” (Eu pertença àquele grupo, que é de descendência menonita, ... Aqueles que falam <i>Plautdietsch</i> , que têm os costumes dos que falam <i>Plautdietsch</i> ...)
CaGI	Curitiba (PR)	F: “ <i>... Een Menist es jana waut Plautdietsch red.</i> ” (Um <i>Menist</i> é aquele que fala <i>Plautdietsch</i> .) M: “ <i>... ouda wents dee Ellre rede, jo? Wiels dee Jugendliche nu, dee vestohne daut nich mea, wills dee Elre daut nich jeliyet habe.</i> ” (... ou, no mínimo, os pais falam, não é? Porque os jovens agora, estes não entendem mais, pois os pais não ensinaram.)
CbGII	Curitiba (PR)	M: “ <i>Freia ... waut Plautdietsch rede, weet so, daut dot oles Meniste were.</i> ” (Antigamente ... aqueles que falavam <i>Plautdietsch</i> , era assim, que estes eram todos <i>Meniste</i> .)
CaGII	Col. Witmarsum (PR)	F: “ <i>Mennonit senne haft nich met dee Sproack to doone!</i> ” (Ser menonita não tem a ver com línguas!) M: “ <i>... Jeburne ofstaum von Menonite ... doa tjemmt krait Sproack doatau!</i> ” (... Descendência menonita ... aí entra exatamente a língua!)
CaGI	Col. Witmarsum (PR)	M: “ <i>... wann du von een Menist redst ... dann redst du von Sproacke!</i> ” (... quando o assunto é <i>Menist</i> , você está falando de línguas ...)
CbGII	Col. Witmarsum (PR)	F: “ <i>Wann etj Plautdietsch red... [sie etj een Menist]!</i> ” (Se eu falar <i>Plautdietsch</i> ... [sou um <i>Menist</i>]!)
CbGI	Col. Witmarsum (PR)	F: “ <i>Saj mie dee Nochnohme, dann saj etj wea een Menist es. Etj gleew, eena recht sich seia nohm Nochnohme, jo?</i> ” (Me diga o sobrenome, aí eu digo se é um menonita. Eu acho, que a gente se direciona muito pelo sobrenome, não é?!) M: “ <i>Dee Nohme, enn .. aulso ... wann dee Plautdietsch rede deet!</i> ” (O nome, e ... quando ... quando a pessoa fala <i>Plautdietsch</i> !)
CbGII	Col. Rio Verde (GO)	M: “ <i>Mie moackt daut [Plautdietsch] tjeen Unjascheet!</i> ” (Para mim, [o <i>Plautdietsch</i>] não faz a diferença).
CbGI	Col. Rio Verde (GO)	F: “Eu acho que ... [menonita] não tem a ver com línguas...”

Tabela 33 - Comentários sobre a definição de “menonita”: atitudes em relação aos prosélitos

Conforme os depoimentos dos informantes, todos os informantes das comunidades do RS e PR relacionam o menonita ou o *Menist* com a variedade *substandard* Plautdietsch. Apenas na comunidade rural de Rio Verde, o Plautdietsch deixou de ser uma marca e um requisito da identidade de menonita, o que se explica pelo fato de a variedade não ser mais transmitida geracionalmente.

Não temos como avaliar, através dos depoimentos dos informantes – falantes de Plautdietsch – a amplitude com que se mantém nas comunidades do PR e RS a associação entre “ser menonita” e “ser falante de Plautdietsch”. Mas os depoimentos coletados permitem assumir que “quem ainda fala Plautdietsch” o fala ainda muito por conta dessa associação com a identidade do grupo étnico menonita. Se há sinais de uma mudança em curso, esses se estendem à transferência dessa função para o Hochdeutsch, que compartilha com o Plautdietsch a marca de etnicidade alemã. O Hochdeutsch aparece, aliás, mencionado explicitamente pelos jovens de Colônia Nova, tanto CaGI como CbGI. Outros grupos que se aproximam desta percepção, embora sem especificar o Hochdeutsch, são também jovens CaGI, no caso, de Witmarsum e de Curitiba. Não é demais lembrar que, nesta localidade, a dimensão diageracional mostrou nessas localidades justamente sua maior relevância, ao longo da análise.

4.4.2.4 Afinal, quem são os menonitas?

Definir *quem somos* não foi tarefa fácil para a maioria dos informantes (menonitas, falantes do Plautdietsch), tendo em vista a divergência que há na própria comunidade com relação ao termo *menonita*. A partir das respostas obtidas, constatamos que a percepção dos membros da comunidade sobre o “menonita atual” envolve, predominantemente, três critérios: o menonita étnico (conhecido como *Menist*), o menonita religioso e o menonita prosélito.

Na opinião da grande maioria dos informantes, o *Menist* seria aquele que mais se assemelha com o “menonita protótipo”, ou seja, é alguém de origem étnica alemã e que fala o Plautdietsch. Com relação aos critérios, verificamos que, em todas as comunidades em estudo e em todos os grupos, o critério citado com maior ênfase é a religião, ou seja, para a comunidade, a fé é a base para alguém se tornar um menonita. No entanto, analisando mais de perto as atitudes

dos informantes das comunidades rurais e comparando-as com as atitudes dos informantes da comunidade urbana de Curitiba, percebemos que existe uma diferença entre quem literalmente (na prática) é chamado de menonita. Na Colônia Nova, por exemplo, para ambas as gerações e grupos, a questão do “ser menonita” está relacionada mais com a etnia; chamar um prosélito de menonita ainda soa estranho, pois este apresenta características pessoais bem diferentes do “menonita protótipo”. Na Colônia Witmarsum, o grupo Cb de ambas as gerações parece também ter dificuldades em aceitar que pessoas de afrodescendência possam ser chamadas de menonitas. Já no grupo Ca da Colônia Witmarsum e na comunidade de Curitiba, prevalece a opinião de que o fato dos prosélitos fazerem parte da comunidade menonita de fé os torna menonitas também, independente da sua origem ou etnia. Devido ao número de menonitas prosélitos ser bem maior em Curitiba, acreditamos que este fato também deva ter influenciado a opinião dos informantes dessa comunidade.

Um aspecto importante que merece ser destacado é a vitalidade do “menonita protótipo”, uma vez que os falantes do Plaudietsch estão diminuindo em todas as comunidades. Devido ao fato de a questão religiosa ter prioridade na opinião da maioria dos informantes, este fator pode também estar influenciando na eventual futura mortandade do “protótipo menonita”, ou melhor, na eventual extinção do *Menist*, falante do Plaudietsch.

5 CONCLUSÃO: VITALIDADE LINGUÍSTICA DO PLAUTDIETSCH

Desde vários séculos, os menonitas formam um grupo étnico-religioso, estabelecendo-se em colônias ou grupos nos mais diversos países do mundo. Uma das características mais peculiares do grupo é o uso do Plautdietsch, uma variedade *substandard* do alemão que se formou ao longo dos séculos XVI e XVII, na região do Delta (antiga Prússia). No Brasil, essa variedade ainda é falada em algumas ilhas linguísticas, das quais quatro fazem parte da rede pontos da nossa pesquisa: a colônia de Rio Verde (GO), a Colônia Witmarsum (PR), a comunidade menonita de Curitiba (PR) e a Colônia Nova (RS). Nas primeiras décadas após a imigração para o Brasil, a grande maioria dos menonitas formava uma unidade de grupo, cuja base econômica residia na agropecuária, desenvolvida, sobretudo, no setor da pecuária leiteira. Além dessa unidade como grupo étnico-religioso, existia uma diglossia estável e bem definida: o *substandard* Plautdietsch, usado exclusivamente na família ou em situações informais, e o Hochdeutsch, a variedade *standard*, usada num contexto mais formal, como a igreja ou a escola. Um dos objetivos a que nos propusemos para o presente estudo era exatamente observar se esta unidade de grupo e se esta situação linguística estável ainda persiste atualmente ou se, no percurso da história, houve mudanças sociais que, por sua vez, também mudaram o perfil linguístico da comunidade menonita. A partir dos dados coletados, pudemos constatar que, no momento sincrônico da nossa pesquisa, tanto a unidade de grupo, bem como o uso das formas linguísticas mudaram no decorrer do tempo.

No decorrer de 80 anos de permanência dos menonitas no Brasil²⁹², houve grandes mudanças no perfil linguístico em todas as comunidades em estudo, principalmente ao que diz respeito **ao papel do Plautdietsch**. Durante décadas, essa variedade foi a primeira língua aprendida pela grande maioria dos menonitas do grupo étnico-religioso; no entanto, atualmente é falado apenas por uma minoria deste grupo. Mesmo nesse subgrupo, esta variedade é vista como inferior; porém, afetivamente existe uma ligação muito forte para com essa língua

²⁹² Vale lembrar que, atualmente os menonitas de descendência étnica-alemã no Brasil, objeto do nosso estudo, formam um grupo de aproximadamente cinco mil pessoas, enquanto os menonitas prosélitos chegam a somar em torno de seis mil pessoas.

(*Sprachloyalität*): ela representa, entre outros aspectos, a língua materna, que desperta o sentimento de “estar em casa” e de confiabilidade. Além disso, o Plautdietsch representa, para os seus falantes, uma herança cultural imaterial recebida dos antepassados e que os diferencia de outros grupos étnicos minoritários. Nas comunidades menonitas do RS e PR, por exemplo, é fundamental que um indivíduo fale o Plautdietsch para que possa ser reconhecido pela comunidade como *Menist*, ou então, representante do “menonita protótipo”. No entanto, mesmo que essa variedade seja a base da identidade étnica do grupo, ela está cada vez mais em desuso na própria comunidade.

A partir da análise dos dados e pela observação participante da pesquisadora, constatamos que a maioria da geração mais nova das comunidades em estudo tende a falar mais a língua de contato, o português, e menos a variedade *substandard*, o Plautdietsch.²⁹³ Em função disso, também não há mais um vínculo de afeto ou de intimidade com essa variedade por parte dessa geração. Para a maioria dos jovens das comunidades menonitas do RS e PR, o Plautdietsch é antes associado a valores arcaicos e rurais, vinculados à geração mais velha e da classe baixa. Na comunidade rural de Rio Verde, o Plautdietsch representa, para os informantes do grupo CbGII, uma “lembrança da infância”; mas desde a chegada ao Brasil, praticamente perdeu a sua função de comunicação, pois não é mais usado entre os falantes.

Um dos principais objetivos do presente estudo foi a **descrição da vitalidade linguística do Plautdietsch** em contato com as variedades *standard* do português, inglês e Hochdeutsch nas comunidades menonitas pesquisadas. Um indicador para averiguar a vitalidade linguística de uma comunidade é medir o grau de manutenção da respectiva língua entre os seus falantes. Para tal, foram escolhidos 76 itens lexicais de quatro diferentes setores da atividade humana, tradicionalmente ligados à vida menonita: vestuário, alimentação, atividades agrícolas / técnica e parentesco. A partir dos resultados relativos ao nível lexical do Plautdietsch pudemos constatar que essa variedade mantém, ao menos na configuração interna das comunidades menonitas do RS e PR, uma vitalidade que permite identificá-la como marca de identidade que diferencia os menonitas de outros grupos de descendência alemã. Ao levarmos em conta os

²⁹³ Um fato que comprova esta constatação é a dificuldade que tivemos para encontrar, nas comunidades em estudo, informantes falantes do Plautdietsch pertencentes do grupo GI.

fatores extralinguísticos, constatamos que existe uma perda do Plautdietsch (ou de aspectos originais do Plautdietsch) nas dimensões diatópica, diastrática e diageracional:

Na **dimensão diatópica**, a comunidade rural de Rio Verde destoa, visto que o grupo de falantes do Plautdietsch dessa comunidade se reduz a alguns casos isolados, diferentemente das demais colônias do sul do Brasil. Em ambas as comunidades menonitas do PR, Witmarsum e Curitiba, a manutenção de traços do Plautdietsch é, no entanto, surpreendentemente maior comparando-se com a comunidade rural de Colônia Nova, onde a variedade *substandard* domina no uso coletivo sem sofrer a mesma pressão do Hochdeutsch, que gradualmente vai tomando o lugar do Plautdietsch nas comunidades do Paraná - possivelmente influenciado pela proximidade com o grande centro urbano da capital, Curitiba. A menor manutenção de traços do Plautdietsch, em Colônia Nova, foi explicada por nós como um reflexo da maior influência do português nesta comunidade, ou seja, um processo de lusitanização mais avançado, a exemplo do que aconteceu com os menonitas de Rio Verde na matriz de origem (EUA e Canadá); neste caso, porém sofrendo um processo de anglicização. A partir dos dados levantados, a hipótese de que o uso do Plautdietsch nas comunidades rurais é maior do que na comunidade urbana de Curitiba (H1), se confirma apenas parcialmente.

Na **dimensão diastrática**, verificamos que: os falantes do grupo Ca das comunidades rurais tendem a usar mais o Plautdietsch ao falar nessa variedade e que o grupo Cb tem maior influência de lusismos e, ou anglicismos (no caso de Rio Verde) - contrariamente a nossa hipótese (H7), que previa um índice maior de perda de traços do Plautdietsch por parte do falante com maior escolaridade e uma maior resistência à variedade *substandard* do falante com escolaridade menor. O único grupo Cb que mostrou-se mais resistente à perda do *substandard* é o da geração mais velha da comunidade de Curitiba, ou seja, CbGII.

Na **dimensão diageracional**, a perda de formas lexicais do Plautdietsch é mais perceptível: em todas as localidades, os informantes da GI apresentam um grau menor de manutenção do Plautdietsch, comparado com a GII. Este dado aponta um declínio crescente do conhecimento de formas do Plautdietsch na GI e, portanto, uma mudança em curso na direção da perda de léxico na variedade *substandard*. A hipótese de que o uso do Plautdietsch na geração jovem é menor do que na geração mais velha (H3) é, portanto, corroborada pelos resultados dos dados levantados.

A manutenção e vitalidade do Plautdietsch também se diferenciam nos campos semânticos de atividade analisadas: nas **áreas do vestuário e do parentesco**, os traços *substandard* permanecem mais estáveis. Estes resultados podem ser vistos como um sinal de maior conservadorismo em relação ao vestuário e um reflexo da importância que as comunidades menonitas em geral atribuem a laços familiares e encontros, nos quais o uso da variedade *substandard* é mais comum. Nas **áreas da alimentação e das atividades agrícola e técnica**, porém, observou-se uma presença crescente de lusismos no Plautdietsch – fato que realça a abertura das comunidades menonitas em relação ao uso de novas tecnologias e a adaptação da sua culinária ao contexto onde moram.

Devido ao fato de os menonitas permanecerem aproximadamente 150 anos na Rússia, um número considerado de **eslavismos** foi incorporado ao vocabulário do Plautdietsch, os quais são vistos pelos seus falantes como parte integrante dessa variedade e cultura dos menonitas. A partir dos dados obtidos, verificamos que a comunidade de Curitiba e de Colônia Nova são as localidades com maior uso/manutenção de eslavismos no Plautdietsch, seguido da Colônia Witmarsum e de Rio Verde. Na comparação dos estratos sociais, o uso de eslavismos tende a ser marcado mais fortemente pelo grupo Cb. Por outro lado, na dimensão diageracional, constata-se uma perda significativa de eslavismos entre os informantes da GI.

Ao lado dos eslavismos, existem, no léxico da variedade *substandard*, uma série de outros empréstimos provenientes dos contatos com as diferentes variedades *standard* (alemão, inglês e português): a) como já vimos, os **lusismos** aparecem em número significativo em todas as comunidades do sul do Brasil, mas com predomínio no grupo CbGI da Colônia Nova e no grupo CaGI de Curitiba; b) os **anglicismos** estão massivamente presentes na comunidade de Rio Verde, que tem no inglês sua língua de comunicação principal; c) os **germanismos** são mais perceptíveis nos grupos CaGI das duas comunidades rurais Colônia Nova e Witmarsum. Curiosamente, constatou-se, em ambos os grupos (Ca e Cb) da comunidade menonita de Curitiba, um uso bem reduzido de germanismos.

Em outro objetivo deste estudo, procuramos, através da observação participante e das entrevistas, comparar as **atitudes dos falantes** com seus **usos linguísticos efetivos** em diferentes contextos:

a) No **contexto familiar**, tradicionalmente vinculado ao uso do Plautdietsch, verificamos uma substituição gradual do *substandard* ou pelo Hochdeutsch, ou pelo português, neste caso considerando, sobretudo o número crescente de casamentos exogâmicos e o grau de urbanização. Em Curitiba o uso do Plautdietsch entre os familiares está praticamente restrito à GII. Nas comunidades rurais do RS e PR, são poucas as famílias pertencentes à GI que ainda usam o Plautdietsch; nestes lares, o uso do português entre os cônjuges, irmãos e filhos já supera o uso do Plautdietsch - exceto na Colônia Witmarsum, onde o uso da variedade *standard*, o Hochdeutsch, entre pais e filhos na GI ainda é comum. Na comunidade rural de Rio Verde, a língua mais usada no contexto familiar é o inglês; exceto em famílias exogâmicas, nas quais a tendência é de maior uso do português.

b) No **âmbito religioso**, o Plautdietsch não é usado. As três comunidades do RS e PR oferecem cultos em Hochdeutsch, assim como cultos em português. Para a maioria da GII dessas três comunidades, a linguagem bíblica é melhor compreendida em Hochdeutsch; a GI, no entanto, em todas as comunidades do RS e PR, prefere o português nesse contexto. A comunidade de Rio Verde ainda mantém cultos bilíngues português/inglês. A GII dessa comunidade tem preferência pelo uso do inglês no âmbito religioso; a GI, principalmente de famílias exogâmicas, prioriza o uso do português nas atividades religiosas.

c) O **ensino formal** da variedade *standard* Hochdeutsch é ministrado nas escolas da comunidade menonita de Curitiba e na Colônia Witmarsum. Em Rio Verde, a escola da comunidade oferece, além do currículo brasileiro, as aulas também em inglês. Seu papel tem sido determinante para a manutenção do *standard*, mas pouco efeito tem sobre a manutenção ou revitalização do Plautdietsch, embora em Rio Verde e em Colônia Nova, onde não há ensino de alemão na escola, se observem os maiores índices de perda de traços do Plautdietsch e consequente lusitanização, assim como também uma presença menor ou inexistente do Hochdeutsch.

d) No **contexto do trabalho**, as quatro comunidades em estudo fazem mais uso do português. Nas comunidades rurais, a maioria dos empregados das propriedades são monolíngues em português e, na comunidade urbana de Curitiba, a grande maioria dos menonitas usa exclusivamente o português no seu emprego; exceto quando trabalham em empresas multinacionais, nas quais também têm oportunidade de usar o Hochdeutsch ou o inglês.

e) Com os **amigos**, a grande maioria da GII das três comunidades menonitas do RS e PR prefere usar o Plautdietsch, exceto o grupo CaGII de Curitiba, o qual usa, além do Plautdietsch, o português. A GI de Colônia Nova e da comunidade de Curitiba usa exclusivamente o português com os amigos; em Witmarsum, a GI também usa majoritariamente o português, mas, além disso, usa o Plautdietsch e o Hochdeutsch esporadicamente ao falar com amigos. Na comunidade rural de Rio Verde, a GII usa quase exclusivamente o inglês com os amigos; contrariamente, a GI tende a usar mais o português neste âmbito. Verifica-se a mesma tendência de ampliação de uso de português, e, portanto, de substituição do inglês.

f) De modo geral, a **língua preferida e usada com maior frequência** entre a GII nas comunidades menonitas do RS e PR é o Plautdietsch; exceto o grupo CaGII de Curitiba, o qual fala o português praticamente com a mesma frequência que o Plautdietsch e o Hochdeutsch. Para a GI da Colônia Nova e de Curitiba, o português tornou-se a língua preferida e usada com maior frequência. Em Witmarsum, ambos os grupos, CaGI e CbGI, gostam de falar em Plautdietsch; porém, fora do ambiente familiar, usam o português com maior frequência. Na comunidade rural de Rio Verde, a língua preferida e usada com maior frequência pela GII é o inglês; a GI de famílias endogâmicas também usa mais o inglês, já a GI de famílias exogâmicas prefere usar mais o português.

g) Nas três comunidades menonitas do RS e PR, a GII afirma ter uma **proficiência oral** muito boa no Plautdietsch e uma boa proficiência oral e **escrita** no Hochdeutsch; o que, no caso da CaGII, estende-se também para o português, diferentemente dos informantes do grupo CbGII, que declaram possuir uma proficiência relativa maior em Hochdeutsch do que em português - afirmações que também são corroboradas pela observação participante da pesquisadora. A grande maioria dos falantes do Plautdietsch jovens das comunidades menonitas rurais – de ambos os grupos (Ca e Cb) – afirma ter “um bom domínio oral no Plautdietsch”, mas, na aplicação do questionário lexical, isso se confirma apenas entre os falantes GI de Witmarsum. Na comunidade menonita de Curitiba, os falantes do Plautdietsch do grupo CaGI também afirmam apresentar “um bom domínio oral no Plautdietsch”; porém, vale ressaltar que, mediante as observações da pesquisadora, esta afirmação corresponde aos pouquíssimos falantes da variedade *substandard* do grupo CaGI existentes atualmente em Curitiba. Na comunidade rural de Rio Verde nenhum jovem mais fala o Plautdietsch, ou melhor, a disputa é entre o inglês e o português.

A descrição do uso das línguas de imigração em contato nas quatro comunidades pesquisadas revelou, portanto, perda linguística do Plautdietsch, principalmente na GI e nos grupos Ca de todas as comunidades menonitas do RS e PR, e sua substituição gradual pelo Hochdeutsch nas comunidades do PR. A transmissão geracional do Plautdietsch praticamente está estagnada na comunidade urbana (Curitiba) e em grande declínio nas comunidades rurais (Colônia Nova e Colônia Witmarsum), em parte pela influência crescente do português em virtude também de uma maior presença de pessoas de fora da etnia alemã (empregados, casamentos exogâmicos etc.). Na comunidade rural de Rio Verde, o Plautdietsch existe apenas como remanescente de alguns falantes isolados da GII.

Vale acrescentar que o Plautdietsch não goza do mesmo prestígio das variedades *standard*, tampouco recebe o mesmo suporte institucional. Os dados mostram ainda que, apesar da consciência sobre a rápida redução do número de falantes do Plautdietsch, a grande maioria das três comunidades do RS e PR reage conformadamente a essa constatação e se justifica, afirmando que o mais importante é manter a variedade *standard*, o Hochdeutsch. Esta variedade de prestígio tornou-se, a partir dos anos 80, cada vez mais comum no ambiente familiar, ou melhor, um número cada vez maior de pais, principalmente na comunidade menonita de Curitiba e na Colônia Witmarsum, passou a optar pelo uso do Hochdeutsch na interação com seus filhos. Este comportamento, por outro lado, contou com o suporte da escola, principalmente por meio de professores e líderes comunitários, os quais priorizavam o alemão *standard*. Com o aumento do número de casamentos exogâmicos, principalmente em Curitiba e na Colônia Nova, o uso do português também começou a se tornar cada vez mais constante no ambiente familiar.

Essas mudanças no comportamento linguístico conseqüentemente tiveram um reflexo na **situação diglósica** estável que havia nas três comunidades menonitas do RS e PR:

- a) o Plautdietsch, a variedade *substandard*, deixou de ser a única língua usada no ambiente familiar e passou a ser cada vez menos transmitida intergeracionalmente;
- b) o Hochdeutsch, a variedade *standard*, anteriormente usado exclusivamente nos contextos mais formais, como a escola e a igreja, estendeu seu domínio de uso para o ambiente familiar, tomando cada vez mais o lugar do Plautdietsch;²⁹⁴

²⁹⁴ Esta mudança vale especialmente para Witmarsum e Curitiba. Em Rio Verde, o inglês continua a língua familiar e ainda resiste mais fortemente à substituição pelo português. O Plautdietsch não é mais usado coletivamente. Em

- c) o português, a língua de contato, deixou de ser somente a língua interétnica e, em todas as comunidades menonitas pesquisadas, vem estendendo seu domínio a situações informais do cotidiano, inclusive para o ambiente familiar.

Essas mudanças na situação diglósica das comunidades trouxeram também **mudanças de língua-teto**: o Hochdeutsch, durante décadas, desempenhou a função de língua-teto para o Plautdietsch. No entanto, apesar do estágio de ampliação de seu domínio para contextos informais (item b), à medida que o uso da variedade *standard* está sendo gradualmente substituída pela língua majoritária português, os falantes da variedade *substandard* não têm mais o Hochdeutsch como língua-teto e, conseqüentemente, o Plautdietsch fica exposto diretamente ao português, cuja influência na variedade *substandard* pôde ser comprovada através da análise dos dados do léxico. Essa substituição gradual da língua-teto Hochdeutsch pelo português evidencia-se predominantemente na geração mais nova da Colônia Nova e da comunidade menonita de Curitiba.

Com as mudanças sociais, o papel do Plautdietsch minimizou-se consideravelmente: seu uso ficou associado a valores arcaicos e rurais, vinculados à geração mais velha e da classe baixa. A não utilização do Plautdietsch, crescente em todas as comunidades menonitas em estudo, pode estar relacionada a vários aspectos, entre os quais citamos:

- a) o baixo prestígio da língua;
- b) a falta de reconhecimento e suporte institucional da variedade;
- c) a discriminação feita por parte dos próprios professores e líderes da comunidade em relação à transmissão geracional da variedade, devido esta pertencer ao *substandard*;
- d) o déficit no vocabulário para áreas mais recentes, como a tecnologia;
- e) o crescimento da presença de monolíngues em português nas comunidades rurais;
- f) o crescimento do número de casamentos exogâmicos nas comunidades;
- g) o limite geográfico, relativamente restrito à ilha linguística, no qual a variedade *substandard* pode ser usada;

Colônia Nova, como em Rio Verde, o Hochdeutsch carece do suporte da escola, para o ensino do alemão-padrão, enquanto que o português amplia cada vez mais seus domínios.

- h) a falta de consciência linguística por parte dos falantes sobre a importância cultural da língua (*language-awareness*);
- i) a própria renúncia ou abandono da língua dos seus falantes;
- j) o redirecionamento da identidade menonita atual na direção da substituição do quesito “língua” – ou de sua obrigatoriedade – por outros critérios, como a etnicidade e a religião.

Lacunas que ficam e que poderão ser analisadas *a posteriore* são a questão da análise da dimensão diafásica e da descrição de variantes da língua em outros níveis: não apenas do léxico, mas também da fonologia, da morfossintaxe, da pragmática etc. Mas isto fica, como citado anteriormente, para a possibilidade de um Atlas-Me (Atlas Línguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Rio da Prata – Plautdietsch Menonita), para o qual acreditamos ter dado uma contribuição substancial, assim como para outros estudos necessários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cléo V. *Dachsprachenwechsel und Varietätenabgrenzung im Kontakt zwischen Hunsrückisch und Portugiesisch in Brasilien*. In: *Festschrift für Harald Thun zum 60. Geburtstag*. Kiel: Westenseeeverlag, 2009.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil*. In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs). *Español y portugués: fronteras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008, p. 129-164.

ALTENHOFEN, Cléo V. *O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português*. In: *Anais do I Fórum Internacional da Diversidade Linguística: por uma política para a diversidade linguística no ensino de línguas*, Porto Alegre: Evangraf/Instituto de Letras (UFRGS), 2007. CD 1.

ALTENHOFEN, Cléo V. *A constituição do corpus para um “Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”*. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, 2004, p. 135-165.

ALTENHOFEN, Cléo V. *O contato entre o português e as línguas de imigrantes no Brasil: o exemplo do Hunsrückisch*. In: *SAVEDRA, M. & HEYE, J. (orgs). Línguas em contato*. Palavra n.11. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003, p.146-165.

ALTENHOFEN, Cléo V. *O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilingüismo (alemão-português)*. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, 2002, p.141-161.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.

ALTENHOFEN, Cléo V. & MARGOTTI, Felício W. *O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil*. In: *MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo & RASO Tommaso (orgs). Os contatos linguísticos e o Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. [No prelo]

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London, New York [u. a.]: Arnold, 1992. [1987]

AUBURGER, Leopold. *Zur Theorie der Sprachkontaktforschung: Ist die „linguistique externe“ keine „linguistique“?* In: *AUBURGER, L. & KLOSS, H., Hrsg, Deutsche Sprachkontakte in Übersee*. Tübingen, 1979, p. 123-156.

BALHANA, Altiva P. *Os menonitas no Brasil*. In: PAULS Jr., P. *Mennoniten in Brasilien – Imigração Menonita no Brasil 1930 - 1980. Documento histórico para o jubileu dos 50 anos de imigração menonita no Brasil*. Curitiba: Imprimax LTDA, 1980, p. 231-238.

BALHANA, Altiva P. et al. *Campos Gerais e Estruturas Agrárias*. Curitiba: Ed. Universidade Federal do Paraná, 1968.

BELLMANN, Günter. *Probleme des Substandards im Deutschen*. In: MATTHEIER, Klaus J. (Hg.). *Aspekte der Dialekttheorie*. Tübingen, 1983, p. 105-130 [Reihe Germanistische Linguistik 46].

BELLMANN, Günter. *Variação e deviação*. In: Cadernos de Tradução. Instituto de Letras, UFRGS, 1998, nº04, p. 7-20.

BETZ, Werner. *Lehnwörter und Lehnprägungen im Vor- und Frühdeutschen*. In: MAURER, F. & RUPP, H. *Deutsche Wortgeschichte*. 3. Auflage. de Gruyter, Berlin, 1974, p. 135-163.

BLOM, Jan-Petter & GUMPERZ, John J. *O significado social na estrutura lingüística: Alternância de códigos na Noruega*. Tradução de Pedro M. Garcez e José Paulo de Araújo. In: RIBEIRO, B.T. ; GARCEZ, P. M (org.). *Sociolingüística intercional. Antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre, AGE, 1998, p. 31-56.

BOESCHOTEN, Hendrik. *Codeswitching, codemixing, and code alternation: What a difference*. In: JACOBSON, R., Hrsg., *Codeswitching Worldwilde*, Berlin, 1998, p. 15-24.

CHIN, Ng Bee & WIGGLESWORTH, Gillian. *Bilingualism – An advanced resource book*. Published in the USA and Canada by Routledge, New York, 2007, p. 106-129.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Cuadernos de Lingüística 8, 1982.

CRYSTAL, David. *La muerte de las lenguas*. Traducción de Pedro Tena. Cambridge University Press, Madrid, 2001.

DEVETAK, Silvo. *Ethnicity*. In: GOEBL, Hans. et al (eds). *Contact linguistic: An International Handbook of Contemporary Research. Handbooks of linguistics and communication science*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996, p. 203-209.

DÜCK, Elvine S. *Contatos lingüísticos do Plautdietsch menonita com o português e o espanhol: impulsos para o projeto ALMA-Me*. Trabalho apresentado no IV Simpósio Brasil-Alemanha – Desenvolvimento sustentável, UFPR, Curitiba, no período de 05 a 10 de outubro de 2009.

DÜCK, Elvine S. *Witmarsum, uma comunidade trilingue: Plautdietsch, Hochdeutsch e Português*. Dissertação de mestrado. UFPR, Curitiba, 2005.

DYCK, Cornelius J. *Uma Introdução à História Menonita. Uma história popular dos anabatistas e dos menonitas*. Tradução de Rosely Dyck. Editora Cristã Unida, Associação Evangélica Menonita, Campinas, S.P., Brasil, 1992.

EICHINGER, Ludwig M. *Island Hopping: Vom Nutzen und Vergnügen des Vergleichens von Sprachinseln*. In: ANDROUTSOPOULOS, J.K. & ZIEGLER, E. (Hrsg.), „Standardfragen“, Frankfurt a. M. 2003, p. 83-107.

ENS, Henrique. *Empreendimentos conjuntos dos menonitas no Brasil*. In: SIEMENS, U. (org.). *Quem somos? 1930-2010 A saga menonita: rompendo a barreira cultural*. Curitiba, PR, Editora Evangélica Esperança, 2010, p.143-147.

EPP, Reuben. *The Story of Low German & Plautdietsch. Tracing a Language - Across the Globe*. Hillsboro, Kansas USA, 1993.

ESSER, Paul. *Dialekt und Identität: diglottale Sozialisation und Identitätsbildung*. Europäische Hochschulschriften: Reihe 11, Pädagogik, Bd. 138, Frankfurt am Main; Bern: Lang, 1983.

FASOLD, Ralph. *The Sociolinguistics of Society*. Oxford, 1984.

FERGUSON, Charles A. *Diglossia (1959)*. In: *Language Structure and Language Use. Essays by Charles A. Ferguson*. Stanford, CA., 1971, p. 1-26.

FISHMAN, Joshua A. *Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism*. In: *Journal of Social Issues* 23, 1967, p.29-38.

FISHMAN, Joshua A. *Language revitalization*. In: GOEBL, Hans. et al (eds). *Contact linguistic: An International Handbook of Contemporary Research. Handbooks of linguistics and communication science*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p.902-906.

FONSECA, Maria S. V. & NEVES, Moema F. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FRANK, Helene. *Zur sprachlichen Entwicklung der deutschen Minderheit in Rußland und in der Sowjetunion*. Verlag Peter Lang GmbH, Frankfurt a. M., 1992.

FRIESEN, Peter M. *Die Alt-Evangelische Mennonitische Brüderschaft in Rußland (1789-1910) im Rahmen der mennonitischen Gesamtgeschichte*, Halbstadt, 1911.

FRIESEN, Albert. *Análise sistêmica das relações de poder em grupos de liderança oficial de igrejas de governo congregacional – estudo de caso em igrejas menonitas de Curitiba*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2009.

FOUQUET, Carlos. *Der deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien*. São Paulo, 1974.

GROSJEAN, François. *Life with Two Languages. An introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1982.

HELLER, Monica. & PFAFF, Carol W. *Code-switching*. In: GOEBL, H. et al. (eds). *Contact linguistics: an international handbook of contemporary research*. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996, p. 594-609.

HEYE, Jürgen. *Sobre o conceito de diglossia*. In: GORSKI, E. M. & COELHO, I. L. (orgs). *Sociolinguística e Ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, p.69-81.

HUTNIK, Nimmi. *Ethnic Minority Identity: A Social Psychological Perspective*. Oxford, 1991, p.18.

JANZEN, Harry. *Por que os menonitas são como são? Fé, sociedade e cultura*. In: SIEMENS, U. (org.). *Quem somos? 1930-2010 A saga menonita rompendo a barreira cultural*. Curitiba, PR, Editora Evangélica Esperança, 2010, p.109-119.

KASDORF, Olga. *Colonização Concórdia na Bahia*. IN: SIEMENS, U. (org.). *Quem somos? 1930-2010 A saga menonita rompendo a barreira cultural*. Curitiba, PR, Editora Evangélica Esperança, 2010, p.179-183.

KAUFMANN, Göz. *Language Maintenance and Reversing Language Shift / Spracherhalt und Umkehr von Sprachwechsel*. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. & TRUDGILL, P. (eds). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2nd complet .rev. and set. ed.Berlin; New York: de Gruyter, 2006, p. 2431-2442.

KAUFMANN, Göz. *Des Plattdeutschen Wanderjahre – oder die lexikalischen Folgen der mennonitischen Flucht nach Amerika*. In: ANDROUTSOPOULOS, J.K. & ZIEGLER, E. (Hrsg.). „Standardfragen“: soziolinguistische, kontaktlinguistische und sprachgeschichtliche Aspekte. Frankfurt a. M.: Peter Lang Verlag, 2003a, p.139-160.

KAUFMANN, Göz. *Aus eins mach zwei! – Unterschiedliche sprachliche Entwicklung der Mennoniten in Brasilien und Paraguay*. In: TIEMANN, J. et al. (Hrsg.). Institut Martius-Staden, Jahrbuch 2003/Nr.50. São Paulo: Nova Bandeira Produções Editoriais, 2003c, p. 41-77.

KAUFMANN, Göz. *Varietätendynamik in Sprachkontaktsituationen: Attitüden und Sprachverhalten Rußlanddeutscher Mennoniten in Mexiko und den USA*, Frankfurt a.M., 1997.

KLASSEN, Peter P. *Die Mennoniten in Paraguay. Band 1 – Reich Gottes und Reich dieser Welt*. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein e.V. 2001.

KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien. Band 2. Siedlungen, Gruppen und Gemeinden in der Zerstreuung*. Bolanden, Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein e.V. 1998.

KLASSEN, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien. Band 1 – Rio Alto Krauel und Stoltz-Plateau in Santa Catarina*. Bolanden- Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein e.V. 1995.

KLOSS, Heinz. *Die Entwicklung neuer germanischer Kultursprachen seit 1800*. 2., erweiterte Auflage. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 1978.

KLOSS, Heinz. *Über 'Diglossie'*. In: Deutsche Sprache 4, 1976, p. 313-323.

KRAHN, Cornelius et al. *The Mennonite Encyclopedia*, Vol. I-IV, Scottdale, 1955-1990.

LAMELI, Alfred. *Standard und Regionalsprache – Konstanz und Wandel*. In: EGLERS, E., SCHMIDT, J.E. & STELLMACHER, D. (Hrsg.). *Moderne Dialekte – Neue Dialektologie: Akten des 1.Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD)*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2005, p. 495-513.

LENZ, Alexandra N. *Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards – Dynamik von Varietäten*. In: EGLERS, E., SCHMIDT, J. E. & STELLMACHER, D. (Hrsg.). *Moderne Dialekte – Neue Dialektologie: Akten des 1.Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD)*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2005, p. 229-252.

LENZ, Alexandra N. *Hyperdialektalismen und Hyperkorrekturen – Indizien für Varietätengrenzen*. In: LENZ, A.N. & MATTHEIER, K. (Hrsg.). *Varietäten – Theorie und Empirie*. Peter Lang GmbH, Frankfurt am Main, 2005, p. 75-95.

LÖFFLER, Heinrich. *Gegenstandskonstitution in der Dialektologie: Sprache und ihre Differenzierungen*. In: BESCH et al 1982f, p. 441-463.

LUNELLI, João Paulo. *Razões do desenvolvimento sócio-econômico distintivo de Colônia Nova, distrito do município de Aceguá – RS*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, UFRGS, 2001.

MACKEY, William F. *The Poliglossic Spectrum*. In: FISHMAN, J. et. al. *The Fergusonian Impact: in Honor of Charles A. Ferguson on the Occasion of his 65th Birthday*. Berlin: Mouton De Gruyter, v.2, 1986, p.237-243.

MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMAN, Joshua A. [org.]. *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

MacSWAN, Jeff. *Codeswitching and generative grammar. A critique of the MLF model and some remarks on "modified minimalism"*. In: *Bilingualism: Language and Cognition* 8, 2005, p.1-22.

MASKE, Wilson. *Bíblia e arado. Os menonitas e a construção do Seu reino*. Trabalho de mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR), 1999.

MATTHEIER, Klaus J. *Sprachinseltod: Überlegungen zur Entwicklungsdynamik von Sprachinseln*. In: KEEL, W.D. & MATTHEIER, K.J., Hrgs. *German Language Varieties Worldwide: Internal and external Perspectives. Deutsche Sprachinseln weltweit: Interne und externe Perspektiven*, Frankfurt a.M., 2004, p.13-31.

MATTHEIER, Klaus J. *Theorie der Sprachinsel. Voraussetzungen und Strukturierungen*. In: BEREND, N. und MATTHEIER, K.J. Hrgs. *Sprachinselforschung: Eine Gedenkschrift für Hugo Jedig*, Frankfurt a.M., 1994, p. 333-348.

MATTHEIER, Klaus J. *Dialekt und Dialektologie. Fünf Bemerkungen zur Dialekttheorie*. In: MATTHEIER, K. J. *Aspekte der Dialekttheorie* (Hg.). Max Niemeyer Verlag, Tübingen 1983, p. 135-154.

MINNICH, R.Herbert. *A sociological study of the mennonite immigrant communities in Parana, Brazil*. Florida, 1966.

MITZKA, Walther. *Die Sprache der deutschen Mennoniten*. (*Heimatblätter des Deutschen Heimatbundes*, 8.Jahrgang, Heft 1) Danzig, 1930.

MOELLEKEN, Wolfgang W.& MOELLEKEN, Melita A. *Aus dem Leben Niederdeutschen Mennoniten*. Marburg, N.G. Elwert Verlag, 1996.

MOELLEKEN, Wolfgang W. *Die Linguistische Heimat der russlanddeutschen Mennoniten in Kanada und Mexiko*. In: *Jahrbuch des Vereins für niederdeutsche Sprachforschung*. Jahrgang 1987, S. 89-123.

MOELLEKEN, Wolfgang W. *Niederdeutsch der Molotschna- und Chortitzamennoniten in British Columbia / Kanada*. Phonai Monographien 4, Max Niemeyer Verlag,Tübingen, 1972.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NELDE, P.H. *Theorie, Methoden und Modelle der Kontaktlinguistik*. Bonn, 1983, p.12.

NIKKEL, Melita; KLIEWER, Horst G. *Witmarsum em quatro décadas – Witmarsum in vier Jahrzehnten 1951-1991*. Castro, Kugler Artes Gráficas LTDA, 1991.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (org). *Declaração universal dos direitos linguísticos. Novas perspectivas em política linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

OTT, Heinrich. *Camal 50 anos. Atos e fatos que fizeram história*. CAMAL, 2009.

PAULS, Alfred. *Menonita, conte sua história!* In: SIEMENS, U. (org.). *Quem somos? 1930-2010 A saga menonita rompendo a barreira cultural*. Curitiba, PR, Editora Evangélica Esperança, 2010, p. 21-55.

PAULS Jr. Peter. *Mennoniten in Brasilien. Imigração Menonita no Brasil. Documento histórico para o jubileu dos 50 anos de imigração menonita no Brasil*. Imprimax LTDA, 1980.

PAULS Jr. Peter. *Witmarsum in Paraná*. Imprimax Ltda, Curitiba, Paraná, 1976.

PAULS Jr. Peter. *Die Mennoniten in Brasilien*. In: *Bibel und Pflug*, 1963, Nr. 13, p.5.

PENNER, Horst. *Weltweite Bruderschaft. Ein mennonitisches Geschichtsbuch*. Verlag Heinrich Schneider, Karlsruhe, 1. Auflage, 1955.

PFÄFF, Carol W. *Contacts and conflicts: perspectives from code-switching research*. In: PÜTZ, M., Hrsg., *Language Choices. Conditions, constraints and consequences*. Amsterdam, 1997, p. 341-360.

POPLACK, Shana. *Code-switching*. In: AMMON et al. (Hgg.), 2004, p.589-596.

QUIRING, Walter. *Rußlanddeutsche suchen eine Heimat*. Karlsruhe, 1938.

QUIRING, Jacob. *Die Mundart von Chortitza in Süd-Russland*. Inaugural Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Philosophischen Fakultät der Ludwig-Maximilians-Universität zu München. München, 1928.

RADTKE, Edgar. & THUN, Harald. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie* (Heidelberg/Mainz, 1991). In: RADTKE, E.; THUN, H.. *Dialectologia Pluridimensionalis Romanica*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

RATZLAFF, Gerhard. *Die kanadischen Mennoniten in Paraguay*. In: *Jahrbuch für Geschichte und Kultur der Mennoniten in Paraguay*. (Hrsg.) Verein für Geschichte und Kultur der Mennoniten in Paraguay. 3.Jahrgang 2002, p. 42-58.

REGER, Adina & PLETT, Delbert Q.C. *Diese Steine. Die Russlandmennoniten*. Crossway Publications Inc. Steinbach, Manitoba, Canada, 2001.

RIEHL, Claudia M. *Sprachkontakforschung. Eine Einführung*. Gunter Narr Verlag Tübingen, 2. überarbeitete Auflage 2009.

RINDLER SCHJERVE, Rosita. *Codeswitching (CS) in funktionell rückläufigen Minderheitensprachen: theoretische und methodische Überlegungen*. In: *Sociolinguistica* 18, Max Niemeyer Verlag, Tübingen 2004, p. 13-29.

RINDLER SCHJERVE, Rosita. *Codeswitching as an indicator for language shift? Evidence from Sardinian-Italian bilingualism*. In: JACOBSON, R., Hrsg. *Codeswitching Worldwide*, Berlin, 1998, p. 221-247.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995. [1989]

RUDOLPH, Michael. *Das Hochdeutsche in der Mennonitenkolonie „Menno“ in Paraguay*. In: *Korrespondenzblatt des Vereins für niederdeutsche Sprachforschung*. Wachholtz Verlag Neumünster, Jahrgang 1997, Heft 104, S. 15-22.

SAHR, Wolf-Dietrich & LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. *Menonitas brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de geografia social e cultural*. Revista RAEGA, Curitiba, Editora da UFPR, 2000, n.4, p.61-84.

SCHARF, Clemens. *Parallele sprachliche Akkulturation mennonitischer Einwanderer in Uruguay*. *Dialectologia Pluridimensionalis Romanica*. Kiel: Westensee-Verlag, 2001.

SCHARTNER, Sieghard. *Deutschsprachige Mennonitenkolonien in Bolivien*. In: *Jahrbuch für Geschichte und Kultur der Mennoniten in Paraguay*. (Hrsg.) Verein für Geschichte und Kultur der Mennoniten in Paraguay. 3.Jahrgang 2002, p. 116-129.

SCHMIDT, Arnd. *Kollektive Zweisprachigkeit in einsprachiger Umgebung. Eine Wolgadeutsche Sprachinsel in Argentinien*. Westensee Verlag, Kiel, 1997.

SIEMENS, João Udo. *Os prenomes dos descendentes de alemães em Curitiba*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1992.

SIEMENS, João Udo. *Varietades linguísticas entre os menonitas de Curitiba*. Trabalho de mestrado. Curitiba: Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), 1984.

SIEMENS, Peter G. *Igreja Menonita vizinha de uma Irmãos Menonitas. Por quê?* In: SIEMENS, U. (org.). *Quem somos? 1930-2010 A saga menonita: rompendo a barreira cultural*. Curitiba, PR, Editora Evangélica Esperança, 2010, p.129-131.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. *Multilingualism and the education of minority children*. In: SKUTNABB-KANGAS, Tove & CUMMINS, Jin (eds). *Minority Education: from shame to struggle*. Clevedon: Multilingual Matters, 1988, p. 9-44.

SKUTNABB-KANGAS, Tove; PHILLIPSON, Robert. *Linguicide and linguisticism*. In: GOEBL, Hans et al. (eds.) *Contact linguistic: An International Handbook of Contemporary Research. Handbooks of linguistics and communication science*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996, p. 667-675.

SMITH, C. Henry. *Die Geschichte der Mennoniten Europas*. Deutsch von Abraham Esau. 1920. Bearbeitet und erweitert von Cornelius Krahn. Newton Kansas, 1964, 347 p.

STEFFEN, Joachim. *Vereinzelte Sprachinseln oder Archipel? Die Mennonitenkolonien in Belize im Englischen-Spanischen Sprachkontakt*. Kiel, Westensee-Verl. 2006.

THIESSEN, Johan. *Plautdietsch im paraguayischen Chaco – eine Identität zwischen Anpassung und Abgrenzung*. In: *Jahrbuch für Geschichte und Kultur der Mennoniten in Paraguay*. (Hrsg.) Verein für Geschichte und Kultur der Mennoniten in Paraguay. 8.Jahrgang 2007, p. 57-79.

THIESSEN, Jack. *Das Niederdeutsche der Mennoniten*. In: *Zeitschrift für Kulturaustausch, 15.Jahrgang, Institut für Auslandsbeziehungen, Stuttgart, 1965*, p. 165-167.

THIESSEN, John. *Studien zum Wortschatz der kanadischen Mennoniten*. In: SCHMITT, L.E. (Hrsg.) *Deutsche Dialektgeographie* Bd.64, Marburg, 1963.

THUN, Harald. H. *A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas*. In: AGUILERA, V. (Org). *Para a história do português brasileiro*. Vol. VII – Vozes, Veredas, Voragens. Londrina: Eduel, 2009, p. 531-558.

THUN, Harald. *A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata*. In: ZILLES, A. M. S. *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

THUN, Harald et al. *Atlas lingüístico Guaraní-Románico: Sociología*. Kiel: Westensee, 2003.

THUN, Harald. *O português americano fora do Brasil*. In: GÄRTNER, E.; HUND, C. & SCHÖNBERGER, A. (eds). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 185-227.

THUN, Harald. *Introduction à la table ronde*. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22. 1998, Bruxelles. *Actes...*, vol. 3. *Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Tübingen: Niemeyer, 2000, p. 407-409.

THUN, Harald. *La géographie linguistique romane à la fin du XXe siècle*. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22. 1998a, Bruxelles. *Actes...*, vol. 3. *Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Tübingen: Niemeyer, 2000, p. 367-388.

THUN, Harald. *Slavismen und ihre Ersetzung im Niederdeutschen brasilianischer russländischer Mennoniten*. In: GREINER, N. et al. (Hrsg.) *Texte und Kontexte in Sprachen und Kulturen. Festschrift für Jörn Albrecht*. Trier, 1999, p. 301-321.

THUN, Harald. *La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21. 1995, Palermo. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, vol. 5. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998b, p. 701-729.

TITONE, Renzo. *Bilinguismo precoce e educazione bilingue*. 2. ed. Roma: Armando, 1993. [1972]

TOLKSDORF, Ulrich. *Die Mundarten Danzigs und seines Umlandes*. In: JÄHNIG, B. e LETKEMANN P., *Danzig in acht Jahrhunderten: Beiträge zur Geschichte eines hansischen und preußischen Mittelpunktes*, Münster / West., Nicolaus-Copernicus-Verlag, 1985.

UNESCO ad hoc Expert Group. *Language Vitality and Endangerment*. Document submitted to the International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangerend Languages. Paris, 10-12 March 2003.

UNRUH, Benjamin H. *Die niederländisch-niederdeutschen Hintergründe der mennonitischen Ostwanderungen im 16., 18. und 19. Jahrhundert*. Karlsruhe, 1955.

UNRUH, Benjamin H. *Die mennonitische Gemeindekirche*. In: KUNZ, U., *Viele Glieder – Ein Leib*, Quell-Verlag, Stuttgart, 1953, p. 93-115.

UNRUH, Benjamin H. *Fügung und Führung im mennonitischen Hilfswerk 1920-1933*, Karlsruhe, 1966.

WAIBEL, Leo. *Die europäische Kolonisation in Südbrasilien*. Bonn, 1955.

WARKENTIN, Jakob. *Plattdeutsch*. In: *Lexikon der Mennoniten in Paraguay*. Verein für Geschichte und Kultur der Mennoniten in Paraguay (Hrsg), Asunción, 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. . *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact. Findings and problems*. 3.ed. The Hague, Paris: Mouton, 1964. [1953]

WEISGERBER, Bernhard. *Mundart, Umgangssprache, Standard*. In: GOEBL, Hans et al. (eds.) *Contact linguistic: An International Handbook of Contemporary Research. Handbooks of linguistics and communication science*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996, p. 258 -271.

WIENS, Peter. *Plautdietsch*. In: *Plautdietsch Frind*. Oerlinghausen: Druckerei reike gmbh, 2001.

WIENS, Victor Harold. *From refugees to ambassadors: Mennonite Missions in Brazil, 1930-2000*. PH. D Dissertation. Fuller Theological Seminary, 2002.

WIESINGER, Peter. *Deutsche Sprachinseln*. In: *Lexikon der Germanistischen Linguistik*. 2. Aufl. Tübingen 1980, S. 491-500.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS

LOCALIDADE:

PARTE A: INFORMANTES

I – IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES E A SUA TOPODINÂMICA

Código do(s) informante(s):

1. Nome de família:
2. Prenome(s):
3. Data de nascimento:
4. Local de nascimento:
5. Nacionalidade(s):
6. Tem irmãos? a) Quantos? () irmãos () irmãs
 b) Prenomes / irmãos:
- c) Prenomes / irmãs:
7. Escolaridade:
8. Profissão / ocupação:
9. Estado civil: () solteiro () casado () outro
10. Possui filhos? a) Quantos? b) Prenomes?

II – HISTÓRICO DE MIGRAÇÕES DA FAMÍLIA

11. Nome do pai:
12. Nome da mãe:
13. Local de nascimento do pai:
14. Local de nascimento da mãe:
15. Origem da família no Brasil:
16. Quando emigraram para o Brasil?
17. Profissão / ocupação do pai:
18. Profissão / ocupação da mãe:

III – TOPODINÂMICA DOS INFORMANTES

19. Desde quando vive aqui? (nome da comunidade em estudo)
20. Já morou em outro lugar? a) Sim () Não ()
 b) No caso sim, onde?
- c) É uma comunidade menonita? a) Sim () Não ()
- d) Por que se mudou / saiu dessa comunidade?
21. O sr. / a sra. mantêm contato com menonitas de outros lugares? a) Sim () Não ()

- b) No caso sim, qual(is)?
22. O sr. / a sra. já visitou outras comunidades menonitas? a) Sim () Não ()
 b) No caso sim, qual(is)?
 c) Com que frequência o sr. / a sra. vai para estas comunidades?
 d) Qual é o motivo destas viagens?
23. O sr. / a sra. viaja também para outros lugares? a) Sim () Não ()
 b) No caso sim, para onde?
 c) Qual é o motivo destas viagens?

IV. ASPECTOS METALINGUÍSTICOS

a) Escolha Linguística

24. Que línguas o sr. / a sra. fala?
 a) Alemão (denominações)
 b) Português (denominações)
 c) Espanhol (denominações)
 d) Inglês (denominações)
 e) Outras
25. Qual dessas línguas o sr. / a sra. aprendeu primeiro?
26. Qual dessas línguas o sr. / a sra. fala melhor?
27. Qual dessas línguas o sr. / a sra. fala com mais frequência?
28. Qual dessas línguas o sr. / a sra. prefere falar?
29. Que línguas o seu pai fala(va)?
30. Que línguas a sua mãe fala(va)?
31. Quem deles fala melhor português, o pai ou a mãe?
32. Que língua(s) o seu marido / a sua esposa fala(m)?
33. Que língua o sr. / a sra. usa para conversar com ...
 a) os seus pais?
 b) o seu marido / a sua esposa?
 c) os seus avós?
 d) o(s) seu(s) irmãos?
 e) o(s) seu(s) filhos?
 f) o(s) seu(s) netos?
 g) os seus amigos menonitas?
34. Que língua(s) o sr. / a sra. usa...
 a) no mercado / na cooperativa?
 b) no seu trabalho?
 c) no colégio / na faculdade?
 d) na farmácia/ no hospital?
- b) Conhecimentos e uso das variedades linguísticas nas comunidades em estudo
35. Como o sr. / a sra. aprendeu a falar o ...
 a) Plautdietsch?
 b) Hochdeutsch?
 c) português?
 d) inglês?

36. O sr. / a sra. fala ...
- | | | | | | |
|------------------|--------------|--------|----------|-----------------|--------|
| a) Plautdietsch: | a) muito bem | b) bem | c) médio | d) satisfatório | e) mal |
| b) Hochdeutsch: | a) muito bem | b) bem | c) médio | d) satisfatório | e) mal |
| c) português: | a) muito bem | b) bem | c) médio | d) satisfatório | e) mal |
| d) inglês: | a) muito bem | b) bem | c) médio | d) satisfatório | e) mal |
37. O sr. / a sra. compreende ...
- | | | | | | |
|------------------|--------------|--------|----------|-----------------|--------|
| a) Plautdietsch: | a) muito bem | b) bem | c) médio | d) satisfatório | e) mal |
| b) Hochdeutsch: | a) muito bem | b) bem | c) médio | d) satisfatório | e) mal |
| c) português: | a) muito bem | b) bem | c) médio | d) satisfatório | e) mal |
| d) inglês: | a) muito bem | b) bem | c) médio | d) satisfatório | e) mal |
38. O sr. / a sra. usa ...
- | | | | | |
|------------------|------------------|-----------------|----------------|--------------|
| a) Plautdietsch: | a) todos os dias | b) semanalmente | c) mensalmente | d) raramente |
| b) Hochdeutsch: | a) todos os dias | b) semanalmente | c) mensalmente | d) raramente |
| c) português: | a) todos os dias | b) semanalmente | c) mensalmente | d) raramente |
| d) inglês: | a) todos os dias | b) semanalmente | c) mensalmente | d) raramente |
39. O sr. / a sra. gostaria que os seus filhos/netos soubessem falar em ...
- a) Plautdietsch? b) Hochdeutsch? c) inglês?
40. Existem assuntos nos quais o sr. / a sra. tem dificuldade de se expressar em ...
- a) Plautdietsch? b) Hochdeutsch? c) português? d) inglês?
41. O sr. / a sra. lê livros / revistas em ...
- a) Plautdietsch?..... b) Hochdeutsch? c) inglês? d) português?
42. O sr. / a sra. ouve programas de rádio em ...
- a) Plautdietsch?..... b) Hochdeutsch? c) inglês? d) português?
43. Em qual comunidade menonita o sr. / a sra. acha que se usa / fala mais no Brasil?
- a) Plautdietsch?
- b) Hochdeutsch?
- c) inglês?
44. O sr. / a sra. conhece outros países onde também se fala / usa o *Plautdietsch*?
- a) Sim () Quais?
- b) Não ()
- c) Afirmações e atitudes em relação ao Plautdietsch e à etnia menonita
45. O Plautdietsch é uma língua útil para os menonitas?.....
46. O sr. / a sra gosta de falar em Plautdietsch?
47. O sr. / a sra. prefere falar ...
- a) português ao invés de Plautdietsch?
- b) Hochdeutsch ao invés de Plautdietsch?
48. Como se sente, quando algum menonita fala Plautdietsch em público, por exemplo, num restaurante?
49. Quando o sr. / a sra. fala, mistura o Plautdietsch com o português/inglês?
50. O Plautdietsch pode ser considerado uma língua como o português ou inglês?
51. Quando um menonita multilíngue (PD, HD, PT e/ou EN) casa com um monolíngue português), o Plautdietsch, o Hochdeutsch ou o inglês se perdem?
52. O sr. / a sra. gosta de ser chamado(a) de menonita?
53. Como o sr. / a sra. define a sua identidade?

- a) alemão
 - b) brasileiro
 - c) alemão-brasileiro
 - d) menonita
 - e) menonita-brasileiro
 - f) outros
54. O sr. / a sra. acredita que o ... está em perigo de extinguir-se aqui em ... (nome da comunidade)?
- a) Plaudietsch?
 - b) Hochdeutsch?
 - c) inglês?
55. Qual o papel que o desempenha para o sr. /a sra.?
- a) Plaudietsch?
 - b) Hochdeutsch?
 - c) inglês?

IV. d) Questionamentos e afirmações sobre os menonitas

56. Quem é um menonita para o sr. / a sra.?
57. Quais pratos típicos menonitas o sr. / a sra. conhece?
58. Em relação à condição financeira, a maioria das famílias menonitas têm:
- Na cidade:
- a) uma casa grande com jardim;
 - b) um ou dois carros;
 - c) uma diarista ou empregada;
 - d) uma casa na praia;
 - e) condições de pagar a faculdade para o(s) filho(s);
 - f) condições de viajar para o exterior.
- Nas colônias:
- a) uma fazenda com no mínimo 50 hectares;
 - b) mais de 100 cabeças de gado;
 - c) um ou dois tratores e vários maquinários;
 - d) um ou dois carros;
 - e) um ou mais empregados;
 - f) uma diarista;
 - g) sustentam filhos que estudam nas cidades;
 - h) viajam para o exterior.
59. Os menonitas são um grupo importante para a economia?

e) Religião / Igreja

60. De qual igreja o sr. / a sra. é membro(a)?
61. O sr. / a sra. vai à igreja aos domingos?
62. Em qual língua é o culto na qual o sr. / a sra. participa?
63. Em que língua o sr. / a sra. fala com os participantes do culto?
64. O sr. / a sra. gostaria que a igreja mantivesse o culto em ...
- a) Hochdeutsch?
 - b) inglês? (Comunidade rural de Rio Verde)
65. O sr. / a sra. participa de algum “Grupo Familiar” ou de um “Estudo Bíblico” durante

- a semana? a) Sim () Não ()
 b) Em que língua é realizado este encontro?
66. Em que língua o sr. / a sra. costuma ler a bíblia?
67. Em que língua o sr. /a sra. ora quando está sozinho(a)?
- f) Atitudes em relação aos não-menonitas
68. O sr. / a sra. tem muitos contatos com não-menonitas?
69. Que tipo de contatos são estes (a trabalho ou de amizade)?
70. O sr. / a sra. preferiria que o seu filho / a sua filha casasse com um(a) jovem menonita ou não-menonita?.....
71. A maioria dos amigos do sr. / da sra. são menonitas ou não-menonitas.
- g) Conhecimento e uso da escrita das variedades nas comunidades
72. Em qual(is) língua(s) o sr. / a sra. escreve?
 a) Plaudietsch?..... b) Hochdeutsch? c) inglês? d) português?
73. Com que frequência o sr. / a sra. escreve ?
 Plaudietsch: a) todos os dias b) semanalmente c) mensalmente d) raramente
 Hochdeutsch: a) todos os dias b) semanalmente c) mensalmente d) raramente
 português: a) todos os dias b) semanalmente c) mensalmente d) raramente
 inglês: a) todos os dias b) semanalmente c) mensalmente d) raramente
- h) Menonita ou não-menonita?
74. Quais das seguintes características poderiam antes serem associadas aos menonitas ou aos não-menonitas, ou não existe diferença?

CARACTERÍSTICA	Menonita	Não-Menonita	Indiferente
a) religioso / <i>religiös</i>			
b) materialista / <i>materialistisch</i>			
c) simpático / <i>freundlich</i>			
d) prestativo / <i>hilfsbereit</i>			
e) trabalhador / <i>fleißig</i>			
f) corrupto / <i>korrump</i>			
g) egoísta / <i>egoistisch</i>			
h) orgulhoso / <i>stolz</i>			
i) ama a família (alguém que considera a família muito importante) / <i>familienbewusst</i>			
j) culto / <i>gebildet</i>			
k) honesto / <i>ehrlich</i>			
l) conservador (alguém que considera importante os costumes e a história da sua comunidade) / <i>Traditionsbewusst</i>			

m) inteligente / <i>intelligent</i>			
n) disciplinado / <i>diszipliniert</i>			
o) econômico / <i>sparsam</i>			
p) de confiança / <i>vertrauenswürdig</i>			
q) cortês, delicado / <i>höflich</i>			
r) hospitaleiro / <i>gastfreundlich</i>			

i) As cinco características mais importantes

75. Quais são para o sr. / a sra. as cinco características mais importantes desta lista?

CARACTERÍSTICA	Indicar número de ordem
a) religioso	
b) materialista	
c) simpático	
d) prestativo	
e) trabalhador	
f) corrupto	
g) egoísta	
h) orgulhoso	
i) ama a família (alguém que considera a família muito importante)	
j) culto	
k) honesto	
l) conservador (alguém que considera importante os costumes e a história da sua comunidade)	
m) inteligente	
n) disciplinado	
o) econômico	
p) de confiança	
q) cortês, delicado	
r) hospitaleiro	

PARTE B: BREVE DESCRIÇÃO DA LOCALIDADE DA PESQUISA

1. Qual o motivo do nome desta comunidade?
2. Ano de fundação:
3. O sr. / a sra. poderia me contar algo sobre a história da colonização desta comunidade?
4. Quais as instituições menonitas existentes na comunidade?
a) Igrejas b) Escolas c) Museu d)
5. Qual é o nome e a distância da cidade mais próxima?

6. Com que frequência o sr. / a sra. vai para estas cidades e qual o motivo?
7. Além dos menonitas, existem outras etnias nesta região?

PARTE C – LÍNGUA

I. LÉXICO

Wie sagen Sie zu _____, wenn Sie sich auf Plautdietsch, Hochdeutsch, Englisch, Portugiesisch unterhalten?

Como o sr. / a sra. diz para _____, quando está falando em Plautdietsch, Hochdeutsch, inglês, português?

I. 1 *Kleidung* / Vestuário

1. *barfuß* / pé descalço (ALMA 18; vgl. MRhSA 161.6)
 - PD: a) *boaft*
 - HD: a) *barfuß*
 - EN: a) *barefoot*
 - PT: a) *pé descalço*
2. *Reißverschluss* / fecho, zíper (ALMA 20)
 - PD: a) *Jlitschknoop*, b) *Rutschknoop*, c) *Reesfeschluss*
 - HD: a) *Reißverschluss*
 - EN: a) *zipper*
 - PT: a) *fecho*, b) *zíper*
3. *Jeanshose* / calça Jeans (ALMA 21)
 - PD: a) *Jeansbetjse*, b) *Brimbetjse*
 - HD: a) *Jeanshose*
 - EN: a) *jeans pants*
 - PT: a) *calça jeans*, b) *calça brim*
4. *Shorts* / shorts, bermuda, calção
 - PD: a) *korte Betjse*, b) *Shorts*
 - HD: a) *Shorts*, b) *kurze Hose*
 - EN: a) *shorts*
 - PT: a) *shorts*, b) *bermuda* c) *calção*
5. *T-Shirt* / camiseta (ALMA 24)
 - PD: a) *kortet Hamd*, b) *Hamd*
 - HD: a) *T-Shirt* b) *kurzes Hemd*
 - EN: a) *T-Shirt*
 - PT: a) *camiseta*
6. *Kittel (Arbeitskittel)* / Guarda-pó
 - PD: a) *Tjittel*, b) *Oabeitzjack*, c) *Chalat* (russ. : *chalat*)
 - HD: a) *Kittel*, b) *Arbeitsanzug*
 - EN: a) *overall*, b) *workcoat*, c) *work suit*
 - PT: a) *guarda-pó*, b) *jaleco*, c) *macacão*
7. *Gürtel* / cinto

- PD: a) *Jirtel*, b) *Reeme*, c) *Pojass* (russisch: *pójas*)
 HD: a) *Gürtel*
 EN: a) *belt*, b) *strap*
 PT: a) *cinto*
8. *Kleid / vestido*
 PD: a) *Tjleet*
 HD: a) *Kleid*
 EN: a) *dress*
 PT: a) *vestido*
9. *Sock(e), Strümpf(e) / meia(s)*
 PD: a) *Sock(e)* b) *Stremp*
 HD: a) *Sock(e)* b) *Strümpf(e)*
 EN: a) *sock(s)*
 PT: a) *meia(s)*
10. *Krawatte, Schlips / gravata*
 PD: a) *Schlips*
 HD: a) *Krawatte* b) *Schlips*
 EN: a) *cravat*
 PT: a) *gravata*
- I. 2 *Ernährung / Alimentação*
11. *Popcorn / pipoca* (ALMA 36)
 PD: a) *Puffmeiss*, b) *Kukkeruzzpuff* (Ung. und Slawisch: *Kukkeruzz*)
 HD: a) *Popcorn*
 EN: a) *Popcorn*
 PT: a) *pipoca*
12. *Spießbraten, Grillfleisch / churrasco* (ALMA 39)
 PD: a) *Spiessbrohde*
 HD: a) *Spießbraten*, b) *Grillfleisch*
 EN: a) *barbecue*
 PT: a) *churrasco*
13. *Wassermelone / melancia*
 PD: a) *Arbüs*, b) *Rebüs*, c) *Wotameloön* (russ.: *arbús*)
 HD: a) *Wassermelone*
 EN: a) *watermelon*
 PT: a) *melancia*
14. *Erfrischungsgetränk, kohlensaure Limonade / refrigerante* (ALMA 43)
 PD: a) *Jedrentj(e)*
 HD: a) *Getränk*
 EN: a) *drink*, b) *beverage*
 PT: a) *refrigerante*
15. *Lutschbonbon / bala* (vgl. ALMA 48; ALiB QSL 185)
 PD: a) *Lutschbonbon*
 HD: a) *Lutschbonbon*
 EN: a) *candy*

- PT: a) *bala*
16. *Kaugummi* / chiclete, goma de mascar (vgl. Steffen 133)
 PD: a) *Kohgummi*
 HD: a) *Kaugummi*
 EN: a) *chewing gum*
 PT: a) *chiclete*, b) *goma de mascar*
17. *Nudeln* / macarrão (feito em casa)
 PD: a) *Tjieltje (pl.)*
 HD: a) *Nudeln*
 EN: a) *home made noodles*
 PT: a) *macarrão*
18. *Gefrorene Nachspeise* / sobremesa gelada (vgl. Steffen 134)
 PD: a) *Ieskrem*, b) *Morozhna* (russ.: *morozhenoje*)
 HD: a) *Eiskrem*
 EN: a) *ice cream*
 PT: a) *sorvete*
19. *Was essen die Mennoniten oft zu Wassermelonen?* / Tradicionalmente os menonitas comem melancia com ... (pastel de vento)
 PD: a) *Rollkoke*
 HD: a) *Rollkuchen (Pasteten ohne Fleisch)*
 EN: a) *fritters*
 PT: a) *pastel de vento*
20. *Was backen die mennonitischen Frauen meistens am Samstag?* / O que as mulheres menonitas geralmente assam no sábado?
 PD: a) *Tweeback enn Riebelplauts*
 HD: a) *Zwieback und Streuselkuchen*
 EN: a) *double decker buns and crumb cake*
 PT: a) *pãezinhos duplos e cuca*
21. *Suppe mit getrockneten Obst* / Sopa de frutas secas
 PD: a) *Ohftmooss*, b) *Ohftsupp*, c) *Plümemoos*
 HD: a) *süsse Obstsuppe*
 EN: a) *sweet fruit soup*
 PT: a) *sopa de frutas secas*
22. *Rippenspeer* / costela de porco
 PD: a) *Rebb'spää*
 HD: a) *Rippenspeer*
 EN: a) *rendered pork ribs*
 PT: a) *costela de porco*
23. *Tomate* / tomate
 PD: a) *Toomat* b) *Bocklezhan* (russ.: *baklazán*)
 HD: a) *Tomate*
 EN: a) *tomato*
 PT: a) *tomate*
24. *Brot* / pão
 PD: a) *Broot* a) *Bultje* (russ.: *búlka*)

- HD: a) *Brot*
 EN: a) *bread*
 PT: a) *pão*
25. *Marmelade / doce para passar no pão*
 PD: a) *Wrenj* (russ.: *warénje*), b) *Muus*
 HD: a) *Marmelade*
 EN: a) *jam*, b) *jelly*
 PT: a) *doce*, b) *geléia*
26. *gekochte, gefüllte Pastetchen, gew. mit Quark gefüllt / pastel de ricota, cozido*
 PD: a) *Wrennetje* (russisch: *Warénjiki*)
 HD: a) *gekochte, gefüllte Pastete, gew. mit Quark gefüllt*
 EN: a) *perogies(dough packets) filled with cottage cheese or fruit*
 PT: a) *pastel de ricota, cozido* b) *pirogue*
27. *gebackene Pastetchen / pastel assado e recheado com ruibarbo ou maçã*
 PD: a) *Preschtji* (russisch: *Piroschtji*)
 HD: a) *gebackene Pasteten, gew. mit „Ruibarbo“ oder Äpfel gefüllt*
 EN: a) *fruit packets filled with “ruibarbo” or apple*
 PT: a) *pastel assado, recheado com ruibarbo ou maçã*
28. *Schmalsplätzchen mit Rosinen, die zum Neujahrstag gebraten werden / bolinhos recheados com passas, fritados e servidos no dia de Ano Novo*
 PD: a) *Portzeltje*, b) *Niejoaschküake*
 HD: a) *Schmalsplätzchen mit Rosinen, die zum Neujahrstag gebraten werden*
 EN: a) *a kind off fritter made of dough with raisins and customarily served on New Year’s Day in Mennonite circles.*
 PT: a) *bolinhos recheados com passas, fritados e servidos no dia de Ano Novo*
29. *schwacher Kaffee / café fraco (de cevada, por exemplo)*
 PD: a) *Koffe*, b) *Pripps*, c) *Poschul*
 HD: a) *schwacher Kaffee*
 EN: a) *coffee substitute from chicory or cereal grain*
 PT: a) *café fraco (de cevada, por exemplo)*
30. *Quark / ricota*
 PD: a) *Glomms* (polnisch: *glomzda*)
 HD: a) *Quark*
 EN: a) *cottage cheese*, b) *whey cheese*
 PT: a) *ricota*
31. *Bohnen / feijão*
 PD: a) *Schauble* (Pol.: *szabla*; Russ.: *sablja*; Let. *schablis*; Lit.: *szoble*)
 HD: a) *Bohnen*
 EN: a) *bean*
 PT: a) *feijão*
32. *Kohlsuppe mit verschiedenen Gemüse / sopa de repolho com diversos legumes*
 PD: a) *Borscht* (russ.: *borschtsch*)
 HD: a) *Kohlsuppe mit verschiedenen Gemüse*
 EN: a) *cabbage soup containing various vegetables*
 PT: a) *sopa de repolho com diversos legumes*

33. *Gelatine von Sülze* / *gelatina natural* (geléia de carne de porco ou gado)
 PD: a) *Kolledetz* (russ.: *cholodec*)
 HD: a) *Gelatine von Sülze*
 EN: a) *gelatine, particularly of head cheese*
 PT: a) *gelatina natural*
34. *Knoblauch* / *alho*
 PD: a) *Schis(s)nitj*, b) *Tschissnitj*, c) *Czissnitj* (russ.: *tschesnók*)
 HD: a) *Knoblauch*
 EN: a) *garlic*
 PT: a) *alho*
35. *Osterkuchen* / *colomba pascal*
 PD: a) *Pastje* (russ.: *paska*)
 HD: a) *Osterkuchen*
 EN: a) *a kind of sweet Easter bread or cake*
 PT: a) *colomba pascal*
36. *Leckerbissen aus Sesam und Sonnenblumenkörnern, Honig, Zucker, usw.* / *Doce de gergelim*
 PD: a) *Chalva* (russ.: *chalva*; osman.: *chalva*; arab.: *halva*)
 HD: a) *Leckerbissen aus Sesam und Sonnenblumenkörnern, Honig, Zucker, usw.*
 EN: a) *halvah a delicacy consisting of sesame and sunflower seeds*
 PT: a) *doce de gergelim*
37. *Süßes, brötchengrosses Gebäck mit Zuckerglasur* / *‘Chineque’*
 PD: a) *Plüschdje*
 HD: a) *Süßes, brötchengrosses Gebäck mit Zuckerglasur*
 EN: a) *sweet rolls with glazed sugar coating*
 PT: a) *‘chineque’*
- I. 3 Landwirtschaft und Technik /Atividades agrícolas e técnica
38. *“Kolonist” = Bauer* / *colono, agricultor* (vgl. ALMA 82; ADDU 465: *pessoa trabalha a terra*; MRhSA 49.1: *Bauern*; WS 37: *Bauern*)
 PD: a) *Büa*, b) *Laundweat*, c) *Foarma*
 HD: a) *Bauer*
 EN: a) *farmer*
 PT: a) *colono*, b) *agricultor*, c) *camponês*, d) *lavrador*
39. *Feld* / *campo* (vgl. ALMA 84; MRhSA 198.2, Steffen 106)
 PD: a) *Stap* (russ.: *stepj*)
 HD: a) *Feld*
 EN: a) *field*
 PT: a) *campo*
40. *Mähdrescher* / *ceifeira* (vgl. Steffen 84)
 PD: a) *Draschmeschin*
 HD: a) *Mähdrescher*, b) *Dreschmaschine*
 EN: a) *combine*
 PT: a) *ceifeira*, b) *colheitadeira*, c) *trilhadeira*, d) *automotriz*
41. *Weide* / *pasto* (vgl. Steffen 94)
 PD: a) *Weid*, b) *Bast* (port. *Pasto*)

- HD: a) *Weide*
 EN: a) *meadow*
 PT: a) *pasto*
42. *pflügen* / arar, lavrar (vgl. ALMA 87; ADDU 436; ALERS QSL 149)
 PD: a) *pleaje*
 HD: a) *pflügen*
 EN: a) *plow*
 PT: a) *arar*, b) *lavarar*
43. *Karre* / carrinho de mão
 PD: a) *(Mest)koa*
 HD: a) *(Schub)karre*
 EN: a) *wheelbarrow*
 PT: a) *carrinho de mão*
44. *Ochsenwagen* / carro de boi (vgl. ALMA 93; MRhSA 42.2: *Wagen*, auch Pl. 42.5)
 PD: a) *Osswoage*
 HD: a) *Ochsenwagen*
 EN: a) *bullock car*
 PT: a) *carro de boi*, b) *carroça*
45. *Anhänger am Traktor* / reboque (vgl. ALMA 97; ADDU 468, ALERS QSL 178)
 PD: a) *Onnhenja*
 HD: a) *Anhänger*
 EN: a) *trailer*
 PT: a) *reboque*
46. *Sense* / gadanha
 PD: a) *Sans(s)*
 HD: a) *Sense*
 EN: a) *scythe*, b) *knife of a mower*
 PT: a) *gadanha*
47. *Schlauch* / mangueira
 PD: a) *Schlouch*
 HD: a) *Schlauch*
 EN: a) *hose*
 PT: a) *mangueira*
48. *Maisfutter* / silagem de milho, silo
 PD: a) *Meissfooda*
 HD: a) *Maisfutter*
 EN: a) *corn fuder*
 PT: a) *silagem* b) *silo*
49. *Kalb* / bezerro
 PD: a) *Kaulf*
 HD: a) *Kalb*
 EN: a) *calf*
 PT: a) *bezerro* b) *terneiro* c) *guacho*
50. *künstliche Befruchtung* / inseminação
 PD: a) *tjenstliche Befruchtung*, b) *Besomung*

- HD: a) *künstliche Befruchtung*, b) *Besamung*
 EN: a) *inseminate*
 PT: a) *inseminação*
51. *Düngemittel* / adubo (vgl. Steffen 103)
 PD: a) *Dinjmeddel*, b) *Dunck*
 HD: a) *Dung* b) *Düngemittel*
 EN: a) *fertilizer*
 PT: a) *adubo*
52. *Zaun* / cerca
 PD: a) *Tiin*
 HD: a) *Zaun*
 EN: a) *fence*
 PT: a) *cerca*
53. *melken* / ordenhar (vgl. Steffen 98)
 PD: a) *maltje*, b) *stripse*
 HD: a) *melken*
 EN: a) *milk*
 PT: a) *ordenhar*
54. *Bauernhof* / chácara, fazenda
 PD: a) *Wirtschauft* b) *Foarm*
 HD: a) *Bauernhof*
 EN: a) *farm*
 PT: a) *chácara*, b) *fazenda*, c) *propriedade*
55. *Rasenmäher* / cortador de grama
 PD: a) *Graussmeschien*, b) *Grausschnieda*, c) *Gramameschin*
 HD: a) *Rasenmäher*
 EN: a) *gras mower*
 PT: a) *cortador de grama*, b) *roçadeira*
56. *Käfer* / besouro
 PD: a) *Tjniipa* (Du.)
 HD: a) *Käfer*
 EN: a) *bug*, b) *beetle*
 PT: a) *besouro*
57. *Seil, Strick* / corda
 PD: a) *Knaut* (russisch: *kanát*), b) *Strang*
 HD: a) *Seil*, b) *Strick*
 EN: a) *rope* b) *cord*
 PT: a) *corda*
58. *Fahrrad* / bicicleta
 PD: a) *Foahraud*, b) *Flitzepee* (französisch: *velosipéd* / *welosipéd*)
 HD: a) *Fahrrad*
 EN: a) *bicycle*
 PT: a) *bicicleta*
59. *Fernseher* / televisão (vgl. Steffen 78)
 PD: a) *Klaupadoos*, b) *Bildakauste*, c) *Glutzkauste*, d) *Diewelskauste*

- HD: a) *Fernseher*
 EN: a) *television*
 PT: a) *televisão*, b) *TV*
60. *Flugzeug* / *avião* (vgl. Steffen 71)
 PD: a) *Loftschepp*
 HD: a) *Flugzeug*
 EN: a) *airplane*
 PT: a) *avião*
61. *Motorrad* / *moto* (vgl. Steffen 79)
 PD: a) *Motoahraud*
 HD: a) *Motorrad*
 EN: a) *Motorcycle*
 PT: a) *moto*
- I. 4 *Verwandschaft und Familie* / *Parentesco e família*
62. *Großeltern* / *avós* (Pl.) (vgl. ALMA 188)
 PD: a) *Grootellre* b) *Ouma enn Oupa*
 HD: a) *Großeltern* b) *Oma und Opa*
 EN: a) *grandparents* b) *grandmother and grandfather*
 PT: a) *avós* b) *avó e avô*
63. *Großvater* / *avô* (vgl. ALMA 189; ADDU 211; ALGR cap. B, III-50-51)
 PD: a) *Grootvoda*, b) *Groospau*, c) *Oupa*
 HD: a) *Großvater*, b) *Opa*
 EN: a) *grandfather*
 PT: a) *avô*
64. *Großmutter* / *avó* (vgl. ADDU 212; ALGR cap. B, III-52-53)
 PD: a) *Grootmutta*, b) *Groosmau*, c) *Ouma*
 HD: a) *Großmutter* b) *Oma*
 EN: a) *grandmother*
 PT: a) *avó*
65. *Enkelkind* / *neto, neta* (vgl. ALMA 191; ALGR cap. B, III-54 bis 57)
 PD: a) *Groottjind*
 HD: a) *Enkelkind*
 EN: a) *grandchild*
 PT: a) *neto, neta*
66. *Schwiegervater* / *sogro* (vgl. ALMA 196)
 PD: a) *Schwieavoda*, b) *Schwieapa*
 HD: a) *Schwiegervater*
 EN: a) *father-in-law*
 PT: a) *sogro*
67. *Schwiegermutter* / *sogra* (vgl. ALMA 197)
 PD: a) *Schwieamutta*, b) *Schwieama*
 HD: a) *Schwiegermutter*
 EN: a) *mother-in-law*
 PT: a) *sogra*

68. *Schwager* / *cunhado* (vgl. ALMA 201; ALGR cap. B, III-71-72)
 PD: a) *Schwoga*
 HD: a) *Schwager*
 EN: a) *brother-in-law*
 PT: a) *cunhado*
69. *Schwägerin* / *cunhada* (vgl. ALMA 202; ALGR cap. B, III-73-74)
 PD: a) *Schwähjasche*
 HD: a) *Schwägerin*
 EN: a) *sister-in-law*
 PT: a) *cunhada*
70. *Cousin* / *primo* (vgl. ALMA 184; ALGR cap. B, III-67-68)
 PD: a) *Vada*, b) *rajchta Vada*
 HD: a) *Cousin*, b) *Vetter*
 EN: a) *cousin*
 PT: a) *primo*
71. *Cousine* / *prima* (vgl. ALMA 185; ALGR cap. B, III-69-70)
 PD: a) *Kusiene*
 HD: a) *Cousine*
 EN: a) *cousin*
 PT: a) *prima*
72. *Neffe* / *sobrinho* (vgl. ALMA 186; ALGR cap. B, III-62-63)
 PD: a) *Neffe*, b) *Plemmenitj* (russ.: *plemjannik*)
 HD: a) *Neffe*
 EN: a) *nephew*
 PT: a) *sobrinho*
73. *Nichte* / *sobrinha* (vgl. ALMA 187; ALGR cap. B, III-64-65)
 PD: a) *Nijcht*, b) *Plemmenitze* (russ.: *plemjanitza*)
 HD: a) *Nichte*
 EN: a) *niece*
 PT: a) *sobrinha*
74. *Verwandschaft* / *parentesco* (vgl. ALMA 158)
 PD: a) *Frindschauft*, b) *Vewaundschaft*
 HD: a) *Verwandschaft*
 EN: a) *relationship*
 PT: a) *parentesco*
75. *Schwiegersohn, Tochtermann* / *genro* (vgl. ALMA 198; ALERS QFF 004; ALGR cap. B, III-58-59)
 PD: a) *Schwieasähn*
 HD: a) *Schwiegersohn*
 EN: a) *son-in-law*
 PT: a) *genro*
76. *Schwiegertochter* / *nora* (vgl. ALMA 199; ALGR cap. B, III-60-61)
 PD: a) *Schwieadochta*
 HD: a) *Schwiegertochter*
 EN: a) *daughter-in-law*

PT: a) *nora*

II. FONOLOGIA

1. mulher / *Frau*
a) *Frü* b) *Fru*
2. casa / *Haus*
a) *Hüs* b) *Hus*
3. piolho / *Laus*
a) *Lüs* b) *Lus*
4. excepcionalmente / *aussergewöhnlich*
a) *bütajeweenlijch* b) *butajeweenlijch*
5. cinza / *grau*
a) *greiw* b) *grau*
6. azul / *blau*
a) *bleiw* b) *blau*
7. exato / *genau*
a) *jeneiw* b) *jenau*
8. mastigar / *kauen*
a) *keiwe* b) *kaue*
9. braço da camisa / *Hemdsärmel*
a) *Meiw* b) *mau*
10. dar uma tapa ou bater / *hauen*
a) *heiwe* b) *haue*
11. fazer / *machen*
a) *möake (n)* b) *moake*
12. muitas vezes / *oft*
a) *föake(n)* b) *foaken*
13. fumaça / *Rauch*
a) *Rüak* b) *Rok*
14. livro / *Buch*
a) *Büak* b) *Bok*
15. biscoito / *Plätzchen*
a) *Kuak* b) *Kok*

PARTE D – LEITURA

1. O sr. / sra. costuma ler em ...
a) Plaudietsch? b) Hochdeutsch? c) inglês?.....d) português?
2. O sr. / a sra. poderia ler um trecho do texto da Parábola do Filho Pródigo (Lucas 15:11-32)
a) em Plaudietsch?
b) em Hochdeutsch?
c) em português?
d) em inglês?